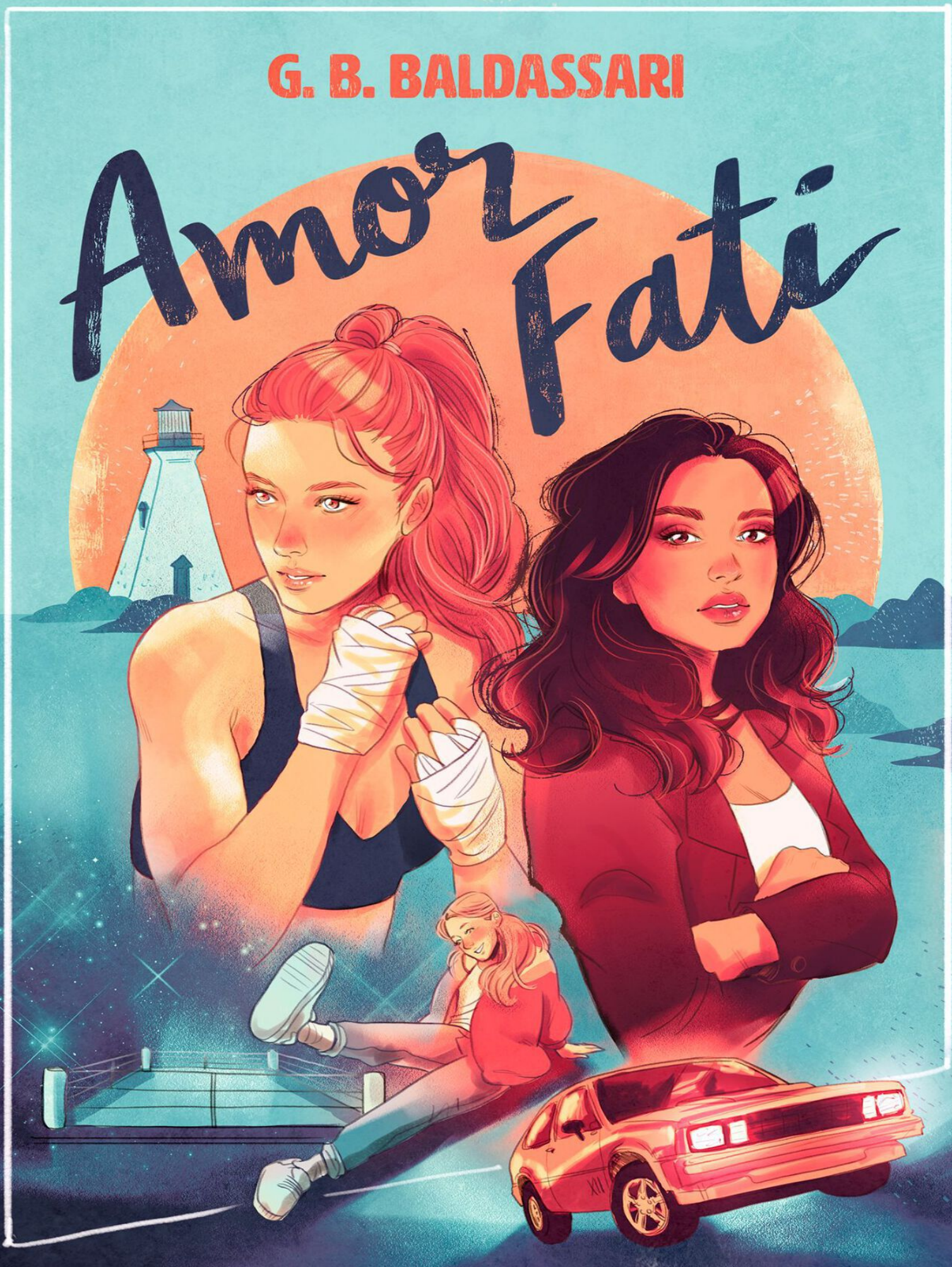
G. B. BALDASSARI

Amor Fati



G. B. BALDASSARI

Amor Fati

Copyright © 2024 G.B. Baldassari

Todos os direitos reservados

Amor Fati é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação das autoras ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com eventos reais, ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Autoras: G.B. Baldassari

Capa: Mary Cagnin

Diagramação: Bruna Baldassari

Revisão: Tânia Silva

ISBN: 978-65-00-99999-0

PLAYLIST

A playlist de **Amor Fati** está disponível no Spotify, para ter acesso, selecione o modo “buscar” no aplicativo, click no ícone da câmera e faça o pareamento posicionando sobre os códigos abaixo.



Caso leia por outros periféricos — celular, computador ou tablete — basta clicar aqui

“Aceite as coisas que o destino lhe traz, e ame as pessoas que o destino te aproxima, mas faça isso de todo o seu coração.”

– Marco Aurélio

PRÓLOGO: ABBY

Eu a beijo enquanto a empurro em direção ao quarto.

O álcool enevoa a minha mente e me impede de sentir muita coisa. Na verdade, me impede de sentir *qualquer* coisa. A conversa no bar foi boa, ela é legal, inteligente, sexy, cheirosa e tudo mais. Apesar disso, eu sinto... nada. Eu não sinto nada.

Sem nunca parar de beijá-la, abro a porta do quarto com uma mão enquanto com a outra desabotoo a sua calça jeans. Ou pelo menos tento. O ângulo está um pouco estranho, mas dou um jeito. Atravessamos a porta em direção a cama e interrompemos o beijo por um momento quando ela leva as mãos à barra da minha blusa para tirá-la. Mas no segundo que nos afastamos, vejo a minha cama ainda desfeita e com a forma das duas pessoas que dormiram ali por último.

As memórias da noite passada e dessa manhã voltam a me atormentar e, de repente, eu não estou mais sentindo nada. Estou sentindo muito.

Estou sentindo tudo.

Paro no meio do caminho, impedindo-a de tirar a minha blusa. Encaro o lençol bagunçado e lembro da imagem delas dormindo tão pacificamente nessa cama.

— Você está bem? — A mulher me pergunta.

— Eu… eu não posso — digo.

— Como é?

— Eu não posso. A gente não pode.

— Você se importaria de, não sei, explicar melhor?

— Cara, a gente não pode continuar, tá bem? — falo com um pouco mais de firmeza.

Ela franze a testa antes de responder:

— Tá — ela diz, carregando o “a” quase como se fosse uma pergunta. — Por quê?

Ela parece confusa.

Bem, ela que entre na fila, porque eu também estou.

— Eu não posso — digo, pela quarta vez, como um disco furado. — Não nessa cama. Ela é, tipo, sagrada.

Parece infantil, eu sei, mas é. Desde que *elas* estiveram aqui é sagrada.

— Tudo bem, sem sexo casual na cama sagrada, entendi — ela diz, erguendo as mãos em rendição.

Sou obrigada a admitir que ela até que está sendo bem compreensiva.

— Isso — falo, me afastando e arrumando minha blusa, que, por ser bem justa, ainda estava meio levantada.

— Então alguém especial dormiu aqui? — ela pergunta.

— Sim.

— E você não quer transar na mesma cama em que transou com alguém que você ama. Entendi.

— Não é isso. Quer dizer, sim, alguém dormiu aqui, mas não é isso. Foi a minha filha, ela tem nove anos — explico, sem saber por que estou falando isso a uma estranha. Ainda assim, acrescento. — E a mãe dela também.

— A sua ex — ela fala, balançando a cabeça como se de repente compreendesse tudo. Só que ela está errada.

— Não — explico. — Na verdade, não. Eu a conheço há uns três meses mais ou menos.

— Então acho que não tô acompanhando.

— É uma longa história — digo enquanto me afasto do quarto, de volta para a sala de estar. Sinto ela me seguir até a porta.

— Eu tenho tempo — ela propõe com indiferença, inclinando-se contra o batente da porta e cruzando os braços.

Seus cabelos escuros estão levemente bagunçados e a sua calça ainda está com o botão aberto. Apesar disso, por algum motivo esquisitíssimo, sinto que posso confiar nela. Ainda assim, não digo nada, então ela continua:

— Olha, tinha umas quatro mulheres dando em cima de mim naquele bar e eu escolhi você. Eu tenho certeza de que estaria transando agora mesmo se tivesse escolhido qualquer uma delas — ela diz, mas não parece zangada. Pelo contrário, parece estar se divertindo. — E eu não posso voltar pro bar sozinha, é meio vergonhoso, todo mundo vai achar que eu levei um fora. Então pelo menos me dê algum entretenimento — ela conclui, fechando o botão da calça e caminhando até a poltrona ao lado do sofá.

— Credo, como você é persistente, cara. Você é terapeuta ou algo assim?

— Na verdade, sou — ela responde com um sorriso de lado. — Mas isso não vem ao caso, faz de conta que eu sou uma amiga sua.

Estudo ela por mais um segundo.

É estranho eu confiar em uma estranha assim, não é? Mas a verdade é que eu meio que preciso falar com alguém, e ela parece tão disposta a ouvir que seria desperdício não aproveitar dois ouvidos tão disponíveis.

— Tá bem — respondo por fim. — Você quer uma bebida?

— Um uísque, se você tiver.

Aceno com a cabeça e me levanto para pegar uma garrafa de uísque no armário. Sirvo dois copos e deixo a garrafa na mesa de centro. Algo me diz que uma dose não será suficiente para a história toda.

Me sento na poltrona em frente a ela, que cruza uma perna sobre a outra. Agora que sei, ela tem mesmo muita cara de terapeuta.

Bebo um gole generoso de uísque e respiro fundo:

— Tudo começou há uns três meses quando alguém bateu na minha porta…

1. ABBY

Meu dia tinha sido uma bela de uma bosta.

Havia perdido a hora, esquecido meu guarda-chuva e chegado atrasada e encharcada na academia.

Eu trabalhava em uma academia de luta no centro. Na teoria, o meu trabalho era de instrutora para lutadores iniciantes de boxe e kickboxing. Na prática, Shawn, meu chefe, sempre me colocava de sparring para boxeadoras profissionais.

No boxe, sparring é a pessoa que treina com o lutador, simulando uma luta de verdade para praticar os ataques e as defesas. Embora eu usasse equipamento de proteção como capacete e luvas ou, dependendo do treino, manopla, às vezes, como naquele famigerado dia, uma das lutadoras acordava de mau humor e decidia descontar a raiva no treino.

— Ei, vai com calma aí, Touro Indomável — falei para Kate depois de levar dois ganchos de esquerda na cara.

Estávamos no ringue, treinando para a sua próxima luta. Eu podia notar pelo seu olhar que estava concentrada. Concentrada até demais, eu diria, porque parecia esquecer o tempo todo que eu não era uma adversária real.

Ela não parava de se movimentar nem por um segundo, balançando o corpo para um lado e para o outro, enquanto

mantinha as luvas em posição de proteção próximas ao rosto e os olhos fixos aos meus, como um predador.

— A minha luta é em uma semana, Abby, e eu pretendo ganhar — ela respondeu com certa ironia e, bom, *mau humor*.

— E eu pretendo manter todas as minhas funções cerebrais intactas até a terceira idade.

Ela, de repente, parou a movimentação, soltou uma bufada, abaixou os braços e se virou para o meu chefe:

— Ei, Shawn, tem algum sparring de verdade nessa espelunca?

— Qual é, Kate, a Abby é a nossa melhor garota! — ele gritou de volta.

Shawn estava treinando com outro lutador no saco de areia. Ele segurava o saco enquanto Antônio treinava os socos. *Aquela*, por exemplo, era uma função decente e menos humilhante.

— Eu nem sparring sou — argumentei, já me irritando.

Eu era karateca e trabalhava com boxe apenas por necessidade. Mas quando aceitei aquele emprego, não era para ficar levando soco na cabeça o dia inteiro, era para ser instrutora de adolescentes e mulheres querendo praticar kickboxing por hobby ou para manter a bunda tonificada.

— Claro que é — Shawn gritou de volta. — E é a melhor que nós temos.

— Santo Deus — exclamei, então me virei para Kate. — Tá, vamos acabar logo com essa tortura.

Ela não respondeu nada, mas voltou a posição de luta, movimentando os pés e empunhando as luvas.

Já que iria apanhar, era melhor eu começar a bater também. A minha movimentação de pernas era relativamente boa para os padrões do boxe, o que fazia de mim uma lutadora mais rápida que a maioria, então tentei me aproveitar disso.

Ela desferiu um jab, mas consegui desviar e encaixei um gancho de esquerda no seu maxilar. Ela pareceu ser pega de surpresa e cambaleou para trás meio tonta. Fiquei orgulhosa de mim mesma. Mas por apenas meio segundo, até notar o olhar homicida que ela me lançava.

— Merda!

Depois disso, Kate não teve mais piedade de mim. Encerrei meu turno com uma dor de cabeça dos diabos e muito possivelmente algum dano cerebral.

Caminhei até o vestiário. Usei os dentes para soltar a luva da mão esquerda, então a mão livre para liberar a outra luva e o protetor de cabeça. Sentia as minhas têmporas latejando e meu maxilar inchado. Além disso, a minha costela esquerda estava dolorida e um hematoma do tamanho de um punho se formava.

— Bom treino, Sinclair — Kate disse para mim, parecendo significativamente mais bem-humorada.

Soltei apenas uma interjeição parecida com um gemido enquanto massageava a minha nuca. Ela soltou uma risada e caminhou para o chuveiro, e eu aproveitei para me mandar dali.

— Te vejo segunda, Sinclair — Shawn gritou do meio da academia enquanto eu caminhava até a saída.

— Isso se eu voltar!

— Você fala isso toda sexta-feira, e sempre volta.

— Um dia eu não volto.

Não me entenda mal, eu gostava de trabalhar em uma academia e gostava muito do Shawn, apesar do seu jeito meio rude. Além disso, lutar era basicamente a única coisa que sabia fazer. Mas, no fundo, eu gostava de pensar que um dia poderia ter um emprego menos, não sei, *bruto*. Algo que eu pudesse envelhecer fazendo. Algo que não requeresse bolsas de gelo, analgésicos e pomadas a base de cânfora e arnica.

Eu morava perto da academia, no sentido norte, e ia a pé quase todos os dias. Pelo menos não estava mais chovendo e não me molhei para voltar para casa.

A academia ficava bem no centro, quase de frente para a Citadel, o forte e principal ponto turístico da cidade. Ele ficava no ponto mais alto então todos os caminhos que levavam até o forte eram ladeiras. Eu morava no início do lado norte e, apesar de ser muito perto, tinha que subir a ladeira todos os dias. Mas era um bom exercício, eu me sentia como o Rocky subindo a escadaria do Museu de Arte da Filadélfia.

Contornei a Citadel deixando a agitação do centro para trás enquanto o vento frio de março atravessava minha jaqueta. O ar gelado até que era bem-vindo, podia senti-lo agindo como um analgésico no meu maxilar dolorido.

Aquela era minha parte preferida do trajeto. Gostava de caminhar ao lado dos gramados da Citadel, apesar de sempre me perguntar por que nunca subi lá para conhecer a fortificação. Mas acho que esse é um daqueles lugares

que só os turistas conhecem. Toda cidade tem um lugar assim.

Eu gostava especialmente do ponto em que a Sackville st. e a Brunswick st. se encontravam. Tinha uma árvore solitária no meio do gramado e o prédio histórico de tijolos vermelhos contrastava com um moderno espelhado bem ao lado dele.

O relógio central da cidade à minha esquerda marcava que já era quase cinco horas, mas o céu ainda estava azul, mostrando que o inverno estava mesmo acabando e os dias começavam a ficar mais longos. O pequeno prédio com o relógio era apenas um ponto branco no meio do verde do sítio histórico e do azul intenso do céu.

Mais cinco minutos de caminhada e eu estava na Gottingen st., a rua em que eu morava.

A porta de entrada do meu prédio era velha e não trancava mais há uns... vinte anos, eu diria. Mas eu não me preocupava; não era como se alguém fosse querer roubar algum dos apartamentos dali.

A rua não era mais perigosa e marginalizada como costumava ser há alguns anos, mas ainda era o aluguel mais barato perto do centro. Hoje em dia, era uma rua bem agradável, cheia de bares barulhentos e cafés descolados.

Eu, no entanto, não me importava com as pessoas bêbadas passando pela minha janela falando alto nas madrugadas de sexta e sábado, até porque na maior parte das vezes, eu também era uma delas.

— Abby — Escutei a voz da sra. Saad, a minha locadora, gritando o meu nome na hora em que pisei na escada. Fechei os olhos e soltei um suspiro sabendo exatamente o que me esperava. — O aluguel.

Essa mulher se materializava do nada, eu juro. Parecia até que passava o dia espiando pelo olho mágico, só esperando eu aparecer.

— Eu vou pagar, sra. Saad.

— Três meses, Abby! Você está com três meses atrasados. Desse jeito, eu vou ter que entrar com uma ordem de despejo.

— Não! Espera, eu tenho alguma coisa aqui — falei, metendo a mão no bolso. — Aqui, duzentas pratas.

— Isso só cobre meio aluguel.

— Aí eu fico devendo só dois meses e meio — argumentei, lançando o meu melhor sorriso.

A sra. Saad revirou os olhos, mas pegou as notas amassadas mesmo assim. Depois se virou e entrou no seu apartamento sem falar mais nada.

Eu falei que meu dia tinha sido uma bela bosta.

E como se não bastasse, ainda tive que jantar um resto de comida tailandesa, que se eu parasse para calcular quanto tempo estava na geladeira, provavelmente concluiria que não era seguro e que tinha grandes chances de eu parar no hospital com uma intoxicação alimentar. E se você quer saber, teria sido um final bem mais apropriado para aquele dia.

Mas o que eu podia fazer? Só receberia de novo na semana seguinte e todo dinheiro que tinha, tive que dar para a sra. Saad.

Enfim, eu estava comendo meu Pad Thai possivelmente tóxico e vendo um daqueles reality shows de gente pelada

na selva quando escutei uma batida na porta.

Na verdade, três.

Fiquei na dúvida se tinha mesmo escutado porque não era como se eu recebesse muitas visitas.

Mais três batidas bem ritmadas.

— Mas que inferno.

Soltei um suspiro, larguei a minha comida e me levantei.

— Eu não tenho mais dinheiro, sra. Saad! — disse, abrindo a porta.

Mas para a minha surpresa não era a senhora Saad.

Não era ninguém.

— Ahem.

Escutei uma limpada de garganta suave e abaixei a cabeça, me deparando com um par de olhos cor de mel posicionados acima de bochechas rosadas em uma criança que não devia medir mais do que um e trinta.

— Tá perdida, pirralha? — perguntei.

— Você é Abby Sinclair?

— Depende de quem pergunta.

— Hum, eu? — ela respondeu, meio confusa.

— Sim, eu quero saber quem é você, nanica.

— Ah! Eu sou Lily Ortega — ela disse de maneira articulada. — Eu sou a sua filha.

Espera, o quê?

— Isso é uma piada? Porque não é muito engraçada.

— Não… quer dizer, você é Abby Sinclair, né?

— Você não pode ser minha filha!

— Você não teve uma filha há nove anos que entregou para adoção?

— Talvez.

— Sou eu! — ela disse com pompa, como se fosse um mágico tirando um coelho da cartola.

Por um segundo, tive a sensação de que minha alma estava deixando o meu corpo.

— O que diabos você está fazendo aqui? — perguntei. — Ninguém te quis, não?

Sim, sim, eu sei que isso não é jeito de falar com uma criança. Por que você acha que eu a dei para adoção?

Porque não sei lidar com criança.

E porque seria uma péssima mãe.

E por que tinha 15 anos e não tinha onde cair morta!

Mas, mesmo conhecendo na pele a realidade de orfanatos e lares adotivos, eu tinha esperança de que ela seria adotada logo. Ela era tão bonitinha quando nasceu, pensei que algum casal de ricaços inférteis iria querer adotá-la.

Ela me encarou por alguns segundos. Não fazia ideia do que ela poderia querer comigo. Parecia bem alimentada e bem-vestida, o que já era mais do que se podia dizer de mim naquele dia.

— Eu posso entrar? — ela perguntou.

— Não.

— Eu não vou sair daqui até eu conseguir falar com você — ela disse. — Você decide se quer que os seus vizinhos também escutem ou não.

— Você é sempre assim chantagista?

Ela deu de ombros e cruzou os braços, esperando a minha resposta.

Gene dos infernos.

— Entra logo!

Abri espaço para ela passar e fechei a porta com certa força.

— Você deveria limpar a sua casa — ela disse, reparando na bagunça e sujeira de semanas.

— E você deveria cuidar da sua vida.

Ela ponderou um pouco antes de se sentar na beirada da poltrona.

Não havia chance nenhuma de aquela criança fresca não ter sido adotada por um ricaço. Ela vestia um sobretudo da Burberry que devia cobrir sozinho os meus três meses de aluguel atrasado, além de todo o resto, do gorro ao sapato, parecer custar uma nota. Ainda assim, ali estava ela, no meio da minha sala, me encarando com aqueles olhos tão parecidos com os que eu via no espelho todos os dias.

— Então... — incentivei antes de tomar um gole da minha Molson Canadian.

— Eu quero morar com você!

Senti cerveja quente saindo pelo nariz e boca com o susto que levei.

— Como é que é? — perguntei, limpando o meu queixo.

— Eu não quero mais morar com a minha mãe... minha mãe adotiva, quero dizer.

— Você é biruta, nanica? Você não consegue nem se sentar na minha poltrona sem ficar com medo de pegar tétano ou sei lá o quê.

— Tenho certeza de que uma faxineira pode resolver essa situação — ela disse de maneira meio soberba.

Soltei uma gargalhada como havia tempos não soltava.

— Tô começando a achar que a maluca é mesmo a sua mãe que te educou assim.

— Maluca eu não sei, mas controladora, com certeza.

— Olha, criança — eu disse, tentando tomar as rédeas da situação. — Não me importa que ela seja o capeta encarnado, ela é a sua mãe. Eu não sou nada sua!

— Mas ela nunca me deixa fazer nada...

— Espera! — exclamei, me dando conta pela primeira vez de um detalhe muito, muito importante. — Sua mãe sabe que você está aqui?

— É claro que não — ela respondeu como se fosse óbvio. — Eu fugi e peguei um ônibus interurbano.

— Interurbano? Onde você mora?

— Baddeck.

— Isso é uns trezentos quilômetros daqui!

— Eu sei — ela disse orgulhosa. — Eu fiz tudo sozinha, até usei a impressora da mamãe para fazer os documentos para eles me deixarem andar sozinha. A sra. Scott que me disse que eu iria precisar.

— Quem é essa?

— Minha professora.

— A sua professora te aconselhou a fugir? Que diabo de profissional é essa?

— Não... eu não disse para ela que iria fugir. Só perguntei como uma criança faz para andar sozinha de ônibus.

— E ela nem suspeitou de nada?

— Acho que não.

— Deus, que mulher mais pamonha!

— A mamãe diz a mesma coisa, mas eu gosto dela.

— É claro que gosta, você consegue manipular ela — falei.

— Isso não é verdade.

— Você está aqui, não está?

— Tô.

Ergui os braços provando o meu argumento, mas ela não falou mais nada, apenas continuou me encarando, como se esperasse algo de mim.

— Vem — eu disse, me levantando. — Eu vou te levar de volta para casa.

Eu iria levar aquela menina para a casa e fingir que tudo aquilo havia sido uma febre decorrente de uma intoxicação alimentar severa por conta daquele Pad Thai...

Pensando bem, talvez fosse mesmo.

Era claro que uma criança de nove anos não iria aparecer na minha casa reclamando minha maternidade.

— Eu não quero ir! — Lily disse, trazendo minha atenção de volta a ela.

Se era uma alucinação, era das boas. Porque ela parecia muito, muito real.

De qualquer forma, eu pretendia manter o meu plano. Eu não tinha tempo nem condições, econômicas ou emocionais, de lidar com aquilo. Por mim, quanto menos eu soubesse de sua vida, melhor.

— Eu não perguntei o que você quer — respondi, decidida a acabar com aquilo de uma vez.

— Ela vai me deixar de castigo — Lily disse com olhos caídos, do tipo mais manipulador possível.

De tudo, os seus olhos eram os que mais denotavam nosso parentesco. Eram realmente muito parecidos com os meus. E era exatamente por isso que aquele olhar não colava comigo. *Eu* havia inventado aquele olhar. Ela teria que se esforçar muito mais que isso para me comover.

— E ela vai estar com a razão, se você quer saber — falei.

— Eu não vou dizer onde eu moro. — Lily cruzou os braços e fincou bem os pés no chão.

Credo, como podia? Ela nunca havia convivido comigo, ainda assim, tinha a mesma personalidade péssima que eu

na infância.

— Não deve ter muitos Ortegas em Baddeck, nanica. E eu posso simplesmente ligar para a polícia de lá e falar que Lily Ortega está comigo. Quanto tempo você acha que a sua mãe demora para chegar até aqui?

— Cruzes, você é pior que ela — Lily disse, frustrada, deixando os braços caírem na lateral do corpo.

— Obrigada.

— Você não entende! — ela exclamou. — Ela nunca me deixa fazer nada legal, sempre diz que é perigoso ou inútil.

— O que você quer tanto fazer afinal que ela não deixa?

— Ela nunca me deixa dormir na casa das minhas amigas, não me deixa ser escoteira, não me deixa ir nas excursões da escola…

— Tá, ela é um pouco controladora, e daí? Pelo menos ela se importa.

A mulher parecia uma bruxa, mas não iria falar isso em voz alta e dar razão a Lily.

— Não se importa não. Ela só trabalha.

— Olha, nanica…

— Eu não sou nanica!

Soltei um suspiro.

— Olha, Lily, eu cresci em orfanatos e casas de família provisórias, posso te garantir que tem coisa muito pior do que uma mãe superprotetora.

— Você morou em orfanato?

— Morei, até os dezoito anos, mas isso não vem ao caso agora. Eu vou pelo menos ligar para a sua mãe e falar para ela que você está comigo. Se ela é como você diz, já deve ter chamado a polícia e eu não quero ser presa de novo.

— De novo?

— Quê?

— Você disse “não quero ser presa *de novo*”.

— Eu não disse “de novo”.

— Disse sim.

— Mas não era o que eu queria dizer. Você não tem celular?

— Tenho, mas deixei em casa — ela falou. — Achei que ela poderia rastrear a minha localização se eu trouxesse comigo.

Esperta.

Me estiquei para pegar o meu celular e o coloquei na mão da menina.

— Digita aí o número da sua casa — instruí.

Ela bufou, mas ainda assim obedeceu.

Assim que clicou no ícone de chamada, passou o telefone tão rápido para mim que parecia que estava brincando de batata quente.

— Qual o nome da sua mãe? — perguntei, pegando o aparelho.

— Eva.

O telefone tocou apenas uma vez antes de uma voz que soava levemente desesperada atender.

— Lily?! — Eva perguntou. — Lily é você?

— Não. Meu nome é Abby, mas eu estou com a Lily…

— Quem é você? Por que está com a minha filha? Quanto você quer? Eu já chamei a polícia! Você vai se arrepender do dia que nasc…

— Epa! Pera lá, minha senhora! Sua filha que veio atrás de mim. Eu só tô tentando devolver ela. Como eu disse, meu nome é Abby Sinclair…

— Cadê a minha filha?! — Eva me interrompeu em um quase latido.

Soltei um suspiro e acho que revirei os olhos, porque vi Lily erguendo as sobrancelhas em um gesto que entendi como um “bem feito!” ou talvez fosse um “eu avisei”.

— Quer saber, nanica, fala com a sua mãe — disse, passando o telefone para ela.

— Eu não quero falar com ela — Lily resmungou. — E eu não sou nanica!

— E eu não quero você na minha casa! — revidei. — Pega isso logo. Diz pra ela que você tá bem e viva, pelo menos.

Lily soltou um suspiro, mas pegou o telefone.

— Oi — ela disse em um tom bem menos autoritário do que estava usando comigo.

Eu podia ouvir a mulher falando sem parar do outro lado da linha ao mesmo tempo que via o corpo da Lily encolhendo. Mas eu não podia culpar a tal da Eva por estar assim. Nem

sabia dizer o que eu faria no lugar dela se algum desconhecido estivesse com a minha filha, mas provavelmente envolveria bem menos falação e mais violência.

Era estranho pensar que nesse contexto hipotético, a minha filha seria Lily mesmo. Em um universo paralelo em que não a entreguei para adoção.

Especialmente porque nunca mais cheguei nem perto de ter outro filho. Primeiro porque havia aprendido na marra a importância da prevenção e, segundo e mais importante, porque para engravidar eu precisaria fazer algo que eu não praticava mais havia alguns anos.

— ... em Halifax... — Lily disse no telefone. — Eu peguei um ônibus.

Podia ouvir Eva fazendo uma sequência de perguntas.

— Eu vim atrás da minha mãe!

— Eu não sou a sua mãe! — respondi rapidamente.

Essa tal de Eva parecia rica e poderosa. Eu não queria que ela mandasse um assassino de aluguel atrás de mim porque Lily fez parecer que eu tinha algum interesse em roubar o seu posto.

— Me dá aqui esse telefone! — falei e peguei o aparelho da sua mão. — Alô?

— Você é a mãe biológica da Lily?

Eu podia ouvir a voz de Eva falhando. Como se eu fosse um bicho papão que a qualquer momento pudesse atacá-la.

— É o que ela me disse. Mas acho que o termo aqui é genitora — acrescentei, tentando amenizar a situação. —

Olha, Eva... posso te chamar de Eva? — Como ela não respondeu, tomei seu silêncio como um sim. — Se você me passar o seu endereço, eu a levo hoje mesmo para casa. Ou amanhã de manhã, se você preferir.

— Eu sabia que ela estava brava com essa história do karatê, mas não achei que...

— Karatê? — perguntei com os olhos fixos em Lily.

Deveria ter desconfiado de que tinha alguma coisa a mais do que um simples “ela não me deixa fazer nada”.

— Ela começou com essa história de fazer karatê e eu disse que não, mas ontem nós brigamos e ela me acusou de nunca estar ao seu lado... — Eva parou bruscamente, como se percebesse que falava com uma estranha. Ela limpou a garganta antes de voltar ao seu tom normal. — Isso não vem ao caso.

Agora que ela falava mais pausadamente, pude notar o timbre da sua voz. Ela tinha uma voz aveludada, mas vez ou outra parecia rouca.

Pela maneira que falava, eu apostaria que era uma mulher rica que estava acostumada a ter as coisas à sua maneira. Mesmo assim, senti certa pena.

— Bom, se você me passar o seu endereço, eu prometo entregar ela sã e salva — prometi.

— Como eu sei que posso confiar em você? — Eva perguntou.

— Eu quero ela aqui tanto quanto você, acredite — falei. — E já tá bem tarde, até você chegar aqui e voltar já vai ser de madrugada. É bem mais fácil eu levar ela aí. Não me importo de voltar no meio da noite.

Cheguei a pensar que a ligação pudesse ter caído, de tanto que ela demorou para me responder.

— Está bem — disse por fim.

Peguei um bloco de notas e uma caneta e anotei o endereço que ela me passou.

— E, por favor — ela acrescentou —, venham com cuidado. Já está tarde.

— Pode confiar.

2. ABBY

Lily estava com os braços cruzados e um bico tão grande que era capaz de encostar no para-brisas do carro. Ela estava no banco do passageiro do meu Chevy Citation 1980 e, embora eu a conhecesse havia apenas meia hora, eu sabia que ela não ter comentado nada sobre o estado do carro significava que ela estava, de fato, contrariada com a situação.

Por fora, a cor laranja escura metalizada do carro fazia um ótimo trabalho em disfarçar a ferrugem da lataria. Por dentro, ficava evidente o péssimo estado dele: bancos com a espuma exposta, volante descascado e quase todos os itens utilitários quebrados ou remendados. Fora todo o lixo que eu sempre esquecia de recolher e que não ajudava em nada a melhorar a aparência.

— Sinceramente, não sei o que você esperava, nanica.

Ela não me respondeu, apenas apertou ainda mais os braços e franziu mais o bico.

— Sabe, se a sua mãe não estivesse tão desesperada, eu teria deixado você ficar comigo uma semana — falei. — Tenho certeza de que você mesma iria voltar correndo para casa na segunda noite que tivesse que jantar comida enlatada.

— Comida enlatada? — ela perguntou com uma curiosidade genuinamente infantil, mas logo se recompôs e voltou ao

seu modo irritado.

Tinha que admitir que aquela criança era engraçada.

— Comida enlatada e comida do restaurante do Al…

— Quem é o Al?

— Albert é um cara que eu conheço que tem um restaurante na esquina da minha rua. Ele sempre tem uns descontos bons porque a comida tá sempre prestes a vencer e ele precisa, você sabe, desovar antes que estrague.

— Eca! E você come isso?

— Claro que como. Nem todo mundo tem mãe rica.

A menção a sua mãe fez ela voltar a franzir o bico e as sobrancelhas.

Credo! Essa mulher devia ser o anticristo.

Tentei ignorar o mau humor de Lily por alguns minutos, mas depois de três músicas acabei cedendo.

— Karatê, hein? — perguntei, mas ela me ignorou. — Eu trabalho em uma academia de luta.

— Sério?

Finalmente ela se virou para mim e descruzou os braços.

— Uhum, e sou faixa preta em karatê. Mas eu trabalho com boxe lá e hoje em dia, eu faço… bem, eu não sei definir direito minha função, mas eu meio que faço de tudo um pouco.

— A minha mãe disse que luta é coisa de marginal.

É claro que disse.

Ela deve mesmo ser uma dessas grã-finas metida a besta que vive cercada de gente que faz tudo para ela.

— Karatê é mais que um esporte ou uma luta, é uma filosofia. E foi ele que me salvou de ser uma “marginal” — disse, fazendo aspas com as mãos.

— Então você foi mesmo presa?

— Eu não disse isso.

Ela apenas ergueu as mãos em sinal de desistência.

— Você é sempre assim enxerida? — perguntei em seguida.

— A sra. Scott disse que eu sou curiosa.

— Achei que já tínhamos concordado que essa sra. Scott não sabe nada.

— Ela não tem culpa de você não querer falar do passado.

— Tá bom, espertinha — falei. — E por que karatê? Você viu *Karate Kid* ou *ABC do Amor*, por acaso?

— Meu amigo Peter começou a fazer — ela disse elevando os ombros como se não fosse grande coisa. Mas eu sabia que ninguém fugiria de casa se não fosse importante. De qualquer forma, resolvi não pressionar.

Falando em *ABC do Amor*, talvez esse Peter fosse a *Rosemary Telesco* dela.

Virei para encará-la um instante. Será que era isso? Será que Lily tinha uma quedinha pelo amigo? Ela parecia bem aborrecida de não poder praticar.

Por algum motivo, eu esperava que não fosse isso.

O resto do caminho foi silencioso quando Lily pegou no sono. Também pudera, já era quase meia noite e ela já tinha aguentado uma viagem de ônibus até Halifax.

Eu sabia chegar a Baddeck sem problemas, então deixei a Lily dormir e aproveitei um pouco o silêncio para pensar no que estava acontecendo.

Àquela altura já estava bastante claro que não era uma alucinação decorrente de uma intoxicação alimentar. O que me causava alívio e preocupação em medidas iguais.

Lily era minha filha.

E por mais que eu tentasse simplesmente fingir que eu nunca a conheci, sabia que não conseguiria. Não agora. Não depois de hoje.

Quando ela era recém-nascida eu sabia que era a melhor escolha. Ou melhor, eu sabia que era a *única* escolha! Ainda assim, a imagem dela chorando no colo da enfermeira me atormentou todos esses anos. Eu não quis pegá-la no colo na época, sabia que seria pior. Sabia que seria mais fácil se eu não tivesse contato nenhum com ela.

Mas ela estava ali agora. Ao meu lado, demonstrando uma frustração imensa com a vida que *eu* escolhi para ela.

E eu sabia que esse dia me perseguiria pelo resto da vida.

A única coisa que eu poderia fazer era me certificar de que ela estava mesmo em uma situação boa e que eu havia, de fato, tomado a decisão correta.

***

Já passava bastante da meia-noite quando chegamos à cidade.

— Ei, nanica — disse sacudindo-a de leve. — Lily, acorda! Nós chegamos.

O GPS me dizia que estávamos na rua da casa dela. Era uma rua sem saída e pelo que tudo indicava, sua casa era a última.

— Lily? — chamei mais uma vez.

Ela resmungou alguma coisa ininteligível.

— Chegamos, nanica.

— Eu não sou nanica — ela disse, esfregando os olhos.

— É sim.

Acho que a mãe de Lily estava esperando por nós, porque assim que parei o carro, vi a porta da frente abrir com violência.

— Não deixa ela brigar comigo — Lily disse se virando para mim, com o mesmo olhar de cachorro sem dono que havia tentado mais cedo, mas dessa vez, não me orgulho em admitir, eu caí.

— Pode deixar — assegurei ela. — Mas agora, acho melhor você sair.

A incentivei com um meio sorriso e um aceno de cabeça, tentando garantir a ela que falaria com a sua mãe.

Assim que ela saiu, respirei fundo e hesitei só por alguns segundos antes de fazer o mesmo. Sentia minhas mãos tremendo. Para ser sincera, preferia enfrentar a Kate de novo do que essa tal de Eva.

Quando contornei o carro e parei na frente da casa delas, Eva abraçava Lily de maneira protetora, mas tive a

impressão de que Lily estava tentando se desvencilhar.

— Você está de castigo, mocinha — Eva disse, e Lily não respondeu nada. — Agora vai pra dentro.

Lily apenas me lançou mais um olhar antes de obedecer. Na hora que ela entrou pela porta, meus olhos finalmente recaíram sobre Eva e... MEU DEUS!

Se essa mulher fosse tão ruim quanto era bonita, ela devia ser o próprio mal encarnado.

Por alguma razão, eu havia imaginado uma mulher de meia idade, com gosto duvidoso para moda e um cabelo cheio de laquê. Mas Eva era simplesmente a mulher mais bonita que eu já tinha visto. Além de parecer bem mais jovem do que eu havia imaginado. Ela devia estar na casa dos trinta. Trinta e cinco, no máximo.

Ela tinha grandes olhos castanho-escuros, emoldurados por enormes cílios e sobrancelhas cheias. Os lábios eram carnudos e estavam realçados por um batom elegante, meio rosado, e tinha uma covinha no queixo que a deixava ainda mais charmosa.

— Srta. Sinclair, eu suponho? — ela perguntou.

— Pode me chamar de Abby. Eva, certo? — falei, estendendo a mão para cumprimentá-la.

Eva encarou minha mão por alguns segundos e quando achei que iria ser solenemente ignorada, ela esticou o braço e me cumprimentou.

Como já era de se esperar, ela tinha mãos macias.

— Obrigada por trazer Lily de volta.

— Sem problemas — eu disse, soltando sua mão e colocando as minhas no bolso da calça. — Eu não tinha nada melhor para fazer mesmo.

— Você pretende voltar hoje? Nisso? — ela perguntou, apontando para o meu Chevy.

— Ei, ele nunca me deixou na mão — argumentei, mas Eva me olhou pouco impressionada. — Tá, *quase* nunca. Na verdade, eu tava pensando em ficar em uma pousada por aqui e voltar amanhã de manhã.

Isso era mentira, eu pretendia dormir no carro e me certificar de que Lily estaria bem antes de deixá-la para sempre. De novo.

— Todas as pousadas dessa cidade são umas pocilgas — ela afirmou. Eva tinha um tom autoritário, como se ela fosse uma chefe falando com um subalterno ou coisa assim. — Você pode ficar aqui em casa. Tenho um quarto de hóspedes.

— Não, não, está tudo bem. Eu estou acostumada a dormir em pocilgas.

Tenho certeza de que aquilo não era a melhor coisa a se falar, mas, bem, era verdade.

Eva me encarou de cima a baixo antes de anunciar em um tom que não deixava espaço para discussão:

— Eu vou te mostrar o quarto.

Me senti como se fosse a Lily, por um momento, sendo mandada pela minha mãe. Então, não tive outra escolha, senão segui-la.

Assim que entrei, me deparei, mais uma vez, com aquele par de olhos tão familiares, porém mais jovens e inocentes que os meus. Lily nos encarava como se houvesse sido pega em flagrante bisbilhotando e, pela posição, acredito que estava espiando pela janela.

— Você vai dormir aqui? — ela me perguntou, parecendo realmente surpresa.

— A srta. Sinclair…

— Abby — corrigi.

— A srta. Sinclair vai ficar conosco porque já está bastante tarde e ela nos prestou um favor hoje — Eva disse.

Me perguntava se aquilo era uma armadilha ou se Eva talvez não fosse o mal encarnado no fim das contas. Talvez ela só fosse mesmo extremamente formal.

— Parece que sim — respondi a Lily, que ainda estava encarando Eva com certa suspeita.

Essa menina tem mesmo o meu gene, desconfiada até o último fio de cabelo.

— É melhor você ir dormir, meu amor — Eva disse em uma voz bem mais suave do que a que usou comigo. — Já está tarde.

— Você vai estar aqui quando eu acordar? — Lily perguntou para mim, e lancei um olhar rápido para Eva. Pude ver como ela estava desconfortável com aquela situação toda.

Mas eu havia feito uma promessa para mim mesma e outra para Lily. Iria me certificar de que ela estava bem antes de partir.

— Pode apostar, nanica.

— Eu não sou… ah, deixa pra lá.

— A gente se vê amanhã — eu disse para ela.

— Boa noite, querida — Eva falou, e tive a impressão de notar algo de esperança no seu tom, mas podia ser apenas a minha imaginação.

— Boa noite — Lily respondeu e subiu as escadas sem um beijo ou um abraço.

Quando dei por mim, eu e Eva estávamos sozinhas na sua sala.

— Você aceita uma taça de vinho? — ela me perguntou.

— Claro.

Talvez ela tenha me oferecido porque era ela quem precisava de uma bebida, mas, verdade seja dita, eu não estava muito melhor.

Eva caminhou até um aparador com uma miniadega climatizada e algumas taças e tirou uma garrafa de vinho tinto. Estava bastante frio naquele dia para final de março, então um vinho tinto parecia bem apropriado.

Enquanto ela servia as taças, eu reparava na casa. Só aquela sala era maior que o meu apartamento inteiro. Talvez até que a academia em que eu trabalhava.

As paredes eram brancas, ornadas com lambris e quadros, que embora não fossem nenhum Picasso, tinham cara de valer uma nota mesmo assim. O piso de madeira trazia aconchego e os estofados de linho eram tão convidativos quanto deveriam ser caros.

Da sala em que estávamos, eu podia ouvir a rebentação do lago, que me dizia que estava perto, embora a escuridão

reinasse e eu não conseguisse ver absolutamente nada através da janela.

Eu só havia estado em Baddeck uma vez, mas lembrava do lago que era o ponto central da pequena cidade, que, se a minha memória não falhava, se chamava Bras D'Or Lake.

Eva se aproximou de mim com duas taças e me entregou uma.

— Sente-se.

Hesitei por um momento antes de obedecer.

Ela também se sentou, cruzando uma perna sobre a outra e, naquele momento, senti que havia caído em uma armadilha de viúva negra em que o vinho era apenas uma isca para me prender na teia.

— Eu não sei como a minha filha te encontrou, mas, neste momento, é o que menos me importa. — Ela tinha um tom grave e severo ao mesmo tempo, e eu sabia exatamente o que viria depois. — Lily é minha filha…

— Hum, Eva — disse, cortando-a.

O arrependimento veio no mesmo instante em que ela me lançou um olhar homicida. Mas eu não queria ouvir o que ela tinha a dizer. Não queria que ela me lembrasse mais uma vez da decisão que foi praticamente imposta a mim pela vida. Só queria que aquela situação acabasse logo.

— Eu tomei uma decisão há nove anos e arquei com as consequências dela — falei. — Você não precisa se preocupar comigo. Eu sei qual é o meu lugar na vida da *sua* filha!

Eva apenas me encarou, como que me estudando. Não sabia dizer se estava satisfeita ou não com a minha resposta. Então resolvi tentar amenizar mais um pouco:

— Lily provavelmente só estava curiosa, é natural querer saber suas origens.

— Isso é tudo culpa daquela incompetente — ela disse, quase cuspindo essas palavras, e notei que, pelo menos naquele momento, a sua raiva não estava direcionada a mim.

— Deixa eu adivinhar: a sra. Scott!?

Eva me encarou como se eu fosse uma bruxa. E se eu não estivesse tão nervosa, teria rido da expressão dela.

— Lily me contou que foi essa professora que disse que ela iria precisar de documentos para viajar sozinha de ônibus — expliquei.

Eva bufou e revirou os olhos.

— Não me surpreende. Essa mulher é desprovida de qualquer capacidade cognitiva. Não sei como a deixam lecionar.

— Apesar dela, Lily parece bem inteligente — comentei.

— Inteligente até demais, eu diria — Eva falou, franzindo os lábios demonstrando certa preocupação.

Não podia culpá-la, dadas as circunstâncias.

— Mas porque isso é culpa da sra. Scott? — perguntei mesmo sabendo que estava me aventurando um pouco demais.

— Ela pediu para os alunos montarem a árvore genealógica deles.

— Entendo. E a Lily sabia que era adotada?

— Sabia. Eu contei quando ela fez seis anos — Eva explicou. — Mas de uns meses para cá, qualquer decisão minha que ela discorde, esse assunto volta à tona em uma tentativa de invalidar a minha autoridade.

Eva estava frustrada e me pareceu que ela só falava aquelas coisas porque já estava no seu limite e eu, por acaso, estava ali. Mas as palavras não se dirigiam a mim. Ela apenas precisava colocar para fora.

— Ela tem uma personalidade forte — eu disse. — Sinto muito por isso, acho que ela puxou de mim. Eu era muito pior nessa idade.

Eva elevou os olhos da taça para mim, como se por um segundo tivesse esquecido com quem estava falando. Tive a impressão de que trazer à tona meu parentesco genético com a filha dela não foi a minha jogada mais inteligente.

— Já está tarde e você deve estar cansada — ela disse, se levantando. — Vem, vou te mostrar o quarto de hóspedes.

— Hum, sim, sim…

Pelo jeito, o vinho era só para marcar território mesmo. Coloquei a taça inacabada na mesa lateral do sofá em que estava e a segui.

Como falei, a casa era enorme e pelo que pude entender os quartos ficavam todos no andar de cima.

Subimos a escada em um silêncio esmagador.

— Aqui — ela anunciou, abrindo a porta. — Tudo que você pode precisar está nos armários. No banheiro, tem toalhas e escova de dentes nova, se você precisar. Deve ter pijamas também nas gavetas. Qualquer coisa, meu quarto é o último do corredor.

Ela falava como uma gerente de hotel, sem qualquer resquício de emoção.

— Obrigada — disse, porque simplesmente não sabia mais o que falar, mas precisava falar alguma coisa.

— Eu vou deixar você à vontade.

— Eva — eu disse, a segurando pelo pulso e a impedindo de sair. Seus olhos oscilaram entre minha mão e meu rosto. Ela não parecia feliz. — Eu nem imagino o que você está sentindo, mas eu sinto muito.

— Não, não acho que você imagine mesmo, srta. Sinclair. Porque a diferença entre nós duas é que eu jamais abandonaria a minha filha.

As palavras vieram como uma alvejada de tiros no meu coração. Mas eu sabia que não podia me dar ao luxo de demonstrar. Mordi minha bochecha e apenas assenti. Ela estava frustrada e eu era a personificação dessa frustração.

Isso, é claro, não significava que não doesse.

— Boa noite, srta. Sinclair.

Senti o pulso dela escapar pelas minhas mãos.

Foi só quando escutei a porta do seu quarto se fechando, que caminhei para dentro do quarto mais chique e hostil que já havia estado.

3. EVA

Eu não conseguia dormir.

Havia feito toda rotina noturna de higiene do sono: tomado uma taça de vinho, meditado, lido um capítulo de livro — tentado, ao menos. Entretanto, o sono não vinha.

Não conseguia esquecer que a mãe biológica de Lily estava a passos de mim. Era como um pesadelo tomando forma e eu só queria que ela fosse embora logo.

Também não conseguia entender por que Lily estava agindo daquela forma.

Eu havia passado seis anos preocupada com a sua reação quando descobrisse, mas no dia que contei, ela me abraçou e disse que me amava. Ela tinha só seis anos, mas eu sabia que ela tinha entendido. Sabia que ela tinha entendido exatamente o que significava.

Ela sempre foi inteligente e sabia que não nos parecíamos fisicamente, também sabia que eu nunca havia tido um marido, ou um homem que pudesse apresentar como o seu pai. Então, quando contei, ela entendeu. Eu sei que entendeu.

O que não conseguia compreender era porque agora, depois de três anos, ela estava se revoltando com isso. Por que agora ela estava tão interessada na sua família biológica? Por que agora ela não parecia me amar mais?

Eu queria odiar a mãe biológica da minha filha, mas a verdade era que ela não havia feito nada para que eu tivesse motivos. Ela havia trazido a minha filha de volta em segurança e não havia me cobrado nada em troca. Ainda assim, a sua presença na minha casa era como uma sombra. Eu só queria que ela fosse embora e Lily voltasse a ser aquela menina amável e carinhosa que eu havia criado por nove anos.

Já passava das três da manhã quando me levantei. Passei pelo quarto da nossa hóspede, mas não ouvi nenhum barulho, então segui com cuidado para o quarto de Lily.

Ela dormia tão pacificamente quanto sempre, e eu não sabia se deveria ficar aliviada ou preocupada com isso, mas me sentei na beirada da sua cama.

Ela estava com a testa levemente suada e algumas mechas de sua franjinha loira estavam grudadas nela. A calefação do seu quarto era sempre a mais quente da casa porque ela sentia mais frio do que eu, mas devia estar uns vinte e seis graus ali e ela usava dois cobertores. Achei melhor tirar um, para ela não passar calor.

Depois de tirar e dobrar o cobertor de lã, tirei a franja grudada na sua testa e plantei um beijo. Ela se remexeu um pouco, mas não acordou. Ela tinha o sono pesado. Nada a acordava no meio da noite.

Fiquei ali mais algum tempo, apenas observando a minha filha dormir em paz enquanto o meu coração parecia um campo de guerra.

Por fim, a deixei e desci para tomar um chá. O relógio da cozinha dizia que já era perto das quatro da manhã. Então fiz o chá e me sentei de frente para o lago, que, eu sabia,

em poucas horas serviria de moldura para o nascer do sol mais bonito que eu conhecia.

4. ABBY

Apesar do meu cansaço e da cama ridiculamente macia e cheirosa, eu não consegui pregar o olho naquela noite. Chequei o meu celular para ver a hora: seis da manhã. O horário que costumava me levantar.

Eu sempre acordei cedo.

No orfanato, porque tínhamos hora para sair da cama; nos lares temporários, porque era mais seguro estar acordada; e depois, por costume.

Pelo menos era sábado e não precisaria me preocupar com o Shawn pegando no meu pé, porque, apesar de eu sempre levantar cedo, tinha o péssimo hábito de me atrasar para o trabalho. Eu nem tinha uma desculpa plausível, eu só me atrasava quase toda manhã em meio a minha rotina de tomar banho, café, me vestir e sair de casa.

Já que eu sabia ser inútil tentar dormir mais, decidi arriscar a sorte e me levantar. A casa estava silenciosa, então desci, pé por pé, tentando encontrar a cozinha. Quando cheguei à sala em que tomei o vinho na noite anterior, virei para a esquerda, então a encontrei.

Como todo o resto da casa, a cozinha era de extremo bom gosto. Bem no meio, tinha uma ilha de mármore branco — ou sei lá eu que pedra de rico pudesse ser — e sentada em frente a ela estava Eva, lendo um jornal.

Sim, um jornal de *papel*.

Ela estava em uma banqueta com uma perna cruzada sobre a outra e um robe de seda branco. Em sua outra mão, segurava uma caneca fumegante.

Como que aquela cena podia ser real?

Como alguém podia exalar tanta beleza sem nem ao menos se esforçar?

Falando em beleza, atrás dela havia uma antessala com um sofá e duas poltronas viradas para uma porta francesa que dava para o lago, que ouvi a noite toda.

Agora podia ver o enorme lago de água salgada a apenas poucos metros de onde estávamos e naquele momento ele fazia jus ao nome. O Bras D'Or Lake, que em francês queria dizer *braço de ouro*, se chamava assim porque, pela manhã, quando o sol refletia na água azul, um braço dourado se formava sobre toda a extensão dele.

No lado de fora das portas francesas, tinha um deck com acesso direto para o lago, que, no verão, deveria ser o paraíso para uma criança na idade da Lily. O deck aparentava ter a mesma extensão que a antessala e tinha algumas cadeiras externas.

Não sabia o que Eva poderia ter feito de tão ruim para Lily querer trocar tudo aquilo pelo meu apartamento de um quarto e faxina atrasada. Mas eu esperava conseguir descobrir naquela manhã.

— Ahem. — Limpei a garganta quando percebi que minha presença ainda não havia sido notada. — Bom dia!

Eva abaixou o jornal para me olhar. Naquele momento, pude ver que apesar de linda, ela parecia bem cansada, e eu me

perguntava se ela também havia tido uma noite insone como a minha.

Poderia apostar que sim.

— Bom dia, srta. Sinclair — ela disse no mesmo tom formal do dia anterior.

— Abby, por favor — pedi. — Eu me sinto velha assim.

Eva dobrou e colocou o jornal sobre a bancada, então me indicou uma banqueta com uma das mãos.

— Eu queria me desculpar — ela disse com certa formalidade.

— Por?

Ela franziu as sobrancelhas bem desenhadas, parecendo confusa com a minha pergunta.

— Ora, pelo que eu disse ontem. Você me prestou um favor e eu deveria ter sido mais grata.

— Tá tudo bem — eu disse, minimizando o fato em um gesto com as mãos. — Você estava chateada, eu meio que entendo.

— Pois não deveria — ela exclamou em um tom que soou muito mais com uma acusação do que como um agradecimento.

— Já ouvi coisa muito pior de gente com bem menos motivo.

— Isso não me isenta das minhas palavras — ela disse de forma definitiva, então apontou para a cafeteira na bancada atrás de mim. — Sirva-se, por favor.

— Obrigada.

Eu me sentia estranha em estar ali.

Não apenas porque Eva estava com um robe de seda e eu com a mesma calça jogger e camiseta desbotada que estava ontem, mas porque já havia me desacostumado a me sentir tão deslocada assim.

Estar ali naquela cozinha me lembrava como era estar em um lar temporário: uma forte sensação de não pertencimento e de que eu era bem-vinda apenas por um breve período de tempo.

— Eu só vou esperar a Lily acordar para me despedir dela, então já vou — falei.

Tive a impressão de ter visto um sorriso no canto daquela boca carnuda, mas ela apenas assentiu e voltou a ler o seu jornal.

Por mais que eu estivesse com certa raiva da acusação de Eva, minha intuição me dizia que ela era sim uma boa mãe. Havia convivido com “mães” de lares adotivos o suficiente para reconhecer que o que Eva sentia era um amor materno genuíno.

Ela não pertencia nem à fatia que acolhia crianças pela pensão que o governo concedia e nem à fatia que usava as crianças como mini servos. E como não vi nem ouvi falar de nenhum pai, me parecia óbvio que também não pertencia à fatia que se livraria da criança adotiva assim que tivesse um filho “de verdade”.

Além disso, eu pude sentir o desespero dela quando achou que havia perdido a filha. Não soava como alguém que não se importava. Soava como uma mãe.

E talvez Lily tivesse razão. Talvez Eva fosse controladora e trabalhasse demais, eu não saberia dizer apenas por alguns

minutos de convivência, mas eu havia tomado uma decisão havia nove anos e pretendia cumprir. Assim como todas as três promessas que tinha feito nas últimas horas.

Eu havia prometido à Lily que falaria com a sua mãe, a mim, que me asseguraria que ela estava bem e protegida e à Eva que as deixaria em paz.

— Eu não quero me meter — disse depois de um gole de café fumegante. — Mas eu meio que prometi a Lily que interviria por ela.

— Interviria?

Eu sentia meu corpo tremendo internamente com o tom dela. Sabia que estava me arriscando, mas promessa era promessa.

— Que falaria com você para não brigar com ela.

Eu simplesmente não conseguia ler a expressão de Eva. Até porque não tinha nada para ser lido; ela não movia um músculo facial sequer.

— Não se preocupe — ela disse, ainda naquele tom formal que você esperaria ouvir em um fórum ou coisa assim. — Eu vou conversar com ela, é claro, mas não sou uma carrasca. Embora ela goste de fazer parecer às vezes.

— Ela não fez você parecer uma carrasca, só superprotetora.

Como havia dito, era impossível para mim ler sua expressão, e eu costumava ser muito boa nisso. Quando você cresce nas condições que eu cresci, você aprende bem rápido a ler as pessoas. Ainda assim, aquela mulher era como uma língua criptografada, que eu simplesmente não conseguia decifrar.

— Suponho que você não teve mais filhos? — ela perguntou depois de algum tempo.

— Não, não. Eu aprendi a minha lição depois da primeira.

Eva parecia que iria falar alguma outra coisa, mas antes que pudesse, seu olhar passou direto por mim, em direção à porta da cozinha.

— Bom dia, meu amor.

Me virei a tempo de ver Lily entrando, vestindo um pijama branco de bolinhas coloridas, segurando um coelho branco de pelúcia.

Ela era fofinha, eu não podia negar.

— E aí, nanica?

— Você tá aqui ainda — ela falou em tom de afirmação.

— Tô, mas logo eu vou.

— Senta, meu amor, seu café está pronto — Eva disse, já se levantando para pegar um prato de café da manhã completo no forno.

Lily continuava ignorando a mãe, da mesma forma que havia feito no dia anterior, e mais uma vez eu me perguntava o que Eva poderia ter feito para ela. Fosse o que fosse, eu tinha a impressão de que Eva também não sabia o que era.

— Você também gostaria de panquecas, srta. Sinclair? — Eva me perguntou de maneira educada, mas podia ver a decepção com a reação de Lily estampada em seu rosto.

Era engraçado como era tão difícil decifrar as suas expressões quando falava comigo, mas ela era transparente

como a água em relação à Lily.

— Ah… não, muito obrigada — falei. — Eu tomo só café pela manhã.

Isso era verdade, mas também era verdade que as panquecas da Lily estavam com uma cara ótima. De qualquer forma, achei melhor escolher o caminho da educação e não dar ainda mais motivos para Eva me achar folgada e intrusiva.

Assim que Lily se sentou, um silêncio estranho pairou sobre a cozinha. Meus olhos focavam no café em minhas mãos, mas, vez ou outra, os direcionava para a mãe e filha à minha frente.

— Você podia ao menos me ajudar com o meu projeto da árvore genealógica — Lily disse para mim depois de algum tempo.

— Acho que não posso te ajudar muito com isso, pequena.

Lancei um olhar à Eva, e podia ver que ela se esforçava para não transparecer o desconforto. Talvez funcionasse com uma criança de nove anos, principalmente quando a criança nem sequer olhava para ela, mas eu conseguia ver. Como falei, em relação à Lily, Eva era transparente como a água.

— Se você quiser, acho que pode ser bom para ela saber suas origens — Eva disse, ainda mais formal do que antes, como se estivesse doendo ter que falar essas palavras.

Lily finalmente lançou um olhar esperançoso para a mãe, então novamente para mim e disse:

— Viu?

— Não é isso, Lily. Eu já te falei que não conheci a minha família.

— Ah! — ela exclamou desapontada. — É verdade.

— Você é órfã? — Eva perguntou com algo de surpresa em seu tom.

— Uhum.

Esse certamente não era o meu assunto preferido, mas eu entendia que Lily e Eva estivessem curiosas.

— E o meu pai? Você pode me dizer alguma coisa sobre ele? — Lily perguntou com a sobrancelha franzida, como se quisesse achar algo para se agarrar, algo que contasse a ela sobre a sua existência.

Eu conhecia muito bem esse desejo.

— Eu o conheci no último orfanato que estive. Ele também era órfão — expliquei. — Mas o transferiram para outro lar depois que descobriram que eu estava grávida dele...

— Espera — Eva me interrompeu. — Você era menor de idade quando engravidou?

— Eu tinha 15. Ele, 17.

O olhar de Eva me deixou um pouco incomodada. Odiava que sentissem pena de mim.

— E você sabe onde ele está agora? — Lily me perguntou.

Me remexi desconfortavelmente na banqueta. Não queria ser eu a dar a notícia a ela, mas era melhor ela saber logo...

— Ele morreu uns dois anos depois de você nascer. Se meteu com umas pessoas erradas e acabou morto.

Podia ver a expressão de Lily murchando enquanto a de Eva esboçava certo choque.

— Sinto muito, nanica — acrescentei.

O resto do café da manhã foi silencioso. Eu não sabia o que falar e creio que nem elas. Lily estava cabisbaixa e Eva parecia completamente fora do seu habitat natural.

O mais estranho era que mesmo com o clima desconfortável, meu cérebro tentava achar algum motivo para eu não precisar ir. Mas como eu não tinha nenhum motivo real para ficar, não me sobrou alternativa.

— Bom, eu acho que vou indo — falei, já me levantando. — Obrigada pelo café da manhã e pela hospedagem.

Os dois pares de olhos se voltaram para mim, os de Eva aliviados e os de Lily espantados.

— Já? — Lily perguntou.

— Eu só vim te trazer — expliquei. — Já era pra eu ter voltado ontem.

— A srta. Sinclair tem uma vida em Halifax, querida.

— Mas, mas... — Lily parecia não saber o que falar, e eu sentia meu coração apertando no peito. — Vo... você poderia me ensinar karatê!

Eva se virou para a filha, que, por sua vez, manteve os olhos fixos em mim. Eu dividia os meus entre as duas.

— Como é? — Eva perguntou.

— Você é faixa preta — Lily exclamou, ignorando a mãe. — Você mesma que me disse.

Eva se virou para mim atrás de uma resposta. Acho que se olhar pudesse matar, eu cairia morta naquele segundo mesmo.

— É verdade. Mas eu não sou instrutora de karatê...

— Por favor! — Lily disse, então virou-se para Eva. — Você diz que eu não posso treinar na academia porque não tem ninguém para me levar e não quer que eu vá de ônibus. A Abby pode me dar aulas aqui em casa.

— Eu moro em Halifax, Lily.

— Pode ser nos fins de semana!

É claro que eu poderia instruir uma criança de nove anos, e estaria mentindo se falasse que não gostaria de ter contato com ela. Mas não sabia o que responder. Eva que era a sua mãe. Ela que tomava as decisões e eu não sabia o quanto desse clima tenso entre as duas era culpa minha. Então esperei que Eva falasse alguma coisa. Lily fazia o mesmo.

— Por favor! — Lily suplicou. — Eu nunca mais peço nada.

Eva estava em uma sinuca de bico e sabia disso.

Além de estar sob o pavor de Lily fugir de novo, especialmente agora que conhecia o meu endereço, Eva sabia que quanto mais negasse algo para ela, mais distante Lily ficaria.

Era uma sensação esquisita de alívio e tristeza em saber que aquele papel de mãe não era meu.

— Tudo bem. — Eva consentiu por fim se rendendo às súplicas da filha. — Se a srta. Sinclair não se importar...

Lily abriu um largo sorriso. O primeiro que vi desde que a conheci e senti meu coração palpitando.

— Só se você prometer que nunca mais vai fugir — eu disse, sentindo que era minha obrigação tomar o lado dos adultos nessa discussão.

— Eu prometo.

— Está bem, então — falei, tentando disfarçar a minha alegria. — Eu vou passar para a sua mãe a lista de coisas que você vai precisar. Podemos começar semana que vem, se você quiser.

— Oba!

Apenas lancei um olhar à Eva. Ela parecia derrotada e, possivelmente, furiosa.

Deus! Eu esperava que ela não tentasse me matar ou coisa assim.

Mas eu não queria roubar a filha dela, só queria aproveitar essa chance de poder conhecer Lily melhor.

5. EVA

— Você está de mau humor — Frances afirmou sem nem tirar os olhos do documento que lia.

— Eu estou bem, obrigada — respondi, também focada no meu trabalho.

Ela não pressionou e voltamos a ficar em silêncio, cada uma com um documento diferente nas mãos. Frances Lewis era a minha sócia no nosso escritório de advocacia e, naquela segunda-feira, trabalhávamos juntas em um caso.

Ela estava sentada no sofá de couro marrom escuro e eu em uma poltrona do mesmo jogo na diagonal dela. Frances nunca trabalhava sem uma xícara fumegante ao seu lado e hoje não era diferente.

Eu normalmente a acompanharia no chá ou café, mas a única bebida que poderia me acalmar, não era apropriada nem para o horário nem para o meio do meu expediente, então não bebia nada.

A especialidade do Ortega & Lewis era divórcio. Naturalmente, sempre defendíamos os interesses das mulheres e éramos, talvez, o melhor escritório da província para esses casos.

Eu estava lendo o contrato pré-nupcial do casal enquanto Frances estava estudando os contratos dos bens adquiridos após o casamento.

— É a terceira vez que você bufa, Eva.

— Eu não bufo.

— Então é a terceira vez que você suspira de maneira profunda — Frances disse com certo sarcasmo. — O que você tem hoje?

Frances era uma mulher séria, mas carismática, de 45 anos e era possivelmente a amiga mais próxima que eu tinha. Nós não éramos do tipo que frequentávamos uma a casa da outra, embora fôssemos praticamente vizinhas. Mas nos dávamos muito bem como sócias.

Larguei o documento que lia e soltei mais um suspiro profundo.

— Lily — falei apenas.

— O que aconteceu com a Lily? Ela está bem?

— Ela fugiu sexta à noite e voltou com a sua mãe biológica à tira colo — expliquei.

Frances era uma advogada excelente e quase nunca deixava transparecer suas reações, mas dessa vez a vi franzir a testa a ponto de as sobrancelhas quase sobreporem o couro cabeludo. O que apenas comprovava que havia sido, de fato, uma peripécia incrível a que a minha filha tinha armado.

— O quê? Como?

— Eu não sei! — exclamei, deixando a minha preocupação extravasar de vez. — Eu não faço ideia de como ela achou a sua mãe...

— Espera, Eva, me desculpa te interromper — Frances falou. —Mas vou precisar que você comece essa história do

começo.

Expliquei cada detalhe para ela como se explicasse um caso, e Frances ouvia tudo com atenção sem me interromper nem ao menos uma vez. Para ser sincera, era bom poder compartilhar isso com alguém e tentar entender o que estava acontecendo.

— Como eu não fiquei sabendo disso? — ela perguntou ao fim.

— Assim que a srta. Sinclair ligou, eu avisei o xerife Smith que havia sido um mal-entendido — expliquei.

— Ainda assim, estou surpresa de não ter ouvido falar disso.

— E eu posso ter ameaçado cortar a verba do fundo da guarda municipal se ele espalhasse a notícia.

O nosso escritório era sempre muito envolvido com a comunidade local, e contribuíamos em muitas ações de caridade e melhorias. Então eu sabia que ele não ousaria me contrariar.

Frances soltou uma leve risadinha.

— Mas cá entre nós, a Lily daria uma excelente advogada — Frances disse ao fim. — Que ótimo trabalho investigativo.

— Você não está ajudando.

— Eu estou falando sério. Você tem todos os motivos para se preocupar, mas é impressionante mesmo assim.

— Eu acho que eu preferia que a minha filha não fosse tão esperta.

— E o que você achou da genitora?

Desviei os olhos de Frances, me sentindo desconfortável de repente. Eu contei tudo que aconteceu de forma detalhada, porém objetiva.

— Eu não sei.

— É claro que sabe — ela rebateu. — Dá para ver na sua cara que você está irritada.

— É claro que estou!

— Por quê?

— Ora, como por quê? Por conta de tudo que já te contei.

— Eva…

Frances era uma excelente advogada, ela sabia pressionar o interrogado até ouvir exatamente o que queria. E na maioria das vezes era de um jeito tão sutil que a pessoa só se dava conta quando já estava presa na sua teia. Era assim que eu me sentia agora.

— Me sinto irritada porque não consigo odiar ela e porque permiti essas malditas aulas de karatê.

Dessa vez, acredito que tenha, de fato, bufado. Era a primeira vez que falava desse assunto em voz alta desde sábado e isso estava me matando.

Frances assentiu de leve, como se me agradecesse por ter compartilhado a informação, então falou, com o seu tom calmo e profissional:

— Legalmente ela não tem direito nenhum.

— Não é a parte legal que me preocupa, Fran.

— Eu sei — Frances disse, esticando a mão para dar um tapinha de leve na minha. — Mas a Lily te ama, você sabe disso.

— Eu devia ter dito que não — falei, me referindo às aulas de karatê.

— Você pode “demitir” a moça se achar que não está fazendo bem para você e para a Lily. — Frances tomou um gole do seu chá verde antes de continuar. — Mas eu acho que você fez a coisa certa. Lily está curiosa e essa Abby aí, pelo menos até agora, parece inofensiva. Ela é praticamente outra criança... quantos anos você disse que ela tem?

— Vinte e quatro ou vinte e cinco, eu calculo. Não sei quando é o seu aniversário.

— Então — Frances exclamou. — Eu tenho certeza de que ela não tem mais intenção de ser mãe agora do que tinha aos quinze anos. Mas acredito que ela também esteja curiosa para ver como Lily se saiu nesses anos. Eu sei que você e a Lily estão passando por um momento meio conturbado, mas eu vi essa menina crescer grudada a você como um bebê canguru, ela não vai deixar de te amar de uma hora para a outra porque a mãe biológica dela é *legal*.

— Espero que você tenha razão.

Na teoria eu sabia de tudo aquilo e sabia também que era um direito da Lily conviver com a mãe biológica se fosse da vontade dela. Na prática, entretanto, nada parecia tão simples.

— Eu sempre tenho razão — ela falou com um sorriso prepotente. — Por isso sempre ganhamos os nossos casos.

— Falando em casos — comentei, tentando mudar de assunto. — Esse sujeito está escondendo alguma coisa.

Frances percebeu que a conversa sobre a minha vida havia encerrado e voltou a sua postura profissional. Eu gostava disso nela, ela era objetiva e focada.

— Concordo com você. A movimentação da conta não fecha com o faturamento da empresa — ela disse, então me entregou um documento. — Ele deve ter alguma outra conta escondida.

***

Tentei não pensar muito no assunto “mãe da Lily” o resto da semana. Porém, apesar do meu esforço, tive que trocar algumas mensagens com ela.

Pelo menos, ela respeitava todos os limites que eu havia imposto, inclusive o de não mandar mensagens diretamente para a Lily.

A minha filha, por outro lado, parecia não querer respeitar nenhuma vontade minha. Continuava me tratando com indiferença, mesmo depois de eu ceder e deixá-la praticar karatê.

Quanto mais nos aproximávamos do fim de semana, mais tensa eu me sentia, e não conseguia reprimir o medo que se alastrava no meu peito.

Eu só queria ter certeza de que não havia sido eu a sentenciar a minha própria queda. Infelizmente, eu teria que pagar para ver e esperar.

6. ABBY

— Sinclair!

Ouvi meu nome na mesma hora que me senti sendo acertada na cara por um saco cheio de materiais de luta.

Ai!

— Tá com a cabeça aonde, Sinclair? — Shawn me perguntou de cima do ringue.

— Foi mal — disse, juntando o saco e catando as luvas que caíram. Pelo menos não era tão pesado. — Tava distraída.

— Agora me conta uma novidade.

Era claro que Shawn havia notado. Até os cachorros da rua haviam notado que eu estava com a cabeça no mundo da lua. Mundo da lua, não, mundo da Lily.

Só conseguia pensar no fim de semana que se aproximava rapidamente e eu não fazia ideia do que eu deveria estar sentindo.

— Eu sei que estou um pouco estranha essa semana. Prometo focar mais.

— Tá tudo bem? — ele me perguntou e jogou mais um saco na minha direção, esse eu estava alerta o suficiente para agarrar no ar.

Shawn era um cara meio bruto, mas era boa pessoa. Ele era vinte anos mais velho do que eu e tinha um ar meio paternal às vezes, então eu sabia que se ele estava perguntando, era por um interesse genuíno.

— Tá sim, é só que estou um pouco ansiosa por algo que vai acontecer amanhã.

— Um encontro? — ele perguntou, erguendo as sobrancelhas.

Soltei uma risadinha.

— Não, não é um encontro. Quer dizer, meio que é, mas não um encontro romântico.

— Você tá muito cheia de mistérios, Sinclair.

— Você já me conheceu assim.

— Nisso você tem razão — ele comentou. — Mas prefiro assim. O Clay só falta me dizer a cor da cueca dele quando pergunto como está.

Clay era outro funcionário da academia, também era boa pessoa. Meio sem noção, mas uma boa pessoa.

— Bom, a minha calcinha é... — Vi uma toalha suja de suor sendo jogada na minha direção e me abaixei a tempo de não ser acertada.

— Eu não quero saber — ele falou, rindo da minha cara. Soltei uma risada e o ajudei a terminar de organizar a academia para podermos fechar.

Não era sempre que eu ficava para fechar, mas queria falar com ele, então esperei todo mundo ir embora.

Passei no vestiário, peguei minha mochila e o livro que às vezes lia no meu intervalo e dei uma corridinha para alcançá-lo.

— O que você tem aí? — ele perguntou, olhando para o livro de bolso que eu segurava.

Ergui um pouco a capa para ele poder ler o título.

— *Assim Falou Zaratustra*— ele leu em voz alta. — Nietzsche?

Ele fez uma expressão de surpresa, mas eu dei de ombros.

— Não é porque você me faz apanhar na cabeça todos os dias que eu não uso o meu cérebro às vezes.

— E você tá entendendo alguma coisa?

— Não muito — admiti, soltando uma risada que ele compartilhou.

Voltamos a ficar em silêncio por alguns segundos enquanto ele caminhava na direção do carro, que, para a minha sorte, estava estacionado para o mesmo lado que ficava a minha casa.

— Hm, Shawn? — chamei, me sentindo meio tímida de repente.

Ele notou minha postura e parou de caminhar, então se virou para mim.

— Eu tô meio que precisando de grana — confessei. — Você acha que eu consigo um aumento ou, sei lá, uma promoção?

Ele não falou nada no primeiro momento, mas eu via que ele mordia a própria bochecha, porque sua boca ficava se

mexendo.

— Eu não tenho nenhuma vaga nova no momento e se eu der um aumento pra você, vou ter que dar para todos os outros que trabalham aqui há mais tempo — ele disse. — Mas eu vou pensar em alguma coisa para te ajudar, Sinclair, confia em mim.

Eu não sabia o que ele estava pensando, mas sabia que podia confiar nele, então senti certo alívio.

— Valeu, Shawn.

— Eu sabia que você não tinha ficado para me ajudar a limpar hoje.

Soltei uma risada antes de voltar a caminhar. Ele fez o mesmo.

— Te vejo segunda — ele disse assim que alcançamos o seu carro.

— Isso se eu voltar — respondi, como sempre.

***

Demorei para pegar no sono naquela noite, pensando em mil cenários diferentes do que poderia dar errado na minha primeira aula com a Lily, mas quando finalmente dormi, sonhei com o último orfanato que havia estado.

Não sabia dizer o que isso significava, mas, para ser sincera, pouco me importava. O que me importava era que teria que dirigir até Baddeck naquele dia. Eu ainda não sabia dizer se era a coisa certa o que estávamos fazendo, mas a decisão já havia sido tomada e teríamos que arcar com as consequências, fossem quais fossem. Só esperava não sair dessa com o coração partido. Nem partir o de Lily.

Eu já estava me preparando para sair de casa quando meu celular apitou com uma mensagem. Cheguei a sentir um calafrio quando vi que era de Eva. Por um segundo, achei que ela iria cancelar.

Nós já havíamos trocado algumas mensagens durante a semana, mas eu continuava sem ter certeza do que ela pensava sobre o assunto e esperava que a qualquer momento ela fosse mudar de ideia. Falar com Eva por mensagem era ainda mais aterrorizante do que ao vivo.

Suas respostas poderiam, com facilidade, ser confundidas com alguma inteligência artificial. Todas as frases eram perfeitamente pontuadas. Não usava nenhum tipo de emoji, gif ou figurinha e não usava termos coloquiais, abreviações, muito menos risadas.

Se já era difícil decifrar Eva pessoalmente, por mensagem era ainda pior.

Eva: Espero um retorno sobre o seu pagamento. Me informe se você cobra por aula ou por hora e, é claro, o valor cobrado.

Pagamento?

Sinceramente não havia pensado nisso. E naquele momento já estava atrasada e ainda teria que parar em algum lugar para almoçar, então apenas meti o celular no bolso e decidi pensar no assunto no caminho.

Eu estava mesmo precisando de dinheiro, mas não sabia se deveria cobrar essas aulas. Não me sentia bem fazendo isso, afinal Lily era minha filha também, cobrar pelas aulas não parecia certo. Além do mais, o Shawn havia me garantido que iria me ajudar a levantar uma grana.

Almocei em um Tim Hortons no meio do caminho e cheguei em Baddeck bem depois da uma da tarde, o horário que havíamos combinado. Lily já estava me esperando na frente da casa.

— Você demorou — ela acusou quando eu saí do carro.

— É que a minha casa fica mesmo bem longe, você só não percebeu por que veio dormindo — respondi e abri um sorriso quando reparei que ela já estava de kimono.

Não um kimono qualquer, um kimono caro, da mesma marca que o meu. A diferença é que eu tinha passado muitos meses juntando grana para comprar aquele que eu tinha.

O seu cabelo estava preso por dois coques nas laterais da cabeça que a deixavam ainda mais engraçadinha do que ela já era.

— Tá preparada? — perguntei.

— Acho que sim.

— Boa tarde, srta. Sinclair — Eva disse, saindo da casa. Seu tom era formal como na última vez que estive ali.

Não que eu tivesse esquecido como ela era bonita, mas é que, mais uma vez, me surpreendi com a imagem à minha frente. Eva estava com uma calça simples de linho e camisa branca e, ainda assim, parecia saída de um filme ou da bancada de um noticiário de TV.

— Oi! Desculpa pelo atraso, teve um acidente no meio do caminho. — Menti, não querendo admitir que tinha calculado mal o tempo e saído tarde de Halifax.

— Está tudo bem, nós temos tempo.

— Podemos começar? — Lily perguntou, parecendo ansiosa.

— Ela acabou de chegar, meu amor — Eva falou para Lily. — Primeiro temos que ver se ela quer alguma coisa, uma água, um café...

— Você quer uma água ou um café? — Lily me perguntou rapidamente.

Soltei uma risada.

— Não, eu tô bem, nanica. Mas preciso ir ao banheiro primeiro. E trocar de roupa.

— Por aqui — Eva disse, apontando para dentro da casa.

— Obrigada.

Eva parecia um pouco menos engessada, porém seu tom era distante, como se estivesse no piloto automático, só esperando eu ir embora.

— Você ainda não me passou os valores — ela disse.

— Ah... eu, eu... é, não é nada, não.

Eva parou abruptamente, me fazendo parar também, então se virou de frente para mim.

— Eu espero que não haja nenhuma confusão aqui, srta. Sinclair — ela falou. Eu sentia o olhar dela intenso sobre mim. — Você não é parente ou uma amiga da família para nos fazer favores. Você está aqui como uma *instrutora*, nos prestando um serviço ao qual eu pretendo pagar como tal.

O tom e a intensidade do olhar de Eva me diziam o quão contrariada ela estava com aquela situação toda. E mais uma vez, apesar das palavras venenosas na minha direção, eu meio que entendia seus motivos.

— Neste caso, eu passo o valor no fim da aula.

— Ótimo! — Ela disse, em um tom mais agradável dessa vez. — O banheiro é naquela porta.

7. ABBY

Eram duas da tarde quando começamos.

Eu e Lily estávamos no jardim às margens do lago, e Eva nos observava de uma das cadeiras da varanda.

A parte externa da casa era tão grande quanto a interna e o jardim que estávamos ficava à esquerda do deck. Ali, havia várias árvores, na sua maioria macieiras e bordos, que estavam começando a ganhar novas folhas à medida que a primavera se aproximava.

O lago era tão lindo quanto eu me lembrava da minha primeira visita à cidade anos antes. Era um enorme lago de água salgada de um azul intenso. No meio do lago, à esquerda da casa de Eva, tinha uma pequena ilha com um farol na ponta norte, que dava àquela vista um ar ainda mais pitoresco e charmoso.

O farol não era longe e, eu imaginava, devia ser um ponto famoso para piquenique no verão, com as famílias pegando um caiaque ou um stand-up para chegar à ilha.

Naquele sábado, no entanto, estava relativamente frio e meio nublado e o lago, apesar de lindo, estava vazio. Por esse motivo, achei por bem começar logo a aula para que nós duas pudéssemos nos esquentar logo com os exercícios.

— Junta os pés — instrui Lily. — Isso! Agora aponta os dedões para fora, como eu tô fazendo. Beleza. Mãos ao lado

do corpo — disse, fazendo o movimento com rapidez e firmeza para ela imitar. — Agora nós nos cumprimentamos. — Abaixei o tronco e ela me copiou. — No karatê não falamos “oi”, falamos “oss”.

— Oss?

— Isso. É um cumprimento e também o que você vai me responder quando entender algum comando. Entendido?

— Oss! — ela exclamou, se abaixando mais uma vez.

— Isso aí.

— Vamos começar acordando o corpo — falei, me reerguendo. — A gente precisa se aquecer antes de qualquer coisa.

— Oss.

Soltei uma risada antes de passar alguns alongamentos. Comecei pelos exercícios básicos para que ela não se machucasse depois.

Ninguém podia culpá-la por não se dedicar; ela fazia tudo que eu mandava sem questionar. Quem me dera que as alunas do Shawn fossem assim disciplinadas.

O que eu ainda não entendia, no entanto, era o porquê de toda essa obstinação. Ainda achava estranho ela querer aprender karatê assim sem mais nem menos, já que nem a sua mãe sabia de onde ela havia tirado essa ideia, mas eu tinha a intenção de descobrir.

— Você já assistiu *Karate Kid*? — perguntei enquanto Lily alongava os braços.

— Você já me perguntou isso.

— E você não me respondeu.

— Já.

— O do Ralph Macchio ou do Jaden Smith?

Ela franziu a testa, sem saber do que eu estava falando.

— O menino era branco ou negro?

— Branco.

— É o clássico, com o Ralph Macchio.

— Eu vi um dia naquele canal de filmes antigos que a mamãe gosta — Lily explicou. — Ela sempre vê aqueles filmes românticos lá.

— É mesmo? — perguntei, tentando não esboçar nenhuma reação, mas senti certa vontade de rir.

Discretamente, me virei para Eva que nos observava do deck. Como sempre, ela era muito melhor do que eu em manter a expressão neutra, e eu não fazia ideia do que poderia estar passando na sua cabeça. Sabia apenas que ela não era muito fã de karatê. Ou de mim. Embora, pelo visto, fosse fã de romance.

— Sim, os em preto e branco são os preferidos dela — Lily acrescentou.

— Quem diria.

Apesar da revelação inusitada, voltei a focar na aula e, assim que acabamos os alongamentos, comecei a explicar as posições básicas para ela.

— O dedão sempre por fora. — Mostrei como fechar a mão para desferir um soco. — Se o dedão estiver para dentro,

você vai se machucar e pode até quebrar ele.

Lily apenas assentiu e copiou exatamente igual a minha mão.

— Primeira coisa — eu disse —, estica bem o braço lá na frente. — Fiz o gesto, e ela também. — O nome disso é ZUKI! É *soco*, em japonês.

— ZUKI — ela repetiu então copiou a minha postura, mas manteve o braço levemente flexionado.

— Estica mais o braço — comandei, mostrando mais uma vez o movimento. — E fecha bem o punho.

Ela fechou até que suas juntas ficassem brancas e estendeu totalmente o cotovelo, acertando o movimento.

— Isso aí — Incentivei. — *O segredo está nos punhos, Lily San*.

Ela soltou uma risadinha da minha tentativa de imitação do sr. Miyagi.

A aula passou voando e, depois dos primeiros minutos, nem me importei mais se Eva estava nos olhando ou não. Era bom fazer algo que eu gostava, como ensinar, e mais ainda ver Lily assim alegre. Infelizmente, quando me dei conta, já estávamos terminando a aula.

Lily estava praticando com uma bola de meia, jogando-a para o alto e desferindo um soco quando caía. Era um bom exercício para concentração e para treinar o movimento. Nas primeiras vezes, ela tinha tido bastante dificuldade com o tempo do soco, mas agora havia pegado o jeito e parecia estar se divertindo.

Eva, pelo jeito, já tinha entrado na casa.

— Você pode continuar praticando durante a semana, mas sempre aqui fora para não quebrar nada sem querer, está bem?

— Oss — ela exclamou.

— Por hoje, é isso, nanica.

— Já?

— Já passou mais de uma hora e meia — falei. — Semana que vem a gente continua.

Notei os olhinhos dela murchando, mas dessa vez não fiquei triste, fiquei esperançosa de que talvez isso pudesse mesmo dar certo.

— Tá bem — ela se rendeu por fim.

Nos cumprimentamos da mesma forma que no começo da aula, então entramos na casa.

Assim que pisamos na cozinha, um cheiro delicioso de bolo me atingiu e senti o meu estômago roncar.

— Lily, vai tomar um banho, porque logo o bolo termina de assar — Eva disse à filha, da bancada da cozinha. — Srta. Sinclair, se você quiser tomar banho também, pode usar o banheiro do quarto de hóspedes. Você sabe onde fica.

— Obrigada, mas vou apenas trocar de roupa.

— Pode usar o mesmo quarto.

— Obrigada.

— Abby, você vai ficar para o bolo? — Lily me perguntou.

Engoli em seco e me virei para a mãe dela. Eva já estava de costas fazendo alguma coisa, mas notei sua postura se

empertigando ainda mais.

— Hm, não, nanica, eu tenho compromisso em Halifax hoje à noite, preciso ir logo.

— Só um pedacinho, o bolo da mamãe é o melhor!

Acho que o uso do “mamãe” fez a sua mágica, porque em seguida Eva se virou e adicionou:

— É de cenoura com especiarias.

— Está bem, então — falei. — Mas só um pedacinho.

— Legal — Lily comemorou e saiu sem nem olhar para Eva.

Aproveitei a deixa para subir também; ainda sentia certo receio de ficar sozinha com Eva. Quando eu tive certeza de que eu e Lily estávamos bem longe da cozinha, cochichei para ela:

— Ela tá tentando, você deveria tratá-la melhor.

Eu poderia muito bem ter confessado um crime hediondo, tamanha a cara de indignação que Lily me dirigiu.

— Eu não fiz nada — ela exclamou naquele tom infantil meio arrogante que eu conhecia muito bem da minha própria infância.

— Você tá ignorando ela igual fez semana passada.

— Ela não se importa.

— É claro que se importa, Lily. Você acha que ela está me aturando aqui por quê? Por causa dos meus belos olhos é que não é.

Ela ergueu os ombros como quem diz “sei lá” e entrou no seu quarto, batendo a porta na minha cara.

— Cristo! Essa menina puxou demais a minha personalidade — resmunguei sozinha no meio do corredor.

Mas eu desconfiava que tinha mais nessa história do que apenas aulas de karatê, e pretendia descobrir o que era antes de a mãe dela tentar me matar.

Quando voltei à cozinha, Eva mexia uma jarra que me parecia de chá gelado.

— Você precisa de ajuda? — perguntei.

— Já estou acabando, pode se sentar se quiser.

Ela terminava os seus afazeres enquanto eu checava algumas mensagens. Tinha duas mensagens no aplicativo de relacionamento que usava, mas naquele momento não estava com vontade de responder nenhuma das duas mulheres, então apenas bloqueei o celular e o coloquei no bolso mais uma vez, ficando sem nada para fazer.

— Você ainda não me passou os valores — Eva comentou.

— Eu confesso que não tinha pensado em cobrar, então eu vou precisar calcular. Posso te passar por mensagem amanhã?

— É claro.

Eu tinha tomado a decisão de fazer isso dar certo de alguma forma e pensava que talvez adotar a mesma postura de Eva fosse um começo. Eu precisava que ela não se sentisse ameaçada por mim para que pudéssemos conviver em certa harmonia.

Depois de alguns segundos, Eva falou novamente:

— Admito que esperava algo diferente dessa aula.

— Diferente como?

— Mais violento, creio.

Lembrei do que Lily havia me dito no dia que levei ela para casa, de que Eva achava que luta era coisa de marginal, e fiquei satisfeita de ela dar o braço a torcer.

— Nenhuma arte marcial é sobre violência — eu disse. — É sobre equilíbrio e foco. Se você quiser, eu posso te passar alguns estudos e matérias sobre karatê.

Eva assentiu com a cabeça e novamente o silêncio tomou conta da cozinha. Eu queria continuar falando com ela, mas não sabia o que dizer.

Ela não tinha motivo nenhum para gostar de mim. Na verdade, tinha vários motivos para *não* gostar, mesmo assim, eu queria, de alguma forma, agradar ela.

Era muito patético da minha parte? Talvez. Mas era verdade.

Eu simpatizava com ela. Podia ver o quanto ela amava Lily e isso era o suficiente para eu gostar de Eva. Afinal, ela pôde dar à minha filha tudo aquilo que eu almejei e não pude dar eu mesma.

Além disso, mesmo com todos os motivos para me odiar, ela havia aceitado me deixar treinar Lily.

Eu simpatizava com Eva, e, por algum motivo, queria que ela simpatizasse comigo também.

Logo Lily se juntou a nós e o silêncio foi substituído por vários comentários sobre como karatê era legal e como ela havia conseguido fazer todos os exercícios. Não pude deixar de notar que ela passou a responder Eva depois da nossa

conversa. Ela não parecia feliz em fazer, mas era um começo talvez.

Eva também havia notado, porque agora sorria um pouco mais. Um sorriso gentil, maternal. Um tipo de sorriso que nunca vi ninguém direcionar a mim.

Aquele sorriso era a prova que eu precisava de que havia tomado a decisão correta nove anos antes. Mesmo que ainda doesse.

8. EVA

Comecei a pensar que Frances pudesse ter razão sobre as aulas.

Enquanto Lily e a Abby devoravam o bolo que eu havia preparado, a minha filha falava animadamente sobre a aula e, pela primeira vez em dias, direcionava o discurso a mim também.

Era um alento e um alívio perceber que ela não parecia mais tão zangada e distante quanto antes. Sabia que ainda não estava na sua versão “normal” — na falta de palavra melhor —, mas a sua mudança repentina me deixava acreditar que, embora fosse um processo, eu logo teria a minha filha de volta.

Abby, por sua vez, ainda me era uma incógnita. Não sabia ao certo o que pensar sobre ela, mas estava disposta a concordar com a Frances: ela *parecia* inofensiva. E levando em conta a primeira aula, a qual ela havia se mostrado bastante profissional e dedicada, eu estava disposta a tentar uma relação amigável com ela.

Mas isso, de alguma forma, fazia eu me sentir traindo a mim mesma, e não gostava dessa sensação. Uma parte de mim — a parte materna — dizia que eu deveria ficar atenta e não dar brecha, já outra parte simpatizava com ela.

Eu pensava que tinha a ver com os olhos. Ela tinha olhos muito parecidos com os da Lily, o que tornava difícil eu

desgostar dela, por mais que eu me esforçasse.

Além disso, eu simpatizava com a sua história. Nem poderia imaginar como havia sido a sua vida e, para ser sincera, ela me parecia ter se saído bem apesar de tudo. Também era obrigada a admitir que ela havia se esforçado para deixar claro que não tinha interesse em se meter na minha relação com a Lily.

Ainda assim, ela era uma ameaça tão clara e direta que parecia loucura eu não me proteger.

— Minha nossa senhora, Eva, esse bolo tá ridículo de bom — Escutei Abby falar, com a boca cheia, me tirando do meu devaneio.

Uma ameaça um pouco inusitada, não nego. Ainda assim, uma ameaça.

— Fico feliz que você tenha gostado.

— A mamãe adora cozinhar — Lily falou, animada. — Ela gosta de confeitaria.

— Que coincidência, eu também — Abby comentou. — De comer, no caso.

Lily soltou uma risadinha e eu, confesso, abri um sorriso.

— É um hobby — expliquei antes de tomar um gole do meu chá.

— Eu não diria, olhando para você — Abby disse.

— Meus pais eram venezuelanos e sempre fizeram questão de que eu soubesse cozinhar os pratos do nosso país — expliquei. — Acabei criando gosto pela culinária de modo geral.

— Seus pais eram imigrantes?

Apenas assenti. Eu tinha orgulho das minhas origens e não me importava em falar sobre o assunto.

— E você fala espanhol?

Tinha algo de inocente na pergunta dela, algo parecido com a forma que a Lily teria perguntado.

— *Sí*, *por supuesto*.

— E você, nanica? — ela perguntou para Lily.

— *Un poco*.

— Não acredito! — Abby exclamou, sorrindo.

— Lily não conviveu muito com os meus pais, porque eles morreram há muitos anos já, mas eu tentei ensinar ela desde pequena.

— Uma vez, o Juan, um menino mexicano que estudava comigo, tentou me ensinar — Abby falou. — Mas ele não era muito bom professor e eu não era boa aluna. A única coisa que eu sei falar é... — ela parou abruptamente e olhou para Lily e então para mim, e eu sabia que o que quer que ela fosse falar, seria algum palavrão. — Na verdade, eu não sei falar nada, não.

Não pude evitar uma risada.

— Eu posso te ensinar — Lily disse.

— Fechado.

Abby esticou a mão para Lily, que a cumprimentou. Não falei nada, mas pensei que para Lily ensinar Abby, ela teria que voltar a praticar um pouco, o que não seria tão ruim.

— Bom, agora eu vou indo — Abby disse assim que terminou o seu chá gelado.

Lily pareceu desapontada, mas dessa vez não tentou impedi-la. Abby fez menção de recolher a própria louça, mas a dispensei, levando eu mesma até a pia. Ela era a convidada e essa era a coisa certa a se fazer.

Ela parecia um pouco desconfortável e não nego que eu também estava. Ainda não sabíamos exatamente como agir uma na presença da outra.

— Obrigada pelo bolo e pelo chá — ela disse, parada no meio da minha cozinha. — E por me receber.

Confesso que senti certa pena. Era evidente que ela estava se esforçando, e como alguém que passou boa parte da infância se sentindo excluída, eu entendia a sensação de querer fazer parte.

— É o mínimo, depois de você dirigir por três horas — falei.

— Falando nisso, é melhor eu ir.

Ela ainda parecia meio deslocada, mas passou a mão sobre a cabeça de Lily em um cafuné brincalhão antes de anunciar:

— Até semana que vem, nanica.

Lily não respondeu, mas trocou um sorriso com ela.

Pelo resto do fim de semana, Lily continuou a me tratar com um pouco mais de atenção, mas ainda podia notar que no fundo ela parecia zangada com alguma coisa.

***

— Não se preocupe, Frances — falei ao telefone com a minha sócia. — Eu estou com todos os documentos.

Eu caminhava em direção à corte onde eu teria uma audiência em poucos minutos. Segurava o meu celular junto ao ouvido e na outra mão, a pasta de couro com os documentos necessários.

Frances me questionava sobre as provas que iríamos apresentar ao juiz. Era um caso um pouco mais complicado, mas eu estava segura de que tínhamos tudo que precisávamos.

Apesar de nosso escritório ficar em Baddeck, as audiências quase sempre eram em Sydney, a cidade sede do condado vizinho e maior cidade de Cape Breton.

Cape Breton era uma ilha no norte da província da Nova Scotia cuja maior fonte econômica era o turismo, já que a costa era considerada a mais bonita do país, especialmente no outono.

Eu havia morado a minha vida toda ali, com exceção da época da faculdade, que estudei em Vancouver. Então quando decidi abrir um escritório, queria que fosse na minha cidade natal, Baddeck. Por sorte, Frances tinha o mesmo pensamento e abrimos em sociedade.

Mas Baddeck era uma cidade minúscula de dez mil habitantes, então a maioria dos nossos clientes eram de outras cidades da província, a maioria de Sydney ou Halifax. Dessa forma, as audiências e julgamentos eram sempre em uma dessas cidades maiores, e a de hoje não era diferente.

Isso significava uma viagem curta de cinquenta minutos de carro até Sydney. Mas eu gostava dessa parte do meu trabalho, como falei, as estradas dali tinham as vistas mais bonitas do país.

Já estava quase entrando na corte quando vi a minha cliente caminhando na minha direção.

— Frances, eu preciso desligar, Natalie chegou — falei ao telefone.

Assim que desliguei o aparelho e coloquei na bolsa, cumprimentei Natalie, nossa cliente.

— Como você está se sentindo?

— Nervosa — ela admitiu.

— Não tem motivo — assegurei. — O juiz vai ficar do nosso lado.

— É por isso que eu escolhi vocês — ela disse. — Para me passarem confiança e arrancar o dinheiro daquele cretino.

Eu gostava de Natalie; ela era autêntica e não fazia rodeios. Era um perfil diferente da maioria das nossas clientes, mas era bem mais interessante de se trabalhar.

Ela tinha mais cirurgias estéticas do que anos de vida e era o que muitos chamariam de *alpinista social* — apesar de eu odiar esse termo. Em suma, ela havia se casado com um homem rico e agora queria se divorciar dele e ficar com metade do dinheiro.

Eu não via problema nenhum nisso, afinal era um acordo entre duas pessoas adultas. Então, no que dependesse de mim, ela iria ficar com cada centavo que lhe era de direito.

O único problema era que eu sabia que o advogado do seu futuro ex-marido iria se aproveitar desse fato específico para tentar convencer o juiz de que ela era uma golpista. Por isso era importante que agíssemos de forma precisa.

Caminhamos juntas até a corte e aguardamos em silêncio até sermos. Ou quase em silêncio, já que Natalie não parava de bater o pé no chão.

O som de madeira do seu solado batendo repetidamente no piso de linóleo já estava começando a me dar dor de cabeça quando Peterson, o advogado da outra parte, chegou com o seu cliente.

Por sorte, antes que Natalie caísse em alguma provocação, fomos todos chamados.

— Não fale nada sem me consultar — instruí ela pela milésima vez enquanto nos sentávamos de frente para a contraparte. — Nem ao menos *pense* sem me consultar.

— Você que manda — ela falou.

Depois de todas as formalidades e apresentações, o juiz deu início a sessão.

— Meritíssimo — comecei —, o contrato pré-nupcial é bastante claro: todos os bens adquiridos após o matrimônio devem ser divididos em partes iguais em caso de divórcio.

— Com todo o respeito, vossa excelência — Peterson falou —, mas tal contrato perde a validade diante do caso de traição envolvendo a sra. Maxwell.

— *Suposto* — esclareci. — Suposto caso de traição.

— O meu cliente — Peterson continuou —, como um homem cristão, assinou o contrato e casou-se em uma igreja perante Deus, levado pela confiança de que a sra. Maxwell, em breve, srta. Johnson, compartilhava dos mesmos valores morais que ele.

Tive que me esforçar para não revirar os olhos, mas ouvi Natalie soltar uma interjeição sarcástica ao meu lado. Apesar de absurdo, esse tipo de abordagem tinha uma taxa bastante alta de êxito, dependendo do juiz, podia funcionar.

— Os *valores morais* de nenhum dos dois estava explanado no documento que ambos assinaram de comum acordo, sr. Peterson — falei diretamente para o advogado.

— Engano seu, srta. Ortega — Peterson disse. — Acredito que você tenha lido o mesmo contrato que eu. A cláusula segunda é bastante clara: em caso de infidelidade de qualquer uma das partes, todos os bens ficarão para a parte afetada. O meu cliente alega que a sra. Maxwell foi infiel a ele, dessa forma, não tem direito a nada.

— E você tem alguma prova, querido? — Natalie perguntou, se atravessando na minha frente.

Apenas me virei para ela e lancei um olhar repreensivo por ela ter falado sem a minha autorização. Ela deu de ombros, mas, pela sua expressão, acreditava que ela havia entendido que era para ficar quieta.

— Temos — Peterson anunciou.

Senti Natalie se remexendo ao meu lado. Não falei nada e esperei que ele continuasse, tinha esperança de que ele estivesse blefando.

— Temos essa troca de mensagens — ele continuou e mostrou uma folha com a captura de tela de uma mensagem de texto impressa.

— Protesto, vossa excelência — exclamei. — Essa conversa não pode ter validade. A minha cliente não recebeu nenhum mandato para que pudessem expor suas conversas privadas.

— É claro que recebeu — Peterson acusou.

— Mas na ocasião não foi encontrado nada, o que significa que esta prova é falsa ou foi conseguida a partir de meios ilegais.

— Não foi encontrado nada porque a sra. Maxwell apagou as mensagens — Peterson acusou.

— Essa prova não pode ter validade, vossa excelência — repeti.

— Protesto aceito — o juiz falou, assentindo com a cabeça. — A prova não tem validade.

— Quer saber — O futuro ex-marido de Natalie abriu a boca pela primeira vez —, se essa vagabunda quer ficar com metade, deixa ela. Ficamos casados só dois anos. Nossos bens nesse período são uma casa, um carro e alguns milhares em uma conta conjunta.

Estudei a cara dele e do advogado por um segundo. Eu sabia o que ele estava tentando fazer. Eles queriam que aceitássemos a proposta, fazendo parecer que havíamos ganhado.

Mas aquela não era minha primeira audiência e eu não havia ganhado a maioria dos meus casos, deixando um advogado de segunda linha como esse Peterson me enrolar.

Limpei a garganta antes de falar:

— Além de dois barcos, sendo um deles um iate avaliado em quatro milhões de dólares. Três imóveis, em Halifax, Mahone Bay e Yarmouth. E nove milhões de dólares em uma conta nas ilhas Jersey.

A reação do advogado e do cliente foi sincronizada: ambos perderam a cor e paralisaram por um segundo. Ouvi Natalie soltar uma risadinha arrogante ao meu lado.

— Está tudo relacionado neste inventário, vossa excelência — Expus os documentos na mesa. — Eles foram adquiridos em nome de uma companhia chamada “ExtraMax”, que, depois de uma investigação um tanto trabalhosa, descobrimos pertencer ao sr. Maxwell. E, como o senhor pode ver neste documento aqui — Mostrei mais uma prova — a empresa foi fundada há um ano e meio, período no qual ele se encontrava casado com a minha cliente.

Eu sabia que eles não teriam como negar ou rebater as acusações, e certamente achavam que os bens estavam bem escondidos.

Peterson tentou protestar, mas o juiz aceitou as provas, que havíamos conseguido de maneira legal, e como eu suspeitava, a audiência transcorreu rapidamente depois disso.

Apesar de faltar alguns trâmites ainda, como determinar o valor que a Natalie iria receber, o caso já estava ganho, e Peterson não teria chance de recorrer.

Peterson e Maxwell ficaram enfurecidos, mas o juiz botou ordem na casa e pediu para que ambos se retirassem. Natalie e eu esperamos algum tempo para não precisar cruzar com eles nos corredores antes de sairmos também.

Eu estava acostumada com essa parte. Sempre me ameaçavam ou tentavam me intimidar e sabia que naquele dia não seria diferente.

Depois de uns dez minutos, Natalie e eu seguimos nosso caminho.

— Sinceramente, não sei como você conseguiu que ele assinasse um acordo pré-nupcial tão favorável, para início de conversa — falei, enquanto caminhávamos no estacionamento até os nossos carros.

— Eu posso ser bem persuasiva — Natalie respondeu, elevando uma sobrancelha.

— Não duvido — eu disse. — Ainda assim é impressionante.

— Ele assinou porque achou que seria mais esperto do que eu.

— Esse é o erro da maioria.

Natalie soltou uma risadinha. Era claro que ela estava acostumada a ser subestimada e sabia usar isso a seu favor. Eu gostava disso nela.

— Obrigada, Eva — ela disse assim que alcançamos o seu carro. — Eu te ligo no meu próximo divórcio.

Tinha um tom de humor na sua fala e não contive a risada.

— Vou ficar esperando — falei. — Se cuida.

— Você também.

Então caminhei até o meu carro.

9. ABBY

Eu estava no vestiário da academia.

Minhas pernas estavam esticadas no banco e minhas costas apoiadas na parede, e eu lia *Assim Falou Zaratustra* enquanto esperava a minha hora de intervalo acabar.

Eu sei que Nietzsche era, tipo, um dos maiores filósofos do mundo, mas ele era meio maluco se você quer saber. Eu tentava entender o que ele queria dizer com *o homem ser superado pelo super-homem* quando ouvi o meu nome.

— Ei, Abby — Clay me chamou da porta. — O Shawn tá te procurando.

— Tô no meu intervalo, pô.

— Ele disse que é importante.

Fechei o livro irritada, mas me levantei mesmo assim.

— Não se tem paz nesse lugar mesmo — resmunguei.

— Ele tá no escritório — Clay falou assim que saí do vestiário.

O escritório de Shawn era uma sala de três por três, entulhada de coisas e com um problema sério de circulação de ar. Tinha mais armários do que cabia e todos eles estavam cheios de papéis que, certamente, não tinham mais validade há uns vinte anos. Além dos armários, tinha

uma mesa com um computador velho, dois sacos de areia pendurados e vários cinturões de boxe. A maioria conquistado por ele mesmo, que havia sido um pugilista bem vitorioso por algum tempo.

— Me chamou?

— Sinclair — ele exclamou o meu nome. — Senta aí.

O “aí” era um caixote de madeira virado. Fiz como ele mandou, mas não sem antes reclamar:

— Eu tô no meu intervalo, Shawn.

— É sobre aquele lance da grana que você pediu a minha ajuda.

Ele captou a minha atenção.

— Bom, fala logo então.

— Eu tenho uma luta para você.

— Uma luta?

— Uma luta de boxe — ele explicou.

— Uma luta de boxe?

Eu sabia que estava parecendo um papagaio, mas é que aquilo não fazia muito sentido.

— A campeã nacional de peso leve…

— Campeã? Você tá maluco?

— Presta atenção, Sinclair — ele tinha o tom grave e autoritário, como um professor ou um pai, então parei para ouvir o que ele tinha para falar. — Ela quer uma luta com uma *southpaw* a qualquer custo. Eu conheço o agente dela,

ele é um colega meu. Então eu mandei o seu perfil para eles e ela gostou e está disposta a lutar com você.

— Shawn, ela é a campeã… espera você disse *peso leve*?

— Você vai ter que emagrecer — ele falou como se fosse a coisa mais simples do mundo.

— Eu devo tá pesando uns 65kg, Shawn.

A categoria de pesos leves era até sessenta quilos e eu não me lembrava de ter pesado tão pouco na vida adulta, especialmente porque eu media 1,72. Não seria tão fácil perder peso.

— Sobe aí — ele falou, apontando para a balança que tinha no canto da sala.

Soltei um suspiro, mas tirei meu tênis, camiseta e smartwatch, ficando só de top esportivo e shorts, então subi na balança.

— Sessenta e três, trezentos e vinte — falei para ele.

— Só precisa perder três quilos e meio — ele disse. — Você consegue. A gente te coloca para correr todos os dias.

— Shawn, você não tá entendendo, eu não posso lutar com a campeã naci…

— O prêmio é cinquenta mil dólares.

— O quê?

— A luta é em Toronto — ele continuou. — E o pagamento pela participação é de oito mil, o que eu tenho certeza que já iria te ajudar.

Fiquei sem saber o que responder por um tempo, tentando assimilar o que ele estava propondo.

— Você não pode estar falando sério — falei por fim. — Eu vou levar uma surra.

— Não vai — ele disse em um tom grave. — Eu assisti todas as lutas dela. Apesar de ela ser a campeã, ela é lenta demais para você.

— Eu não posso ganhar só na velocidade. Você tá maluco? É uma luta de boxe, não os cem metros rasos.

— Eu mesmo vou te treinar — ele falou de maneira firme e me fez parar por um segundo.

Shawn era um dos melhores treinadores da província e apesar da academia ser uma bagunça, era uma das mais disputadas por boxeadores, que imploravam para que Shawn os treinassem. Mas ele não treinava ninguém para uma luta há muito tempo, dizia que a academia era o trabalho dele.

Ele sempre ajudava nos treinamentos e dava conselhos aqui ou ali, mas nunca se dedicava a um lutador em específico. Eu era obrigada a admitir que seria uma honra ser treinada por ele.

Ainda assim...

— Eu não sou pugilista — falei.

— É claro que é! Você é mais lutadora que qualquer boxeadora profissional dessa academia. Você só precisa de treinamento, porque o coração de uma lutadora você já tem.

— Ai, que cafona! — falei, franzindo a testa.

— Eu tô falando sério — ele disse, sem parecer achar graça do meu comentário. — Você trabalha aqui há quatro anos, Abby. É sparring das nossas melhores meninas e tem mais experiência que muita lutadora veterana. Eu *sei* que você consegue derrotar a campeã. Eu não te colocaria em uma situação perigosa.

Me sentia meio tonta. Era muita informação ao mesmo tempo, mas o símbolo do cifrão ficava rodando na minha cabeça como em um caça-níquel.

— Cinquenta mil? — perguntei. — É sério?

— Se você ganhar, a grana é toda sua. Eu te treino como um favor.

— E o que você ganha com isso?

— Eu gosto de você, Sinclair. Sei que você dá duro desde criança e eu realmente acho que você pode vencer. Eu só quero poder ver de camarote.

Eu senti uma sensação estranha no peito. Não estava acostumada a ouvir outra pessoa falando que acreditava em mim daquela forma. E talvez ele tenha me pegado em um dia mais sensível, porque quando me dei conta, já estava respondendo:

— Não acredito que vou falar isso — Soltei um suspiro —, mas eu tô dentro.

— Essa é a minha garota! — Ele bateu com a mão na mesa. — Vamos acabar com ela.

Uma Zé Ninguém como eu sendo escolhida para lutar com a campeã? Eu já vi esse filme antes.

— Me sinto meio Rocky Balboa agora.

— Você tem o coração de uma lutadora igual ele — Shawn repetiu.

— Espero ter uma mandíbula de aço igual a ele.

— Não vai precisar — Shawn disse. — Você é mais rápida que o Rocky, não vai precisar apanhar tanto.

— Quando é a luta?

— Em dois meses — ele falou. — Semana que vem a gente começa a treinar. Mas é melhor você começar a sua dieta hoje.

— Sim, senhor!

Deixei a sala dele ainda me sentindo meio transtornada com a ideia. Eu já tinha participado de lutas amadoras, mas nunca tinha lutado com alguém com um título nacional.

Mesmo eu sendo mais rápida e southpaw, a vantagem ainda estava praticamente toda no lado de lá...

— Espera um pouco aí — A garota no meu apartamento interrompe a minha narrativa. — O que é “southpaw”?

Ela já está no segundo copo de uísque e aproveito a pausa para tomar um gole do meu também. Ela tem mesmo toda a pinta de terapeuta, porque é a primeira vez que ela me interrompe. Se ela não estivesse de frente para mim, já teria até esquecido que ela está aqui.

— Southpaw é um lutador ou lutadora canhoto — explico. — Ei, você quer uma pizza? Eu tô morrendo de fome.

— Você não tá de dieta?

— A minha luta já foi há duas semanas — explico.

— Nesse caso, pode ser marguerita para mim — ela diz. — Faz alguma diferença?

— Não, eu gosto de marguerita também — respondo, procurando a pizzaria no aplicativo.

— Eu quis dizer ser canhota ou destra, faz alguma diferença?

— Ah — exclamo, entendendo a pergunta. — Faz, porque a gente faz tudo ao contrário dos destros, então é mais difícil de prever os movimentos.

— E porque ela iria querer lutar com um southpaw, então?

— Porque a mídia esportiva estava no pé dela, dizendo que ela tinha se tornado campeã tendo lutas com lutadoras muito previsíveis e que na hora que ela lutasse com alguma lutadora canhota ela iria perder — respondo, ainda mexendo no celular. — Pode ser margarita e pepperoni?

— Pode.

— Feito — anuncio. — Em vinte minutos chega.

A garota toma mais um gole do seu uísque e assente, então volta ao tema.

— Mas você não era lutadora profissional? — ela pergunta e noto um tom de divertimento.

— Eu nunca tinha lutado profissionalmente, mas já tinha participado de uma ou outra luta — explico. — Ser boxeadora não é o meu sonho nem nada do tipo, mas eu não ia deixar passar a chance de ganhar cinquenta mil.

— E você ganhou?

— Eu já vou chegar nessa parte — digo, gostando de manter o suspense.

— Está bem, está bem — ela cede. — Então vamos voltar à sua filha, como foi a segunda aula?

— Foi bem similar à primeira…

***

O treino durou um pouco mais de uma hora e meia e apresentei alguns exercícios novos para ela, mas fora isso foi quase uma reprise do primeiro.

Lily continuava empolgada e era evidente que ela havia praticado durante a semana. Então passei mais algumas tarefas para ela fazer quando eu não estivesse ali.

Outra coisa que parecia uma reprise da semana anterior era a relação entre mãe e filha. Lily continuava tratando Eva da mesma forma, e Eva continuava parecendo não saber o motivo.

E por mais que eu soubesse que não deveria me meter, era difícil assistir.

Eu havia dado ela para adoção na esperança de que ela pudesse ter sua melhor chance. Que ela pudesse ter uma vida que eu jamais poderia dar a ela. Não com 15 anos. Não sem nenhum suporte familiar. Não sem emprego.

E ver ela fazendo pouco da família que a recebeu, família essa que eu não havia tido a mesma sorte de ter, me causava um sentimento ruim no peito. Um sentimento de traição.

Era para ela ter uma vida melhor que a minha.

E ela tinha.

Mas não valorizava.

Eva já parecia um pouco mais acostumada com a minha presença, mas preferi não forçar muito nem abusar da hospitalidade, então não fiquei para o chá.

Nesse dia, não precisei mentir que tinha compromisso em Halifax no qual teria que chegar a tempo, porque eu tinha mesmo. Tinha um encontro com uma mulher que havia conhecido em um aplicativo de relacionamentos.

Desde que Lily havia reaparecido na minha porta, a minha vida tinha virado de pernas para o ar e eu sentia que precisava de algo que me trouxesse um senso de normalidade. E nada melhor do que um encontro. Algo que eu estava acostumada. Algo que eu era boa.

O encontro seria no The Fog, um pub inglês perto da minha casa, na Gottingen st.

Eu gostava porque era perto o suficiente para eu ir a pé e tinha cerveja barata. Saí de casa uns quinze minutos antes do horário combinado para poder ir sem pressa e respirar a brisa da noite.

Já estava começando a esquentar e eu usava apenas uma calça jeans e uma camisa de flanela. A noite estava clara e limpa e dava para ver boa parte das estrelas no céu.

A Gottingen st. era considerada a rua alternativa de Halifax, com a maior concentração de bares e espaços LGBT da cidade. A cada dois ou três estabelecimentos que eu passava, via bandeiras do arco-íris e trans penduradas ou coladas, e a rua sempre fervia de pessoas de todos os tipos se encontrando na calçada ou nos bares. Quer dizer, “fervia” o tanto quanto possível para uma cidade como Halifax, que apesar de ser a capital da província era bem pequena e pacata.

Mas uma noite como aquela, quente e clara, depois do inverno rigoroso que havíamos tido, era o convite perfeito para encher os bares da rua.

Eu havia crescido nesse lado da cidade. O primeiro orfanato que eu havia estado ficava aqui no lado norte, mas, naquela época, era muito diferente. Era uma região pobre e violenta, que havia sido completamente destruída na explosão de Halifax em 1917 e passado décadas sem qualquer investimento. Mas nos últimos anos, no entanto, tiveram muitas mudanças e essa região foi completamente revitalizada e ocupada por artistas.

Agora, a Gottingen era uma rua charmosa, cheia de prédios históricos reformados e bares e restaurantes com mesa na calçada. Além de ter sido rearborizada.

Cheguei ao The Fog cinco minutos antes e decidi esperar no bar. Pedi uma longneck Alexander Keith’s e vez ou outra petiscava o amendoim de cortesia que ficava no balcão.

Eu já estava na metade da cerveja quando escutei uma voz feminina chamar o meu nome. Me virei para ver a mulher que havia marcado o encontro.

— Aly, certo? — perguntei.

— Desculpa, eu me atrasei porque peguei trânsito na balsa.

A balsa era a forma mais comum de travessia entre Halifax e a cidade vizinha, e naquele horário, sempre tinha trânsito, mesmo nos fins de semana.

— Não tem problema, eu cheguei há pouco tempo também — falei e a cumprimentei com um beijo no rosto. — Você veio de Dartmouth?

— Vim, eu trabalho lá — ela explicou.

— E o que você faz?

— Eu sou professora, mas hoje tivemos uma gincana na escola…

Lily tinha me falado de algo parecido naquela tarde.

Que às vezes ela tinha atividades aos sábados e que no próximo mês teria uma gincana que era tipo uma miniolimpíada entre as classes da sua escola. Ela estava super animada, mas Eva parecia irritada com a sra. Scott, a professora da Lily, por algum motivo.

Para ser justa, acho que ela sempre estava irritada com a sra. Scott. Eu não nego que estava começando a achar charmoso esse jeito meio zangado da Eva, especialmente quando *não* era destinado a mim.

Ela tinha um jeito sério e ligeiramente autoritário sem ser rude, que eu gostava de observar. É claro que ela sabia ser cruel com as palavras quando queria, mas agora ela não me tratava mais com tanta aspereza e eu já começava a pensar que poderíamos mesmo nos tornar amigas. Ou pelo menos conhecidas.

E eu gostava muito dessa ideia.

Eu sabia que tinha um fraco por mulher bonita e Eva era, tipo, a mulher mais bonita que eu já tinha visto, mas não era só isso. Eu realmente gostava dela e do seu jeito meio fechado, mas, ao mesmo tempo, carinhoso e amoroso em relação a Lily. Do jeito como ela falava de forma pausada, mas com um quê de impaciência. Do jeito que…

— E você? — Aly me perguntou.

Merda, me distraí.

— Desculpa, o que você perguntou?

— Com o que você trabalha?

Pelo visto, aquele seria um longo encontro.

10. EVA

Quando cheguei ao escritório na quinta-feira, Frances estava na minha sala, no sofá com uma perna cruzada sobre a outra, uma xícara de chá nas mãos e um sorriso nos lábios. Eu conhecia a minha sócia bem o suficiente para saber que esse bom humor todo tinha a ver com alguma reviravolta positiva em um dos nossos casos.

— Eva, você já soube? — ela me perguntou.

— Soube o quê?

Coloquei a minha bolsa sobre o aparador de mogno, tirei o sobretudo que vestia e me servi de uma xícara de chá antes de me sentar à minha mesa, de frente para o sofá em que ela estava.

— Maxwell — ela disse.

— O que tem ele?

— Depois da audiência, a notícia da empresa fantasma dele vazou em algum jornal e chegou aos ouvidos do detetive Fuller, de Halifax.

— Vazou? — perguntei com ironia.

— Talvez Natalie tenha deixado escapar alguma coisa — Frances respondeu no mesmo tom.

Soltei uma risada, antes de instruir:

— Continue.

— Bom, esse detetive, por coincidência, está investigando um caso envolvendo inúmeras identidades falsas e lavagem de dinheiro por toda a província — Frances continuou. — Acontece que o perfil do Maxwell combinava com um dos membros da quadrilha e Fuller começou a investigar todas as empresas dele e, ao que parece, ele está envolvido até o pescoço.

Levei alguns segundos para absorver toda a história e camadas. Mas a verdade é que não me surpreendia, Maxwell era o típico mau caráter, com certeza seria inescrupuloso o suficiente para estar envolvido com quadrilha de falsificadores.

— Não me surpreende — comentei. — Pelo menos Natalie vai conseguir tirar a parte dela antes da queda. O juiz já decretou o valor e Maxwell tem até a próxima quarta-feira para depositar. Mas, de qualquer forma, ele não tem mais acesso à conta conjunta deles.

— Se esse caso for à júri, teremos que depor — Frances falou, soando um tanto feliz com a perspectiva.

— Acredito que sim — falei. — E o tal Fuller vai querer nos interrogar?

— Ah, sim, sim — ela exclamou, como se lembrasse de algo. — Ele fará uma videochamada conosco hoje às 11h30. Mas já enviei todas as provas que tínhamos do caso para ele.

Assenti com a cabeça.

Nós estávamos acostumadas a trabalhar com detetives. O detetive Fuller, no entanto, não revelou muito sobre o caso, já que era sigilo, e apenas colheu o nosso depoimento sobre a audiência e as provas.

***

Sábado, Lily acordou mais cedo que o normal, pelo menos para um fim de semana. Eu sabia que era por causa da aula de karatê.

Seria a terceira aula dela, e a cada nova aula, ela parecia mais animada que na anterior. Para ser justa, o exercício parecia estar fazendo bem para ela e, ao contrário do que eu havia imaginado, não era um esporte violento.

— Bom dia, meu amor — falei, assim que ela se sentou à mesa do café da manhã.

— Bom dia — ela disse, ainda meio sonolenta. — Posso comer cereal hoje?

Eu evitava deixar ela comer cereal todas as manhãs por causa da quantidade absurda de açúcar que continha. Geralmente, preparava um café da manhã completo para ela, com ovos, frutas e suco natural.

Mas era fim de semana.

— Hoje pode, mas tem que tomar o seu suco também.

Ela só balançou a cabeça em concordância e abriu um sorriso. Fazia tempo que ela não sorria para mim e senti um alívio no meu peito.

Eu sabia que alguma coisa ainda a incomodava, mas havia decidido não pressionar. Na última vez, ela havia fugido de casa e voltado com a Abby.

— Não esquece que você precisa fazer as suas tarefas agora de manhã porque de tarde você tem aulas de karatê.

— Eu não esqueci — ela disse enchendo uma cumbuca de leite antes de colocar o cereal. Até eu que não comia essas

coisas, sabia que deveria ser ao contrário, mas ela sempre fez assim. — Eu só tenho tarefa de matemática, mas é bem fácil!

Eu estava sentada na frente dela e bebia apenas uma xícara de café preto, porque já havia comido logo que levantei.

Era uma manhã agradável e parecia que o sol iria se manter o dia todo, o que era bom já que Abby preferia dar as aulas no jardim.

— Você acha fácil, porque você é inteligente — falei. — Mas faz com atenção assim mesmo, tá bem?

— Uhum — ela balbuciou de boca cheia. — Você acha que hoje a Abby vai ficar para tomar o chá?

Era evidente que Lily gostava de Abby e se eu fosse sentir ciúme ou inveja a cada menção à sua mãe biológica, eu iria ficar louca. Então havia prometido a mim mesma não me preocupar mais do que o necessário.

— Não sei, meu amor — respondi antes de tomar mais um gole do café. — Você quer que eu prepare um bolo de novo hoje? Posso fazer de limão e mirtilo, que é o seu preferido.

— Isso! — ela comemorou.

— Eu vou precisar ir ao mercado e na feira então, você vai querer ir comigo?

Ela assentiu com a cabeça, parecendo um pouco mais feliz, de repente. Me sentia contente também.

Lily adorava ir ao mercado e encher o carrinho de coisas para comer vendo filme ou lendo. Eu tentava ao máximo garantir que a dieta dela não fosse só a base de sacarose,

mesmo assim acabamos com o carrinho cheio de guloseimas.

Tinha dias para ser mais rígida e tinha dias para tentar restabelecer um pouco do laço materno.

Preparei o almoço enquanto ela fazia a lição de casa na sala e logo já estava na hora da sua aula de karatê.

11. ABBY

Era oficial, a minha vida havia sido reduzida a treinar para a minha luta e esperar pelo fim de semana e as aulas com a Lily.

O problema era que antes de Lily, eu simplesmente não sabia o quão desinteressante a minha vida era e eu estava bem com isso. Estava bem na minha ignorância.

Mas, agora, eu só conseguia pensar em como era patético todo esse vazio ao meu redor; e mais patético ainda era esperar que um sábado pudesse amenizar isso.

Enquanto dirigia rumo a Cape Breton refletia sobre essa reviravolta maluca que minha vida havia sofrido. Começando por essa viagem semanal que já começava a ganhar ares de rotina. Até a paisagem já começava a ficar familiar e eu nem achava mais tão longe.

Na verdade, eu estava começando a gostar bastante dessa parte. Mais da ida do que da volta, era verdade. Mas a estrada era bonita e o tempo que eu passava dirigindo trazia uma sensação aconchegante e familiar, era como uma nostalgia de algo que eu nunca nem havia vivido. Eu não tinha o hábito de dirigir pela província antes, mas agora percebia que tinha muitos lugares para conhecer e que eu simplesmente nem sabia que existiam. E quanto mais eu conhecia, mais eu queria conhecer.

Comecei a parar em cidades diferentes, às vezes para comer, outras só para abastecer, mas sempre em um lugar novo.

Já havia conhecido New Glasgow e Antigonish, e dessa vez desviei um pouco a rota para ver Inverness. Essa já na ilha de Cape Breton.

O mais longe que havia viajado na minha vida tinha sido até a província de New Brunswick, então não sabia se a minha opinião valia muita coisa, mas Cape Breton era o lugar mais bonito e idílico que eu já tinha visto.

Não que tivesse algo muito diferente do que em outros lugares, era apenas pastos e montanhas para todos os lados e muitas e muitas árvores. Ainda assim, tinha um ar meio mágico, como se tivesse cristalizado no tempo. Era como estar dentro de um daqueles globos de neve em que tudo parecia perfeito.

Cheguei em Baddeck logo depois do almoço e, como nas duas semanas anteriores, Lily já estava me esperando na varanda. Eva também estava lá e, dessa vez, parecia um pouco mais de bom humor do que nas últimas semanas.

Esperava que aquilo fosse um bom sinal e que esse bom humor se mantivesse. Até porque ela ficava ainda mais bonita de bom humor.

A aula foi exatamente como as duas anteriores: Eva assistiu apenas o começo, depois entrou na casa, possivelmente para preparar o lanche da Lily após a prática.

A aula já estava terminando e tive a ideia de fazer uma brincadeira para tentar conhecer melhor a Lily.

— Que tal a gente fazer um jogo para terminar? — perguntei depois que nos cumprimentamos ao fim da aula.

— Que jogo?

— Você tem uma bolinha?

Ela estreitou os olhos, mas assentiu, então correu até a varanda onde tinha um cesto de vime, tirou uma bolinha de tênis de dentro e a arremessou para mim, que peguei no ar.

Lily correu mais uma vez até mim.

— Beleza — eu disse, em tom de recreadora. — A brincadeira é parecida com aquela da meia, lembra? Que fizemos na primeira aula?

— Uhum — Lily respondeu enquanto fez que sim com a cabeça.

— Mas aqui o objetivo não é apenas acertar na bolinha, mas fazer ela bater naquela árvore ali — apontei para uma macieira a dois metros de nós. — Se você acertar, pode me perguntar o que você quiser. Se eu acertar, posso fazer o mesmo.

— Não é justo — ela disse, cruzando os braços. — Você é muito melhor que eu.

Tive que soltar uma risada da sua cara zangada, mas ela tinha razão. Eu era muito melhor do que ela.

— Está bem. Então eu fecho os olhos na minha vez, pode ser?

Ela me encarou desconfiada, mas aceitou.

— Você vai primeiro — falei.

Ela se preparou, respirou fundo e conseguiu pegar a bolinha em cheio, mas errou o alvo. A bolinha rolou até quase às margens do lago.

— Passou perto — eu disse. — É minha vez.

Eu já havia feito aquele exercício milhares de vezes, mas nunca de olhos fechados. O maior desafio naquele caso era calcular o tempo da bola no ar. A parte da mira era mais fácil.

Joguei ela a uma meia altura e imaginei o trajeto na minha mente, então desferi o soco. Senti meu punho acertando a bolinha bem no meio.

Comemorei enquanto Lily fez uma careta.

— Você gosta do seu amigo? — perguntei. — O Peter?

— Ué, é claro. Ele é meu amigo, você não gosta dos seus amigos?

— Quero dizer, se você gosta *gosta* dele… como namorado?

— Eca!

Ela fez uma careta como se aquilo jamais tivesse passado pela sua cabeça. Não me orgulho muito em admitir que fiquei aliviada. Ela era apenas uma criança.

Eu já estava desconfiada que não era ele o motivo de ela querer fazer karatê, afinal, ela estava treinando comigo e não na mesma turma que ele. Mas queria me certificar mesmo assim, talvez ela estivesse fazendo para ter algum assunto com ele. Nunca se sabe.

— Entendido — falei.

— Que pergunta estranha — ela disse, pegando a bolinha, que estava a alguns metros de nós.

Ela se posicionou, se concentrou e tentou mais uma vez.

— Legal! — ela exclamou quando a bolinha acertou a árvore de raspão.

Correu para pegar a bolinha e quando voltou, disparou:

— Você já foi presa?

— Que obsessão com esse assunto.

— Você tem que responder.

Soltei um suspiro.

— Já.

— Por quê?

— Essa é outra pergunta — falei, pegando a bolinha da sua mão.

Acho que a pergunta me deixou desconcentrada, porque, dessa vez, não calculei direito o trajeto da bola na minha cabeça e errei o tempo de acertá-la.

— Merda!

Lily, que já tinha pegado o jeito, acertou de novo.

— Por quê? — ela perguntou, sem rodeios.

Deixei a cabeça cair para trás, mas respondi mesmo assim:

— Por dirigir bêbada.

— Você matou alguém?

— O quê? Não! Eu freei a tempo, mas a velha quis fazer drama e se jogou sobre o capô e disse que eu a atropelei. Era a palavra dela contra a minha.

— Só isso? — Lily perguntou, parecendo decepcionada com a minha história.

— Você preferiria que eu tivesse cometido um homicídio? — perguntei, com uma risada.

— Só achei que seria por alguma coisa mais emocionante, tipo roubo de joias.

— Você assiste muita TV, nanica — disse, pegando a bolinha da mão dela. — É a minha vez.

Dessa vez, estava mais concentrada e consegui acertar; me virei para ela rapidamente.

— Por que você está brava com a sua mãe?

— Eu não tô — ela disse, defensiva.

— Ê, ê... não pode mentir nesse jogo.

Foi a vez de Lily soltar um suspiro, em seguida olhou para o chão.

Como percebi que tinha mais do que apenas uma birra nessa história, me sentei no gramado, incentivando-a a fazer o mesmo.

Cruzei as pernas e me inclinei na sua direção.

— Eu ouvi uma conversa dela no telefone — Lily começou. — Eu não tava tentando ouvir nem nada, mas a porta do escritório tava aberta e eu tava passando.

Eu apenas escutava; sabia que não era hora de fazer julgamentos. Lily parecia bem magoada, então deixei que ela continuasse.

— A mamãe é advogada, você sabe — ela disse. Eu sabia. — É advogada da família. Ela é, tipo, uma das melhores da província. Ganha quase todos os casos e sempre defende as mulheres...

Lily explicava com uma clareza surpreendente para uma criança de nove anos.

— Naquele dia, ela tava falando com uma cliente. Eu sabia quem era, porque eu tinha visto ela no escritório da mamãe e da tia Frances uma vez, e sabia que eles tavam brigando pela guarda do filho. No telefone, a mamãe disse para essa mulher que o advogado do marido tinha ligado para ela, dizendo que ele não ia aceitar a guarda compartilhada e queria a guarda total. Mas aí a mamãe disse que a mulher não precisaria se preocupar.

Lily fez uma pausa.

— Por que ela não precisaria se preocupar? — perguntei.

— Porque ele não era o pai biológico do menino e nenhum juiz iria dar a causa para ele... — ela hesitou antes de continuar. — Porque ele não era o pai de verdade.

Senti o meu coração se apertando no peito. Por ela e por mim.

— Lily — disse em um quase suspiro. — Ela provavelmente só disse isso para tentar tranquilizar a cliente...

— Mas é o que ela pensa! Se ele não era o pai de verdade do menino, ela também não é a minha mãe de verdade! — Lily exclamou em um quase choro. Eu conseguia sentir a mágoa nas suas palavras. — Por isso, fui atrás de você.

Naquele momento, eu só queria puxar ela para um abraço até que ela parasse de se sentir assim. Mas não era

adequado, nem era minha posição fazer isso.

Pelo menos, não ainda.

— Eu entendo, melhor do que você imagina, o que você tá sentindo — falei. — Mas você deveria falar com ela. Não acho que em algum momento ela tenha pensado isso sobre você, Lily. Embora seja muito compreensível ter te machucado.

— Eu não quero falar sobre isso com ela.

— Por quê?

— E se ela falar que é verdade? Que ela não é mesmo a minha mãe?

Aquela era uma conversa muito complexa para se ter com uma criança de nove anos. Especialmente uma criança que eu mesma tinha gerado.

Eu não sabia como agir.

Mas eu me compadecia. Me compadecia porque eu conhecia muito bem esse sentimento de saber que eu não era filha de verdade. Por isso — porque tinha vivido isso na pele — que sabia que no caso dela não era verdade. Ainda assim, podia entender o medo de Lily de confrontá-lo.

Antes que eu pudesse responder qualquer coisa, ouvimos uma gritaria vindo da casa. Era uma voz grave de homem e, embora eu não conseguisse distinguir o que era dito da distância que estávamos, sabia pelo tom que era uma briga.

— AAAH! — Ouvimos o grito da Eva seguido de algo se quebrando.

Lily arregalou os olhos para mim assustada, mas os meus reflexos foram mais rápidos do que os dela e consegui tapar

a sua boca antes de ela gritar pela mãe.

— Shhh — sussurrei, abraçando-a por trás ainda com a minha mão sobre a sua boca.

Ela virou a cabeça e me encarou em pânico, mas não desviei meu olhar do dela. Então, devagar, soltei sua boca. Ela entendeu que deveria ficar em silêncio.

Sussurrei mais uma vez:

— Fica atrás de mim.

Ela parecia assustada, mas obedeceu.

Caminhamos, pé por pé, do jardim até o deck, então, com cuidado para não fazer barulho, abri a porta da cozinha e entramos. O cheiro de algo assando podia ser sentido, mas ignorei e foquei no barulho que vinha da sala.

Da cozinha, eu consegui compreender melhor as palavras do homem que gritava.

— … por sua culpa, ela me tirou tudo!

— Ela tirou só a parte que era dela por direito — ouvi Eva falando, mas a sua voz estava trêmula, bem diferente da maneira firme que estava acostumada a ouvir.

Eu e Lily paramos na porta entre a cozinha e a sala, na diagonal do homem, que não podia nos ver. Eva estava de frente para ele e, atrás dela, uma mesa de apoio de vidro estava estilhaçada no chão. Pelo que eu pude entender, Eva tinha tentado se afastar do homem e bateu na mesa, que virou e quebrou.

— Que direito? — o homem gritava. — Eu achei aquela vadia no meio da rua! Era uma vagabunda qualquer. Agora ela ficou com metade de tudo que eu construí e, graças a

você, o que sobrou do meu patrimônio está sendo investigado!

O homem parecia descontrolado.

Eu já havia apartado muitas brigas na minha vida e conhecia quase todos os tipos de raiva. A mais perigosa era aquela em que uma das partes sentia que não tinha mais nada a perder. Que já tinha perdido tudo que era importante, que não tinha medo das consequências e que estava disposto a qualquer coisa para se sentir vingado.

E esse homem parecia estar nesse grupo.

— Isso não é minha culpa — Eva disse, tentando manter o controle da situação.

— Você acha que eu sou trouxa? — ele gritou, então levou a mão até a parte de trás da calça e sacou uma arma.

Merda!

Mais uma vez, me apressei em segurar Lily e tapar a sua boca antes que pudesse gritar.

Daquela distância, parecia que ele segurava um revólver calibre 38.

— Isso só aconteceu porque você se meteu em assuntos que não tinham nada a ver com o meu casamento! — ele continuou com o tom de voz alterado. — Sua desgraçada.

Ele chacoalhava a arma na cara dela. Eva estava com as mãos erguidas em rendição, mas eu podia ver ela tremendo mesmo da distância em que estava.

O homem continuava falando e a culpando por ter perdido tudo.

— E o que você quer que eu faça? — Eva perguntou ao homem.

Virei Lily para mim e olhei nos olhos dela.

— Não fala nada — sussurrei mais uma vez antes de soltar sua boca. Eu sabia que, pelo meu tom, ela não ousaria desobedecer. — Se ele nos ver, pode se assustar e atirar na sua mãe. — Lily assentiu com a cabeça. Continuei sussurrando. — Tá vendo meu celular ali? — Apontei para a bancada da cozinha. — Pega e liga para a polícia lá do jardim. Diz que tem um homem armado ameaçando a sua mãe e que eles devem vir o mais rápido possível. — Ela assentiu. — Se esconde lá e só entra de novo quando eu te chamar, está bem?

Lily balançou a cabeça de maneira obediente e fez o que eu mandei. Assim que ela saiu, respirei fundo e tirei o casaco do kimono para ter mais mobilidade, ficando apenas com a calça e uma regata que usava por baixo.

Percebi que o homem ainda falava e não perdi tempo.

— Ei! — chamei a atenção dele. Na mesma hora, a arma que estava apontada para Eva, se voltou para mim.

— Quem é você?

— Abby, e você? — perguntei, com as mãos erguidas e encarando os olhos dele.

— Abby, o que diabos você está fazendo? — Eva perguntou, assustada, mas eu ignorei.

— Eu sou o cara que vai meter uma bala nos seus miolos se você ficar de gracinha — ele disse.

Ele tremia dos pés à cabeça, mas não era de nervosismo e sim de adrenalina. Aquele cara podia puxar o gatilho a qualquer momento por puro impulso.

— Com essa grosseria toda, não me admira a sua esposa ter pedido o divórcio — falei, me aproximando ainda mais. — Nem ela ter conseguido tirar tudo de você.

— Cala a boca, sua vagabunda!

— Abby, pelo amor de Deus — Eva disse, em uma mistura de pânico e recriminação.

Mais uma vez, ignorei ela e falei apenas com o homem:

— Você prefere mesmo ir para a cadeia por atirar em uma mulher desarmada na sua própria casa do que recomeçar a sua vida?

— Se você não calar a boca, eu atiro em duas!

— Nesse caso, acho que você vai pegar perpétua, parceiro — falei, sem nunca desviar os meus olhos dos dele. — Porque se você tem alguma esperança em se safar, eu acho que aquela câmera ali — Apontei para o canto esquerdo do teto com uma das mãos que estava erguida — vai te entregar.

Eu sabia que não tinha câmera nenhuma, mas na hora que ele desviou o olhar de mim para o teto, pulei sobre o braço que segurava a arma. Por reflexo, ele puxou o gatilho, mas o alvo foi apenas o teto de gesso.

Junto com o tiro, Eva soltou um grito assustada.

Consegui arrancar a arma da mão dele, mas não poderia desmontar a arma sem soltar o homem, então achei melhor imobilizá-lo e deixar a arma jogada.

Segurei seu braço atrás do corpo e curvei para que caísse no chão. Me coloquei sobre ele, o mantendo imobilizado. Me estiquei e com o pé chutei a arma para longe dele.

Notei que Eva havia pisado no vidro da mesa espatifada e cortado o pé. Ela olhava a cena em choque.

— Me solta, sua vagabunda — o homem gritava entre outros xingamentos.

Fiz mais pressão sobre ele, garantindo que ele ficaria imobilizado.

— Lily! — gritei. — Lily, vem cá!

Ela correu até a sala e paralisou ao ver a cena e o tanto de sangue saindo do pé de Eva.

— Lily, ligou? — perguntei.

— El... eles tão vindo — ela disse, sem tirar os olhos da mãe.

— Não pisa no vidro — falei. — Pega um sapato aqui no hall — Apontei com a cabeça para a entrada da casa —, depois, leva a sua mãe para o quarto e se tranquem lá. Não importa o que vocês escutem, não saiam nem abram a porta a não ser para mim ou para a polícia, está bem?

— Hm...

— Lily! — exclamei, com autoridade. — Está bem?

— Oss!

Ela obedeceu. Começando pelo sapato, depois ajudando a sua mãe a subir as escadas. Apesar do rastro de sangue que Eva deixou, elas conseguiram chegar ao topo.

Já o homem sob mim parecia ter cedido e parado de lutar e de me xingar.

Essa era outra característica comum a quem tinha esse tipo de raiva. Quando ela passava, não sobrava nada. Só apatia.

Depois de poucos minutos, escutei as sirenes se aproximando da casa e soltei um suspiro aliviado. Quando a porta se abriu, dois policiais entraram armados.

Um deles era meio magricela e parecia recém-saído da academia de cadetes, o outro tinha açúcar de confeiteiro no queixo e nenhum dos dois parecia saber o que fazer. Eles ficaram meio minuto discutindo como iriam algemar o homem já que eu estava sobre ele.

Eu imaginava que numa cidade como aquela não acontecia muita coisa, mas fala sério!

— Me dá essa algema aqui — eu disse, e o magricela obedeceu.

Algemei o homem que voltou a me xingar, depois o coloquei de pé para que os policiais pudessem levá-lo. O cadete o levou até o carro, enquanto o outro ficou na casa para falar comigo:

— O que aconteceu? — ele me perguntou enquanto analisava a cena e a arma jogada no chão.

— Pelo que entendi, o cara não gostou da resolução do divórcio e veio tirar satisfação com a Eva.

— Nós vamos precisar do seu depoimento e o da srta. Ortega também — ele falou.

— Ela está abalada agora e com o pé ferido. Posso levar ela na delegacia mais tarde? Aí nós duas damos o depoimento.

Ele me encarou por um tempo.

— E você quem é? — A pergunta não era exatamente maliciosa, ainda assim, me deixou incomodada.

— Eu sou uma amiga da família — menti. — E instrutora de karatê da Lily.

— Ah! Eu pude notar que você tinha treinamento — ele disse. — Achei até que era policial.

Tive que me segurar para não soltar uma risada de tamanho absurdo.

— Não, não, apenas instrutora mesmo.

— Até que uma pessoa como você poderia ser útil por aqui.

— Não me parece uma cidade que acontece muita coisa — falei. — Quer dizer, tirando o incidente de hoje.

— Você se surpreenderia. Principalmente no verão, quando há muitos turistas — ele disse. — Mas tudo bem, como eu conheço bem a srta. Ortega, não vejo problema de vocês deporem amanhã, se preferirem. Aquele lá provavelmente vai passar a noite no xadrez de qualquer forma.

— Obrigada, oficial...

— Xerife — ele corrigiu e só então notei a estrela no seu peito. — Xerife Smith.

— Xerife Smith — repeti, cumprimentando-o com um aperto de mão.

— Desculpa, o seu nome...

— Ah, sim. Abby.

— Prazer, Abby.

Era a primeira vez que um policial parecia contente em me conhecer, o que era uma boa mudança, eu imaginava. Ainda assim, preferia manter distância deles.

— O sujeito já está na viatura, xerife — o cadete magricela falou, ao retornar para a casa. Então, com uma luva azul, pegou o revólver que estava no chão e colocou em um saco de evidências.

— Bom, eu vejo você e a sra. Ortega mais tarde ou amanhã, Abby — Smith falou, levando a mão ao chapéu em um cumprimento.

— Até — respondi, erguendo a mão, sem saber direito como agir.

Acompanhei os dois até a saída, então escutei o motor do carro sendo ligado.

Quando a viatura da polícia finalmente virou à direita no fim da rua e sumiu da minha visão, entrei mais uma vez na casa. Fechei a porta e subi para encontrar Lily e Eva.

Fui direto ao quarto de Eva que sabia ser o último do corredor.

Dei três batidas.

— Lily, sou eu, pode abrir. A polícia já levou ele.

Demorou apenas alguns segundos para eu ouvir o clique da porta sendo destrancada. Assim que a porta se abriu, ela se jogou na minha cintura me abraçando. A sua cabeça estava um pouco abaixo do meu peito e levei uma mão aos seus cabelos e a outra às suas costas, retribuindo o abraço.

Lancei um olhar para Eva, que me encarava com uma mistura de alívio, gratidão e dor. Notei que o seu pé ainda

estava sangrando e já havia formado uma mancha considerável na toalha branca que elas haviam colocado sobre a cama.

Quando Lily se afastou, levei a mão ao rosto dela e perguntei se estava bem. Ela fez que sim com a cabeça, então caminhei até a sua mãe.

Me sentei na beirada da cama para olhar os pés feridos.

— Eu acho que tem vidro aí ainda — disse, observando o ferimento.

— Abby — Eva me chamou. Desviei os olhos dos seus pés para o seu rosto. — Obrigada!

Ela me encarava com algo novo no olhar e se inclinou para levar uma das mãos ao meu braço.

— Não se preocupe — falei. — O pior já passou. Mas acho que a gente tem que te levar pro hospital. Isso tá com cara de que vai precisar de pontos.

— Eu disse pra ela! — Lily falou e pulou na cama para abraçar a mãe.

Pude ver na cara dela que qualquer resquício de mágoa e desconfiança que ela pudesse ter com a mãe, passou na hora que viu o homem com a arma apontada para ela.

— Eu sei, meu amor — Eva disse, abraçando Lily. — Mas tínhamos que esperar a polícia.

— Vamos, eu te levo no meu carro — eu ofereci.

— Lily, você pode pegar minha bolsa no escritório? — Eva falou.

Lily assentiu mais uma vez e saiu correndo até o primeiro andar.

Eva fez menção de se levantar.

— É melhor você não pisar no chão — falei. — Vai acabar piorando o corte.

Os dois pés estavam feridos. Um não estava tão feio, mas o outro parecia estar bastante cortado.

— Se eu não pisar no chão, como vou até o carro, srta. Sinclair? — ela perguntou com algo de irritação no seu tom, e senti vontade de rir. Me alegrava ver ela voltando ao seu normal.

— Primeiro, você me chamou de *Abby* faz, tipo, trinta segundos, não pode mais voltar atrás agora e, segundo…

Lancei um sorriso maroto antes de colocar uma mão sob a suas pernas e outra sob as costas para pegá-la no colo.

— O que diabos você pensa que está fazendo?

Ela era bem mais leve do que eu tinha imaginado. A verdade é que ela era bem pequena; era a sua personalidade que a fazia parecer maior.

— É o jeito mais rápido e fácil, então segura aí — falei para ela.

Eva me abraçou firme pelo pescoço, na certa por medo de cair.

— Vê se não me derruba — ela disse no seu tom autoritário habitual.

— Você não é a primeira mulher que eu carrego — comentei. — Não se preocupe.

— Quem me garante que você não vai me deixar cair de propósito?

Tive que soltar uma risada. Aquela mulher era mesmo uma figura.

— Você me pegou — eu disse. — Eu te salvei só para te jogar escada abaixo eu mesma. Tava pensando em acabar com a concorrência e pegar a Lily de volta pra mim.

Ela cravou os olhos em mim tão rapidamente e tão incrédula que eu não consegui manter a cara séria e soltei uma risada. Eva revirou os olhos, mas pude sentir ela relaxando no meu colo quando notou que era uma piada.

— Eu não achei engraçado — ela disse.

— É porque você não viu a sua cara — falei, enquanto descia a escada com ela no colo.

Apesar de Eva se esforçar para manter a cara séria, um sorriso escapou mesmo assim e ela deu um tapa no meu ombro em protesto.

Lily já nos esperava com a porta da frente aberta.

No resto do caminho até a garagem, eu podia sentir o olhar de Eva cravado em mim, como que me estudando. Ela estava a apenas centímetros do meu rosto e eu tinha que me concentrar para não me distrair com os olhos dela e acabar tropeçando e caindo com ela junto.

O cheiro do seu perfume era outro fator distrativo. Era um cheiro cítrico e delicioso, que combinava muito com ela. Eu estava tão acostumada com aquele cheiro horrível da academia do Shawn, que uma mulher cheirosa me deixava até desestabilizada.

Eu sentia o meu coração acelerado e torcia para que Eva não notasse apesar de estar grudada ao meu corpo.

Atravessei a porta da frente sem nenhum incidente e já caminhava em direção ao meu Chevy.

— Eu prefiro ir no meu carro — ela falou antes de eu ter a chance de abrir a porta.

— Você não pode dirigir com os dois pés assim, Eva — argumentei.

— Você pode dirigir, eu não me importo. Mas eu prefiro não arriscar pegar tétano nessa lata velha.

Deus, como essa mulher podia ser tão opiniosa mesmo no atual estado? Revirei os olhos, mas respondi:

— Como você quiser.

— Lily, meu amor — ela disse para a filha —, pega a chave na minha bolsa.

Lily obedeceu e abriu a porta do passageiro para eu colocar sua mãe sentada. Na hora que soltei Eva, nossos rostos ficaram a milímetros de distância e senti sua respiração no meu rosto e seus olhos cravados em mim.

Sentia uma sensação engraçada no estômago e a boca seca de repente.

Por que essa mulher tinha que ser tão cheirosa? E tão bonita?

— Obrigada — ela disse em um sussurro gentil.

Eu acho que preferia quando ela me tratava mal. Era mais fácil.

Engoli em seco antes de me afastar.

— De nada — falei, sem saber o que fazer com as mãos depois de soltá-la.

De repente, senti meus pés gelados e notei que ainda estava descalço, então voltei para pegar o meu All Star antes de entrar no lado do motorista.

Lily entrou no banco de trás e Eva me guiou até o hospital mais próximo e, provavelmente, o único da cidade.

12. EVA

No hospital, fui logo levada para uma sala de atendimento. Um enfermeiro limpou o meu ferimento enquanto o médico fez alguns exames e perguntas.

Apenas o meu pé direito precisou de sutura, então o médico me receitou alguns medicamentos para dor e para caso de infecção e, em menos de vinte minutos, já estava liberada.

— Isso é ridículo — falei para o enfermeiro. — Eu não preciso de uma cadeira de rodas.

— É procedimento padrão — ele respondeu com calma.

Revirei os olhos antes de me sentar na cadeira e me deixar ser levada até a recepção.

Assim que Lily me viu, saiu correndo na minha direção pelo corredor do hospital. Abri um sorriso com a cena. Pelo menos a minha filha parecia ter voltado a agir do jeito amoroso que eu conhecia havia nove anos.

— Você tá bem, mamãe? — ela perguntou.

Logo atrás dela, também vinha Abby com certa preocupação no olhar.

Ainda me parecia loucura o que ela havia feito, mas seria eternamente grata a ela por isso. Lancei um sorriso de agradecimento e senti as minhas bochechas corando um pouco com a lembrança dela me carregando até o carro.

Desviei os olhos dela para a minha filha.

— Estou sim, meu amor — respondi Lily. — Eles insistem em me carregar nessa coisa, mas eu poderia andar normalmente se me deixassem.

— É procedimento padrão — o enfermeiro falou com a mesma calma de antes para Lily e Abby.

— É melhor você não ficar abusando do seu pé machucado — Abby falou.

— Exatamente — o enfermeiro concordou com ela. — É importante que ela caminhe o mínimo possível nos próximos dias. Sempre use a muleta para não fazer muita pressão nos cortes e deixe os pés elevados sempre que possível.

— Pode deixar, doutor — Abby falou, apesar de o menino ser um enfermeiro e não médico. — Ela vai fazer tudo direitinho.

Abby lançou um sorriso meio debochado para mim, como se fosse um desafio. Me parecia que, de alguma forma, ela sabia que eu provavelmente não iria aguentar ficar em repouso por muito tempo.

— Ótimo — o enfermeiro falou. — Eu acompanho você até o carro.

— Não precisa — Abby se apressou em dizer. — Eu levo a cadeira.

— Como preferir.

O enfermeiro passou mais algumas recomendações para Abby e Lily e quando me dei conta, Abby estava

empurrando a minha cadeira de rodas e Lily caminhando ao meu lado.

— Isso é ridículo! — falei. — É só um arranhão.

— Ele disse que você levou cinco pontos, mamãe.

— Viu, até a Lily sabe que isso aí é sério, Eva.

— O que você quer dizer com “até a Lily sabe”? — Lily perguntou à Abby com um vinco na testa.

Tive que conter a minha risada com a cara dela.

— É que você só tem nove anos, nanica.

— E daí? Por isso eu tenho que ser ignorante?

— O quê? Eu tô concordando com vo... ah! Deixa pra lá. Você é bem filha da sua mãe mesmo, viu.

Lily apenas deu de ombros, mas senti uma sensação leve no peito ao ouvir Abby falar isso tão naturalmente. Eu já havia notado que ela falava sério quando dizia que não pretendia se meter na minha relação com a minha filha, mas era um alento ouvir essas palavras.

Ela parou a cadeira ao lado da porta do passageiro enquanto Lily abriu a porta para nós. Abby se inclinou e percebi que ela pretendia me pegar no colo mais uma vez.

Senti o meu coração acelerar, mas achei por bem impedir.

Já bastava a dificuldade que estava tendo para olhar para ela sem corar, não precisava de mais combustível para os meus pensamentos intrusivos.

— Nem pensar — exclamei. — Eu posso me sentar sozinha no carro.

Ela ergueu as mãos em rendição e esperou pacientemente enquanto eu entrava sozinha no carro.

Assim que terminei, ela caminhou até o outro lado do carro e se ajeitou no banco do motorista.

— Mas acho melhor você depor só amanhã — ela disse enquanto ligava o carro. — É melhor não forçar muito o pé.

— Eu prefiro depor hoje — respondi com sinceridade. — Vou dormir melhor se fizer isso logo.

— E a Lily? — Abby perguntou. — Delegacia não é lugar para criança.

— Finalmente alguma coisa com a qual concordamos — comentei. — Podemos deixar ela com Frances, a minha sócia. Ela mora duas ruas depois da nossa.

— Eu não sou mais criança, eu também quero ir — Lily resmungou do banco de trás.

— Primeiro, sim, você é uma criança — falei. — Segundo, talvez aquele homem ainda esteja lá e, terceiro, isso não é um passeio.

— Mas, mamãe...

— Isso não está aberto para discussão, Lilian!

— A sua mãe tá certa, nanica.

Ouvi a minha filha bufar no banco de trás e tenho certeza de que cruzou os braços. Abby soltou uma risadinha ao meu lado.

— Eu preferia quando vocês não se davam bem! — Lily resmungou.

Dessa vez, eu também ri, mas confesso que o comentário me pegou desprevenida.

Abby e eu estávamos nos dando bem agora?

***

Liguei para Frances explicando o que havia acontecido e que deixaríamos Lily ali antes de ir à delegacia.

Ela já nos esperava na varanda quando chegamos e caminhou até o carro, porque comentei que eu não deveria andar muito.

Lily e Abby saíram do carro e Frances apertou a mão de Abby, parecendo bastante interessada nela, de repente.

— Ouvi falar muito de você — Frances disse.

— Hm… é um prazer — Abby respondeu, meio sem jeito.

Frances sabia deixar as pessoas constrangidas com uma facilidade imensa. Tenho para mim que ela gostava disso.

Depois do cumprimento, Frances então se apoiou na janela do passageiro para falar comigo.

— Maxwell está na delegacia agora? — ela me perguntou.

— Acredito que sim.

— Ele deve pagar a fiança logo — ela comentou. — A Natalie que fez certo em se mandar, era bem capaz de ele ir atrás dela também.

— Você sabe para onde ela foi? — perguntei.

— Não, mas ela falou que iria sumir — Frances explicou. — Deve ter cruzado para os Estados Unidos.

Apenas assenti com a cabeça. Era o melhor que Natalie fazia mesmo.

— Bom, a gente precisa ir — comentei. — Antes que o xerife Smith vá embora.

— Eu vou ligar para o detetive Fuller e contar o que aconteceu. Acho que ele vai gostar de saber.

— Obrigada.

— É melhor a gente ir logo — Abby falou, entrando no carro. — Foi, hum, um prazer, Frances.

— Igualmente.

— Se comporta, nanica — Abby disse para Lily, que revirou os olhos.

Lily então caminhou até a minha janela e me deu um beijo no rosto.

— A gente já volta, meu amor — falei para ela. — Obrigada, Fran — acrescentei para a minha sócia.

***

Na delegacia, foi mais ou menos como eu estava esperando. Eles tomaram a nossa versão dos fatos e dei entrada em uma ordem de restrição contra o Maxwell.

Infelizmente, Frances tinha razão e ele já havia pagado a fiança.

— Isso é um absurdo! — Abby exclamou ao meu lado.

— A fiança foi paga logo depois que ele ligou para o seu advogado — Smith explicou, mas teve a decência de parecer chateado.

— O sistema é uma piada — Abby bufou.

Ela tinha razão. O sistema era mesmo uma piada.

— Ele está sendo investigado por fraude e participação em quadrilha, como pode simplesmente conseguir pagar a fiança e sair em liberdade — falei, mas não era uma pergunta, porque eu sabia a resposta. Era apenas para expressar a minha indignação.

— Infelizmente, essa investigação não é da nossa jurisdição — Smith falou. — Além disso, ele ainda não foi condenado, então não pode ser mantido aqui por conta disso.

— É, eu sei, eu sei — falei. — Peterson esteve aqui?

— Quem?

— O advogado dele — expliquei.

— Sim, veio trazer o cheque e esperou para levar Maxwell embora.

— Cretino.

— Se você quiser, podemos colocar alguns homens na frente da sua casa, Eva — Smith ofereceu. — Se você for se sentir mais segura.

Até um hamster vestido de policial me deixaria mais segura do que Smith e Matthews, ou qualquer um dos policiais dessa cidade, mas não queria ofendê-los, então apenas respondi:

— Tenho certeza de que Maxwell já está bem longe daqui a essa altura. Mas agradeço a oferta assim mesmo.

— Eu vou ficar com o celular de plantão da polícia — ele disse. — Qualquer coisa, pode me ligar direto nesse número.

— Então me entregou um cartão.

— Obrigada.

13. ABBY

Na volta, Eva estava quieta ao meu lado.

Eu não sabia o que ela pensava, mas achei que pudesse ser uma boa oportunidade para abordar o tema da Lily.

— Eu não sei se deveria ser eu a te falar isso, mas acho que depois de hoje a Lily talvez não vá te contar...

— Me contar o quê? — ela me interrompeu, parecendo um pouco ansiosa.

Acho que não foi a maneira mais sutil de introduzir o assunto, mas agora era tarde demais. Me ajeitei no banco do motorista. Meus olhos estavam focados na pista, mas sabia que Eva me encarava.

— Ela ouviu uma conversa sua...

— Que conversa?

— Uma sua com uma cliente — falei. — Ela, hum, ouviu você falando sobre um caso que envolvia a guarda de uma criança. Uma que o pai não era o pai biológico...

— Sei qual é o caso. — Ela continuava me cortando e eu sabia que era porque estava nervosa, então deixei ela falar. — Nós ganhamos. O cara era um babaca, agredia mãe e filho. Nenhum juiz em sã consciência teria dado ganho de causa para ele.

— Não sei se a Lily prestou atenção nessa parte, Eva.

— O que você quer dizer?

— Ela ouviu você falando que ele não era o pai de verdade da criança.

— E daí?

Apesar de estar dirigindo, me virei para ver se ela realmente não havia sido capaz de fazer aquela associação sozinha.

— E daí que ela ficou pensando que você acha que não é a mãe de verdade dela — falei e voltei a olhar para a estrada.

— O quê!?

— Ora, você pode culpá-la por pensar isso?

Eva parecia em choque e confusa com a conclusão da Lily. Ela não falou nada, mas eu podia notar sua mente trabalhando.

— Ela ouviu você falar que o homem não era pai de verdade do menino porque não era pai biológico — expliquei melhor. — E ela me disse que foi atrás de mim por isso. Inclusive, era só por esse motivo que ela estava tão fria com você. Ela estava com medo de que você não a considerasse sua filha de verdade.

— Mas...

— Eu sei que você provavelmente não pensou nem por um segundo que a sua ligação com ela não fosse verdadeira, mas ela escutou você falar isso de outra criança e tirou as próprias conclusões.

Eu senti o olhar de Eva em mim mais uma vez.

— Aquele sujeito queria apenas irritar a mulher e tirar tudo dela. Ele não queria a guarda por amor, era apenas mais um jogo psicológico, e quando falei aquilo me referia a ele não agir como pai, embora o tivesse adotado quando se casou com a minha cliente.

Eu tinha a impressão de que ela se justificava mais para ela mesma do que para mim.

— Talvez seja melhor você falar com a Lily.

— Por que ela te contou isso? — Eva perguntou com um vinco na testa.

— Porque eu perguntei — respondi, dando de ombros.

— Perguntou o quê?

— Perguntei por que ela estava te tratando mal.

Eva não falou mais nada, mas sentia seu olhar em mim de novo. Entendi que ela precisava de silêncio e não puxei mais nenhum assunto. Eu não tinha nenhuma experiência com relacionamentos entre mães e filhas, mas já tinha notado que não era nem um pouco simples ou fácil.

Quando chegamos à casa dela, estacionei e ofereci para ajudá-la.

— Não precisa. De verdade. Eu consigo andar normalmente com a muleta — ela disse, mas tinha um tom gentil, não autoritário. — Mas, Abby? Obrigada por me contar.

— Não foi nada — respondi, sem saber o que fazer com as mãos de repente. Era estranho ver ela falando assim mansinho comigo. — Eu só vou me despedir da Lily e já vou pra casa.

Já era perto das sete da noite e ainda teria três horas de estrada pela frente.

— Você pode dormir aqui se quiser — Eva falou enquanto usava as muletas para se erguer. — Já está tarde para voltar.

— Ah, não… não precisa.

Ela finalmente conseguiu se erguer, ficando em pé na minha frente, a centímetros de mim. De novo.

Como essa mulher era cheirosa, meu Deus!

— E se eu falar que eu e a Lily vamos nos sentir mais seguras?

Isso era um pedido de ajuda? Da Eva?

A mesma Eva que recusou a patrulha policial?

— Nesse caso, seria um prazer — respondi, sentindo as palmas das minhas mãos suando, por algum motivo.

Ela sorriu para mim.

Sim. *Sorriu*.

Impressionante como ela era ainda mais bonita sorrindo.

Me sentia sendo capturada por aquele sorriso e por aquela expressão gentil que era nova, mas que eu sabia que poderia me acostumar bem rápido.

— Ótimo, vamos pedir comida do… meu Deus! — ela exclamou de repente, como se se lembrasse de algo. — Esqueci que tinha um bolo no forno!

O comentário dela fez eu sair do meu transe e me lembrei de ter sentido o cheiro de algo assando quando entrei na

cozinha, no meio da confusão toda. Isso já fazia mais de três horas.

— Não tô sentindo cheiro de queimado — falei, já procurando algum sinal de incêndio e pronta para ligar para os bombeiros.

— O timer estava acionado e ele desliga o forno sozinho quando zera, mas o bolo deve estar completamente ressecado de ter ficado lá no calor todo esse tempo.

— Mas que diabo de comentário mais alarmista, mulher — comentei, levando a mão ao peito.

Eva soltou uma risadinha antes de começar a caminhar de forma lenta com o auxílio das muletas na direção da casa.

— Tudo bem, vamos pedir comida do Rebecca’s — ela falou. — É o melhor restaurante da cidade.

— Agora você tá falando a minha língua. — A segui devagar, preparada para segurar se ela caísse ou coisa assim. — Eu tô morrendo de fome!

Abri a porta da frente e esperei que ela atravessasse.

— Obrigada — Eva disse, entrando na casa. — Agora eu sei de quem a Lily puxou o apetite dela.

Eva foi direto para a cozinha, resgatar o bolo carbonizado. Apesar de tudo, ele tinha uma cara muito bonita. Só parecia um pouco seco.

— É uma pena — ela disse, jogando a assadeira sobre a pia. — É o preferido da Lily.

— Posso provar um pedaço mesmo assim? — perguntei.

Eva me olhou com uma cara engraçada, como se fosse um absurdo eu querer comer um bolo que não foi assado à perfeitos 180ºC por vinte minutos ou sei lá qual a receita.

Mas eu estava acostumada com a comida do Al, tinha certeza de que aquele bolo seco deveria ser melhor que qualquer coisa que ele preparasse.

— Vai em frente — ela disse.

Peguei um garfo que estava no escorredor de louça e tirei um pedaço. Estava realmente seco, mas tinha que admitir que estava gostoso.

Eva soltou uma risada quando percebeu que eu tinha gostado e já estava pegando mais um pedaço.

— Eu vou ligar para a Frances, avisando que a Lily pode vir.

— Você quer que eu vá buscá-la?

— Você não se incomodaria? — Eva me perguntou, parecendo apreensiva. — Ela sempre volta sozinha, porque é aqui pertinho, você viu. Mas hoje…

— Eu vou lá, não se preocupa — reafirmei. — Você precisa de ajuda com alguma coisa? Subir as escadas?

— Não, está tudo bem, já me acostumei com essa muleta.

— Está bem, então, vou ali — falei e dei uma última garfada no bolo antes de sair.

— Leva uma sombrinha — ouvi Eva gritar quando eu já estava quase na porta. — O tempo tá virando.

Vi uma sombrinha pendurada no cabideiro no hall de entrada e peguei por garantia.

Enquanto caminhava até a casa de Frances, senti uma sensação estranha de familiaridade. Era como se fosse algo rotineiro que eu estava fazendo, mesmo sendo a primeira vez que fazia.

Tinha algo naquela cidade pequena e pitoresca que me causava uma estranha sensação de aconchego.

Uma parte de mim, acostumada a desilusões, sentia receio de se deixar levar por essa sensação, já a outra parte só queria aproveitar enquanto podia.

Assim que cheguei, Frances tentou me sabatinar sobre o que tinha acontecido, mas disse apenas para ela ligar para Eva se quisesse mais detalhes. Eu não sabia o que Eva iria querer que Lily escutasse ou não, então achei melhor não arriscar. Porque se tinha uma coisa que eu já tinha percebido era que Lily estava *sempre* atenta.

Acho que Frances entendeu, inclusive a parte de que o cara estava solto e não pressionou por mais, apenas disse que ligaria para Eva. Então nos despedimos dela, e Lily e eu caminhamos lado a lado de volta para a casa.

Lily estava quieta. *Estranhamente* quieta. Nem reclamou de eu ter ido buscá-la, e eu desconfiava de que ela ainda estava abalada com o incidente e, no fundo, estava aliviada de não precisar andar sozinha.

— Tá tudo bem, nanica? — perguntei a ela.

Lily apenas assentiu com a cabeça, sem falar mais nada. Ela andava ao meu lado e senti certa vontade de segurar a mão dela pelo caminho, mas ela não tinha quatro anos e não precisava desse tipo de ajuda. Ainda assim, sentia vontade.

Estávamos virando a esquina da rua da Frances quando senti os primeiros pingos de chuva cair.

Não sou muito de acreditar nessas coisas, mas achei que era um sinal. Então abri a sombrinha e me virei para Lily.

— Vem cá.

Ela entendeu e pulou no meu colo sem nem hesitar. Acho que ela estava mesmo precisando de amparo e senti um aperto no coração com esse pensamento. Ela enlaçou as perninhas na minha cintura e os braços no meu pescoço, então deitou a cabeça no meu ombro. Naquele momento ela parecia bem mais novinha do que nove anos, e acho que se sentia assim.

Caminhei pela rua silenciosa com ela no colo. A chuva fez com que a brisa fresca que soprava antes parasse e o ar ficasse um pouco mais quente, com o cheiro da chuva subindo da calçada de pedra.

***

Assim que chegamos, Lily foi direto para o quarto de Eva e eu a segui.

— Frances, elas chegaram, eu preciso desligar — Eva falou ao telefone, sorrindo para Lily.

— Entregue, sã e salva! — anunciei, quando ela colocou o aparelho de lado.

Lily correu até a cama para abraçar Eva que estava sentada com os pés elevados sobre dois travesseiros.

— Deu tudo certo, mamãe? — Lily perguntou.

— Deu, meu amor — Eva respondeu, dando um beijo na testa de Lily. Como eu suspeitei, ela ocultou a parte de o sujeito estar solto. — Abby, se você quiser tomar banho ou

descansar antes do jantar, o quarto está pronto, pode ficar à vontade.

— Você vai dormir aqui? — Lily perguntou, se virando para mim.

— Vou.

— Legal — ela exclamou, então relaxou os ombrinhos.

Eva assentiu com a cabeça e me lançou um sorriso.

Um sorriso!

14. EVA

Abby retribuiu o meu sorriso antes de sair, deixando eu e Lily sozinhas.

Ela ainda estava abraçada em mim e levei a minha mão aos seus cabelos loiros para fazer um cafuné.

— Posso dormir aqui hoje, mamãe?

— Pode, meu amor.

— Deu tudo certo mesmo na delegacia?

Lily sempre foi boa em perceber o clima do ambiente e quando alguma coisa podia estar errada. Acho que a maioria das crianças são melhores nisso do que os adultos julgam.

— Deu, sim. Fiz uma ordem de restrição — expliquei. Ela sabia o que significava, ela já havia passado várias tardes no meu escritório me ouvindo falar com clientes e sempre me perguntava o que as coisas significavam. — Então ele não pode chegar perto da nossa casa nem da gente de novo.

Eu não gostava de omitir coisas dela, mas naquele caso, me parecia melhor não falar que ele já estava solto.

Ela assentiu com a cabeça.

— Lily — a chamei. — Abby me contou que vocês conversaram hoje mais cedo.

Ela me soltou na mesma hora e se sentou para olhar para mim. Tentava expressar no meu olhar e gestos que estava tudo bem, mas eu podia ver que ela parecia tensa.

— Por que você não me contou? — perguntei.

Ela ergueu os ombros e inclinou a cabeça. Levei a mão à bochecha dela e acariciei com o polegar.

— Eu sinto muito que você tenha ouvido aquilo — falei. — Na verdade, eu sinto muito que eu tenha *dito* aquilo. Mesmo que fosse para ganhar um caso, eu nunca deveria ter usado aquele argumento. Porque não era o motivo correto. O motivo correto era que ele não era um *bom* pai. Não que ele não era pai.

Ela continuava me olhando com aqueles olhos grandes cor de mel com esperança.

— Você é minha filha — continuei. — Mesmo quando a gente briga. Mesmo a Abby estando nessa casa e tendo dado à luz a você. Mesmo quando você está zangada comigo. Sempre. Você vai ser pra sempre a minha filha. Entendeu?

Ela assentiu vigorosamente com a cabeça e eu a puxei para um abraço.

— E nunca mais fuja de casa! — exclamei enquanto a abraçava.

— Desculpa, mamãe.

Dei um beijo no topo da sua cabeça antes de afastá-la um pouco para poder olhá-la nos olhos.

— Como você encontrou ela, falando nisso?

— Eu achei a pasta no seu escritório com todos os documentos da minha adoção. Tinha o nome dela em um deles.

— Mas como você descobriu o endereço?
— Eu procurei na internet todas as Abby Sinclair da província com a idade dela — ela explicava com certo entusiasmo. O que era fofo e preocupante em medidas iguais. — Aí achei o Instagram dela, achei ela parecida comigo e concluí que era ela. Ela tinha a localização ativada em uma foto que parecia ser em casa. Ela não deveria ter, você mesma me falou que é perigoso. Mas aí eu achei o prédio dela. Quando cheguei no prédio, bati na primeira porta, uma senhora atendeu e eu perguntei se ela sabia onde a Abby morava. Ela sabia e me deu o número do apartamento.

— Você é esperta demais para a sua idade — falei.

— Desculpa ter fugido sem avisar.

— Desculpa ter falado aquilo — respondi. — Mas eu espero que você saiba que deu sorte em a Abby ser uma boa pessoa. O que você fez foi muito perigoso!

— Eu sei. Me desculpa — Lily falou. — Mas se ela não tivesse aqui, quem teria batido naquele cara?

Ela tinha razão. Era graças à Abby que estávamos as duas em segurança agora.

— Ela realmente nos ajudou muito hoje — falei. — E temos que agradecer.

— Eu posso fazer um cartão para ela. A sra. Scott diz que um cartão é uma maneira bonita de agradecer uma pessoa.

— Dessa vez, eu vou ter que concordar com a sra. Scott.

— Eu sabia que a Abby ia te contar — Lily falou, de repente. — Ela sempre defendeu você.

— Me defendeu? Do que você tá falando?

— Ela sabia que eu tava zangada, mas falava para eu falar com você e brigava comigo por não te responder.

— É mesmo?

— Uhum. Era bem chato porque eu queria que ela ficasse do meu lado.

Soltei uma risada do seu tom. Eu sabia que ela não estava brava de verdade com Abby por isso.

A informação, no entanto, me pegou de surpresa. Eu estava preocupada que ela pudesse ser uma ameaça quando na verdade ela estava tentando ajudar a consertar a minha relação com Lily.

Não sabia direito o que pensar sobre isso, mas sentia que a minha lista de dívidas com ela estava aumentando rapidamente.

— Obrigada por me contar — falei para Lily que apenas assentiu. — Você tá com fome?

— Tô! A tia Frances fez um sanduíche pra mim, mas eu ainda tô com fome.

— Eu vou ver o que a Abby quer jantar e já vou pedir do Rebecca’s, tá bem?

— Eu quero lasanha!

— Eu sei — respondi, rindo, porque era o que ela sempre pedia. — Agora vai tomar um banho antes de a comida chegar.

Ela assentiu e se levantou. Eu fiz o mesmo, porém com muito mais dificuldade. Usar a muleta não era difícil, mas os meus pés doíam mesmo com a menor pressão.

Ainda assim, preferia poder andar pela casa do que ficar presa na minha cama. Só torcia para que os analgésicos fizessem efeito.

Fui até o quarto de hóspedes e notei que a porta estava aberta e Abby não estava lá, então resolvi descer.

15. ABBY

Saí do banho e encontrei pijamas na mesma gaveta em que havia encontrado na primeira noite. Era uma calça de flanela listrada em tons de rosa envelhecido e uma blusa regata branca.

Assim que me vesti, decidi descer para ver se alguém já estava lá embaixo. Não encontrei ninguém, mas vi que a mesa de vidro ainda estava espatifada no chão e pedaços do gesso também estavam espalhados abaixo de onde a bala havia acertado.

Não foi difícil achar a área de serviço, então peguei uma pá de lixo, luvas, produtos de limpeza e uma caixa de papelão para recolher os cacos e o gesso, depois varri o resto e descartei. O chão nem estava tão sujo de sangue e consegui limpar tudo bem rápido. Por sorte, não chegou a sujar o tapete que estava a apenas centímetros de onde a mesa quebrou.

— O que você está fazendo? — Ouvi a voz de Eva atrás de mim.

— Limpando.

— Você não precisa limpar nada. Eu mesma ia limpar isso.

— Com esse pé?

Ela caminhava de forma tão lenta, que uma tartaruga conseguiria fugir dela.

— Eu já disse que quase não dói — respondeu com aquele vinco na testa que já havia me acostumado. — Ou talvez eu fosse esperar a faxineira na segunda-feira.

— Você não ia deixar a Lily andar pela sala com esse tanto de caco de vidro.

— Não ia mesmo — ela exclamou, quando finalmente chegou até onde eu estava.

— Então! Assim a nanica não precisa ficar reclusa no segundo andar até segunda-feira.

Eva suspirou mais uma vez, mas cedeu:

— Obrigada.

— De nada.

Mas tenho que admitir que apesar de lenta, Eva até que caminhava de maneira firme com as muletas. Para ser honesta, ela até que estava mesmo se virando bem.

Ela se sentou no sofá ao lado de onde eu havia limpado e pegou o telefone sem fio. Ela também estava de pijamas, mas diferente do meu, o dela era um elegante pijama de seda preto com filetes brancos, composto de calça e camisa de botões.

— Eu vou pedir o jantar, o que você vai querer? — ela perguntou.

— Não sei. O que vocês geralmente pedem?

— A Lily sempre pede lasanha, mas eles têm vários pratos, como…

— Lasanha! — respondi rapidamente, cortando-a.

Eu não precisaria ouvir mais nada. Eu sempre iria escolher lasanha, se lasanha fosse uma opção. Além disso, Shawn não precisaria saber, afinal *o que os olhos não veem, o coração não sente*.

Eva abriu um sorriso de lado e ergueu uma das sobrancelhas.

— Lasanha — ela repetiu. — Bolonhesa?

— Perfeito.

— Vou pedir uma salada também, senão a Lily fica mal-acostumada — ela disse, então me olhou de cima a baixo. — E você também.

Ergui as mãos em rendição. Tudo bem, eu podia comer salada de vez em quando para dar o exemplo para a Lily.

Levei os produtos que usei para a limpeza de volta à área de serviço enquanto Eva ligava para o restaurante.

Quando voltei, ela ainda estava no sofá, com os dois pés sobre um pufe e já havia encerrado a ligação.

— Em uns trinta minutos, deve chegar — ela falou. — Eles não costumam demorar.

Assenti com a cabeça, de repente, sem saber direito o que fazer. Não sabia se eu deveria me sentar, se eu deveria deixar ela sozinha, se eu deveria puxar assunto.

Por sorte, ela mesma acabou com o meu impasse.

— Abby — ela me chamou. — Posso falar com você?

— Cl…claro.

— Sente-se — ela comandou de maneira um tanto formal, apontando para uma poltrona na diagonal do sofá.

Apesar de me sentir meio apreensiva, obedeci.

— Manda!

— Eu... é, eu queria me desculpar pela forma que tratei você nas últimas semanas — ela falou.

— Que forma?

Ela soltou uma risada, mas não tinha humor; era quase uma risada de nervoso.

— Eu sei que você notou que eu não estava exatamente feliz com esse acordo. Quero dizer, com você dando aulas de karatê para a Lily.

— Eu notei...

— E eu não me orgulho de admitir que estava tratando você com frieza propositalmente — Eva confessou. — Mas eu não sabia quais eram as suas intenções com essas aulas e, para ser sincera, acho que eu estava me sentindo um pouco ameaçada com a sua presença.

— Eu sei — respondi apenas.

— Só que hoje eu percebi que estava sendo injusta. Não apenas pela razão óbvia que foi você ter nos salvado daquele maluco, mas também pelo que você me falou no carro mais cedo. Eu conversei com a Lily agora e ela me contou tudo, inclusive que você já tinha dito mais de uma vez para ela falar comigo. Então, me desculpa. E obrigada!

Tinha uma suavidade no tom dela, uma vulnerabilidade que eu não tinha visto até então. Pelo menos, não direcionado a mim.

Eu podia notar que ela estava um tanto apreensiva, não que ela demonstrasse isso, é claro. Na verdade, ela parecia bem segura falando. Eu acreditava que era porque estava acostumada a passar segurança para suas clientes. Mas eu notava que ela não conseguia sustentar o meu olhar por muito tempo e não parava de mexer o pé esquerdo, mesmo ele estando ferido.

Eu imaginava que se colocar nessa posição vulnerável de admitir que se sentia ameaçada fosse algo difícil para ela, então ficava contente de ela me falar mesmo assim.

— Você não precisa nem se desculpar nem agradecer — falei.

— É claro que preciso. — Dessa vez o seu olhar encontrou o meu e não desviou.

— Não, não precisa — falei depois de um tempo. — Você estava certa em ter um pé atrás, você não tinha como adivinhar as minhas intenções nem o meu caráter.

Ela assentiu, ainda sem desviar o olhar. Então continuei:

— E eu queria que você soubesse que você é exatamente a mãe que eu torci para que a Lily encontrasse. Eu te devo muito por isso, mais do que você imagina. Eu passei muito tempo com medo de que ela tivesse tido o mesmo destino que eu, e ver como ela está hoje, feliz e com uma mãe que a ama, me trouxe uma paz que eu nem sabia que precisava.

— Eu sinto muito que você não tenha tido a mesma sorte — ela falou com aquele tom suave de novo.

Dei de ombros.

Não porque estava tudo bem, mas porque eu não queria que ela tivesse pena de mim.

Acho que ela notou que não queria falar sobre mim, nem sobre a minha história, então me perguntou:

— Você quer me acompanhar em uma taça de vinho?

— Você por um acaso tem cerveja?

— Tenho — ela respondeu com um sorriso meio engraçado, como se não fosse nenhuma surpresa eu querer cerveja em vez de vinho. — Lá na cozinha, na geladeira. Pode ficar à vontade.

— Você quer que eu sirva o vinho pra você? — perguntei, apontando para a adega no canto da sala.

Ela olhou para os seus pés, então para mim e respondeu:

— Se você não se importar. Pode ser esse Merlot que está em cima.

— É pra já — falei.

Abri e servi o vinho dela, então fui até a cozinha pegar uma longneck na geladeira. Tinha quatro cervejas, meio escondidas atrás de um monte de comida. Abri e dei um belo gole antes de me juntar a ela no sofá mais uma vez.

— Eu honestamente não consigo imaginar você tomando isso — falei erguendo a longneck de Budweiser que tinha na mão.

— Bom, pra ser sincera, talvez fosse interessante você ver a validade, porque nem lembro quando comprei. Mas acho que foi em uma noite que recebi uma cliente aqui e isso faz... — Ela parou para pensar — uns seis meses. Pelo menos.

Girei a garrafa na minha mão, procurando a validade.

— Cinco de abril — Li em voz alta. — Que dia é hoje?

— Trinta de março.

— Tá tranquilo — falei e tomei mais um gole.

— Fique à vontade para tomar todas antes que vençam.

— É um trabalho duro, mas alguém tem que fazer — brinquei.

— Prometo que vou ter cervejas não vencidas para você na próxima vez — ela falou, então tomou um gole do vinho.

Senti uma sensação engraçada de borboletas no estômago com o “na próxima vez”.

— Eu nem poderia estar bebendo — falei. — Na verdade, nem comendo lasanha. Mas ninguém precisa ficar sabendo.

— Por quê?

— Eu tenho uma luta no começo de junho e tenho que perder três quilos até lá para poder lutar na categoria — expliquei. — Eu comecei a treinar essa semana, mas meu treinador é meio carrasco, não me deixa fazer nada.

— Luta? De karatê?

— Boxe.

— Você luta boxe? — ela perguntou, parecendo surpresa.

Então me dei conta de que realmente não sabíamos nada uma da outra e senti certa urgência em consertar isso.

— Mais ou menos — expliquei. — Eu sou sparring, mas o meu chefe meio que me arrumou essa luta porque eu falei que estava precisando de grana. Fiquei sem escapatória.

— Me desculpa se eu parecer um pouco ignorante nesse assunto, mas se você não é lutadora, você acha que tem chance?

— Shawn acha que tenho… você já assistiu *Rocky*?

Ela me olhou com uma cara engraçada e inclinou a cabeça antes de soltar um “hã?”

— O filme *Rocky*, com o Stallone? Você já viu?

— Receio que não.

— Você deveria ver, é um filme incrível, é o meu filme preferido, mas enfim, isso não vem ao caso. O que eu quero dizer é que é mais ou menos como aconteceu com ele. Ele também teve a chance de lutar com o campeão, mesmo sendo meio desconhecido.

— Campeão? Você vai lutar com alguma campeã, por acaso?

— A campeã nacional de peso leve.

— Abby! — ela exclamou o meu nome. — Isso é perigoso?

Hesitei um pouco em responder e vi os olhos de Eva se arregalarem, como se estivesse preocupada. Senti uma sensação quente no peito por ela estar preocupada comigo.

— O perigo é o mesmo de qualquer luta — falei, tentando amenizar. — Tipo, de sofrer alguma lesão. Mas eu vou ficar bem.

Eu esperava, pelo menos.

— Onde vai ser a luta?

— Toronto.

— Nós podemos assistir? — ela perguntou. — Quero dizer, é um lugar seguro para uma criança?

Senti o meu coração acelerando com a proposta e a maneira casual que ela se convidou para ver a minha luta. Eu não havia nem ao menos cogitado convidá-las, porque me parecia algo impossível de acontecer.

— É sim. Não é uma coisa bonita de se ver, mas é seguro para crianças. É um esporte como qualquer outro — falei. — Eu… é, eu ia adorar que vocês assistissem.

— Eu não vou levar a Lily para ver você apanhar, não é?

— Espero que não.

— Acho que vou precisar assistir *Rocky* — Eva falou. — Para saber o que esperar.

— Espera para ver comigo — exclamei. — É o meu filme preferido. Na verdade, *Rocky II* é o meu preferido, mas eu gosto da franquia toda.

— Franquia? Quantos são?

— Seis do Rocky, mais três spin-off do Adonis Creed, filho do Apollo, mas esses eu não gosto muito.

— Santo Deus!

— Mas você pode ver só o primeiro e o segundo se quiser… Ah, e *Rocky Balboa*, que é o sexto.

— Só? — ela falou com certa ironia e não consegui conter o riso com a cara que ela fez.

— Você tem algum filme preferido? — perguntei, sentindo vontade de saber tudo a respeito dos gostos dela.

Seus olhos se viraram para o canto superior, como se buscasse essa informação na sua memória. Inconscientemente, ela girava a taça na sua mão, fazendo o vinho formar um redemoinho.

Eu não conseguia desviar os meus olhos daquela imagem.

— Creio que sim — ela falou depois de um tempo. — Eu gosto muito de *Tarde Demais para Esquecer*.

— Que filme é esse?

— É um filme sobre um casal que se conhece em um navio, mas os dois estão comprometidos. Então decidem que nos próximos seis meses irão dar um jeito nas suas vidas para poderem ficar juntos e concordam em se encontrarem no topo do Empire State Building no fim desse tempo, mas… — ela hesitou. — Acho que eu não deveria te dar spoiler.

— Espera, eu conheço essa história — falei, achando que essa trama me parecia familiar.

— É um filme de 1957 — ela explicou, tentando me ajudar a lembrar.

— *Sintonia de Amor*! — exclamei. — É o filme preferido da Meg Ryan em *Sintonia de Amor*. Ela também faz esse negócio de encontrar o Tom Hanks no topo do Empire State.

— É?

— A mulher não sofre um acidente e fica paraplégica nesse seu filme aí?

— Sim — ela fala em um suspiro, como se fosse o ápice do romantismo.

— Credo! E você gosta disso? — perguntei, fazendo uma careta.

— É um filme maravilhoso.

— Se você diz...

— Você não deveria julgar sem assistir primeiro — Eva se defendeu.

— Vamos fazer assim — falei, esticando a mão para ela — você assiste Rocky e eu assisto esse filme dramático aí.

Eva sorriu e me cumprimentou, selando o acordo.

— Mas eu vou assistir com você — Eva disse. — Para eu ter certeza de que você não só pesquisou o resumo na internet para me enganar.

Eu certamente não seria contra uma noite de cinema com Eva.

— Fechado.

— Eu tô com fome! — Escutamos a voz da Lily vindo da escada. Ela usava um pijama de coelhinho.

— Já deve estar chegando, meu amor — Eva falou.

E como se Eva tivesse invocado a presença do entregador, a campainha tocou.

Eva já estava fazendo menção a se levantar, quando a Lily gritou:

— Eu atendo!

Então saiu correndo até a porta.

Acho que Eva tinha razão em dizer que Lily havia puxado seu apetite de mim.

***

No jantar, Lily já parecia ter esquecido o acontecido de mais cedo e não parou de tagarelar nem por um segundo.

Pela primeira vez, vi um sorriso no rosto de Eva durar mais do que apenas um instante. E, também pela primeira vez, senti que não precisava sair fugida a qualquer segundo.

Era um pouco bizarro pensar que o acontecimento daquela tarde havia desencadeado uma reconciliação entre Eva e Lily e uma conciliação entre eu e Eva. Se não tivesse sido tão traumático, eu até agradeceria o tal do Maxwell.

Jantávamos na cozinha mesmo, ao som do Bras D'Or Lake batendo contra as pedras da margem e das histórias de Lily.

Por mais que eu quisesse desobedecer Shawn e comer aquela lasanha inteira, tentei levar parte da minha dieta a sério e comi mais salada do que lasanha.

Lily contava alguma coisa sobre a aula de artes da última semana quando peguei meu celular para ver as notificações. Havia mais de dez mensagens de uma tal de Karen e me dei conta de que tinha um encontro naquela noite, o qual eu havia esquecido completamente.

— Merda! — exclamei baixinho.

— Está tudo bem? — Eva perguntou, colocando a mão sobre o meu antebraço. Seu tom era amável e demonstrava preocupação.

— Hum… sim, sim. Esqueci que tinha um compromisso hoje, mas já estou desmarcando — falei enquanto digitava uma desculpa qualquer para Karen.

— Espero que não seja nada muito importante — ela disse com um meio sorriso e os olhos em mim.

Sinceramente, não conseguia pensar em *nada* que fosse muito importante naquele momento. Nada que me fizesse querer ir embora.

— Não se preocupe, não era nada demais.

— Nesse caso, que tal a sobremesa agora? — Eva ofereceu.

— Eu quero sorvete! — Lily respondeu rapidamente.

— E você, Abby? Temos torta de limão que sobrou de ontem e sorvete de chocolate e menta.

Lancei uma careta para Lily quando Eva mencionou a torta, arrancando uma risada dela, então respondi:

— Sorvete!

— Dois sorvetes e uma torta, então. Você me ajuda, querida? — Eva pediu à Lily.

16. EVA

Eu havia sentido muita falta de uma noite agradável como essa com a minha filha. Com ela contando coisas animadamente e parecendo feliz.

De alguma forma, a presença de Abby deixava esse momento ainda mais encantador. Eu podia entender por que Lily havia gostado dela de cara, ela era mesmo uma pessoa muito fácil de gostar e muito agradável de estar perto.

Lily serviu as sobremesas por causa do meu pé e convidei Abby para se sentar na antessala, de frente para o lago, onde geralmente comíamos a sobremesa.

Assim que nos serviu, Lily saiu correndo para a sua poltrona preferida, que era, de fato, a mais confortável e eu e Abby dividimos o sofá de frente para o lago.

— Meu amor, o que você acha de fazermos uma viagem para Toronto em junho? — perguntei para Lily.

— Por quê? — ela perguntou sem nem erguer os olhos do sorvete.

— Para assistir a uma competição que a Abby vai participar.

Nesse momento, seus olhinhos se ergueram do sorvete para mim então para Abby.

— Que competição?

— De boxe — Abby que respondeu, e deu uma colherada no seu sorvete. — Eu tenho uma luta e vocês podem assistir se quiserem.

— Eu acho que nunca vi uma luta de boxe — Lily respondeu.

— Não é tão legal como karatê — Abby falou.

— Então por que você vai lutar?

— Porque eu preciso do prêmio.

— E o que é o prêmio?

Quando Lily abria a porteira das perguntas, não acabavam tão cedo, mas Abby respondia tudo com paciência e de forma honesta, o que eu gostava.

— Cinquenta mil dólares.

— Uau! — exclamei junto com a minha filha.

Apesar de impressionada, me senti mal por perceber que ela só aceitou lutar com a *campeã* porque precisava de dinheiro. Me parecia injusto que ela tivesse que se submeter a algo assim bruto por dinheiro.

Mas eu sabia que não podia fazer nada. Não poderia simplesmente oferecer dinheiro a ela para que não lutasse. Seria incrivelmente ofensivo, embora essa ideia tivesse passado pela minha cabeça.

— Você acha que vai ganhar? — Lily perguntou com a boca toda suja de sorvete.

Me virei para Abby para ver seu rosto. Uma marca de expressão se formou na sua testa, mas só por uma fração de segundos antes de olhar de forma confiante para Lily.

— É pra isso que eu tô treinando.

Eu não entendia absolutamente nada de boxe, mas eu tinha a impressão de que ela poderia ganhar qualquer luta que se propusesse a participar. Depois do que ela havia feito mais cedo com o Maxwell, eu não tinha dúvidas de que ela tinha o que era preciso para vencer.

E se eu pudesse ajudar de alguma forma, ficaria feliz em fazer.

— Eu acho que você vai — Lily disse com confiança.

— Obrigada, nanica!

— Você já esteve em Toronto? — perguntei a Abby.

— Não, eu só fui até New Brunswick.

— Minha irmã morava lá e nós a visitávamos com certa frequência — contei. — Mas ela se mudou para a Califórnia há uns seis meses.

— Eu não sabia que você tinha uma irmã.

— Dois anos mais nova — expliquei. — Esse pijama que você tá usando é dela. O quarto de hóspedes é na verdade o quarto dela, porque não recebemos muitas outras visitas.

— A tia Laura é super legal — Lily comentou.

— Você diz isso só porque ela sempre te deixa comer todas as porcarias que você tem vontade — respondi, mas não consegui manter a cara séria.

— Eu acho que também ia gostar dela então — Abby respondeu.

— Mas você é mais legal, Abby — Lily disse, e me virei para Abby a tempo de ver um sorriso meio tímido surgir.

— Hm… Obrigada.

— A gente pode ver um filme? — Lily perguntou.

Eu conhecia a minha filha e sabia que ela estava assim agitada por conta dos acontecimentos do dia, mas que em cinco minutos essa energia acabaria e ela pegaria no sono onde quer que ela estivesse.

— Claro — Abby respondeu. — O que você tem em mente?

— Você já viu *Elementos*? — Lily perguntou à Abby.

— Não.

— Você precisa ver!

— Está bem, então.

Lily saiu correndo até a sala de TV para colocar o filme. Abby apenas soltou uma risada e ficou para me esperar, porque demorava bem mais do que o normal para caminhar com as muletas.

— Ela tá agitada hoje — justifiquei.

— Eu notei. Você precisa de ajuda?

— Não, tá tudo bem — respondi, caminhando a passos lentos. —Você não precisa ver o filme se não quiser. Imagino que você esteja cansada.

— Acho que vai ser divertido.

Nos primeiros quinze minutos, Lily contou a história inteira do filme para Abby e então pegou no sono no meu ombro.

— Acho que a bateria acabou — Abby comentou rindo.

— Já não era sem tempo — respondi, compartilhando a risada. — Acho que não precisamos mais ver esse filme, né? — falei, mas uma parte de mim gostaria de ficar mais um pouco.

— Agora que eu já tenho spoiler da história toda, perdeu a graça — Abby comentou, mas acho que só por educação. Ela não parecia ser do tipo que gostava muito de animações.

— Eu vou acordar ela para irmos dormir.

— Deixa que eu levo.

Lily não era pesada e eu mesma costumava levar ela até o quarto quando estava dormindo, mas não conseguia fazer isso com o meu pé machucado.

— Obrigada.

Abby pegou Lily no colo, que instintivamente a abraçou pelo pescoço, e a levou até o meu quarto. Eu as segui na velocidade que conseguia.

— Você pode colocar ela aqui — falei, assim que cheguei à minha cama, apontando para o lado que Lily costumava dormir quando dormia ali.

Abby a colocou com cuidado para não a acordar. De repente, um clima estranho tomou conta do ar, Abby não sabia exatamente o que fazer e eu também não.

— Hm… é, boa noite — ela disse meio sem jeito, levando a mão ao cabelo.

— Boa noite, Abby. — Ofereci um sorriso. — Se precisar de algo, pode me chamar.

Ela apenas assentiu antes de sair e fechar a porta.

***

Apesar dos acontecimentos do dia anterior, eu dormi melhor naquela noite do que nos últimos meses. Eu sabia que muito se devia à mudança de comportamento da minha filha e ao fato de termos conversado. Quando acordei, ela ocupava quase toda a extensão da cama, em uma posição que parecia uma estrela do mar, enquanto eu me encolhia no canto.

Lily sempre foi espaçosa e sempre se mexeu muito dormindo. Ainda assim, estava feliz de ela estar ali ao meu lado naquela manhã.

O meu relógio de cabeceira marcava que já passava das seis da manhã, então resolvi me levantar em vez de voltar a dormir.

Não me preocupei em não fazer barulho, porque sabia que Lily não acordaria nem se um raio atingisse a casa, então escovei os dentes, coloquei meu robe e saí do quarto.

Notei que o quarto de hóspedes estava com a porta aberta. A cama estava arrumada e não tinha nenhum sinal da Abby. Desci as escadas à procura da nossa hóspede, mas não a encontrei em lugar nenhum na casa.

Cheguei a pensar que ela pudesse ter ido embora, mas imaginei que ela não faria isso com a Lily. Quando cheguei à cozinha, notei que a porta do deck estava ligeiramente aberta e concluí que ela estivesse lá fora.

Com auxílio da muleta, caminhei até o deck e finalmente a encontrei. Abby estava apenas com uma calça de agasalho e um top esportivo e fazia flexões no chão de madeira.

Ela parecia concentrada e não notou a minha presença. Imaginei que fazia parte do seu treinamento para a tal luta.

A minha intenção era deixá-la sozinha, para que ela pudesse se concentrar e treinar em paz, mas, por algum motivo, eu não conseguia desviar os meus olhos dela.

Não que eu não soubesse que ela era forte, afinal ela havia me carregado no colo com uma facilidade imensa, mas a ver treinando era… interessante.

Podia ver a musculatura das suas costas movimentando com o exercício, e seu braço bem-definido. Apesar de estar relativamente fresco naquela manhã, uma fina camada de suor cobria todo o seu corpo, e eu senti a minha boca seca, de repente.

— Eva! — ela exclamou assim que completou a série e me viu.

— Bom dia, Abby.

— Eu não tinha te visto — ela disse, meio sem jeito. — Desculpa, foi o único lugar que eu achei para treinar, e depois da lasanha de ontem, iria me sentir muito culpada se pulasse o meu treino.

— Fique… fique à vontade.

— Eu já acabei — ela disse, se levantando e se alongando. — Já fiz a minha corrida mais cedo.

Tive que me esforçar para manter meus olhos no rosto dela.

— Você comeu alguma coisa antes disso?

— Não… não quis ser metida.

— Abby! — exclamei. — Até eu que não entendo nada do assunto sei que é perigoso treinar de barriga vazia.

— Tá tudo bem, não foi a primeira vez.

— Eu vou preparar o café da manhã, o que você deveria comer?

— Qualquer coisa com proteína e fibras tá bom.

— Está bem, vai tomar um banho e colocar uma roupa mais quente porque tá frio essa manhã.

— Você é sempre assim mandona? — Abby perguntou, mas tinha um sorriso brincalhão.

Tentei resistir, mas acabei sorrindo também.

— Só quando meus hóspedes agem igual a minha filha!

Ela soltou mais uma risada, mas cedeu:

— Tá bem, eu vou tomar banho.

Ela caminhou até mim, mas parou na minha frente a poucos centímetros. Fiquei sem entender o que ela pretendia, mas ainda me sentia estranha.

— Eu posso passar? — ela perguntou com bom humor.

Só então notei que estava obstruindo a passagem, parada no meio da porta.

— Ah! Claro.

Assim que ela saiu do meu campo de visão, soltei um suspiro, me sentindo um pouco irritada comigo mesma por essa cena. Então resolvi preparar o café da manhã.

Logo, Lily também acordou e as duas me fizeram companhia na cozinha. Tomamos o café da manhã juntas e, em seguida, apesar das tentativas de Lily, Abby insistiu que deveria ir embora.

Achei melhor deixar que ela fizesse como achasse melhor, mas confesso que também me senti ligeiramente desapontada.

17. LILY

Era duplamente chato que o fim de semana já tivesse acabado.

Chato porque ele tinha sido, tipo, o melhor fim de semana. Quer dizer, tirando aquele cara com a arma. Aquilo foi ruim. Mas depois que ele foi preso, foi, tipo, *o melhor fim de semana de todos*.

A Abby não ficou no domingo, ela disse que tinha que ir logo de manhã, mas sábado à noite foi super legal. A gente assistiu *Elementos* juntas e a mamãe me deixou comer pipoca com marshmallow e chocolate.

A Abby também comeu um pouco, mas a mamãe não quis. Ela disse que era uma bomba calórica e que fazia mal para os dentes. Mas eu sabia que se eu escovasse os dentes depois não teria problema.

Falando na mamãe, eu fiquei feliz de ela ter conversado comigo sobre aquele negócio da adoção. Eu tava com medo de falar com ela, então foi legal que a Abby tenha falado com ela por mim.

Enfim, foi o melhor fim de semana porque a Abby ficou com a gente e a mamãe também me deixou comer o que eu queria e dormir com ela.

Então era chato que ele tivesse acabado. Mas era ainda mais chato porque eu tenho aula.

Eu gostava de aprender, mas não gostava da escola. Na verdade, eu odiava a escola.

— Pegou seu almoço? — a mamãe me perguntou quando parou com o carro na frente da escola.

— Peguei.

— Eu te busco mais tarde — ela disse com um sorriso. Ela tava de bom humor. — Se cuida. Eu te amo.

Ela deu um beijo na minha testa.

— Eu também te amo — respondi e logo saí do carro com a minha mochila e lancheira.

— Lily — o Peter me chamou assim que me viu. — É verdade?

— O quê? — perguntei, caminhando até ele. Ainda faltavam cinco minutos para a primeira aula e a gente sempre esperava no parquinho, embaixo de uma árvore que tinha bem no meio.

— Que um serial killer invadiu a sua casa?

— Ele não era um serial killer — falei. — Eu acho…

Eu não sei direito o que ele era, só que ele não gostava da mamãe porque ela ganhou um caso e ele perdeu. Mas não sabia o que ele fazia, nem se era serial killer.

— É verdade que ele tinha uma arma? — Peter perguntou empolgado.

Ele era um dos meus melhores amigos. A gente se conhecia desde que a gente tinha uns três anos, eu acho. Talvez menos.

Ele, a Amber, a Bella e a Ash eram assim igual eu: nada popular. Por isso a gente se dava bem.

— Tinha, mas a Abby acabou com ele — falei. — Ela parecia uma ninja, foi super legal.

Eu não tinha visto ela lutando com ele, mas eu sabia que tinha sido super legal. Eu assisti *Karate Kid*, então imaginava como tinha sido.

— Nossa, que jaqueta descolada — ouvi a Jennifer falando para mim. — Você tem muito bom gosto, Lily.

Olhei para o Peter, tentando entender por que a Jennifer estava falando aquilo pra mim. Ela me odiava. Ela odiava todo mundo que não fosse as amigas dela.

Às vezes eu achava que ela odiava as amigas também, porque ela tratava as amigas muito mal.

— Obrigada? — respondi, sem saber se era o que deveria dizer.

— Primeiro de abril! — ela falou e soltou uma gargalhada. — Essa é a jaqueta mais feia que eu já vi.

Eu sabia que era bonita. Pelo menos, eu achava. E a mamãe também. E a mamãe tinha muito bom gosto.

A Jennifer só queria me encher o saco, então não respondi.

— Ouvi dizer que um maluco com uma arma entrou na sua casa — ela falou.

Ela era a menina mais popular da minha turma. E uma chata! O cabelo dela era igual o meu, mas ela falava que tinha o cabelo mais bonito da escola. Ela tava com os braços cruzados. Ela *sempre* tava com os braços cruzados.

E estava me encarando, esperando eu falar alguma coisa, mas como não era uma pergunta, não falei nada.

— Aposto que foi briga de gangue — ela falou. — A sua mãe é colombiana, não é? Meu pai diz que só tem traficante na Colômbia.

— Ela é venezuelana… e isso é mentira.

Eu vi *Encanto* várias vezes para saber que não tem só traficante na Colômbia. Não sei de onde o pai dela tirou isso.

Mas o pai dela também era um mentiroso. A mamãe sempre falava que ele não era uma boa pessoa e que ele se achava melhor que todo mundo.

— Qual a diferença? — ela perguntou fazendo a maior careta arrogante. Ela sempre fazia essa cara idiota.

— São dois países diferentes, sua burra!

— Grande coisa. Aposto que foi um traficante…

— Não foi um traficante! — respondi.

— Então deve ter sido um ex-namorado colombiano.

— Ele não era namorado dela — eu disse, brava. Não sei por que estava respondendo essa idiota, mas não conseguia ficar quieta.

A mamãe dizia pras clientes dela que, às vezes, a maior arma era o silêncio, mas eu não entendia direito o que ela queria dizer com isso. Mas achava que aquela não era uma dessas vezes.

— Fiquei sabendo também que uma mulher maluca atacou o traficante e que eles lutaram no meio da sala — Jennifer

falou. — A sua família conhece os amigos em algum circo de aberrações ou todos os colombianos são assim pouco civilizados?

— Cala a boca, sua idiota!

— Ou o quê? Vai me atacar igual aquela mulher macho?

Eu senti o meu rosto ficando quente e uma sensação muito ruim dentro de mim. Eu fechei a minha mão e me lembrei do que a Abby falou de deixar o dedão sempre pra fora.

A Jennifer fez de novo aquela careta idiota, daí eu apliquei um ZUKI bem na cara dela. Meu punho acertou ela no nariz e doeu pra caramba. Mas esperava que o nariz dela tivesse doído mais.

Quando percebi, ela estava pulando em cima de mim para me bater. Não era a primeira vez que ela me batia, mas eu não ia apanhar dessa vez, então empurrei ela e bati de volta.

— O que está acontecendo aqui? — a sra. Scott gritou.

Eu e a Jennifer paramos de brigar e nos levantamos no mesmo instante.

— Nada, sra. Scott — Jennifer falou.

— Ela tava falando um monte de mentiras da minha família — eu expliquei.

— Eu quero falar com as duas, imediatamente — a sra. Scott disse. — A sós.

Olhei para o Peter e vi que a Amber e a Bella tinham chegado também, mas eu não tinha notado elas ainda. Eles fizeram uma cara, tipo, de apoio para mim.

Como eu não tinha escolha, caminhei até a sala de aula, que ainda estava vazia.

A sra. Scott se sentou na mesa dela e eu e a Jennifer ficamos em pé de frente pra ela.

— Não é a primeira vez que eu vejo vocês duas brigando — ela disse. — O que está acontecendo?

— Ela que me bateu — Jennifer falou com a maior cara de sonsa que eu já vi.

— E você sempre me bate também! — respondi.

— Isso não é verdade — Jennifer falou.

— Claro que é, sua sonsa.

— Já chega — a sra. Scott disse. — Eu não vou chamar os pais de vocês hoje, porque estamos muito atarefados com os preparativos do recital de sexta, mas se eu ver vocês brigando de novo, eu não vou pensar duas vezes.

— Sim, senhora — eu e a Jennifer falamos juntas.

— Agora vão para os seus lugares, e esperem em silêncio o resto da turma.

Viu? Era por isso que eu não gostava da escola. Porque era um saco.

***

— Como foi a aula, meu amor? — mamãe me perguntou quando eu entrei no carro.

— Legal — menti, como sempre.

Eu não queria preocupar ela com essas coisas e eu sabia que não tinha nada que ela podia fazer.

— Que bom, você quer jantar no Rebecca’s hoje?

— Posso pedir lasanha?

— Você comeu lasanha no sábado, querida — ela disse enquanto dirigia. — Que tal uma coisa um pouco mais saudável?

— Hm, frango à milanesa?

— Só se tiver legumes de acompanhamento.

Franzi a testa. Eu não gostava muito de legumes, mas se eu comesse eles, tipo, junto com o frango à milanesa não ficava tão ruim.

— Pode ser — falei.

— Fechado.

A gente ficou em silêncio por um tempo. Quer dizer, *meio* em silêncio, porque a mamãe tava cantando junto com a música do carro.

Ela não fazia muito isso, então achei que ela ainda tava de bom humor.

— Mamãe — chamei ela. — Eu tava pensando. A gente podia convidar a Abby pro meu recital sexta?

Ela se virou para mim e achei que talvez fosse ficar zangada, mas ela sorriu.

— Pode, meu amor — ela falou. — Você quer que eu a convide?

— Quero.

— Eu não sei se ela vai poder, porque ela trabalha, você sabe — mamãe falou. — Mas eu vou tentar.

— Tá bom.

18. ABBY

Meu celular despertou às quatro e meia da manhã.

A minha única vontade era desligar e voltar a dormir, mas como eu não queria tomar uma surra na luta, era melhor eu continuar com o meu treinamento. Então desliguei o alarme e me levantei.

Tomei o meu pré-treino, coloquei uma calça de corrida, meu All Star, um casaco e saí. Me alonguei na escada do prédio mesmo e segui até a porta da frente.

Devia estar uns 6ºC, então comecei a minha corrida para me aquecer logo. Corri na direção sul e não demorou nada para a ladeira da Citadel se erguer na minha frente.

Eu estava mais do que acostumada a esse caminho, mas nunca o fazia correndo e quanto mais a ladeira se inclinava, mais o meu pulmão ardia e sentia o ar faltando.

Eu sabia que tinha que continuar, sabia que a falta de ar era só mais uma prova de que eu não estava com o condicionamento necessário para uma luta de oito rounds.

Deixei *Gonna Fly Now* tocando no *repeat* no meu fone para tentar me inspirar a continuar. Ajudava um pouco, mas ainda cogitava desistir da luta e assaltar um banco para conseguir o dinheiro.

Diminuí um pouco a velocidade para conseguir seguir sem precisar parar. Da Citadel, peguei a Prince st. em direção ao

waterfront para poder recuperar o meu fôlego ladeira abaixo. O ar gelado entrava rasgando na minha garganta e pulmões, mas ainda assim consegui recuperar o ritmo e seguir.

Da esquina da Argyle com a Prince, consegui ver que a igreja *Saint Paul's* estava aberta. Era a única coisa aberta naquele horário e fiquei me perguntando quem frequentava a igreja de madrugada, mas suponho que faça sentido a casa de Deus estar aberta o tempo todo. Fiz o sinal da cruz na hora que passei na frente da igreja. Àquela altura, eu já estava apelando para toda ajuda que eu conseguisse.

Segui em direção ao deck do *waterfront*.

Apesar de o meu corpo já estar aquecido, a iluminação da cidade estava encoberta por uma neblina pesada, tornando o ambiente muito pouco convidativo para aquele tipo de exercício.

Chegando no deck, segui à direita ainda na direção sul. Além de mim, as outras únicas almas vivas que eu avistava eram os pescadores atracando os barcos e levando os pescados do dia para o mercado público, que pela hora, já deveria estar abrindo.

Como já era quase cinco e meia da manhã, decidi voltar, senão não chegaria a tempo para o treino com o Shawn, que começava oficialmente às seis horas.

***

— Deixa de ser molenga, Sinclair — Shawn dizia enquanto eu começava as flexões que ele havia pedido. — No meu tempo a gente fazia com um braço só.

Eu sabia que isso era uma ordem, então afastei uma perna da outra, formando um triângulo com o meu corpo para ter

equilíbrio e coloquei o braço direito atrás das costas, para fazer o movimento com apenas uma mão.

Eu já sentia o meu braço queimando e querendo falhar e não tinha chegado nem na metade da série ainda.

— Vamos! — ele gritava. — Você quer sair de maca do ringue?

— Pega leve — falei, tentando me erguer pela vigésima vez.

— Pegar leve? Você acha que isso é aula de balé?

— Você claramente nunca tentou fazer balé — falei, deixando o meu corpo cair no chão, desistindo de continuar.

— Ainda faltavam quinze! — ele falou.

— Não dava mais.

— O outro braço agora — ele mandou, me cutucando com o pé.

Me arrependi de ter começado com o meu braço bom, porque se eu não consegui completar a série com ele, o direito seria pior ainda. Mas, com muito esforço, consegui a mesma quantidade que com o braço esquerdo.

Shawn era duro e exigente, mas eu sabia que se ele não fosse, eu corria um sério risco de me machucar nessa luta. Então eu deixava ele gritar o quanto achasse necessário e tentava obedecer o máximo possível.

Não era tão difícil ter motivação para treinar quando a outra opção era acabar nocauteada na lona do ringue.

Eu sabia que o meu maior desafio seria ganhar força. Shawn tinha razão sobre Crystal, a campeã, ser lenta. Ela era mesmo, mas em contrapartida era muito forte e tinha

vencido 14 das 15 lutas que teve por nocaute nos três primeiros rounds.

A minha única chance era melhorando a força do meu soco e me esquivando dos socos dela.

— Você é rápida, mas precisa ter mais ritmo e consciência corporal — ele disse enquanto eu tentava acertar o ritmo dos meus passos com os pés amarrados um ao outro por um barbante.

O objetivo era eu não arrebentar o barbante e manter a consciência dos meus pés durante todo o tempo em que circulava o saco de areia treinando os socos. Só assim eu conseguiria me esquivar e atacar no tempo certo sem me expor muito.

Eu não falava nada, apenas me concentrava na tarefa que executava, que era bem mais difícil do que parecia. Soltei uma bufada na hora que senti a droga do barbante arrebentando pela terceira vez.

— Merda!

— Se concentra, Sinclair!

— Merda! — exclamei de novo e dei um soco de raiva no saco de areia.

— De novo! — ele ordenou, jogando mais um pedaço de barbante na minha direção. — E se você não quiser, vou te fazer correr atrás de galinhas para melhorar esse movimento de pernas.

Apesar da minha raiva e frustração, soltei uma risada.

— Foco — ele disse, mais calmo. — Você tá melhorando.

Assenti e amarrei o barbante pela quarta vez nos meus tornozelos.

Os meus treinos iam até às sete e meia, quando parávamos para poder abrir a academia a tempo. Assim que acabou, Shawn me pesou de novo.

— Sessenta e dois, setecentos e dez — ele disse. — Você vai chegar. Continua correndo todas as manhãs e seguindo a sua dieta.

Assenti e fui direto para o vestiário tomar um banho gelado antes do expediente.

Quando terminei de me vestir, chequei o meu celular e vi que tinha uma mensagem da Eva.

Não consegui evitar o sorriso que se formou antes de eu abrir a notificação.

Eva: Parece que te apelidaram de “Rambo loira” por aqui.

Abby: como é?

Eva: Um dos advogados aqui na audiência disse que ouviu que Maxwell me ameaçou, mas uma loira metida a Rambo apareceu para salvar o dia.

Abby: pelo visto a minha vida se tornou a filmografia do Sly

Eva: quem?

Abby: Stallone, tipo, treinando como o Rocky, sendo chamada de Rambo…

Eva: Ah! Entendi. Bom, eu não assisti ao Rambo, mas, pessoalmente, acho que você está mais para o Kevin Costner em O Guarda-Costas.

É claro que Eva teria assistido a esse filme horroroso e não ao Rambo.

Abby: é pq eu te carreguei no colo né?

Eva: Eu tinha esquecido dessa parte.

Abby: sei!

Eva: Aposto que foi o xerife Smith que te apelidou assim.

Antes que eu pudesse responder, Eva mandou mais uma mensagem.

Eva: Mas eu entrei em contato por conta de outro assunto.

Abby: que formal…

Eva: Gostaria de saber se você está disponível sexta à tarde, para assistir ao recital da Lily no colégio.

Eva estava me convidando para assistir a uma apresentação da Lily? Tipo, como convidada?

Ela enviou outra mensagem antes que eu tivesse tempo de elaborar qualquer resposta.

Eva: Ela gostaria muito que você fosse e me pediu para te convidar. Mas é claro que você não precisa se sentir na obrigação de vir por isso.

Abby: eu trabalho

Foi tudo que eu consegui escrever.

— Shawn! — chamei quando ele passou na frente da porta do vestiário.

— Que?

— Você acha que eu consigo folga na sexta?

Ele estreitou os olhos.

Eu nunca havia pedido folga, nunca tinha faltado e nunca tinha reclamado de ficar depois do horário. Era verdade que eu sempre me atrasava, mas fora isso, era uma funcionária exemplar.

— É uma parada pessoal — expliquei, mais ou menos.

— Você não tem vida pessoal — ele disse. — É o que você sempre me diz, pelo menos.

Ele tinha razão, eu sempre dizia aquilo mesmo.

— Qual é, Shawn? Eu nunca te pedi nada.

— Tá, tá. Eu me viro sem você. Mas vê se não se folga.

— Pode deixar.

— E é só do trabalho — ele falou. — O treino você vai vir de qualquer jeito.

— Sim, senhor — falei, batendo continência.

Ele apenas revirou os olhos antes de seguir. Soltei uma risada.

O treino era só até às sete e meia mesmo, poderia sair depois do treino sem problemas.

Quando peguei o celular para responder a Eva, já tinha mais duas mensagens dela.

Eva: Que pena. Lily gostaria muito que você viesse.

Eva: E eu também!

O que ela queria dizer com “eu também!”. E o que aquele ponto de exclamação significava?

Abby: eu falei com o meu chefe

Abby: ele me deu folga

Eva: Perfeito. Vou te enviar o convite com os detalhes.

Eva enviou uma foto.

Eva: Você pode vir para ficar. Assim, sábado vocês podem ter a aula de manhã se preferirem.

Era impressão minha ou estava virando um hábito eu dormir lá?

— Ei, Abby, tá dormindo aí? — Clay me chamou da porta do vestiário. Ergui a cabeça do meu celular para ele. — A Rosário já chegou e tá te esperando.

Rosário era uma das poucas alunas de kickboxing que eu tinha que não era lutadora profissional. Só praticava como exercício.

— Tô indo — falei, mas sentia o sorriso ainda no meu rosto.

Clay ficou me encarando enquanto caminhava até ele.

— Que bom humor é esse? — ele perguntou.

— Não posso tá feliz?

— Eu achei que o Shawn ia te torturar nesse treino, mas pelo visto ele tá pegando leve demais. Desse jeito, a Crystal vai acabar com você em dois segundos.

Revirei os olhos antes de responder:

— Obrigada pela confiança.

— Só tô falando — Ele ergueu os ombros. — Era pra você tá miserável depois do treino.

— Se te conforta, essa conversa tá me deixando miserável — falei enquanto caminhávamos lado a lado até onde Rosário estava.

— Tá, tá, não falo mais nada. Eu só não quero ver ela te desmontar em rede nacional.

— Se você quer tanto saber, o meu bom humor não tem nada a ver com o Shawn, e o treino me deixa miserável o suficiente para eu ter alguma chance contra a Crystal.

— Ah, por que você não falou logo que tinha a ver com mulher?

— Eu não disse isso.

Clay apenas riu e balançou a cabeça.

Tinha a ver com mulher porque Eva, por acaso, era uma mulher, mas não tinha a ver com mulher *mulher*. Tipo, não tinha nada a ver com o que ele estava pensando.

Tinha?

— E aí Rosário — cumprimentei a minha aluna, encerrando o assunto com Clay. Ele seguiu até o lutador que ele era sparring ainda rindo da minha cara. — Pronta?

— Pronta.

19. EVA

— Você está de bom humor hoje — Frances comentou enquanto servia a sua xícara com água fervente para fazer um chá.

— Eu?

Ela me encarou e soltou uma risada com certo tom de deboche, depois adicionou o sachê de chá à xícara antes de me perguntar:

— E tem mais alguém aqui?

— Você anda muito interessada no meu humor, Frances.

— O seu humor anda ligeiramente mais volátil nas últimas semanas.

Não falei nada, apenas continuei a ler um e-mail no meu computador. Sinceramente, não sabia nem do que ela falava. Eu estava apenas trabalhando como sempre. Como ela poderia medir o meu humor baseado na forma com a qual eu lia um e-mail profissional?

— Deixa eu adivinhar — ela disse —, o seu sorriso bobo de hoje tem a ver com a mesma coisa que tem afetado o seu humor no último mês inteiro.

— E o que viria a ser isso? — perguntei, mas me arrependi na mesma hora que vi a cara dela.

Frances tinha uma das sobrancelhas erguidas e o mesmo sorriso debochado nos lábios.

— Uma certa loira metida a Rambo.

— Que absurdo — exclamei.

— Está tudo bem você estar de bom humor, Eva — ela disse, bebericando o seu chá quente. — Inclusive, fico muito contente de te ver assim. Só estou comentando o motivo.

— Eu estou de bom humor, mas não tem nada a ver com a Abby. Quer dizer, tem, mas não do jeito que você está insinuando.

— Eu não estou insinuando nada. Eu não sou mulher de fazer insinuações — ela argumentou, então juntou as sobrancelhas, pensando. — Pelo menos não sem um júri e juiz envolvidos.

Soltei uma risada, porque Frances havia ganhado mais casos na base das insinuações do que eu poderia contar. Ela era realmente muito boa nisso.

Mas ela estava errada em relação a Abby.

Eu gostava de Abby, era claro, afinal eu praticamente devia a minha vida a ela. A minha e da Lily. Era apenas isso.

Bom, não *apenas* isso. Quero dizer, ela era divertida e agradável de conversar e, tinha o fato de Lily gostar muito dela e querer conhecê-la melhor.

Mas era isso.

Não sabia exatamente de onde vinha esse comentário de Frances, mas desconfiava que tinha a ver com Abby ter dormido lá em casa, coisa que me arrependi de ter contado a ela.

Mas e daí?

Eu tinha um quarto de hóspedes justamente para poder receber hóspedes. E era isso que Abby era: uma hóspede.

E talvez uma amiga. *Talvez*.

Fazia muito tempo que eu não tinha encontros e eu certamente não era nenhuma especialista no assunto, mas tinha certeza de que a maioria deles não envolvia uma criança de nove anos no meio.

Afinal, todas as minhas interações com Abby haviam acontecido por causa de Lily. Sem ela, não teríamos nada em comum.

Teríamos?

— Eu estou vendo fumaça saindo da sua cabeça, querida — Frances comentou.

Acho que esqueci de responder ela.

— Abby é apenas uma amiga da família — falei.

Meu celular apitou mais uma vez. Era uma notificação de Abby.

Abri para ler.

Abby: esse negocio é tipo formal? eu preciso ir de gala ou coisa assim? :|

Eva: hahaha pode ir como você quiser, só nada muito decotado ou curto.

— Diz isso para a sua cara — Ouvi Frances falar.

— Hã?

Olhei para ela atrás de alguma pista do que ela estava falando.

— Diz para a sua cara boba que a Abby é só uma *amiga da família*.

Senti as minhas bochechas esquentarem um pouco.

Frances sacudiu a cabeça antes de falar.

— Eu vou trabalhar, porque pelo visto metade desse escritório vai estar distraído hoje.

— Eu nunca me distraio do trabalho — falei, me sentindo ofendida com a acusação.

Ouvi mais uma notificação vindo do meu celular.

Abby: calça jeans e paletó tá tipo ok?

Eva: Perfeito.

— Estou vendo — Frances falou, mas não dei bola porque o meu celular apitou de novo.

Abby: e All Star?

Eva: Abby, relaxa! É um recital em uma escola primária. Não é um espetáculo na Broadway.

Abby: é que eu nunca fui convidada pra uma coisa dessas antes

Eva: O importante é a sua presença ;)

***

O dia passou mais rápido do que eu previ e quase não tive tempo de acabar tudo que tinha para fazer.

Mas às cinco da tarde, tive que sair para buscar a Lily na escola, então o que eu não havia conseguido resolver, teve que ficar para o dia seguinte.

Como sempre fazíamos às terças, Lily e eu fomos à feira do produtor local no centro da cidade.

Essa feira existia há quase cinquenta anos e era realizada todas às terças e sábados, da primavera ao outono.

Lily gostava muito de coisas doces e uma das estratégias que encontrei para fazê-la comer mais frutas foi recorrer a essas receitas de “sorvete” com frutas congeladas batidas com mel e iogurte natural no processador.

Para a minha sorte, ela gostava bastante, então todas as terças escolhíamos as frutas que iríamos transformar em sorvete. Além disso, é claro, eu fazia a feira da semana.

Estacionei o carro na frente do parque central da cidade, porque era mais fácil de achar vaga. A cidade podia ser pequena, mas a feira era muito popular o dia todo.

— Eu falei com a Abby hoje — comentei enquanto caminhávamos por dentro do parque em direção à feira.

O meu pé ainda doía, mas eu não precisava mais das muletas. De qualquer forma, ainda não conseguia usar salto, então usava um mocassim com palmilha acolchoada, que suavizava o impacto.

— Ela vai vir?

— Vai. Ela conseguiu folga do trabalho — expliquei. — Convidei ela para ficar lá em casa de novo, então vocês vão poder ter a aula sábado de manhã se preferirem.

— Eba! — Lily comemorou. — A gente pode levar ela no Rebecca’s depois do recital?

— Se você quiser, podemos.

— Você acha que ela gosta de sorvete de fruta, mamãe?

Pelo pouco que eu conhecia da Abby, ela parecia gostar de qualquer coisa colorida e doce.

— Acho que sim — falei quando entramos na feira.

Mesmo sendo o fim da tarde, ainda tinham muitas frutas e legumes frescos expostos, e fomos direto para a tenda do Louis, um dos produtores locais que gostávamos de comprar.

— Podemos fazer o sorvete para ela também então — Lily falou. — Qual fruta você acha que ela vai gostar mais?

— Podemos escolher uns dois sabores, o que você acha? Boa tarde, Louis — o cumprimentei assim que o vi.

— Boa tarde, Eva. Lily — ele nos cumprimentou com um sorriso.

— Qual a sua fruta preferida, Louis? — Lily perguntou.

— Acho que amora preta e mirtilo.

— As amoras estão lindas, falando nisso — comentei, pegando uma e provando.

— E a sua, Lily? — ele perguntou.

— Morango.

— Os morangos estão no ponto hoje — Louis falou, apontando para as frutas.

— Podemos fazer um sorvete de morango, amoras pretas e mirtilos essa semana, o que você acha? — perguntei à minha filha.

Lily balançou a cabeça de forma afirmativa com vigor.

— Vamos precisar de duas bandejas de cada — falei para Louis.

— Essas aqui são as mais bonitas — Ele apontou para as que referia.

Paguei pelas frutas e colocamos na *ecobag* que eu carregava.

— E o outro sabor? — perguntei para Lily enquanto continuávamos a caminhar pela feira.

— Pode ser de manga, é o seu preferido.

Abri um sorriso com a consideração dela.

— Manga, acho que só congelada essa época — falei. — Então temos que ir até a tenda da sra. Stewart.

O fim de tarde estava agradável e o céu limpo. Tinha uma leve brisa soprando, mas a maioria das pessoas vestia apenas camiseta ou camisa.

Era bom poder guardar os casacos para variar um pouco.

Eu adorava passear pela feira nesse horário. Trazia uma sensação agradável de que todas as responsabilidades do dia haviam acabado e que nós podíamos apenas aproveitar o clima brando da primavera, além dos cheiros deliciosos das flores e frutas que ela trazia consigo.

Passamos por uma barraca de tulipas e deixei Lily escolher qual a cor ela achava mais bonita para decorar a nossa

casa.

Ela escolheu um buquê de tulipas laranja que era quase maior do que ela, mas que ela insistiu que queria carregar.

Compramos mais algumas frutas e legumes e decidimos que faríamos salmão para o jantar. Então aproveitamos para ir também à peixaria, que ficava ao fim da feira.

Eu havia sentido muita falta desses momentos com a Lily desde que ela havia escutado aquela minha ligação. Mas essa história, por sorte, já havia ficado no passado.

Agora queria apenas recuperar um pouco essas semanas perdidas e passar algum tempo de qualidade com ela. Então enquanto eu preparava o salmão, pedi para ela escolher algum filme para vermos juntas depois do jantar.

20. ABBY

No resto da semana, eu apenas treinei e trabalhei. Por alguma razão, a semana parecia passar mais devagar do que o normal.

Shawn tinha aumentado a minha carga nos levantamentos de peso e, quando o meu treino terminou na sexta, eu sentia cada músculo do meu corpo doendo.

— Amanhã, corrida, flexão, corda e barra — ele me instruiu antes de eu sair.

Ele sabia que não estaria na minha casa e não poderia treinar na academia, então me passou uma série que eu poderia fazer em qualquer lugar.

— E nada de abusar na alimentação — ele continuou. — Se na segunda você não tiver perdido pelo menos cem gramas, você vai se ver comigo.

— Pode deixar, eu vou fazer tudo direitinho — falei. — Valeu, Shawn.

— Até segunda.

— Isso se eu voltar.

Como o recital seria no meio da tarde, fui para casa tomar banho e descansar um pouco. Esse negócio de acordar todos os dias às quatro da manhã era mais cansativo do que eu havia imaginado.

Saí de casa perto das onze horas e decidi almoçar um sanduíche de lagosta no mercado público mesmo. A balsa para Dartmouth ficava ao lado do mercado, então decidi ir por ali. Era um caminho diferente, mas que durava mais ou menos o mesmo tempo.

Atravessei a balsa e segui para o norte da província.

Quando cheguei à escola, fui recepcionada por ninguém menos que o xerife Smith e seu parceiro magricela, que, descobri, se chamava Matthews.

— Boa tarde, Abby. Veio assistir o recital da Lily? — Smith me cumprimentou como se me conhecesse há anos.

— Vim — respondi. — Não estão aqui por causa do incidente da semana passada, estão? Aconteceu mais alguma coisa?

— Ah, não, não — Matthews falou. — Só estamos fazendo a segurança do evento. Procedimento de rotina.

— Que bom — respondi, ainda sem saber como eu deveria me sentir com essa intimidade toda com dois policiais. — Bom, eu vou entrando.

— O teatro fica no final do corredor à direita, não tem erro — Smith me explicou.

— Boa apresentação, Abby — Matthews disse.

— Obrigada, rapazes.

Encontrei o teatro com facilidade, até porque todo o fluxo de pessoas, que não era muito, estava indo para lá.

Eva esperava por mim na entrada, conforme combinamos. Ela abriu um sorriso quando me viu.

— Nada mal — ela disse.

Até aquele dia, ela só tinha me visto de moletom e kimono, então realmente não deveria ser difícil impressioná-la. Eu usava exatamente a roupa que tinha perguntado para ela se era adequada: meu All Star de cano alto que eu raramente tirava, calça jeans, camiseta e paletó.

Já Eva estava com uma roupa formal, e parecia que havia acabado de sair do trabalho, o que deveria, de fato, ser o caso. Estava com um paletó justo de tweed cinza, saia lápis e scarpin preto.

— E você poderia estar usando isso? — perguntei, apontando para o seu sapato.

Ela ergueu os ombros levemente.

— Talvez.

— Talvez? Você levou cinco pontos, Eva.

— Já está praticamente curado — ela disse. — Segunda-feira já vou tirar os pontos.

— Você é mesmo teimosa — falei. — Mas está linda.

O que era verdade. Sempre.

— Obrigada — ela respondeu com um sorriso.

Tinha sido exatamente esse tipo de sapato que havia me enganado naquele primeiro dia, me fazendo achar que Eva era bem mais alta do que de fato era. Mas mesmo nesse salto agulha, ela ainda ficava alguns centímetros mais baixa do que eu de All Star.

— Você chegou bem a tempo. A apresentação já vai começar — ela falou. — Vamos?

— Eu trouxe flores — falei, mostrando o ramalhete de rosas cor-de-rosa. — Será que ela vai gostar ou é melhor eu me livrar disso?

Eu realmente não fazia ideia se era adequado ou se eu estava passando vergonha. Mas sempre via as pessoas entrando com flores no teatro na esquina da minha rua, então me parecia ser um gesto comum.

Era meio cafona, eu sabia, mas eu queria demonstrar que estava feliz por ter sido convidada.

— Lily vai adorar, foi uma ótima ideia — Eva assegurou.

— Tem certeza?

— Tenho!

***

Nos acomodamos na terceira fileira, bem perto do palco.

Eu sentia alguns olhos em mim, mas Eva parecia nem se importar, e eu tinha a impressão de que ela era uma das bambambãs da cidade e que ninguém ousaria fazer alguma pergunta sobre a minha presença.

Depois de uma menina franzina abrir o espetáculo tocando de forma impressionante um violoncelo que parecia quatro vezes maior que ela, foi a vez de um garoto ruivo se apresentar no violino.

Comecei a me sentir um pouco apreensiva por Lily; o nível das apresentações até ali parecia bem alto. Eu me perguntava se ela estava nervosa? Porque eu estava! Isso que eu nem sabia que ela tocava piano até a Eva me convidar para o recital.

Finalmente chegou a vez de Lily. Ela estava linda com um vestidinho azul água e uma trança embutida.

— Ela parece a Elsa — cochichei.

— É porque foi a inspiração.

— Ah!

Lily se sentou de forma graciosa junto ao enorme piano de cauda e, alguns instantes depois, pude ouvir as primeiras notas. Eu só sabia que era *Moonlight Sonata* do Beethoven porque estava escrito no convite. Eu não entendia nada de música clássica, mas nem precisava, era Lily tocando. Nada poderia ser mais incrível.

A música era meio melancólica, mas potente ao mesmo tempo e comecei a me sentir envolvida pelas notas. De alguma forma, fui levada de volta para a noite em que ela nasceu.

Lily demorou mais de cinco horas para nascer e eu me lembro de ter xingado mais naquelas cinco horas do que nos quinze anos anteriores inteiros.

Eu não aguentava mais de dores e contrações e só queria que acabasse e tirassem ela de mim, mas, no segundo que ela saiu e eu ouvi o choro estridente pela primeira vez, eu me esqueci completamente da dor física e fui atingida por outra dor. Uma dor muito pior.

Eu sabia o que tinha que fazer. Eu sabia que era a coisa certa, mas eu lembro de ter me permitido apenas um segundo para pensar como seria se eu não fizesse. Se eu ficasse com ela.

Se eu fugisse do orfanato e levasse ela comigo. Onde viveríamos, o que eu faria, como ela iria crescer.

Não demorou nada para a realidade esmagar o meu sonho e me fazer perceber que de verdade eu não tinha escolha.

Quando a enfermeira perguntou se eu queria pegar ela no colo, eu sabia que se a segurasse não conseguiria fazer o que tinha de fazer, então respondi que não e pedi para que a levassem logo.

Daquele dia em diante, fiz de tudo para tentar não pensar nisso.

A música de repente ficou mais agitada e voltei ao presente e a Lily no piano.

Quando me dei conta, uma lágrima estava escorrendo na minha bochecha.

Mas que droga!

Não me atrevi a olhar para o lado. Não sabia se Eva tinha percebido ou o que ela iria pensar. Não era o meu lugar bancar a mãe orgulhosa e ficar me emocionando com uma música de um cara que morreu há 200 anos.

Eu não queria que parecesse que eu estava querendo usurpar o papel de Eva, mas eu definitivamente não estava preparada para aquele tipo de emoção, e depois que começou, ficou bem difícil de conter as lágrimas.

Se Crystal me visse naquela hora, acho que desistiria da luta alegando que eu era uma frangote.

Senti uma mão sobre a minha e me virei para ver Eva me olhando com algo de solidariedade nos olhos. Era claro que ela havia percebido a minha emoção, até o xerife Smith, que estava na porta de emergência, devia ter notado.

— Desculpa — disse, tentando me controlar.

— Tá tudo bem — ela respondeu com um sorriso e me entregou um lenço de tecido.

Para mim, era de fato uma surpresa que as pessoas usassem lenços de tecido hoje em dia, mas Eva ainda lia jornal de papel, então parecia coerente que tivesse lenço de tecido. Aceitei e, depois que sequei as lágrimas, ela se aproximou mais de mim e sussurrou no meu ouvido:

— Depois da décima quinta apresentação você se acostuma.

Era para ser um comentário engraçadinho, mas o hálito dela na minha pele fez todos os pelos do meu corpo se arrepiarem e, por um segundo inteiro, me esqueci completamente da pobrezinha da Lily se matando sobre o piano.

Eva logo se endireitou de novo na cadeira e voltou a assistir à apresentação, e me senti meio zonza com a falta que a proximidade dela me causou.

Apesar do comentário, eu podia ver que Eva também estava emocionada e ovacionou a filha quando acabou.

Depois de todas as apresentações, encontramos Lily na coxia. Ela abraçou nós duas simultaneamente. Mais uma vez, uma sensação estranha e uma vontade súbita de chorar se apossou de mim, mas consegui me conter.

O que diabos estava acontecendo comigo?

— Isso é para você, senhorita Estrela do Piano! — disse, lhe entregando as flores.

Ela abriu um sorriso antes de aceitar.

— Agora sim eu tô me sentindo uma estrela — exclamou, segurando o buquê que era quase maior que ela.

Sinceramente não sabia como aquela menina podia ser tão baixinha. Eu tinha 1,72 e o pai dela devia ter bem mais de 1,80. No entanto, Lily era uma naniquinha mesmo para a idade dela. Talvez crescesse mais na puberdade.

Eva, como qualquer mãe, tratou de registrar mais esse momento, pedindo para a filha posar para a câmera com as flores. Em seguida, Lily quis tirar uma foto comigo e, por fim, uma selfie de nós três juntas.

Lily me entregou o celular para que eu tirasse a foto e segurou eu e Eva pelo pescoço, grudando nossas bochechas na dela. Ela estava quase me estrangulando então tratei de clicar no disparador logo.

— Me manda essa foto — falei, devolvendo o celular para Lily.

— Vou colocar de papel de parede — ela disse, já colocando.

Eu tive a impressão de que Eva iria falar alguma coisa, mas o momento foi interrompido por uma mulher franzina de cabelo sobre os ombros e roupas que faziam ela parecer uma carola de igreja, apesar de não aparentar ter mais de 30 anos.

— Então essa é a famosa Abby? — ela perguntou com uma indisfarçada curiosidade.

Nem ao menos um “olá” ou “como vai, Eva?”.

— Deixa eu adivinhar: senhora Scott?

— Pelo jeito eu também sou famosa — ela disse com um sorriso inocente.

— E como — ironizei.

Não me surpreendia que Eva não suportasse essa mulher. Ela exalava uma energia de gente burra mesmo. Coitada.

Nos cumprimentamos, então ela se virou para Eva:

— Será que eu posso trocar uma palavrinha com você?

Eva olhava para a sra. Scott da mesma forma que costumava olhar para mim e, puxa vida, eu fui mesmo corajosa em aceitar dar as aulas para Lily.

— Claro — Eva respondeu.

— Lily, por que você não me mostra o resto da sua escola enquanto a sua mãe conversa com a sra. Scott?

— Hm... tá — Lily me respondeu sem tirar os olhos da professora.

Estudei ela por alguns segundos. Essa menina com certeza estava escondendo algo da sua mãe. Fosse como fosse, Eva e a sra. Scott seguiram para o que eu imaginava que fosse a sala da coordenação, e eu e Lily fomos para o lado contrário.

Ela me mostrou sua sala, o parque, o campo de futebol e as quadras internas. Depois disso, nos sentamos na escadaria principal, viradas de frente uma para a outra, encostadas cada uma em um corrimão.

— E aí, o que a sra. Scott quer com a sua mãe? — perguntei.

— Como eu vou saber?

Apenas ri e balancei a cabeça.

— Por que você acha que eu sei? — ela me perguntou com aquele vinco na testa igual ao de Eva.

— Porque eu não nasci ontem, nanica.

Lily se virou de frente na escada e eu continuei de lado, encostada no corrimão. Acho que ela não queria olhar para mim e se ela não queria falar sobre o assunto, eu iria respeitar. De qualquer forma, Eva provavelmente iria descobrir logo.

— Olha se não é a rejeitadinha — uma garota com toda pinta de Regina George do ensino fundamental disparou olhando para a Lily.

A menina saía da escola e viu Lily de costas, e eu tive a impressão de que porque a Lily havia sentado no degrau de frente para a rua e eu no outro lado da escada recostada no corrimão, a garota não percebeu que eu estava com ela.

Lily não respondeu nada e apenas ignorou a garota, que continuou:

— Não me diga que a sua “mãe” finalmente se cansou de você e te largou como a outra.

— Não enche, Jennifer — Lily respondeu e meteu a cara entre as mãos.

Aquela garota ou era mais velha que Lily ou era bem alta para a sua idade. Por alguma razão, achava que era a segunda opção, porque ela parecia bem infantil.

— Não me surpreenderia — Jennifer disse. — Se eu tivesse uma filha igual a você, eu também iria querer me livrar dela.

— Ei, Jenny — eu chamei. — Posso te chamar de Jenny? — Não esperei a resposta. — Essa obsessão aí com a mãe dos outros é porque a sua mãe não te dá atenção o suficiente?

— Quem é você? — ela me perguntou, franzindo as sobrancelhas.

— Abby — respondi apenas. — Qual é o problema? Sua mãe gosta mais de alguma outra irmã ou coisa assim?

Ela me encarou com um quê de surpresa com a testa franzida. Mas logo inclinou a cabeça para o lado, como se estivesse me estudando.

— Espera, você é a mulher macho que brigou com aquele cara na casa da sra. Ortega?

Acho que preferia Rambo Loira, mas, sinceramente, naquele momento era o que menos me importava.

— Talvez — falei. — O que mais você ouviu sobre mim?

— Que você tentou esfaquear ele.

Esfaquear?

As fofocas eram mesmo criativas em cidade pequena.

— E a parte que eu tenho passagem na polícia por bater em criança irritante, você não escutou? — perguntei.

— Como é?

— Em uma bem parecida com você, inclusive.

Ela me olhou assustada.

Apenas encarei de volta com um sorriso irônico.

Jennifer saiu tão rápido que parecia que o chão estava em chamas e não pude mais segurar meu riso. Eu tinha esquecido do tanto que eu gostava de confrontar gente metida e maldosa, mesmo que ela tivesse nove anos. Além do mais, eu não tinha nenhuma obrigação parental de mostrar exemplo ou agir de forma diplomática.

Lily também riu, mas logo o sorriso cedeu lugar a um olhar triste de novo.

— Você não bateu em criança, né? — ela perguntou, mas eu sabia que não era sobre isso que ela queria falar.

— Claro que não — respondi. — Então é essa aí?

— O quê?

— A razão da sra. Scott tá falando com a sua mãe?

Ela balançou a cabeça de forma afirmativa.

— Eu dei um soco nela essa semana e a sra. Scott viu.

Apesar de ter passado toda a vida de Lily longe dela, eu sabia exatamente como ela se sentia e me doía que nem mesmo com uma mãe amorosa e bem-sucedida, ela tivesse escapado dos comentários maldosos que passei a vida escutando.

E justamente porque eu conhecia tão bem esse sentimento, que de repente, tudo ficou claro.

— Era pra isso que você queria aprender karatê?

Mais uma vez ela assentiu.

Eu iria, com certeza, ter uma conversa longa com ela no próximo treino sobre como o karatê não é para você sair batendo em gente escrota, muito menos propagar a

violência, mas naquele momento eu só me sentei ao lado dela e coloquei meu braço sobre o seu ombro.

Ela não precisava de recriminação, precisava de amparo.

— Eu sinto muito que você escute essas coisas — falei, me sentindo culpada.

— Eu sei que você só tinha quinze anos — Lily falou, mais uma vez, mostrando uma clareza surpreendente para nove anos. — Eu sei que você não podia ficar comigo.

Senti um nó na garganta.

Eu passei os últimos nove anos tentando fugir desse assunto e dessas memórias. Mas agora não fazia mais sentido fugir.

— Mesmo assim, foi a coisa mais difícil que eu fiz — falei.

— Mais difícil do que lutar com aquele cara? — ela perguntou, me lembrando mais uma vez que ela era mesmo só uma criança.

Apesar do meu nó na garganta, soltei uma risadinha.

— Bem mais difícil — eu disse. — Eu preferia enfrentar cem homens armados do que ter que deixar você de novo.

Ela não falou nada, apenas me encarou com os olhinhos cor de mel.

Eu a abracei um pouco mais forte pelo ombro.

— Você sabe o que é Amor Fati? — perguntei depois de um tempo.

Ela sacudiu a cabeça em negação.

— Tem esse cara, o Nietzsche, ele é um filósofo com um bigode enorme e ridículo — falei e Lily soltou uma risada. — Mas ele escreveu sobre esse termo e eu gostei do que significa.

— O que significa? — Lily perguntou.

— Bom, eu não sei se entendi direito, porque ele é meio confuso às vezes — falei. — Mas Amor Fati é, tipo, aceitar as coisas que nos foram dadas e tiradas. É entender que tudo acontece como deveria acontecer.

— Então que, tipo, foi o destino a gente voltar a se ver? — Lily perguntou.

Para ser sincera, eu achava que tinha mais a ver com a compreensão de que a gente não tem controle de nada na vida. Mas daquele momento em diante, a definição da Lily era a única que me importava.

— Acho que sim — respondi.

— Eu gostei disso — ela falou.

— Eu também!

— Ah, aqui estão vocês — Eva exclamou atrás de nós duas. — Eu procurei vocês por toda a parte.

Nos viramos em direção ao som e pude notar algo de interrogativo na forma que ela olhava a cena: eu abraçando a Lily.

Meu primeiro receio foi de que ela estivesse zangada ou com ciúmes, mas logo percebi que era preocupação, o que me dizia que o assunto com a sra. Scott havia mesmo sido sobre as relações de Lily com a “coleguinha”.

— Essa escola não é tão grande — eu disse. — Lily me mostrou tudo em quinze minutos. Você que demorou.

Eva revirou os olhos antes de disparar:

— Aquela mulher enrola mais que novelo de lã para falar.

Soltei uma risadinha, porque era exatamente assim que imaginava a sra. Scott: enrolada, prolixa, pamonha e irritante.

— O que… o que ela queria, mamãe?

— Nada demais — Eva respondeu. — Apenas me falar do seu rendimento escolar e ressaltar o que eu já sabia.

— Que é?

— Que você é muito inteligente.

— Tem certeza de que ela não falou mais nada? — Lily quis saber.

— Depois a gente conversa sobre isso, meu amor, mas não precisa se preocupar, está bem? — Eva perguntou em um tom que acalmou meu nervosismo e esperava que o de Lily também. — Que tal se a gente for jantar lá no Rebecca’s para comemorar o sucesso do recital?

— Eu posso pedir o que eu quiser? — Lily se antecipou.

— Hoje você pode.

O restaurante era bem menor do que eu havia imaginado quando Eva disse que era o “melhor da cidade”. Era uma mistura de cantina com pub que, surpreendentemente, combinava muito bem.

As mesas para quatro pessoas, eram relativamente próximas umas das outras, mas a iluminação indireta deixava o ambiente acolhedor mesmo assim.

Dessa vez, decidi levar a minha dieta mais a sério e pedi um peixe com legumes, porque sabia que o Shawn iria me destruir nos treinos se eu não começasse a perder peso mais rápido.

O tema central do jantar foi, é claro, o recital de Lily. Ela nos contou detalhadamente cada segundo de preparação, dos ensaios até a apresentação.

Vez ou outra eu sentia os olhos de Eva em mim, mas logo se voltavam de novo para Lily e para a sua narrativa animada.

Eu tinha impressão de que ela estava curiosa para saber o que havia acontecido enquanto ela falava com a sra. Scott.

***

Quando chegamos em casa Lily já havia pegado no sono no banco traseiro.

— Lily, meu amor? — Eva chamou baixinho, tentando acordá-la. — Já chegamos.

Lily continuava seu sono inabalável.

— Tadinha, ela ficou muito nervosa com a apresentação, deve estar exausta — Eva explicou.

— Deixa que eu levo ela pra cima — ofereci já passando meus braços por baixo dela e trazendo ela para o meu colo.

Lily automaticamente me abraçou pelo pescoço e aninhou a cabeça no meu ombro da mesma forma que fez da outra vez.

Eva foi na frente e preparou a cama. Assim que a coloquei ali, dei um beijo na sua testa. Eva fez o mesmo.

Mais uma vez aquela sensação intrusa tomava conta do meu peito. Esse negócio de brincar de casinha estava mexendo com a minha cabeça e eu sabia que iria acabar machucada.

Mesmo assim não conseguia parar ou recuar.

Deixamos o quarto em silêncio.

Eva tinha um sorriso que quase fazia meus receios desaparecerem completamente. Mas eu tinha aprendido, desde cedo, a não baixar a guarda tão facilmente assim, então parte de mim estava sempre pronta para o revés.

— Será que a gente pode conversar? — Eva me perguntou. — É sobre a Lily.

— Claro.

— Você se importa se eu tomar um banho antes? — ela perguntou. — Eu tive um dia bem longo hoje.

— Claro que não, pode ir.

Aproveitei para fazer o mesmo e colocar uma roupa confortável. Assim que terminei, desci para esperá-la.

Esperei na sala, lendo as minhas notificações. Não demorou nem cinco minutos para eu terminar de olhar tudo que considerava relevante e começar a ficar entediada.

Pelo menos, Eva não tardou a aparecer.

Fiquei surpresa ao vê-la em um roupão felpudo e com os cabelos molhados. Eva era sempre tão formal, era raro vê-la à vontade, mesmo em casa.

Até agora só a tinha visto de pijamas de seda, que pareciam tão sérios quanto o terninho que ela usava hoje mais cedo.

— Eu vou tomar um vinho. Você quer uma cerveja? — ela perguntou. — Você pode?

— Posso, sim.

Eu não deveria encher a cara todos os dias, mas podia beber uma cerveja no fim de semana.

— Eu vou lá pegar para você — ela disse, já saindo.

Eu estava sentada no sofá de couro caramelo que ficava virado para as portas francesas. Como essa sala ficava ao lado da antessala do deck, apenas separadas por uma parede, a vista era praticamente a mesma.

Durante o dia, aquela era uma vista de tirar o fôlego, bem de frente para o lago. À noite, entretanto, tudo que eu conseguia ver do lado de fora era um ponto de luz distante vindo do farol.

Eva voltou com uma longneck em uma mão e a taça de vinho na outra.

— Gelada, light e dentro da validade — ela disse, me entregando a garrafa. Então se sentou na poltrona à minha frente.

— Light?

— Você não está de dieta?

Soltei uma risadinha, mas me causou um calor no peito saber que ela pensou em mim antes de comprar.

— Tô — falei com um sorriso. — Obrigada!

Ela bebeu um gole do seu vinho antes de anunciar:

— Eu acho que descobri por que a Lily estava tão obstinada com as aulas de karatê.

— O que a sra. Scott te contou?

— Ela me disse que Lily andou se envolvendo em algumas “confusões” na escola. Pelo que entendi, tudo começou com aquela maldita história da árvore genealógica, mas essa semana Lily agrediu uma menina.

— Eu sei — disse, simplesmente.

Eva inclinou a cabeça para o lado, confusa, então contei o que havia acontecido mais cedo.

— E por que aquela imbecil não me chamou antes na escola?! — Eva perguntou sobre a sra. Scott.

Era uma pergunta retórica, então não respondi.

— Essa tal de Jennifer tem toda a cara de que não mexe só com a Lily — falei. — Meninas assim adoram atormentar todo mundo. Imagino que a família dela deva ser influente na cidade ou na escola.

Eva soltou uma bufada e fechou os olhos.

— Sim, sim, o pai dela é prefeito.

— Ah!

— Esse babaca não cansa de me atormentar — ela resmungou.

— Quem?

— Tim Morris, o prefeito — ela falou, não esclarecendo muito. — Enfim, eu vou conversar com a Lily, mas queria

pedir para você, como instrutora, falar com ela também sobre isso. Não quero que ela comece a brigar na escola.

— Não se preocupe, eu já tinha intenção de fazer isso.

Eva assentiu e agradeceu.

Ficamos algum tempo em um silêncio contemplativo. Depois de mais um gole de vinho, Eva finalmente perguntou:

— Você disse mesmo para a menina que você tinha passagem na polícia por bater em criança?

— Disse!

Dessa vez, ela soltou uma gargalhada gostosa e me juntei a ela.

21. EVA

Aquela certamente não era a abordagem mais madura e adequada, mas era obrigada a admitir que eu me sentia vingada por Abby ter dado uma lição na filha do Tim. Além de secretamente achar que o soco que Lily deu foi mais que merecido.

É claro que, como mãe, jamais iria incentivar ou validar esse tipo de comportamento, mas a Jennifer mereceu.

— Mas eu tenho — Abby falou, assim que as risadas passaram, me tirando do meu devaneio pouco ético.

— O quê?

— Passagem pela polícia.

— Não por bater em criança, eu espero — falei em tom descontraído, mas notei sua tensão enquanto tentava descolar o rótulo da garrafa que segurava.

— Por dirigir bêbada — ela explicou. — Eu tinha vinte e um na época. Não foi uma fase que as coisas estavam dando exatamente certo pra mim e eu andava meio perdida.

Ela não olhava para mim e continuava destacando o rótulo. Eu apenas escutava.

— Eu estava bebendo bastante naquela época — ela continuou. — E saindo mais ainda, então em uma dessas noites eu estava voltando para casa pela South st., acho

que você deve conhecer, mas é uma ladeira super íngreme, e eu estava acima do limite permitido. Quando notei, tinha uma mulher atravessando a faixa de pedestre na altura da Queen st., eu freei a tempo, eu juro, mas ela meio, não sei, ela meio que se irritou e bateu com as duas mãos no capô do meu carro. Só que as testemunhas que escutaram acharam que eu tinha atropelado ela, e ela seguiu com a história. Eu já estava bêbada e acima da velocidade, não tinha muito o que argumentar.

— Você foi presa?

Ela assentiu com a cabeça antes de responder:

— Dois meses — ela falou. — Depois disso, eu conheci o Shawn e ele me ofereceu o emprego na academia. Eu já era faixa preta em karatê, tinha aprendido na época do orfanato em um dos vários programas sociais que eles obrigavam a gente a participar. Mas aí comecei a trabalhar com boxe e, sei lá, bater em saco de areia o dia todo meio que ajuda com a raiva reprimida. — Ela soltou uma risada sem muito humor.

Eu queria oferecer algum tipo de apoio, queria mostrar para ela que eu não a julgava, mas ela estava no outro sofá, longe de mim.

— O sistema é uma piada — falei por fim. — Enquanto isso, Maxwell tá solto.

Agora entendia a raiva dela no dia que soube que ele havia pagado a fiança. Era injusto mesmo.

Como advogada eu sabia que o sistema era uma armadilha para pessoas como a Abby. Pessoas que não tinham qualquer tipo de suporte, fosse ele familiar ou financeiro. Enquanto para pessoas como Maxwell, tudo era facilmente resolvido com dinheiro ou contatos.

— Era isso — ela falou, encolhendo os ombros. — Eu queria que você soubesse por mim.

— Obrigada por me contar.

— A Lily também sabe — ela acrescentou.

— Sabe?

— Ela me perguntou — Abby disse, coçando a cabeça. — Ela é bem esperta para a idade dela.

— Eu sei — falei com um suspiro exasperado, que arrancou uma risada de Abby.

Fiquei contente em colocar um sorriso no seu rosto.

Eu não a julgava pelo que havia acontecido. Como disse, eu era advogada, via e ouvia histórias com pessoas mau caráter todos os dias para saber que não era o caso dela. Ela era apenas uma jovem imprudente, que precisava desesperadamente de amparo e ajuda. Coisas que ela não tinha.

Mas eu esperava que isso pudesse mudar. Ela merecia essa chance, merecia essa rede de apoio.

Na verdade, era até impressionante olhar para ela e pensar na sua trajetória e na pessoa que ela se tornou. Me parecia que, apesar de tudo, ela havia se saído muito bem.

Vi que ela ainda parecia meio apreensiva e decidi mudar de assunto.

— Falando em boxe e descontar a raiva — falei —, que tal a gente ver o seu filme preferido?

— Agora? — ela perguntou com um brilho nos olhos que me lembrava a Lily.

— Por que não?

— Demorou!

Instruí Abby a ir para a sala de TV enquanto reabastecia a minha taça e buscava alguns petiscos. Tentei levar em conta a sua dieta e escolhi algumas castanhas e frutas.

Eu imaginava que ela deveria ser do tipo que adorava pipoca cheia de porcarias dentro, mas bem, isso teria que esperar até depois da luta.

Peguei mais uma cerveja para ela; eu tinha comprado cerveja light dessa vez, porque mesmo sem ter certeza se ela poderia beber, achei melhor me precaver.

Quando voltei para a sala de TV, Abby já tinha encontrado o filme em alguma das plataformas de streaming e só faltava dar play.

— Eu preciso de algum contexto? — perguntei, entregando a cerveja para ela.

— Obrigada — Ela pegou a bebida. — Acho que não. Só que ele ganhou o Oscar de melhor filme em 1977.

— E isso é relevante para eu entender a história?

— Não, é só pra você ver com mais boa vontade, sabendo que foi premiado e tal — ela falou com a expressão meio travessa.

Soltei uma risada, porque ela talvez estivesse certa. Talvez eu não estivesse tão empolgada assim para ver esse filme de homens se espancando. Mas estava disposta a ver por ela.

— Está bem — falei. — Prometo ver de coração aberto.

Ela levou a sua cerveja até metade do caminho e entendi que era para brindar e selar o nosso acordo, então levei a minha taça de encontro a longneck dela.

Coloquei os aperitivos sobre a mesa de centro, puxei dois pufes para que pudéssemos apoiar nossos pés e peguei uma manta para nos cobrirmos. Então me aconcheguei no sofá ao lado dela, e Abby finalmente deu play.

O filme começou exatamente da forma que eu imaginei: com homens se espancando. Mas guardei os meus comentários para mim porque Abby parecia gostar e assistia tudo sem desviar os olhos.

Já na primeira cena, comecei a sentir uma sensação ruim no peito e apreensão pela luta dela. Se fosse minimamente parecida com essa do Rocky, não seria nem um pouco agradável de assistir.

— A sua luta vai ser assim? — perguntei sem nem perceber que estava perguntando.

Abby se virou para mim, tirando os olhos da TV pela primeira vez. Nós não estávamos muito longe uma da outra e seu rosto ficou a poucos centímetros do meu. Podia sentir a respiração dela e o cheiro do seu perfume.

— Não — ela respondeu em um tom gentil, como se entendesse a minha preocupação.

— Isso não é boxe também? — perguntei sobre a luta na TV.

Eu não entendia nada de luta e para mim era tudo igual: gente brigando sem nenhum motivo.

— É, mas esse golpe que o Spider Rico deu não é permitido — ela respondeu. Imaginava que Spider Rico era o nome do outro competidor que havia dado uma cabeçada no Rocky.

— Tem muitas regras no boxe profissional. Isso aí que eles estão lutando é quase uma luta de rua.

— Não sei se estou gostando de ver esse filme — falei com sinceridade. Eu não queria ver ela apanhando desse jeito.

Abby tomou mais um gole da sua cerveja, então sorriu para mim.

Ela tinha um sorriso bonito. Quando ela sorria, duas covinhas apareciam ao lado das bochechas e algumas marcas de expressão ao lado dos olhos.

Ela definitivamente não tinha a cara que eu imaginava para uma lutadora de boxe. Ela tinha o rosto gentil e jovial, não a cara fechada que eu julgava ser a cara de uma lutadora.

— Não se preocupa — ela disse. — A Crystal não vai me dar uma cabeçada.

Apenas assenti e voltei a ver o filme. Pelo menos, a cena da luta já tinha acabado. O resto da história era menos sobre boxe e mais sobre ele, o que me deixou bem aliviada.

Tinha que admitir que o filme não era ruim. Muito pelo contrário, me peguei bem entretida com a jornada dele e com os diálogos.

A única coisa que me incomodava era…

— Por que ele tem que ser tão sujo? — perguntei.

Abby soltou uma risada da minha cara de nojo. Mas meu Deus, todos os homens eram assim? Credo!

— Tadinho — Abby defendeu. — Ele é lutador.

— É proibido ter higiene pessoal para lutar boxe? — perguntei, ainda horrorizada com todo o aspecto dele e da

sua casa. — Você é bem cheirosa, então ele não tem desculpa.

As minhas bochechas começaram a esquentar na mesma hora que me dei conta do que havia falado. Tomei um gole de vinho para tentar disfarçar.

Pude ouvir Abby rindo ao meu lado, mas não tive coragem de olhar para ela.

Eu não tinha mentido, Abby era mesmo muito cheirosa e não conseguia imaginar ela vivendo como esse Rocky Balboa aí, no meio dessa sujeira toda.

Ela tinha um cheiro gostoso, meio frutado meio amadeirado. Achava que o cheiro frutado vinha do seu shampoo e o amadeirado do perfume, mas eles se complementavam muito bem.

— Bom, obrigada pelo elogio — ela falou, e podia notar pelo seu tom que ela ainda estava sorrindo. — Ele melhora depois que se casa com a Adrian. Na verdade, tanto a casa quanto ele ficam bem limpinhos e bem apresentados.

— Ela se *casa* com ele?

Adrian era tão linda e tímida, não sabia direito o que ela via nele. Mas ele era o protagonista, então suponho que fazia sentido.

— Eles são o casal mais apaixonado do cinema, se você quer saber — Abby disse com um tom meio defensivo.

— Acho que você não viu muitos filmes de romance — comentei.

— Eu vou deixar você tirar as suas próprias conclusões então.

O tom defensivo dela me arrancou uma risada e voltei a relaxar.

— É que ele é mesmo muito sujo — repeti, franzindo a testa.

Dessa vez Abby apenas deu de ombros e tomou um gole de cerveja antes de responder:

— Eu meio que entendo.

— Ele ser sujo?

— Ele sentir que não tem motivo para se cuidar. Ele não tem família, não tem um emprego que goste, tem um monte de conhecidos, mas não tem amigos de verdade. É meio difícil ter motivação assim.

Me parecia que a conversa não era mais apenas sobre o filme e me arrependi do meu comentário. Não gostava de gente esnobe e tive a impressão de que foi exatamente isso que eu fui.

— Eu gosto que a Adrian tenha visto por de trás de todo esse caos que era a vida dele — Abby continuou. — Que ela tenha visto *ele*.

Estava começando a achar que talvez ela gostasse desse filme mais pela história do Rocky do que pelas lutas e senti um aperto no peito com essa ideia. Era de partir o coração que ela se visse tanto assim nele.

— Acho que ele merecia mesmo uma família — falei.

Ela não respondeu mais nada, apenas me lançou um sorriso sincero e voltou ao filme. Eu fiz o mesmo e, dessa vez, resolvi dar uma chance para ele.

Assistimos ao resto do filme em silêncio. Tinha que admitir que havia ficado mesmo interessada na história.

Nossas bebidas já haviam acabado e nenhuma de nós duas fez menção de se levantar para pegar mais uma rodada. Abby vez ou outra pegava uma noz ou uma uva e levava à boca. Mas parecia que era mais pelo hábito de comer vendo um filme, do que por fome ou vontade.

Na TV, Rocky convidava Adrian para o seu apartamento — imundo — depois do primeiro encontro enquanto ao meu lado, Abby se aconchegava um pouco mais sob a manta, deixando o corpo escorregar e deitando a cabeça no encosto. Aproveitei e fiz o mesmo, ficando mais confortável.

Eu estava tão entretida com o filme, que só percebi que ela estava tão perto, quando o meu pé encostou no dela. Abby não pareceu se importar e não se moveu nem um milímetro, enquanto eu fiquei sem saber o que fazer. Eu me sentia um pouco embaraçada e cada vez que me mexia, sentia minha perna roçando na dela. O que me causava uma sensação estranha de constrangimento.

Enquanto isso, Rocky dizia que queria beijar Adrian e se aproximava dela. Eu não sabia dizer se a tensão no ar vinha da cena ou de mim, mas de repente, eu me sentia uma adolescente vendo alguma cena sensual, sem saber o que fazer.

Eu senti os olhos de Abby em mim enquanto o casal na TV se beijava apaixonadamente, mas não sabia o que fazer e já estava torcendo para que as cenas com os homens se espancando voltassem logo.

Fazia muito tempo que eu não tinha um encontro ou ficava tão próxima de alguém, então imaginava que o que eu estava sentindo fosse apenas carência ou coisa assim.

Eu esperava, pelo menos.

Porque eu jamais arriscaria alguma coisa com a mulher que era a mãe biológica da minha filha e que eu conhecia havia pouco mais de um mês. Jamais arriscaria magoar a Lily no meio do caminho. E para ser sincera, nem Abby, que já tinha passado por coisa suficiente na vida e não precisava de mais essa.

Ainda assim não conseguia suprimir o meu batimento acelerado nem o calor no meu corpo.

22. ABBY

Eu já tinha visto aquele filme mil vezes e eu nunca tinha me sentido daquele jeito vendo a cena do primeiro beijo deles, o que, infelizmente, comprovava a minha teoria de que não eram eles que estavam me deixando assim. Era a mulher ao meu lado.

Era muito errado eu querer imitar eles e a beijar também?

Eu sabia que era.

Porque embora eu não soubesse o que estava acontecendo, eu sabia que era coisa da minha cabeça.

Não que fosse alguma surpresa eu ter um crush na Eva, afinal a mulher era perfeita em todos os aspectos! Bom, *quase* todos, porque eu poderia apostar qualquer coisa que ela era hétero.

Mas a mulher era linda, cheirosa, madura, bem-sucedida, gentil e forte ao mesmo tempo... Era óbvio que eu teria um crush nela.

Infelizmente, eu sabia que não podia me dar ao luxo de me deixar levar pela atração que sentia por ela. Porque além de patético era muito arriscado. Eu queria poder manter o contato com a Lily e a única forma de fazer isso era se a mãe dela não me odiasse.

Para ela, eu devia ser só uma coitada que teve muito azar na vida e que ela sentia que devia alguma coisa por causa

daquele lance com o tal do Maxwell.

Mas era óbvio que ela não me devia nada.

Ainda assim, eu não conseguia evitar *gostar* da forma que ela me tratava desde aquele dia. Ela não me tratava como alguém que havia prestado um favor ou como uma conhecida que você tolera. Ela fazia eu me sentir parte daquela família. Fazia eu me sentir próxima da Lily e dela. E eu não queria que acabasse. Não queria que ela se arrependesse de ter me dado esse espaço.

O resto do filme, evitei o contato visual com ela e passei a comentar só as partes da luta. Acho que ela nunca tinha visto uma luta de boxe na vida, então expliquei os movimentos e a pontuação.

Ela parecia interessada e, mais uma vez, ela fez eu me sentir acolhida, porque eu sabia que ela só estava interessada por causa da minha luta com a Crystal.

Depois do filme, nos despedimos de uma maneira meio constrangedora antes de ir cada uma para o seu quarto.

Deitada naquela cama enorme no quarto de hóspedes, fiz um juramento para mim mesma que não deixaria a atração que eu sentia por Eva estragar tudo. Eu iria começar a agir igual a uma pessoa funcional e abafar qualquer tipo de sentimento inapropriado pela mãe da minha filha.

Naquela noite tive dificuldades para dormir.

Eu rolava de um lado para o outro e acho que quando peguei no sono, já passava das duas da manhã. Infelizmente, às cinco meu celular despertou me lembrando que eu teria que treinar.

— Merda de luta — resmunguei.

Mas depois de vermos o filme ontem e da cara de horror que a Eva fez vendo a luta do Rocky com o Apollo no final, eu sabia que teria que estar bem em forma para não apanhar do mesmo jeito. Acho que ela não gostaria de ver uma luta muito violenta, nem que Lily visse.

E como eu também não queria ser o saco de pancadas da Crystal, desliguei o despertador, me levantei, escovei os dentes e coloquei a minha roupa de treino antes de sair.

Fui à cozinha pegar um pouco de água para o meu shake pré-treino e notei que tinha um bilhete na fruteira.

O bilhete era para mim, e imaginava que aquela era a letra da Eva. A letra era perfeitamente desenhada, bem como imaginei.

“Não saia sem comer. Tem frutas, pão, iogurte e ovo, pegue o que você quiser.

ps: eu vou saber se você ignorar esse bilhete”

Soltei uma risada, mas a verdade era que eu sentia meu estômago dando voltas dentro de mim. Era mais fácil ignorar o meu crush se ela voltasse a me chamar de srta. Sinclair e me olhar com aquele vinco na testa.

Pensando bem, eu meio que achava sexy quando ela falava comigo daquele jeito.

Eu estava mesmo muito ferrada!

Balancei a cabeça, tentando ignorar aqueles pensamentos e achei por bem obedecer a Eva e comer antes de sair.

Já não estava tão frio, então a corrida foi mais agradável, sem aquele vento gelado cortando o meu rosto suado e congelando as minhas vias aéreas.

A cidade era pequena e eu sabia que não tinha risco nenhum de eu me perder, então aproveitei para conhecer novas ruas e caminhos naquela manhã.

Era uma cidade agradável e, por alguns minutos, enquanto corria por entre os bordos e macieiras, me imaginei morando ali. Acho que eu iria gostar de morar em um lugar como aquele.

Parecia uma vida agradável e simples, coisa que eu ainda não tinha experimentado na minha vida, mas tinha a impressão de que gostaria.

Depois da corrida, fiz todas as séries que o Shawn me passou. Era mais difícil treinar sem os equipamentos da academia, mas me esforcei para compensar com os exercícios que não requeriam aparelho e usei o pergolado do jardim para fazer a série de barra.

Eu sentia meu condicionamento melhorando consideravelmente, o que ajudava a me deixar mais confiante. Já conseguia completar as séries de flexões com uma das mãos. Também havia aumentado a minha série na barra e estava melhor na corda.

Era horrível acordar de madrugada todos os dias, mas pelo menos estava dando resultado.

Assim que acabei, fui direto tomar um banho e quando voltei para a cozinha, Lily e Eva já estavam lá. Eva preparava o café da manhã e Lily parecia mais dormindo do que acordada.

— Bom dia, nanica!

Ela resmungou alguma coisa que parecia um “bom dia”, mas não tinha certeza.

Eva me lançou um olhar que não soube descrever e, mais uma vez, voltei a sentir que ela era como um idioma codificado.

— Eu comi, eu juro — falei, erguendo as mãos em rendição.

— Eu sei — ela respondeu de forma gentil. — Pode se sentar, o café tá quase pronto.

Com a presença da Lily, logo consegui relaxar e não pensar demais no fato de que a mãe dela fazia meu coração acelerar.

***

Como sugerido por Eva, fizemos a prática de karatê pela manhã. Era uma manhã linda e ensolarada e o clima estava seco e fresco.

Naquele dia, diferente dos sábados anteriores, tinham várias pessoas no lago. Algumas estavam andando de caiaque, outras de *stand up*, e eu podia ver toalhas de piquenique nas margens ao redor dele.

Começamos com alguns aquecimentos, como elevação de joelhos e polichinelo.

— Agora a gente vai fazer um diferente — falei. — Vamos ficar na prancha... — Fiz o movimento e ela imitou ao meu lado.

Lily estava com o quadril elevado, quase na posição do Cachorro Invertido, mas não corrigi, porque o movimento ficaria mais fácil para ela desse jeito.

— Agora a gente caminha assim — expliquei e mostrei o movimento, que era uma caminhada lateral nessa posição.

Eu aproveitava para fazer todos os exercícios junto com ela, porque era bom para a preparação da minha luta esses exercícios de agilidade.

— Eu não gostei desse — ela falou.

Lily era meio atrapalhada com os pés e sempre acabava tropeçando e era justamente por isso que estávamos fazendo aquele exercício.

— Só mais um pouco — incentivei, acelerando mais o ritmo.

Quando cheguei ao fim do circuito, terminei com uma flexão.

Ela tentou imitar, mas não conseguiu se reerguer com os braços. Soltei uma risada, porque ela era mesmo engraçadinha e atrapalhada, mas era bem esforçada e eu sabia que iria melhorar logo.

— Tá faltando força no braço — expliquei para ela, que parecia meio desapontada de não ter conseguido.

— E como eu faço pra ter mais força?

— Praticando.

Ela franziu o nariz, contrariada com a resposta simples.

Quando eu comecei a praticar karatê, eu também queria que tudo acontecesse rápido e que eu virasse mestre das artes marciais do dia para a noite, então eu entendia a sua pressa. Mas um dos ensinamentos de qualquer luta era exatamente o de ter paciência.

Falando sobre os ensinamentos do karatê…

— A gente precisa conversar sobre o que aconteceu ontem — falei.

— Eu não vou mais bater nela, eu juro — Lily respondeu rápido. Como se quisesse fugir de um sermão.

— Eu sei como é — continuei. — Eu também queria bater em todo mundo que era maldoso comigo. Na verdade, eu batia em todo mundo que era maldoso comigo. Mas a violência não é a solução.

— Ela também vive me batendo — Lily reclamou.

Eu era certamente a última pessoa com moral para falar essas coisas porque havia me metido em mais brigas na vida do que conseguiria contar. Mas eu não queria que ela fosse igual a mim, queria que ela fosse melhor.

— Quando isso acontecer, você precisa contar para a sra. Scott ou para o diretor, não responder na mesma moeda.

Lily chutava um tufo de grama e evitava olhar para mim.

— Karatê não é sobre violência, Lily — falei. — É justamente o contrário, é para você ter mais equilíbrio, paciência e centramento.

— A sra. Scott nunca faz nada, porque a Jennifer é filha do prefeito.

Eu esperava que o soco que a Lily tinha dado nessa menina tivesse doído bastante, porque estaria mentindo se falasse que eu mesma não tinha vontade de socar o pai dela, e eu nem ao menos o conhecia.

Mas, infelizmente, a minha obrigação era a de não incentivar a violência.

— Quanto mais corda você der para ela, quanto mais você responder ou revidar, mais ela vai pegar no seu pé —

expliquei. — Vai por mim, se você começar a ignorar, ela vai cansar e achar outro alvo.

— Você acha?

— Não sei — respondi e soltei uma risada. Eu não conseguia mentir para ela. — Mas às vezes funciona.

— Eu acho que eu posso tentar — ela falou erguendo os ombros.

— É assim que se fala.

— Podemos voltar a treinar? — ela perguntou, meio acanhada.

— Oss! — respondi.

Seguimos a prática normalmente pelo resto da manhã e no fim, acabou sendo o nosso treino mais longo.

Já era quase meio-dia quando acabamos.

— O que eu posso fazer para ter mais força no braço? — ela perguntou de novo, como se de repente eu fosse ter uma resposta diferente.

— Praticando, eu já disse.

— Praticando como?

— Você pode começar na parede ou com alguma elevação… já sei! Ali no deck.

Caminhei até a escada do deck que levava à cozinha e mostrei como fazer a flexão usando a altura do degrau. A angulação do corpo tornava mais fácil o movimento e era uma boa forma de começar. Ela me imitou e conseguiu.

— Assim você vai treinando e fortalecendo os braços. Pode fazer na parede também — expliquei. — Depois você vai conseguir fazer sem nenhum auxílio. E depois dá até para colocar algum peso.

— Colocar peso?

— Para ter mais peso do que só o peso do seu corpo.

Ela franziu a testa, não entendendo ao que eu me referia ou talvez não entendesse onde poderia colocar o peso.

— Quanto você pesa? — perguntei.

Ela ergueu os ombros, mas respondeu:

— Acho que vinte e sete — ela disse. — O meu médico sempre me pesa quando vou lá, mas eu não lembro direito.

— Tudo bem, não importa, na verdade...

— Então por que você perguntou?

Soltei uma risada antes de ficar em posição de prancha no chão.

— Senta aí nas minhas costas — instruí. — Com as pernas cruzadas. E não se mexe.

Ela não falou nada, mas subiu.

— Quanto mais você praticar, mais fácil fica e aí você pode adicionar mais peso além do seu próprio — expliquei, mostrando o movimento com ela nas minhas costas.

Até que ela era um bom peso, bem melhor do que aqueles pesos duros e gelados da academia. Com certeza iria usar ela nas próximas vezes que dormisse ali e precisasse treinar sem equipamento.

— Quantos você consegue fazer? — ela perguntou, animada de repente.

— Não sei — falei. — Por que você não conta?

— Quantos já foram?

— Uns cinco.

—Tá! Seis, sete, oito…

Ainda faltava um pouco mais de um mês para a minha luta, mas estava feliz que havia melhorado significativamente o meu condicionamento.

O Shawn estava insistindo bastante que eu teria que estar mais forte e com mais habilidade na mão direita se eu quisesse ter alguma chance de ganhar, e como eu confiava nele de olhos fechados, estava me esforçando para fazer tudo que ele pedia.

— …trinta e um, trinta e dois…

— O que vocês estão fazendo? — Eva perguntou da porta da cozinha.

— Eu tô treinando — falei.

— Eu tô contando — Lily respondeu. — Trinta e cinco, trinta e seis…

Eva tinha um sorriso, mas tinha mais alguma coisa no seu olhar que eu não soube identificar.

— Só vim avisar que pedi almoço no delivery e que logo deve chegar — ela falou.

— Tudo bem, a gente já acabou aqui — falei, deixando o meu corpo descansar no chão.

Lily saiu de cima de mim e eu me levantei também.

— O que você pediu, mamãe?

— Pra você, um cheeseburguer.

— Eba!

Lily então saiu correndo para dentro de casa para se trocar a tempo de comer, me deixando sozinha com a mãe dela.

— E pra você peixe — Eva falou para mim. — Era a única coisa que eu tinha certeza de que estava na sua dieta.

— Obrigada.

Impressionante como no momento em que Lily não estava mais presente, eu não sabia mais como agir perto da Eva.

Ela abriu espaço para eu passar também, mas assim que atravessei a porta parei de frente para ela. Eu não sabia exatamente o que eu queria falar, nem ao menos se eu queria falar alguma coisa.

Na verdade, acho que só queria poder beijar ela.

Ela ficava maravilhosa e sexy de terninho e scarpin, mas tinha alguma coisa nela vestida de maneira casual e doméstica que fazia o meu cérebro entrar em curto.

Ela me encarou por alguns segundos, talvez esperando que eu desembuchasse de uma vez.

Eu sentia meu coração meio acelerado e conseguia sentir aquele cheiro delicioso do perfume dela perturbando a minha cabeça.

Eu estava mesmo ferrada!

— Acho melhor você se trocar — ela falou depois de um tempo. — A comida já está quase chegando.

— Eu... hm... ah! Claro, eu... eu já vou — gaguejei igual a um moleque de catorze anos falando com uma mulher bonita pela primeira vez. Mas finalmente fiz com que o meu corpo se mexesse.

Deus, eu tinha esperança de que aquele crush patético fosse passar logo...

— E passou? — a garota no meu apartamento me pergunta.

Ela não parece mais uma terapeuta agora. Está bem mais à vontade, descalça, com os dois pés apoiados na mesa de centro e comendo uma pizza de pepperoni com as mãos.

Eu estou praticamente na mesma posição, mas na outra poltrona de frente para ela. Já estamos no fim da garrafa de uísque e na segunda caixa de pizza.

— Não — respondo, soltando um suspiro.

— Foi o que eu imaginei — ela diz.

Apenas ergo o copo de uísque antes de beber mais um gole. Eu estou começando a me sentir meio bêbada.

— E vocês ficaram quanto tempo nesse clima antes de alguma coisa acontecer? — ela pergunta.

Essa garota é mesmo boa, viu? Como ela sabe que alguma coisa aconteceu?

Paro para calcular na minha cabeça antes de responder:

— Um mês.

— Um mês?

— Um mês! — confirmo.

— Então nesse mês inteiro não aconteceu nada além de momentos constrangedores e tensão sexual? — ela pergunta.

— Basicamente — respondo, erguendo os ombros. — A gente meio que desenvolveu uma rotina.

— Que tipo de rotina?

— Eu passei a ficar nos fins de semana na casa delas e a gente fazia alguns programas com a Lily.

— E nesse mês, vocês tiveram momentos a sós ou sempre com a Lily?

Paro para pensar um pouco.

— Tirando as vezes que vimos filmes juntas, acho que a maioria foi com a Lily — digo.

— Entendo.

— Era menos esquisito com a Lily — falo.

Ela morde mais um pedaço da pizza antes de perguntar:

— E quando você descobriu o que a Eva sentia?

— Como assim?

— Quando você descobriu o que a Eva sentia? — ela repete calmamente.

Eu nunca tive uma terapeuta de verdade, só as assistentes sociais que tentavam me fazer contar coisas que eu não queria. Mas já vi muito filme para saber que essa garota fala igual terapeuta.

— Nunca! — respondo.

— Então você não sabia o que a Eva sentia por você? — ela pergunta, de forma meio incrédula.

— Não fazia nem ideia.

23. EVA

Eu estava apaixonada.

Apaixonada talvez fosse uma palavra muito forte...

Eu estava enlouquecendo, era isso. Eu estava enlouquecendo.

Eu não tinha certeza de como isso havia acontecido, mas fazia mais de um mês que eu esperava que esse fascínio ridículo pela Abby passasse, mas ele só crescia.

Primeiro achei que era só uma quedinha por ela ter nos resolvido aquela questão com o Maxwell, depois achei que era por ela ser linda e atraente e, até onde eu sabia, não era pecado olhar para gente bonita!

Mas logo percebi que não era só isso.

Abby passou a ficar nos fins de semana, porque era uma viagem longa e seria menos cansativo para ela dormir em Baddeck e voltar no dia seguinte. Bom, pelo menos foi a desculpa que eu e Lily usamos, quando a verdade era apenas que nós duas gostávamos que ela estivesse na nossa casa.

O que me fazia sentir a pessoa mais incoerente do mundo. Porque eu queria que ela estivesse na minha casa, mas não queria ficar sozinha com ela porque não sabia direito como agir, então sempre dava um jeito de fazer algum programa com a Lily. Afinal, Lily era o motivo de Abby ir à Baddeck, e

achei que com o tempo e com a presença da Lily a quedinha que sentia iria passar.

Mas nem a minha filha estava sendo capaz de me ajudar, porque esses programas familiares só pioravam tudo.

Quem eu queria enganar? Eu estava mesmo apaixonada.

Ridiculamente apaixonada!

Aquele último mês estava sendo uma tortura e mesmo assim eu não queria que acabasse. Não queria me distanciar dela nem queria que aquela nova rotina absolutamente disfuncional acabasse. Talvez isso fizesse de mim uma masoquista, mas era como eu me sentia.

Soltei um suspiro tentando fazer a minha mente voltar a focar no trabalho enquanto abria a porta do escritório.

— Eva, o detetive Fuller ligou mais cedo — Frances disse assim que entrei pela porta.

Já era metade da tarde quando cheguei. Havia passado a manhã toda em uma audiência e mal havia falado com ela.

Ela parecia mais séria que o normal, então apenas coloquei a minha bolsa sobre o aparador e me sentei no sofá da recepção mesmo, local em que ela estava.

— Maxwell foi preso.

— O quê? — perguntei, não porque não havia escutado, mas porque queria ter certeza.

— Essa manhã — ela completou a informação.

— E quando será o julgamento?

Eu não me orgulhava muito em admitir que não queria vê-lo nem que fosse algemado em uma corte. Ainda tinha pesadelos com aquele dia e, para mim, quanto mais distância dele, melhor. A mera ideia de vê-lo no julgamento me deixava ansiosa.

— Semana que vem — ela respondeu. — Mas não seremos chamadas.

— Como você sabe?

— Porque o detetive Fuller que irá apresentar as provas que enviamos a ele.

Não falei nada, mas me sentia mais aliviada do que poderia expressar.

— Acabou, Eva! — Frances falou com um sorriso.

— Obrigada, Fran.

Eu devia muito a ela, afinal, foi ela que trabalhou com o detetive Fuller nesse caso, porque sabia como eu me sentia em relação a isso.

Ela era a melhor amiga que eu tinha e me sentia culpada de sempre ter me esforçado tanto para manter a nossa relação estritamente profissional todos esses anos.

Talvez fosse a hora de mudar isso, afinal éramos praticamente vizinhas.

— Tem outra pessoa que eu aposto que iria gostar dessa notícia — ela disse para mim com um sorrisinho de lado.

Retribuí o sorriso e peguei o meu celular.

— Bom, eu vou trabalhar, se precisar de mim é só me chamar — Frances disse, já caminhando para a sua sala.

Eu fiz o mesmo e fechei a porta antes de mandar uma mensagem para Abby.

Eva: eu tenho novidades...

Não demorou nem dois minutos para ela me responder.

Abby: o que?

Eva: Que rápido! Você não tá trabalhando hoje?

Abby: não, hoje to fazendo os exames médicos para a luta...

Abby: são tipo, uns vinte mil. Tem exame cardíaco, pulmonar, físico, neurológico, de urina, de sangue... um saco. A ultima vez que fiz tanto exame foi quando tava gravida.

Me dei conta que nunca havíamos conversado sobre a gravidez dela, mas me peguei querendo saber mais detalhes. Notei também que não me sentia mais ameaçada por aquilo, na verdade, gostava de poder saber mais sobre a história da minha filha.

Eva: Posso te ligar?

Abby: claro!

Não perdi tempo e já na primeira chamada, Abby atendeu.

— Qual é a novidade? — ela perguntou.

— Maxwell foi preso. Frances acabou de me contar.

— Tá zuando?

— Foi pego em flagrante.

— Que notícia maravilhosa — ela disse. — Agora você não precisa mais se preocupar.

— E quem disse que eu estava preocupada?

— Eu sei que você tava. Você sempre parecia assustada quando ouvia algum barulho na casa.

Me senti um pouco envergonhada de ela ter notado, mas era verdade, desde aquele dia, eu não me sentia mais muito segura na minha casa.

— E você estava certa — ela continuou. — Principalmente com a Lily em casa.

— Pelo menos não precisarei me preocupar por alguns anos.

— Eu fico feliz por você se livrar dessa preocupação.

— Obrigada — respondi, sorrindo. Eu sempre sorria quando falava com ela agora. — E esses exames, ficam prontos quando?

— Daqui a pouco já, como é para o comitê de esportes, é bem rápido.

— E você vai voltar a trabalhar hoje?

— Vou, só tô esperando para pegar os resultados... ah, pera aí, o médico tá vindo...

Eu esperei enquanto ela falava com médico.

— Bom, tá tudo certo — ela disse para mim. — Tô liberada para a luta.

Embora eu já estivesse mais acostumada com a ideia, ainda me sentia preocupada com essa luta. Eu não queria que ela se machucasse.

— Você ainda não me disse o número do seu voo para eu e a Lily comprarmos a passagem — falei.

Eu sabia que eu não precisava ir no mesmo voo que ela, mas Lily insistia. Eu também preferia assim.

— Ah, é que eu ainda não sei, eles precisavam dos meus exames para seguir o protocolo — ela explicou. — Essa semana eu já devo saber. Mas, Eva, vocês querem mesmo assistir? — ela perguntou e notei que estava um pouco hesitante, como se achasse que estávamos indo por obrigação.

— É claro — falei. — Eu não assisti todos os filmes do Rocky para não usar o meu novo conhecimento.

— Você assistiu todos os filmes do Rocky porque você gostou! — ela provocou.

— Eu assisti para entender a sua luta.

— Eu vi você chorando em *Rocky Balboa*.

Soltei uma risada.

Talvez eu tenha chorado mesmo, mas eu estava emotiva naquele dia.

— Está bem, está bem — admiti. — Eu confesso que fiquei emocionada com a forma que ele ainda amava e respeitava a Adrian mesmo depois dela ter morrido há tanto tempo.

— Eu sabia! Eu sabia que você iria sucumbir e admitir que eles são um casal lindo.

— Admito que você tinha razão sobre isso — falei, sem me importar em dar o braço a torcer. — Mas voltando a você, é claro que eu quero ver a sua luta.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos. Eu não sabia o que ela estava pensando, mas esperava que ela acreditasse em mim.

— Bom, nesse caso, quando eu souber o número do voo, eu te aviso.

— Vou ficar esperando.

— Eva, eu tenho que trabalhar agora — ela falou, soando meio desapontada. — Eu preciso desligar.

— Tudo bem, a gente se fala mais tarde. Bom trabalho, Abby.

— Até depois. Beijo.

Ela desligou antes que eu pudesse responder.

24. ABBY

Eu estava nervosa.

Shawn tentava me manter focada e segura, mas agora, faltando menos de uma semana para a minha luta, um friozinho na barriga era inevitável. Também tinha o fato de que eu nunca havia andado de avião e não era grande fã de altura.

Eram seis da manhã e tinha acabado de chegar da minha corrida. Agora já conseguia correr ladeira acima sem precisar diminuir a velocidade e sem sentir que os meus pulmões iriam colapsar. Também havia aumentado o percurso para oito quilômetros por dia.

— Cinquenta e nove, seiscentos e noventa — Shawn falou, olhando o meu peso na balança do seu escritório, então ergueu a mão para um high-five.

— Isso! — exclamei, aceitando o cumprimento dele.

— Você conseguiu.

Desci da balança e me sentei para colocar o meu All Star de volta.

— Você sabe qual o peso aproximado que ela está? — perguntei.

Eu sabia que Crystal era cinco centímetros mais baixa do que eu e nas últimas lutas estava pesando por volta de

57kg. Mas imaginava que iria tentar ganhar peso para a nossa luta.

— Eu acho que ela deve ter ganhado bastante massa — Shawn disse. — Deve estar na casa dos 59kg também.

Apenas assenti com a cabeça.

Crystal já era conhecida por acabar com uma luta por nocaute em menos de três rounds. Ela ganhando mais massa não era exatamente o tipo de notícia que me deixava saltitante.

Não me entenda mal, eu me sentia bem comigo mesma e podia notar que Shawn estava confiante, ainda assim, não conseguia evitar me sentir nervosa.

Seria a minha primeira luta profissional e, sinceramente, esperava que a última. Eu amava o boxe. Eu entendia o esporte e a sua importância, sabia que ele havia me salvado quando eu mais precisava, mas eu queria poder trabalhar com ele apenas como instrutora.

A verdade era que eu não gostava muito de lutar, gostava de ensinar.

Quem sabe se eu conseguisse mesmo derrotar a Crystal, pudesse usar o dinheiro para investir em uma escola ou coisa assim.

Bom, eu podia sonhar, não é?

Acho que Shawn notou o meu semblante distraído, então bateu as mãos uma na outra, fazendo eu dar um salto da cadeira.

— Bora treinar? — ele perguntou.

Terminei de amarrar o cadarço e me levantei. Eu sempre treinava de All Star, era uma superstição e achava que poderia me dar sorte de alguma forma.

— Bora — respondi.

O treino daquele dia era mais focado na estratégia que ele tinha elaborado para essa luta.

Eu estava no punching ball treinando a velocidade e precisão dos meus socos. No começo, tinha mais dificuldade de acertar o tempo e ritmo, mas agora conseguia manter a frequência por bastante tempo, até começar a sentir os meus ombros e braços queimando.

— Hoje vamos fazer uma sessão de sparring — Shawn explicava enquanto eu continuava me concentrando no punching ball. — Mas só usando o braço direito.

— Tá.

Ele estava realmente determinado em melhorar a minha habilidade ambidestra, e eu já tinha feito vários treinos com o braço esquerdo preso.

— Eu quero que você deixe ela confusa — ele continuou. — Ela tá treinando há meses para enfrentar uma southpaw, mas você vai começar a luta como destra e só quando ela achar que entendeu o seu jogo, você vai mudar para a esquerda.

— Como em *Rocky II?* Não sei, Shawn — falei, parando o movimento que estava fazendo e segurando o punching ball. — Eu não sei se consigo inverter assim.

A minha vida não era um filme, e uma coisa era melhorar a habilidade do braço direito, outra coisa era lutar como uma lutadora destra.

— É pra isso que você tá treinando há dois meses, Sinclair.

Soltei um suspiro. Como disse, eu confiava nele, então apenas acatei.

— Pro ringue — ele ordenou.

Ele mesmo que foi meu sparring naquele dia e pude entender por que ele tinha ganhado tantos títulos no passado. Ele era rápido e preciso e não perdia uma oportunidade de golpear.

— Ela raramente expõe o lado esquerdo — ele falava enquanto a gente apenas circulava o ringue, um encarando o outro com as luvas empunhadas. — Ela sabe que é o lado fraco dela, por isso tá sempre protegido, mas quando ela baixa guarda, demora mais do que o direito para voltar, o que significa que você vai ter um espaço maior para atacar. Você vai ter que aproveitar esses intervalos.

Quando Shawn abaixou a mão esquerda para demonstrar, eu o acertei com a mão direita. Eu não coloquei toda a minha força, porque era uma sessão de sparring, não uma luta, mas senti que estava mesmo com mais firmeza nessa mão.

— Isso aí — ele falou. — Pode soltar mais o braço, quero que você pratique mais a força também.

Nós estávamos de capacete de proteção, ainda assim, sentia certo receio de sair batendo nele.

— Deixa de ser molenga, Sinclair — ele aumentou o tom da voz. — Isso é uma ordem.

— Você que pediu — respondi, soltando um suspiro.

Não era todo dia que você tinha a chance de bater no seu chefe.

Passamos o resto do meu treino lutando. Ele também me acertou algumas vezes e, ainda que eu soubesse que ele estava controlando a força, doía pra caramba. Mas eu sabia que era importante eu me habituar com a dor, afinal Crystal não iria bater de brincadeira.

A cada soco que ele conseguia acertar em mim, eu sentia a minha adrenalina subir. Ele tentava emular os trejeitos e o estilo de Crystal e eu estudava os seus passos enquanto ele circulava o ringue.

Ele tentou um cruzado de esquerda do qual eu consegui me esquivar, e antes que ele pudesse proteger o lado esquerdo do rosto, acertei um gancho no seu maxilar. Na mesma hora, Shawn caiu no chão.

— Shawn?

Me abaixei ao lado dele.

— Que merda! Você tá bem? — perguntei.

— Você vai me deixar com uma puta dor de cabeça — ele falou, se reerguendo. — Mas pelo menos vai acabar com ela no ringue.

Ele sorriu para mim e esticou a sua luva para eu cumprimentar.

— Você acha?

— Tenho certeza! — ele disse. — Você tá preparada.

— Valeu, Shawn!

— Por hoje é só — ele falou, saindo do ringue. — Eu vou colocar gelo na minha cara, se você não se importa.

Eu me sentia eufórica e ansiosa ao mesmo tempo.

Tudo que eu queria era ganhar aquela luta.

E queria que Eva e Lily me assistissem ganhando.

***

A luta seria no sábado, mas pegaríamos o voo para Toronto na quinta-feira.

Eu ainda não acreditava que Eva havia deixado Lily faltar dois dias na escola e ela mesma perderia dois dias de trabalho só para me acompanhar no voo e na viagem. Elas poderiam ir no sábado se quisessem e ainda assim estariam fazendo mais do que eu merecia.

Mas claro que eu não iria reclamar de ter mais tempo com elas.

A gente havia marcado de se encontrar no aeroporto de Halifax duas horas antes do voo.

Eu, Shawn e Clay fomos em um único carro, no Jeep do Shawn. Mas graças ao Clay, nos atrasamos mais de meia hora e quando chegamos ao aeroporto, Eva e Lily já estavam nos esperando.

— Abby! — Lily gritou quando me viu e correu ao meu encontro.

Eu peguei ela no colo e continuei andando em direção a sua mãe.

— Você tá com medo? — Lily perguntou.

— Um pouco — respondi. — Lily, esse é o Shawn, ele é meu treinador.

— Prazer, princesa — Shawn respondeu, estendendo a mão para ela.

— E esse é o Clay — falei quando ela soltou a mão do Shawn. — Ele não faz nada, mas eu não consigo fazer ele desgrudar de mim.

— Ei! — Clay exclamou e deu um peteleco na minha cabeça. — Eu faço parte da comissão técnica!

— E o que a comissão técnica faz? — Lily perguntou.

— Um monte de coisa — Clay respondeu.

— Viu? Nem ele sabe — falei para Lily, que soltou uma risada.

A minha risada parou quando chegamos até Eva e senti meu coração acelerando ao ver ela com um vestido rosa claro de manga sete oitavos, com a barra um pouco acima dos joelhos.

Devia ser ilegal ser tão gata.

— Oi — falei, como a pessoa mais bocó do mundo, que era exatamente o que eu era.

— Oi — ela respondeu com um sorriso gentil.

— Prazer, eu sou o Shawn — ele falou cumprimentando Eva. Imagino que ele tenha cansado de esperar eu fazer as apresentações e resolveu fazer ele mesmo, mas a culpa não era minha de Eva estar com aquele vestido.

Shawn e Clay sabiam apenas que eu treinava a Lily nos sábados, não sabiam do meu parentesco genético com ela.

— Prazer, Shawn, eu sou a Eva — ela se apresentou naquele tom de advogada. — Espero que você tenha treinado ela direito.

Eu podia estar enganada, mas achei que tinha certo tom de ameaça na fala dela.

— Não se preocupe, ela vai acabar com a Crystal.

Eva apenas assentiu.

— Eu sou o Clay.

— Prazer — Eva respondeu, cumprimentando-o também. — Eu acho que temos que ir para o portão de embarque.

Lily só saiu do meu colo na hora que passamos pelo raio-x, ainda assim, não parava de me perguntar coisas sobre a luta.

— E se ela ficar correndo em círculos e você não conseguir alcançar ela?

— Ela não pode correr, nanica — expliquei. — Ela precisa pontuar para poder ganhar.

— Como que pontua?

— Com os golpes.

— Mas então é só você ficar dando golpes nela direto até o fim.

— Toda vez que eu aplicar algum golpe, vou ter que desproteger meu rosto e ela pode me acertar também.

— Mas aí você sai correndo.

Ouvi Shawn soltar uma risada ao nosso lado.

— Acho que ela que devia ser a sua treinadora — ele falou.

— Eu também acho — respondi.

— Só tô falando. — Lily deu de ombros.

— Acho que está na hora do embarque — Eva falou, olhando para o painel de partidas.

Ela estava quieta, mais quieta do que o normal. Eu tinha a impressão de que ela estava nervosa.

Seria por causa da luta?

— Bom, vamos indo então — Shawn respondeu Eva.

— Engole isso e vamos, Clay — falei para ele, que comia um scone de chocolate. — E limpa essa boca.

— Qual o seu assento, Abby? — Lily me perguntou.

— 24C.

— Ah! O nosso é 3A e 3B — ela falou, cabisbaixa.

— Executivo — Clay comentou, soltando um assobio.

— Você tá em qual? — Lily perguntou a ele.

— Do lado da Abby e do Shawn.

— Você quer trocar? — Eva ofereceu. — Você e Shawn podem ficar com os nossos assentos e eu e Lily ficamos com a Abby.

— Isso! — Lily comemorou.

Como?

— Demorou — Clay falou.

— Você tem certeza? — Shawn perguntou à Eva.

— Claro — ela respondeu. — Não me importo com o assento.

Fiquei sem saber o que responder, mas queria abraçar ela e não soltar mais.

25. EVA

— Você quer ficar com a janela? — perguntei à Abby enquanto caminhávamos no estreito corredor do avião até os nossos assentos.

— Não! — ela respondeu rapidamente. — Quero ficar o mais longe possível da janela.

— Nesse caso, melhor ficar no corredor.

— Eu quero ficar do lado da Abby — Lily falou, animada.

Lancei um olhar para Abby para confirmar se estaria tudo bem, afinal a minha filha podia ser bem tagarela às vezes e não sabia se Abby iria querer se concentrar ou pensar nas estratégias da luta.

Quando encontrei os seus olhos, notei que ela me encarava de um jeito diferente, mas eu não soube descrever ou compreender o que significava.

— Claro, nanica! — Abby respondeu.

— Bom, então a Lily vai no meio, e a janela é minha — falei entrando primeiro na fileira apertada.

Deus, eu tinha impressão de que a cada ano eles colocavam mais fileiras nas aeronaves, porque parecia cada vez mais apertado. Por isso que sempre comprava passagem na classe executiva.

Pelo menos os voos da Northern Star Airlines ainda tinham um bom serviço de bordo e bastante opções de entretenimento, o que compensava um pouco a falta de espaço. Mas se continuasse nesse ritmo, logo teríamos que voar de pé, segurando a barra de segurança igual a um metrô.

O aeroporto de Halifax era relativamente pequeno e, por esse motivo, quase nunca atrasava uma decolagem, então dez minutos antes do horário previsto, já estávamos decolando.

Lily não parava de falar um segundo sequer, mas Abby respondia tudo com paciência e bom humor. O que me deixava feliz, porque Lily tentou falar comigo o caminho inteiro de Baddeck até Halifax, mas eu só conseguia responder de maneira breve e monossilábica, tamanha a minha ansiedade.

Eu não conseguia entender por que eu estava tão nervosa, parecia até que seria eu a subir naquele ringue.

Mas eu me preocupava com Abby.

Ela não estava indo jogar dominó na praça, estava indo enfrentar a atual campeã de boxe.

Eu havia passado a semana toda pesquisando essa tal de Crystal e vendo as lutas dela no YouTube e, sinceramente, cheguei à conclusão de que preferia não ter visto.

A mulher era uma máquina de nocautear pessoas, e eu ficava com o coração saindo pela boca só de pensar que ela iria acertar o rosto lindo da Abby em menos de 72h.

Mas me esforçava para não focar muito nessa parte.

Já estávamos voando há quase uma hora. Lily já havia se cansado de tanto fazer perguntas para Abby e agora jogava algum joguinho offline no seu tablet e eu apenas observava o céu azul pela janela do avião.

— Mamãe! — Lily me cutucou de leve, chamando a minha atenção.

Me virei para ela, intrigada pelo seu tom de cochicho. Ela não falou mais nada, apenas indicou com os olhos a direção de Abby, que tinha as mãos apoiadas nos joelhos e balançava as pernas impacientemente.

Foi só então que notei que o avião estava com bastante turbulência e que ela estava com medo.

Eu nunca tive medo de voar, então nunca tive problemas com turbulências, mas o trajeto de Halifax para Toronto, por algum motivo, era sempre muito turbulento mesmo.

— Você troca comigo, meu amor? — perguntei para Lily, que apenas assentiu, já tirando o cinto de segurança. Abby parecia tão concentrada que nem notou o nosso movimento ao seu lado.

Primeiro, me certifiquei de que Lily afivelasse o seu cinto corretamente, então me virei para Abby e levei a minha mão à dela.

Ela deu um salto, assustada com o contato, mas logo se acalmou e deixou que eu pegasse a sua mão. Entrelacei os nossos dedos e apoiei sobre a minha perna.

— Você tá a ponto de enfrentar a campeã nacional de boxe e tá com medo de um voo de duas horas?

Os seus joelhos continuavam subindo e descendo em um movimento inquieto. Usei a minha outra mão para acariciar

o seu braço, tentando fazer ela relaxar um pouco.

— Na luta, eu tenho algum tipo de controle — ela disse. — Se esse negócio cair eu não posso fazer nada.

— *Esse negócio* não vai cair — assegurei.

— Você não pode ter certeza.

— Eu tenho 99% de certeza, que é a porcentagem de voos bem-sucedidos.

— Sempre tem aquele 1% — ela falou, mas notei um sorrisinho, mostrando que era mais uma piada do que uma contestação.

— Relaxa, a gente já tá quase chegando — eu disse para ela, ainda fazendo um carinho no seu braço.

Ela apertou a minha mão quando o avião passou por mais uma turbulência. A mão dela não era exatamente macia, mas também não era áspera; era uma mão forte, como era de se esperar de uma lutadora, e segurava a minha de maneira firme, mas não com força.

Seguimos o resto do voo nessa posição e nem mesmo quando o serviço de bordo foi servido, ela desentrelaçou os nossos dedos.

Chegamos à Toronto por volta das onze horas da manhã e fomos direto para o hotel, porque no fim da tarde, aconteceria a coletiva de imprensa e a pesagem oficial da luta.

***

— Se acalma, Sinclair — Shawn falou para Abby nos bastidores de onde seria a pesagem.

Abby havia insistido para que eu e Lily pudéssemos entrar ali junto com a equipe dela, e Shawn conseguiu credenciais para nós. Eu estava começando a gostar dele, era bastante óbvio que ele se importava com Abby e que zelava pelo seu bem-estar, o que me deixava um pouco mais confiante em saber que era ele que a estava treinando.

— Eu tô calma! — Abby respondeu em um tom meio agudo.

— É por isso que você não para de se mexer? — ele perguntou.

Coloquei uma mão sobre o ombro dela para tentar dar algum apoio. Lily segurava a minha outra mão e parecia curiosa com absolutamente tudo que via.

— Abby? — um homem com uma prancheta a chamou. — Vamos lá?

Essa parte foi rápida e não houve muita troca de palavras entre Abby e Crystal. Elas apenas posaram para a foto oficial antes de serem pesadas.

Aquele foi o primeiro momento que vi Crystal ao vivo e, embora Abby fosse mais alta, Crystal tinha uma presença intimidadora e parecia bem mais forte que Abby. Ela também era loira, mas tinha o cabelo preso com tranças embutidas, um penteado que notei ser comum entre as lutadoras. Imaginava que fosse para que o cabelo não atrapalhasse durante a luta.

Ela não era alta, mas era notório o quanto era forte. Tinha os braços bem mais definidos que os de Abby e parecia não ter um único porcento de gordura corporal.

Senti uma sensação ruim no peito ao ver elas uma ao lado da outra.

— Merda! — Shawn exclamou ao meu lado assim que Abby subiu na balança.

— O que foi? — perguntei apreensiva.

— Crystal tá com 59,931 e a Abby baixou para 58,734.

— Faz muita diferença?

— Falando da Crystal, pode fazer — ele respondeu sério.

A sensação ruim piorou ainda mais.

— Ela falou que estava mais ou menos com cinquenta e nove e meio, como ela abaixou tanto em quatro dias? — perguntei.

— Nervosismo — Shawn explicou.

— Eu achei que ela comeu pouco no almoço — falei.

— Eu também — ele concordou. — Ela vai ter que comer bem hoje e amanhã, senão não vai aguentar essa luta.

— Eu faço ela comer — assegurei ele.

— Obrigada, Eva — ele falou e colocou uma mão sobre o meu ombro.

Eu gostava dele. Podia sentir que estava preocupado também e, para mim, era importante saber que Abby estava cercada de pessoas que se preocupavam de verdade com ela.

Eu sabia que se fosse preciso, Shawn jogaria a toalha e encerraria a luta antes de Abby se machucar muito.

26. ABBY

Que merda!

Crystal estava pesando mais do que eu. Essa era praticamente a única vantagem que eu tinha sobre ela, além da minha altura.

Merda! Merda! Merda!

Ela me olhava de uma forma predatória, como um leão olha uma caça, e tinha um sorrisinho sádico no rosto.

Eu sabia que ela gostava de fazer esse joguinho mental. Ela era conhecida por entrar na cabeça das lutadoras e desestabilizá-las antes das lutas, e acho que ela notou que fiquei insegura na hora que vi meu peso e agora tentava se aproveitar da minha insegurança.

Limpei os meus pensamentos para não me deixar abalar com aquilo. Era muito cedo para eu começar a perder a luta.

Tentei me lembrar daquele primeiro dia que Shawn me falou dessa luta e da certeza que ele tinha de que eu podia vencer ela. De que ela era lenta demais para mim.

Tentava pensar nas possíveis vantagens que eu poderia ter com essa informação de que ela estava no limite do peso da categoria. Ela poderia estar mais forte do que nunca, porque era claro que havia ganhado muita massa, mas

também estava mais pesada, o que talvez a deixasse ainda mais lenta em relação a mim.

Ela nunca tinha tido uma luta longa, sempre havia vencido por nocaute em poucos rounds e a única luta que ela não havia vencido por nocaute, havia sido uma luta curta de quatro rounds.

Se eu fosse mesmo mais ágil do que ela, poderia forçar uma luta longa e me aproveitar do seu cansaço.

Meus pensamentos foram interrompidos quando notei ela se aproximando de mim.

— Eu vou acabar com você — ela disse, soltando uma risada esnobe antes de bater com o seu ombro no meu e caminhar em direção a área da coletiva de imprensa.

Respirei fundo antes de fazer o mesmo.

A coletiva era igual a qualquer coletiva que eu já tinha visto na TV. Eu, Shawn e Clay estávamos sentados lado a lado, e Crystal estava na outra ponta com a sua comissão.

Na nossa frente, vários jornalistas e fotógrafos se amontoavam para as perguntas. Eva e Lily estavam na primeira fileira, e eu tentava olhar apenas para elas e não para aquela tempestade de flashes.

— Crystal — um jornalista chamou. — Por que convidar uma lutadora que não era da liga profissional? Estava com medo das que estavam no ranking?

Ela soltou mais uma vez aquela risada esnobe.

— Primeiro vocês me acusam de ter lutas previsíveis com lutadoras que eu já conhecia, e quando eu escolho uma que eu nunca vi lutando me acusam de ter medo — ela falava

sem tirar o sorriso sarcástico. — Quando vocês vão se convencer que não tem ninguém melhor que eu?

— Como você se preparou para lutar com uma southpaw? — outro jornalista se meteu antes que o primeiro pudesse ter a chance da tréplica.

Ela ergueu os ombros, como se não fosse grande coisa lutar comigo.

— Como para qualquer outra luta: treinando.

— Abby, essa é a sua primeira luta profissional — uma jornalista me chamou. — Você acha que tem chance?

— Eu já lutei em competições amadoras e sou sparring há muito tempo — falei. — A Crystal é a campeã, mas eu vou dar o meu melhor.

— Eu acabo com ela em dois rounds — Crystal rebateu.

Apenas soltei uma risada e balancei a cabeça em descrença. Essa mulher era muito cheia de si, e eu odiava gente arrogante.

Eu poderia até perder aquela luta, mas iria aguentar os oito rounds inteiros de pé, custasse o que custasse! Só para fazer ela engolir as suas palavras.

Na primeira fileira, Eva olhava com um olhar fulminante para Crystal, e Lily parecia que iria subir no palco e recriar a cena com a Jennifer a qualquer minuto.

As perguntas eram cansativas e a postura agressiva de Crystal também, então quando finalmente acabou, depois de quase uma hora, pulei da cadeira para ir logo embora.

Eva e Lily me encontraram na área reservada das equipes, enquanto Shawn e Clay trocavam uma palavra com os

organizadores da luta.

— Achei que não ia acabar mais — falei assim que me aproximei delas.

— Vamos jantar? — Eva perguntou.

Apenas assenti com a cabeça; eu queria ir para o hotel, mas sabia que precisava comer. Ainda mais agora sabendo que havia perdido tanto peso.

Eva levou a mão ao meu braço em um gesto de apoio e nos encaminhamos para a saída.

Eu estava exausta. Do meu treino da madrugada, do voo, dessa coletiva…

— Eu vou fazer você beijar a lona, Sinclair. — Revirei os olhos ao ouvir mais uma vez a voz de Crystal vindo de trás de mim.

Que mulher mais chata!

Parecia uma cruza de papagaio com carrapato.

Me virei a tempo de ver ela se aproximando. Os olhos dela pousaram imediatamente sobre Eva, a analisando de cima a baixo e eu senti o meu sangue fervendo com esse olhar.

— Bom, você pode tentar — respondi Crystal, me colocando na frente de Eva e Lily.

Crystal esboçou mais uma vez aquele sorriso insuportável.

— E você quem é? — ela perguntou para a Eva.

— Ninguém do seu interesse! — respondi.

— Ciumenta — Crystal falou, erguendo uma sobrancelha, parecendo se divertir com a minha reação.

Nem eu nem Eva respondemos nada, e Crystal continuou olhando para Eva com aquele olhar predador de mais cedo.

— Se você quiser saber como é estar com uma campeã de verdade — ela disse para Eva — pode vir no meu vestiário depois de eu colocar a sua namoradinha para dormir...

— Eu vou acabar com você! — falei, partindo para cima dela.

Eu a empurrei com força, fazendo dar dois passos para trás. Ela revidou da mesma maneira, mas antes que eu conseguisse meter a mão na cara dela, Shawn apareceu para me segurar. Crystal tentou me acertar também, mas foi impedida por dois homens.

— O que diabos você pensa que tá fazendo, Sinclair? — Shawn perguntou ainda me segurando.

— Sábado, eu te arrebento! — falei para Crystal, ignorando Shawn.

Crystal se soltou dos homens que a seguravam e lançou uma piscada para Eva.

— Meu convite tá de pé — ela disse.

— Se você chegar perto dela, eu te mato! — falei.

— JÁ CHEGA, SINCLAIR! — Shawn gritou e me virou para ficar de frente para ele. — Abby! Se acalma, você tá entrando no jogo dela.

— Qual é, Abby, vai cair nesse joguinho mental agora? — Clay falou. — Ela só tá tentando entrar na sua cabeça.

— E conseguindo, pelo jeito — Shawn disse.

Eu ainda sentia o meu sangue fervendo e queria muito socar alguma coisa. De preferência, a cara da Crystal. Mas acho que teria que esperar até sábado.

De repente, senti algo quente na minha mão e vi que era a mãozinha de Lily. Eva estava ao lado dela, com a mão sobre o ombro da filha.

— Ela só tá tentando te provocar — Eva disse em um tom gentil, mas eu podia ver na cara dela que ela tinha se abalado com aquela situação.

— Desculpa pelas coisas que ela disse — falei.

— A culpa não é sua.

— Tomara que você bata bastante nela sábado — Lily falou.
— Eu não gostei dela.

— Eu também não — concordei.

— Vamos jantar? — Eva perguntou.

— Por favor!

27. LILY

A mamãe convidou a Abby pra jantar lá na CN Tower, naquele restaurante que dá pra ver a cidade toda.

A gente só jantou lá uma vez, com a tia Laura e o namorado dela, mas eu achei bem legal, porque parece que a gente tá num avião de tão alto.

— Vocês querem vir com a gente? — a mamãe perguntou para o sr. Shawn e o sr. Clay.

Ela não parecia muito animada em convidar eles, mas acho que era a coisa educada a se fazer. Ela sempre dizia que a gente tem que ser educada com as pessoas.

— Clar… — o sr. Clay estava respondendo, mas o sr. Shawn deu uma cotovelada nele.

— Não, obrigado — o sr. Shawn disse. — Nós vamos jantar no hotel mesmo e repassar algumas estratégias para a luta.

— Então a Abby devia vir com a gente — o sr. Clay falou.

— A Abby precisa descansar a cabeça — o sr. Shawn argumentou e lançou um olhar engraçado para o sr. Clay. — Vocês, divirtam-se.

— Valeu, Shawn — Abby falou.

A mamãe não disse nada, apenas pegou a minha mão na dela e a gente saiu com a Abby.

O restaurante não tava tão cheio como na vez que a gente foi com a tia Laura, e Abby escolheu uma mesa na parede de vidro que dava para ver o lago Ontário. Ainda não tinha escurecido e dava pra ver bem o lago, mas eu sabia que depois só ia dar pra ver as luzes da cidade.

A Abby tava meio quieta e acho que ela ainda tava com raiva da Crystal, e a mamãe também tava meio estranha.

A gente já tinha pedido as comidas, mas só tinham trazido as bebidas ainda. A mamãe tinha obrigado a Abby a pedir um prato com bastante carboidrato e vitaminas, e disse que ela tinha que comer para poder enfrentar a Crystal.

A Abby tentou falar que não queria, mas a mamãe disse que eram ordens do sr. Shawn.

Depois disso, as duas voltaram a ficar em silêncio. A mamãe tava olhando pela parede de vidro e a Abby tava bebendo o seu suco.

— Vocês tão namorando? — perguntei.

Abby se engasgou com o suco e a mamãe se virou para mim tão rápido que achei que ela iria cair da cadeira.

— O quê? — Abby perguntou.

— De onde você tirou isso, Lily? — a mamãe perguntou.

— A Crystal disse que a Abby é a sua namorada — respondi à mamãe.

Ela falou *namoradinha*, mas acho que era só porque a Abby é mais nova que a mamãe.

A Abby e a mamãe ficaram se olhando, acho que elas não sabiam o que me responder.

— A gente não está namorando, nanica — a Abby disse. — A Crystal só disse aquilo para me provocar.

— Por que isso iria te provocar?

A Abby coçou a cabeça e olhou para a mamãe.

— Porque ela achou que se estivéssemos namorando, a Abby ficaria brava com ela falando aquelas coisas para mim — a mamãe disse.

— Mas a Abby *ficou* brava.

— Hm… pois é — Abby falou.

— Ela ficou brava porque foi desrespeitoso, mesmo eu não sendo a namorada dela — a mamãe explicou.

— Exatamente! — Abby falou meio desesperada.

A Abby tava toda esquisita, se remexendo na cadeira.

— Você me disse que a violência nunca é a resposta — eu falei para a Abby.

— Pois é… sobre isso — Ela voltou a coçar a cabeça. — Às vezes é mais fácil falar do que fazer. Mas o Shawn fez certo em me impedir. Eu deveria ter ignorado.

Eu não disse nada.

Mas fiquei pensando que eu nunca tinha visto ela tão brava antes. Eu só ficava brava assim com a Jennifer quando ela falava das pessoas que eu amava, como a mamãe e a Abby. Por isso, achava que a Abby também devia ter ficado brava porque amava a mamãe.

Era a única explicação.

Eu achava que seria perfeito se a mamãe e a Abby começassem a namorar e se casassem; aí a Abby seria a minha mãe de novo e a mamãe também continuaria sendo a minha mãe e seria perfeito.

E a Abby ficou mesmo muito zangada com a Crystal, por isso eu achava que ela gostava muito da mamãe. E achava que a mamãe também gostava da Abby.

A gente nunca recebia visitas na nossa casa antes da Abby e eu nunca tinha visto a mamãe ficar assim feliz e sorrindo tanto com outra pessoa antes. Só comigo. E agora com a Abby.

Eu achava que elas só precisavam de um empurrãozinho.

***

Eu não sabia ainda como juntar elas, mas nos filmes que eu tinha visto, o melhor jeito era sempre fazer elas passarem mais tempo juntas.

Então, no outro dia, eu convidei a Abby para conhecer a cidade com a gente. Ela teve que treinar pela manhã, mas o sr. Shawn disse que ela podia ter a tarde de folga.

A mamãe ficou toda animada, planejando as coisas que a gente iria fazer naquela tarde e pediu a minha opinião pra tudo.

E se você quer saber, olhando agora, eu acho que fui muito burra.

Como que eu nunca tinha reparado que a mamãe e a Abby já pareciam um casal? Eu tava meio irritada comigo mesma de a Crystal ter notado antes de mim, mas tudo bem, o importante era que agora eu tinha notado. E imaginava que seria ainda mais fácil juntar elas assim.

Mas desde o comentário da Crystal, eu comecei a reparar como a mamãe sempre ficava vermelha quando a Abby fazia algum comentário sobre ela estar bonita, o que acontecia bastante vezes. Também comecei a reparar que a mamãe sempre tocava na Abby, tipo, o tempo todo.

A gente tava naquele aquário grandão da cidade e a mamãe ficava colocando a mão no braço ou nas costas da Abby quando a gente ia de um ambiente para o outro, como se a Abby fosse se perder ou coisa assim.

Eu não entendia como elas ainda não tavam namorando.

Será que era eu que tava atrapalhando?

Talvez elas precisassem de mais tempo sozinhas.

Eu podia deixar elas sozinhas, mas a mamãe nunca me deixava dormir na casa das minhas amigas ou ficar sozinha em casa, pra que elas pudessem sair sem mim.

Talvez eu pudesse pedir para Abby falar com ela, para ela deixar eu dormir na casa da Bella ou da Amber um fim de semana. A mamãe fazia quase tudo que a Abby pedia.

Era isso! Esse era o meu plano.

Mas antes de poder colocar ele em prática, a Abby tinha que enfrentar a Crystal.

E não vou mentir, eu tava super nervosa.

28. ABBY

Faltava apenas alguns minutos agora.

Eu terminava de colocar a bandagem na minha mão direita e já começava a sentir o frenesi da luta. Meu corpo todo tremia internamente, como se eu tivesse bebido muito café ou energético, mas estava completamente limpa de qualquer estimulante. Era só adrenalina mesmo.

Shawn pegou o meu pulso esquerdo para colocar a luva para mim. Ele prendeu bem com fita para que não soltasse, então fez a mesma coisa com a minha mão direita.

Ninguém falava nada e os dois apenas deixavam que eu me concentrasse.

Clay aplicou vaselina sob os meus olhos e na minha bochecha e Shawn começou a massagear os meus ombros, ajudando a aquecer a musculatura.

— Lembra da movimentação — Shawn falou. — Você tem que cansar ela. E nada de tentar um nocaute nos primeiros rounds, você não vai conseguir e só vai deixar ela mais motivada a te derrubar. E sempre que puder, acerta ela no corpo. E não esquece o que eu falei sobre o lado esquerdo dela ser mais lento...

Eu apenas assentia com a cabeça, concordando com tudo. Eu já sabia de tudo aquilo, nós havíamos treinado

exaustivamente para aquele momento. Mas me acalmava ouvir ele repetir tudo de novo.

Ouvi uma batida na porta do vestiário e me virei a tempo de ver Eva e Lily paradas ali.

— Podemos falar com a Abby um minutinho? — Eva perguntou com um tom de voz suave.

— Claro — Shawn falou. — Vamos, Clay.

Os dois caminharam até a porta, mas antes de sair, Shawn colocou a mão no ombro de Eva e instruiu:

— Só cinco minutos, está bem?

— Só viemos desejar boa sorte — Eva disse a ele.

Shawn e Clay saíram, e Lily e Eva entraram.

Lily correu até mim para me dar um abraço. Eu já estava com as luvas presas, mas a abracei mesmo assim.

— Eu sei que você consegue — ela me disse.

Acho que posso ter posto um pouquinho mais de força do que pretendia no abraço, porque ela soltou uma interjeição de dor e começou a rir.

— Desculpa, nanica — falei. — Eu tô nervosa.

Lily riu e pegou o capuz do meu robe branco e dourado e colocou sobre a minha cabeça para mim.

— Obrigada! — disse para Lily e recebi um sorriso como resposta.

Eva caminhou até mim também. Eu achei que iria me abraçar igual Lily havia feito e senti o meu coração

acelerando com essa possibilidade. Mas ela parou a uma distância curta.

— Boa sorte, Abby — ela disse de forma gentil, mas parecia nervosa. — Eu sei o quanto você treinou e sei que tá preparada.

Balancei a cabeça de forma afirmativa para ela, mas eu só queria que ela me abraçasse. O problema era que eu não sabia como pedir. Nem se eu deveria pedir.

— Eu só quero que seja uma luta longa — admiti para Eva.

— Teimosa do jeito que você é, tenho certeza de que ela não vai conseguir te nocautear tão fácil.

Soltei uma risada e boa parte do meu nervosismo diminuiu.

— Obrigada — falei. — Obrigada por estarem aqui.

— A gente não perderia por nada — Eva falou.

Ela tinha um brilho nos olhos que me fazia querer mergulhar neles. Era estranho, eu me sentia igualmente nervosa e calma na presença de Eva.

Por um lado, ela conseguia fazer eu confiar que eu poderia ganhar a luta e me transmitia paz e calma. Por outro lado, a ideia de ficar perto dela muito tempo, fazia o meu estômago se contrair e meu coração bater para fora do peito igual um personagem de desenho animado.

Um toc toc na porta chamou a nossa atenção.

— Tá na hora, Abby — Shawn falou colocando a cabeça para dentro.

Apenas assenti e respirei fundo.

Eva levou uma das mãos ao meu rosto. Ela tinha as pontas dos dedos gelados, ou talvez o meu rosto que estivesse quente, mas o seu toque era agradável.

— Boa sorte! — ela repetiu.

— Acaba com ela! — Lily disse a frase que ouviu Clay falando o fim de semana todo e esticou o braço para trocarmos um último soquinho de boa sorte.

***

Eva e Lily foram para os seus lugares na plateia enquanto eu, Shawn e Clay esperávamos o meu nome ser chamado.

Como era costume, a desafiante era sempre chamada primeiro, então quando o promotor começou a falar, eu já sabia que logo ouviria o meu nome.

Eu pulava na entrada da arena para me aquecer e Shawn continuava massageando os meus ombros e me passando recomendações.

— Vamos receber a desafiante ao título nacional — o promotor gritou no microfone no meio do ringue. — De Halifax, Nova Scotia, Abby Sinclair.

Na hora que ouvi o meu nome, senti o meu coração acelerar e comecei a ver as luzes rodando. Apesar de compreender tudo que acontecia, eu sentia como se estivesse em um sonho, no qual eu não tinha nenhum controle sobre os acontecimentos.

Senti Shawn me empurrando para frente e percebi que ainda não tinha me movido, então comecei a caminhar em direção ao ringue. Assim que atravessei a porta da arena, um holofote de um zilhão de volts quase me cegou.

Eu podia ouvir a torcida gritando, mas não sabia se eram gritos de incentivos ou vaias e achava melhor continuar sem saber, mas era quase ensurdecedor.

A Arena Toronto, local onde acontecia a luta, tinha espaço para trinta e cinco mil pessoas e, de onde eu estava, tinha a impressão de que estava lotada.

Mas tentava não pensar no público e preferia me concentrar só em Crystal e na luta.

Shawn subiu primeiro no ringue, e abriu as cordas para que eu pudesse entrar, então ele e Clay também entraram.

Era oficial, a partir daquele momento, eu só sairia dali quando a luta acabasse.

Respirei fundo mais uma vez.

O promotor continuava falando alguma coisa, mas eu não prestava atenção porque procurava Eva e Lily na arquibancada. Encontrei elas na primeira fileira de frente para o meu canto do ringue. Lily fez um movimento de soco meio desengonçado, me arrancando um sorriso, e Eva apenas assentiu para mim como forma de incentivo.

— Vamos receber agora a campeã e mandante da luta — o promotor anunciou. — De Winnipeg, Manitoba, Crystal Lange!

A plateia começou a gritar ensandecida mais uma vez, e eu continuava sem saber se eram gritos de apoio ou vaia. Mas tinha a impressão de que a plateia torcia para a campeã, o que significava que torciam pelo meu nocaute.

Apesar de Crystal ser insuportável pessoalmente, eu entendia a sua popularidade. Ela sabia impor a presença de campeã e entreter a torcida, que parecia gostar do seu jeito

agressivo e brutal. Afinal, eles estavam ali para ver uma luta, não uma peça de teatro infantil.

Crystal caminhava com a cabeça erguida e com aquele sorriso arrogante que eu estava louca para arrancar da cara dela com a minha luva.

Quando ela subiu no ringue, apenas me encarou de cima a baixo antes de se virar para a plateia e erguer as mãos como se já tivesse ganhado a luta.

A reação do público foi a pista que me faltava para saber que eu lutava com torcida contra. Tudo bem, Eva e Lily torciam para mim, e a torcida delas valia mais do que a de trinta e quatro mil, novecentas e noventa e oito pessoas.

Crystal e eu tiramos os robes de seda antes de o promotor começar oficialmente o show.

— Bem-vindos à Arena Toronto e à atração principal desta noite! — ele gritava no microfone tentando ser mais alto que a torcida. — Oito rounds pelo título nacional da categoria até sessenta quilos.

Ele tinha aquela cadência de animador de festa e arrastava as sílabas para causar um efeito dramático.

— Do lado branco e laranja — Ele apontou para mim — medindo um metro e setenta e dois centímetros e pesando cinquenta e oito quilos, de Halifax, Nova Scotia, a desafiante ao título, Abby Sinclair!

Mesmo torcendo contra mim, ouvi o público gritar. Alguns vaiavam, outros só faziam barulho mesmo. Ergui os braços para abanar para o público.

— E no canto verde e branco — O promotor continuou. — Medindo um metro e sessenta e sete centímetros e pesando

cinquenta e nove quilos, a destruidora de mandíbulas, a campeã nacional invicta, a primeira e única, Crystal Lange! — ele alongou a primeira sílaba do seu nome por quase um minuto enquanto a plateia gritava enlouquecida.

Crystal ergueu mais uma vez os braços e cumprimentou a plateia. Ela podia ser insuportável, mas sabia entreter o público.

— O árbitro Daniel Woo dará as instruções — o promotor falou, entregando o microfone para um homem de meia idade com a camisa de árbitro.

— Eu passarei as regras e eu espero que vocês as sigam — ele disse em um tom sério. — Não são permitidos golpes abaixo da cintura nem golpes nos rins e tomem cuidado com socos na nuca. Em caso de nocaute, vocês devem ir ao canto que eu mandar e esperar. Entendido? — Crystal e eu assentimos. — Façam uma luta limpa. Boa luta!

Eu assenti mais uma vez e estiquei as minhas luvas para que Crystal pudesse me cumprimentar. Ela as socou com força antes de olhar nos meus olhos e disparar:

— Eu vou fazer você beijar a lona!

Não respondi nada, porque eu sabia que ela só queria me deixar nervosa.

Caminhei até o meu canto e Shawn e Clay me receberam com tapinhas nem tão gentis de incentivo nos braços.

Pela primeira vez, notei que o narrador e os comentaristas estavam sentados ao lado do ringue, comentando cada passo que eu e a Crystal dávamos.

— Acaba com ela — Clay falou para mim antes de colocar o protetor dentário na minha boca e me dar um tapa de

incentivo nas costas.

— Não esquece — Shawn falou. — Southpaw só depois do sexto round.

Eu assenti e na mesma hora ouvi o sino, dando início a luta.

29. EVA

Eu sentia o meu coração saindo pela boca.

Não entendia como essas milhares de pessoas ao meu redor poderiam estar ali por lazer. Quem sentia prazer em ver outras pessoas apanhando? Sádicos! Era isso que eles eram.

Era meio tarde para questionar se aquele era mesmo um lugar para crianças, mas torcia para que Lily não visse nada que fosse traumatizá-la.

Quando o sino tocou, senti a mão dela segurar a minha.

Crystal não perdeu tempo e partiu para cima de Abby, que se esquivou para a esquerda, fazendo Crystal dar um giro de noventa graus.

As duas ficaram circulando alguns segundos, uma de frente para a outra até Crystal tentar mais um soco. Abby se esquivou mais uma vez, mas Crystal não desistiu e acertou um golpe bem no nariz da Abby.

Eu pude escutar o barulho do contato daqui e senti uma sensação horrível no meu peito imaginando o quanto aquilo deveria doer.

Como Adrian aguentava ver as lutas do Rocky? Não era à toa que ela estava sempre tão tensa. Era como ser acertada junto.

Abby revidou com um soco no rosto de Crystal. Foi o primeiro que Crystal levou e ficou claro que ela não gostou nem um pouco porque voltou a bater em Abby no mesmo segundo.

Como eu não entendia nada do que estava acontecendo, só que Crystal batia em Abby sem parar, tentei ouvir o que o narrador e os comentaristas diziam.

— Abby está lutando como uma lutadora destra? — o narrador perguntou. — Uma southpaw lutando como destra? Por essa eu não esperava.

— E acho que nem a Crystal, Paul — um dos comentaristas disse. — Olha como ela está confusa no ringue.

— Mas Crystal ainda tem o público ao seu lado — Paul, o narrador, falou. — As pessoas estão aqui para ver ela nocautear a novata em dois rounds, como ela prometeu.

Parei para prestar atenção e pude notar que eles tinham razão. Tinha vários pôsteres com o nome da Crystal e as pessoas gritavam por um nocaute.

O público queria carnificina e a Abby era a vítima da vez.

Como alguém poderia torcer contra Abby? Se eu pudesse, eu mesma nocauteava Crystal e todo o público daquela Arena.

No ringue, Crystal encurralou Abby em um dos cantos e começou a bater nela seguidamente. Eu sentia a mão da Lily quase quebrando os meus dedos enquanto a torcida ovacionava e pedia mais.

— SAI DAÍ! — eu gritei para Abby. — Sai desse canto.

Abby finalmente conseguiu se esquivar e revidou parte dos socos que levou.

— ACERTA ELA! — gritei mais uma vez.

— BATE NELA, ABBY — Lily gritou ao meu lado.

Abby conseguiu acertar algumas sequências, mas Crystal parecia feita de aço. Mal se movia com os socos que levava.

Ela acertou mais um no rosto de Abby, que ergueu as luvas para tentar bloquear os golpes, mas o primeiro round terminou com a Crystal acertando vários socos.

Deus, eu rezava para aquilo acabar logo!

— Uma vitória clara para Crystal nesse primeiro round, Paul — o comentarista falou. — Eu tenho certeza de que ela veio para conseguir um nocaute, mas na pontuação ela também tem vantagem sobre a desafiante.

— Acho que Abby ainda não se achou na luta e não sei se concordo com essa ideia de lutar como se fosse destra, Michael — Paul conjecturou.

— Vamos ver como ela se sai no segundo round — Michael disse.

— Segundo e talvez último — Paul completou. — Afinal Crystal prometeu um nocaute em dois rounds.

***

O segundo round foi muito parecido com o primeiro. Crystal bateu muito mais do que Abby, mas não conseguiu o nocaute que esperava. Abby parecia meio tonta, mas não caía, não importava o quanto Crystal batesse.

Não sabia se eu sentia orgulho ou irritação de Abby estar sendo tão valente. Mas eu me preocupava que ela fosse acabar com alguma lesão grave, e tudo que eu queria era que ela parasse de apanhar e colocasse Crystal no seu lugar.

Pelo jeito, eu não era a única a perceber que Abby estava sendo uma oponente difícil. Os comentaristas não paravam de falar como Crystal estava ficando irritada e batendo com cada vez mais força, ainda assim não conseguia derrubar Abby.

Ao fim do segundo round, Crystal parecia furiosa e empurrou até o seu treinador quando ele lhe disse alguma coisa.

Já no canto da Abby, vi Shawn falando com ela enquanto passava alguma coisa nos braços e ombros dela e a massageava.

Abby apenas assentia para tudo que Shawn falava enquanto Clay espirrou algum produto dentro do nariz de Abby. Ela franziu a cara de dor, então ele espirrou na outra narina também.

Eu achava que era para abrir as vias aéreas e ela respirar melhor, mas eu não tinha certeza. Só sabia que era claro que Abby e a sua equipe estavam com os humores mais equilibrados que o de Crystal, e torcia para que isso pudesse ajudar Abby de alguma forma.

No terceiro round, Crystal começou implacável, acertando um soco atrás do outro e por mais que a Abby se esquivasse de muitos, Crystal continuava até acertar.

Ela parecia uma máquina, desferindo mil socos por minuto.

De repente, foi como se tudo ficasse em câmera lenta. Eu vi Crystal preparar o soco e fechar a cara, concentrando toda a sua força naquele único golpe.

Ela acertou a mandíbula da Abby, que virou quase cento e oitenta graus antes de cair na lona desacordada.

— AAAAH! — me ouvi gritando na mesma hora que pulei da arquibancada para correr até ela.

Um segurança parou na minha frente, impedindo eu e a Lily de irmos até a Abby.

— Um…

Ouvi o árbitro começar a contagem enquanto tentava me desvencilhar do segurança.

— Dois… — o árbitro disse, fazendo o movimento de contagem com o braço.

— Me deixa passar seu brutamontes! — exclamei para o segurança enquanto tentava escapar. — ME SOLTA!

— EVA, FICA AÍ — Shawn gritou para mim na hora que viu que eu tentava furar a barreira de segurança. — ELA TÁ BEM!

— COMO QUE ELA TÁ BEM, SE TÁ DESMAIADA?

— ACORDA, SINCLAIR — Shawn gritou para Abby.

— LEVANTA, ABBY — Clay gritava também.

Crystal pulou nas cordas do ringue, erguendo os braços e já comemorando a vitória enquanto o árbitro continuava a contagem.

— Quatro…

30. ABBY

Era uma manhã de sol.

Nós estávamos fazendo um piquenique às margens do lago no jardim da casa delas. O sol fazia uma faixa dourada se formar no lago azul, e as árvores do jardim serviam como um filtro natural para luz.

Lily não parava de contar as histórias engraçadas da sua turma, enquanto Eva estava aconchegada no meio das minhas pernas, com a cabeça encostada no meu peito.

Eu estava com as costas apoiadas em uma macieira, ouvindo a Lily e sentindo o cheiro delicioso do perfume da Eva, que fazia carinho nas minhas mãos.

Era uma manhã perfeita.

Tão perfeita, que nem parecia real.

— É porque não é real — Lily disse para mim.

— Não?

Lily sacudiu a cabeça em negação.

Se não era real, o que era?

O que era real?

— Onde eu deveria estar? — perguntei para Eva.

— Você está lutando com a Crystal — ela falou.

Eu estava?

— Mas está perdendo.

— Estou?

De repente, senti as minhas mãos, que estavam entrelaçadas as de Eva, ardendo.

— Agora eu lembro.

Eu estava lutando com a Crystal e... ela me nocauteou.

— Você precisa levantar — Lily disse. — Senão ela vence.

Eu precisava acordar.

Como era mesmo que o Rocky falava?

“Não é sobre o quanto você aguenta bater, mas quanto consegue apanhar e continuar na luta.”

Eu precisava continuar na luta.

— Sete... — ouvi a voz do árbitro, seguida do barulho ensurdecedor da torcida.

Eu sentia o meu corpo todo doendo, mas sabia que eu nunca iria me perdoar se eu não me levantasse naquele exato segundo.

— Oito...

Respirei fundo e usei as luvas para dar impulso para eu me levantar. Cambaleei para o lado, mas consegui ficar em pé me segurando nas cordas do ringue.

— Nove...

— Eu tô bem — falei para o árbitro. — Eu tô bem!

Crystal já estava comemorando e me perguntei se consegui me levantar a tempo, mas a contagem estava no nove ainda.

— Você tá bem? — o árbitro perguntou parando na minha frente.

Eu balancei a cabeça ferozmente para que ele não tivesse dúvidas, então bati uma luva na outra, colocando a minha mente mais uma vez no ringue.

Crystal se virou para mim e pude ver nos seus olhos que ela não acreditava que eu tinha levantado.

Foi a minha vez de lançar um sorriso arrogante para ela.

Ela teria que me matar para me tirar daquela luta.

31. LILY

Quando a Abby levantou, eu e a mamãe demos um grito.

Eu nunca tinha visto a mamãe assim, mas, pra ser sincera, eu também nunca me senti assim. Eu só queria que a Abby batesse nessa Crystal até ela cair e a Abby ganhar a luta. Eu sentia o meu corpo todo tremendo como se eu tivesse comido muito açúcar, mas eu não tinha comido nenhum doce. Eu só estava assim por causa da Abby. Porque eu queria que ela ganhasse.

A Crystal fez uma cara chocada quando a Abby se levantou. Chocada! Se eu não tivesse tão nervosa pela Abby, teria até achado engraçado. Bem feito pra ela! Ficou falando que ia ganhar em dois rounds e que a luta tava ganha e não sei o que. Mas eu sabia que a Abby não ia deixar. Eu sabia que a Abby ia lutar até o fim.

O sr. Shawn se virou para a mamãe e fez um gesto com a cabeça que a mamãe retribuiu. Eu não sabia direito o que significava, mas depois disso a mamãe me pegou pela mão de novo e falou para o segurança que tava segurando ela:

— Eu vou me sentar. O senhor pode me soltar agora!

O segurança soltou o braço dela e a gente voltou para o nosso lugar na plateia, mas eu não conseguia mais ficar sentada.

As pessoas que tavam assistindo, não tavam mais gritando o nome da Crystal. Agora a maioria tava gritando o nome da Abby.

Acho que todo mundo ficou impressionado que ela levantou e continuou a luta. Pelo menos agora eles tavam do lado certo. Eu nem sabia como eles podiam tá torcendo para Crystal no começo. Ela era pior que a Jennifer!

Eu não entendia direito de boxe, mas eu achava que os dois rounds seguintes foram melhores. Pelo menos a Abby começou a bater bastante na Crystal também.

No fim do sexto round, o moço que tava narrando disse que a Abby ganhou o primeiro round dela.

— Crystal nunca teve uma luta tão longa — ele disse. — Dá para ver que ela já está cansada.

— Você está certo, Paul — o outro moço disse. — A prova disso é que ela acabou de perder o primeiro round da sua carreira profissional adulta.

— Essa Abby é osso duro de roer e a Crystal tá tendo trabalho — o narrador disse.

— Crystal ainda está ganhando na pontuação e Abby não tem mais chance de virada — o terceiro moço, que eu tinha certeza que tava torcendo para a Crystal, porque só falava mal da Abby, disse.

— Mas Abby ainda tem mais dois rounds para tentar um nocaute.

32. ABBY

Eu estava exausta.

Quando ouvi o sino anunciando o fim do sexto round, eu cambaleei até o canto para me sentar na banqueta no intervalo. Eu sentia o meu corpo inteiro ardendo e mal tinha forças para ficar de pé.

O meu supercílio estava ardendo e tinha a impressão de que estava sangrando.

No mesmo segundo que me sentei, Clay veio para cima de mim com vaselina nas pontas da sua luva cirúrgica e a aplicou na minha testa. Pelo jeito estava sangrando mesmo, porque a vaselina era para estancar o sangue.

Eu sentia o meu maxilar inchado, meu olho direito inchado, a minha costela talvez estivesse quebrada, meus dedos ardiam dentro da luva e todos os meus músculos gritavam para eu não me levantar mais.

Eu estava tonta e sentia a arena toda girando.

Shawn tirou o meu protetor e me deu água. Aproveitei para lavar a minha boca e cuspir, porque achava que a parte interna da minha bochecha também estava cortada.

— Você ganhou esse round — Shawn gritou ao meu lado, ou talvez tenha falado no seu tom normal e eu que estava com o ouvido sensível demais. — Ela está cansando.

O problema era que eu também estava.

— Continua fazendo ela correr atrás de você e acerta ela todas as vezes que conseguir se esquivar de um soco — ele instruía. — Você vai ter que conseguir um nocaute para vencer.

— Eu tô vendo três dela, Shawn…

— Bate na do meio! — Clay exclamou.

— Isso! Bate na do meio! — Shawn concordou, então colocou o meu protetor de boca de volta e me deu um tapa nas costas, me fazendo levantar.

Acatei o comando.

— Bater na do meio — repeti.

Eu podia fazer isso.

Caminhei até o centro do ringue, para cumprimentar ela para o início do sétimo round.

— Eu ainda tô de pé — falei.

— Por pouco tempo — Crystal respondeu.

Assim que ouvi o sino, parti para cima dela.

Dei dois jabs seguidos, então um cruzado de direita.

Ela tentou me acertar com a esquerda, mas eu me esquivei. Notei que Shawn tinha razão, ela demorava mais para voltar a proteger o lado esquerdo do rosto, então acertei um direto antes de ela conseguir voltar à posição de defesa.

Consegui encaixar uma sequência de golpes e ela tentava se defender. Quando ela subiu as luvas para proteger o rosto, ouvi o Shawn gritar:

— NO CORPO! NO CORPO!

Não perdi tempo e comecei a desferir socos nas costelas dela, um e mais outro e mais outro e mais outro. Quando ela finalmente conseguiu me empurrar, ela partiu para cima de mim e me acertou com um gancho de esquerda.

Àquela altura, o meu rosto já estava praticamente anestesiado e eu já não sentia mais tanto. Ela conseguiu me encurralar em um canto mais uma vez, e me acertou com três cruzados na bochecha.

Ela estava com pressa para acabar e, por esse motivo, estava menos precisa e mais desesperada nos golpes. Dessa forma, consegui me esquivar a tempo e não ser acertada pelo quarto soco.

Voltamos a circular o ringue apenas estudando os passos uma da outra. Eu sabia que ela estava cansada porque seus socos não tinham mais tanta força como no começo. Ainda assim ela era muito mais forte do que eu e a minha melhor estratégia era fugir dos seus golpes e tentar atacar apenas quando ela baixasse a guarda.

Ela tentou me acertar, mas me abaixei a tempo, então ela tentou um undercut, mas dei um passo para trás, escapando do golpe. Eu conseguia ver ela ficando cada vez mais irritada com as minhas esquivas.

Quando fui dar mais um passo para trás, para me desviar dela, senti as cordas do ringue nas minhas costas.

— ABBY! CUIDADO! — ouvi a voz da Eva à minha direita e me virei para ela.

O seu rosto assustado, com as duas mãos juntas sob o queixo foi a última coisa que vi antes de sentir um cruzado na minha maçã do rosto.

Eu caí no chão e quase na mesma hora o árbitro começou a contagem.

— Um…

Deus, eu estava exausta.

— Dois…

Ergui a cabeça para a plateia e vi Lily e Eva apreensivas, mas escutava o resto da arena gritando para eu me levantar.

— Três…

Eu sentia os meus braços e pernas fracos, mas sabia que podia usar as cordas do ringue para me puxar.

— Quatro…

Me virei para o Shawn e Clay.

— Fica aí até o oito — Shawn aconselhou e apenas assenti.

— Cinco…

Eu sabia que na hora que eu me levantasse, ela voltaria a me acertar, então aproveitei os segundos que tinha para respirar fundo.

— Seis…

Olhei para Eva e Lily mais uma vez. As duas gritavam para eu me levantar e percebi que elas ainda acreditavam que eu podia vencer a luta. Esse era todo o incentivo que eu precisava.

— Sete…

Respirei fundo, me preparando para levantar.

— Oito…

— LEVANTA! — Ouvi Shawn gritando e me levantei, usando as cordas de auxílio.

— Nove…

— Eu tô bem! — falei.

— Você tem certeza? — o árbitro perguntou, me examinando de perto.

Fiz que sim com a cabeça, então o sino tocou mais uma vez, reiniciando o round.

Crystal não esperou nem eu tomar fôlego antes de partir para cima de mim mais uma vez. Ela me acertou um direto bem no meio da cara e senti na hora que ela quebrou o meu nariz.

Essa filha da puta!

Empurrei ela de novo e inverti as nossas posições, encurralando-a no canto. Bati com toda a força que eu ainda tinha no corpo dela, e quando ela tentou escapar, a puxei pela cintura, fazendo-a bater nas cordas e voltar na minha direção, então acertei o seu rosto.

Nós estávamos no canto de frente para as cadeiras de Eva e Lily e ouvi a voz da Eva me mandando acertar Crystal com mais força. Ela não precisaria pedir duas vezes, e continuei o ataque.

Eu variava entre o rosto e o corpo e ouvi ela soltar um gemido de dor na hora que acertei a sua costela, e, não vou mentir, na hora eu torci para ter quebrado.

Sabia que deveria aproveitar aquele momento que ela estava distraída com a dor para tentar um nocaute, então

me preparei para acertar um undercut sob o seu queixo, mas antes que eu pudesse, o sino tocou, encerrando o round e o árbitro se meteu no nosso meio para nos separar.

Shawn entrou no ringue para me levar até o banco e tirou o meu protetor de boca.

— Eu acho que quebrei a costela dela — falei.

Clay massageava os meus ombros enquanto Shawn me passava as instruções:

— Continua protegendo o seu rosto e ataca ela no corpo, só assim ela vai baixar a guarda do rosto para você conseguir um nocaute.

Apenas assenti e Clay me deu água.

Shawn colocou o meu protetor de volta e me deu um tapinha para me levantar.

— Acaba com ela — ele falou.

Eu e Crystal nos cumprimentamos para o último round da luta.

Dessa vez ela não soltou nenhuma gracinha nem tentou me intimidar, e foi quando eu soube que poderia vencer.

Na hora que ouvi o sino, fui na direção dela e comecei a bater no corpo, principalmente onde eu sabia que já estava doendo.

Ela conseguiu me empurrar e acertar vários jabs, mas eu consegui empurrar ela de volta.

— Abby — ouvi Shawn chamar o meu nome. — Agora!

Eu sabia o que ele queria dizer, era o comando para eu voltar a lutar como canhota. Então virei meu corpo, deixando o meu ombro esquerdo para frente, na posição que era mais natural para mim, e comecei a bater de novo.

Cruzado, direto, cruzado, direto… um atrás do outro.

Agora eu conseguia ouvir a torcida gritar meu nome, mas as vozes que se destacavam eram as de Eva e Lily.

Eu já havia encurralado Crystal no canto quando ouvi a Eva gritar:

— ABBY, DERRUBA ELA!

Então juntei o resto de força que eu tinha, e desferi um gancho de esquerda no maxilar de Crystal.

Ela caiu na mesma hora no chão.

Por um segundo inteiro, não teve nem um único som na arena. Apenas silêncio.

Então o árbitro começou a contagem.

— Um…

Crystal parecia desacordada, e eu apenas observava em silêncio, do meu canto do ringue.

A arena se somou ao coro do árbitro, contando junto com ele.

— Dois… três… quatro…

Eu senti a mão do Shawn no meu braço. Ele me apertava com mais força do que precisava, e ouvia a voz dele e de Clay contando também.

— Cinco… seis… sete…

Foi só nesse momento que comecei a acreditar.

Notei que Crystal estava acordando, mas eu não sabia se ela teria forças para se levantar.

— Oito…

Ela tentou usar as cordas do ringue para subir.

— Nove…

Ela ficou de joelhos, mas quando tentou se apoiar na última corda, sua luva escorregou e ela voltou a cair.

— DEZ! — o árbitro gritou. — Você tá fora!

Então foi como uma explosão, a arena inteira começou a gritar e quando olhei, Shawn e Clay já estavam entrando no ringue.

Shawn pulou em mim e me abraçou, me levantando no seu colo.

— Isso foi lindo, Sinclair! Lindo! — ele gritava enquanto me erguia.

As pessoas gritavam o meu nome e o narrador gritava no microfone como era incrível eu ter nocauteado Crystal no último round.

Eu sentia o meu corpo todo tremendo de adrenalina.

De repente, Shawn me soltou e vi Eva e Lily subindo no ringue.

Mas antes que eu pudesse falar qualquer coisa para elas, Eva pulou em cima de mim, me abraçando com força.

Automaticamente, envolvi os meus braços pela sua cintura, erguendo os seus pés do chão e trazendo ela para mais

perto. Ela usou um dos braços para me abraçar pelo pescoço e a outra mão levou à minha cabeça, fazendo o meu rosto se enterrar no seu pescoço.

Naquele momento, não conseguia pensar em prêmio melhor que aquele.

33. EVA

Mesmo toda suada, suja e machucada, Abby ainda tinha o mesmo cheiro meio amadeirado meio frutado que já tinha me acostumado e que adorava.

Eu sabia que o ringue estava cheio de fotógrafos e jornalistas, mas para mim, naquele momento, era como se estivéssemos sozinhas, e eu só queria aproveitar aquela sensação de poder abraçá-la por mais alguns segundos.

Ela me apertava com força, mas parecia que não era o suficiente, porque eu queria mais. Mais contato, mais tempo, mais *ela*.

Senti meus pés voltando a tocar o chão quando ela me abaixou de volta, mas sem nunca me soltar do seu abraço. Levei as duas mãos ao seu rosto lindo e perfeito, que agora, graças à Crystal, estava todo machucado e inchado. As minhas mãos não estavam geladas, mas o rosto dela estava tão quente que senti o contraste de temperatura mesmo assim.

— Você conseguiu — eu disse. — Você conseguiu!

Ela apenas abriu um sorriso enorme que mostrava as duas covinhas que ela tinha nas bochechas, e, levada pela euforia, plantei um beijo em uma das covinhas, então na outra.

Quando me afastei, apenas o suficiente para poder olhar para ela, vi que seu sorriso tinha dado lugar a um olhar diferente. Um olhar faminto. Um olhar que se direcionava à minha boca. Instintivamente mordi o lábio inferior, sentindo a antecipação do que vinha.

As suas luvas, que estavam nas minhas costas, me puxaram para mais perto dela, fazendo o meu cérebro apagar de vez e o meu instinto tomar conta. O calor do seu corpo era como uma ignição para o meu desejo e, naquele momento, eu só queria poder sentir os lábios dela.

Mas antes que eu pudesse tomar qualquer iniciativa, senti o meu corpo solto e afastado do dela quando o árbitro pegou o pulso de Abby para erguer seu braço e declará-la campeã.

Me senti meio tonta com a separação abrupta e notei os olhos de Abby em mim. Ela parecia decepcionada.

Eu não sei se o árbitro chegou a perceber o que interrompeu, porque tudo era um caos de gente e gritos, mas, sinceramente, desejei que Abby o nocauteasse também.

A plateia gritava o nome de Abby a plenos pulmões e não restava mais nem um único cartaz com o nome da Crystal sendo empunhado.

Abby só desviou o olhar de mim quando Lily pulou do colo de Shawn para o dela. Lily também a abraçou pelo pescoço e o árbitro deu o cinturão para a minha filha, já que Abby ainda estava com as luvas de boxe e não conseguiria segurar.

Lily ergueu ele no alto e, de repente, Shawn e Clay chegaram por trás de Abby e a levantaram, cada um segurando uma perna.

Peguei o meu celular para tirar uma foto do momento, enquanto Lily continuava erguendo o cinturão da Abby no seu colo.

***

Para o tanto que Abby apanhou, até que ela não tinha tantos ferimentos assim. Tirando o corte na testa que Clay já havia estancado durante a luta mesmo, todos os outros machucados eram apenas hematomas.

Dava para ver que ela havia quebrado o nariz, mas também não tinha sangue visível. Os médicos do evento queriam levá-la imediatamente para o hospital para verificar se tinha mais algum osso quebrado e para consertar o seu nariz, mas Abby insistiu que queria tomar banho primeiro.

Os fotógrafos e jornalistas a seguiram até a porta do vestiário e só pararam de fotografar e fazer perguntas estúpidas quando eu fechei a porta na cara deles.

O vestiário era enorme e tinha vários bancos, armários, pias e espelhos. Seguindo por um corredor, tinha a área dos chuveiros e uma área para se vestir sem correr o risco de alguém te ver se a porta do vestiário estivesse aberta.

— Pode tomar banho em paz — falei. — Se um deles tentar entrar, eu boto para correr.

Ela soltou uma risadinha e caminhou para a área de chuveiros enquanto eu e Lily ficamos na parte da frente esperando e prontas para ajudar se ela precisasse de alguma coisa.

Enquanto esperávamos, vi que tinha mensagens da Frances, do xerife Smith e do oficial Matthews falando que viram a luta e pedindo para parabenizar Abby. Pelo jeito, Abby havia

conquistado bem mais gente em Baddeck do que apenas eu e Lily.

Depois de uns vinte minutos, ela voltou, vestindo uma calça de moletom cinza e uma camiseta amarela com duas luvinhas de boxe desenhadas em azul marinho.

Eu não sabia se era o estilo esportista, se era o fato de ela ter nocauteado Crystal mesmo com todas as chances contra ela, se era o fato de ela ter ficado incrivelmente sexy naquele shortinho durante a luta, mas eu me sentia mais atraída por ela do que nunca.

O seu cabelo estava molhado e pingava sobre a camiseta e ela perdeu alguns minutos para escová-lo. Assim que acabou, caminhei até ela e a esperei se virar do espelho para mim.

— Deixa eu ver isso — pedi, colocando uma mecha do seu cabelo molhado atrás da orelha.

Mesmo eu estando de salto e ela descalça, ela ainda era mais alta do que eu, então tive que erguer a cabeça para poder olhar o corte no seu supercílio.

— Não é nada — ela sussurrou para mim.

As minhas duas mãos estavam nas suas bochechas e eu examinava cada ferimento com atenção para ter certeza de que Crystal não havia deixado nenhum dano permanente naquele rostinho lindo.

— Esse corte tem cara de que vai precisar de pontos — disse, ignorando o protesto de Abby. — E o nariz talvez precise de cirurgia.

— Não precisa de cirurgia — ela respondeu. — Eu já quebrei o meu nariz antes.

— Já? — perguntei, desviando o olhar do nariz para os seus olhos.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Como? — Lily quis saber.

Abby se virou para Lily e abriu um sorriso, que acabei copiando.

— Eu só conto se vocês prometerem não rir.

O tom do seu comentário e o sorrisinho dela, fizeram eu inclinar a cabeça, curiosa de repente. Soltei o seu rosto e respondi:

— Eu prometo — falei, embora já estivesse rindo antes mesmo de saber o motivo de não poder rir.

— Eu não! — Lily falou do banco em que estava.

Abby soltou uma risada, mas contou mesmo assim:

— Na aula de karatê — ela disse. — Eu tentei quebrar uma tábua de madeira com a cabeça, porque um menino da minha turma tinha me desafiado. Mas acertei a tábua com a cara e quebrei o nariz.

Eu e Lily soltamos uma gargalhada juntas com a história.

— Você prometeu não rir — ela me acusou.

— Me desculpa, mas eu não esperava que fosse uma coisa tão estúpida.

Abby cedeu e começou a rir também, mas as nossas risadas foram interrompidas quando a porta do vestiário se abriu e a voz da Crystal ecoou pelo cômodo.

— Você teve sorte — ela disse parada na porta. — Você sabe disso, não é? Você deu sorte!

Atrás dela, todos os jornalistas e fotógrafos que só estavam esperando Abby sair, registravam o surto de Crystal.

Eles pareciam uns urubus sobrevoando carniça. Credo!

— A luta já acabou, Crystal — Abby falou e senti o seu tom exausto.

Ela não aguentava mais aquela mulher.

— Acabou porque você teve sorte! — Crystal falava em um tom descontrolado. — Eu teria vencido pela pontuação. Você sabe!

— Deus! — Abby suspirou.

— Eu posso provar que você só ganhou porque teve sorte — Crystal insistiu. — Eu acabo com você em qualquer lugar, a qualquer hora...

— Dá um tempo, Crystal — Abby pediu.

— Eu acabo com você agora mesmo!

Ela estava a ponto de entrar no vestiário, e todos os fotógrafos empunharam suas câmeras para registrar. Eu me apressei em me colocar na frente da Abby e vi Lily correr para o meu lado também.

Antes que Crystal pudesse se aproximar, eu ergui o dedo para ela.

— Se você encostar em um fio de cabelo dela fora daquele ringue, eu te meto um processo! — ameacei.

— E a mamãe nunca perdeu um caso — Lily completou, cruzando os bracinhos.

Crystal parecia meio entorpecida pela adrenalina, então eu não sabia se a minha ameaça seria suficiente.

— Sinclair? — a voz do Shawn soou na porta. — Você tá pronta aí? A equipe médica tá esperando. A gente precisa ir.

Foi só quando ele atravessou os fotógrafos que viu que Crystal estava ali. Ele me lançou um olhar preocupado e apenas assenti com a cabeça. Nós dois estávamos ficando bons em conversar apenas por gestos e olhares.

Mas era fácil quando os dois queriam a mesma coisa: o bem-estar da Abby.

— Tô indo — Abby falou para ele, então se virou para mim e Lily. — Vamos?

Assenti e peguei a sua mochila que estava pendurada, então a sua mão na minha. Lily fez o mesmo na outra mão dela e saímos, sem nem olhar mais para Crystal.

— Até parece que tá indo casar — Shawn falou assim que saímos do vestiário. — Que demora.

— Eu precisava tirar aquele cheiro de luta de mim — Abby falou.

Shawn se aproximou dela e deu uma cafungada.

— Não sei se resolveu — ele brincou.

Abby revirou os olhos, mas deu uma risadinha.

— Ei, dá licença aí, seus urubus! — Clay disse aos fotógrafos, já abrindo espaço para passarmos. — Ela não tem nada a declarar, não! Não enche o saco!

Dessa forma, Clay foi abrindo espaço entre os jornalistas para Abby poder passar, e caminhamos até a saída da Arena.

— Vocês querem ir pro hospital? — Shawn perguntou para mim e Lily.

— Podemos? — perguntei.

— Eles permitem duas pessoas acompanhando na ambulância, vocês podem ir no nosso lugar se quiserem.

— Queremos — Lily respondeu.

— Está bem — Shawn falou. — A gente leva as coisas para o hotel. Se for demorar no hospital, você nos avisa que vamos para lá.

— Pode deixar. Obrigada, Shawn — falei para ele. — E Clay.

Clay apenas assentiu. Tive a impressão de que ele estava se divertindo xingando os jornalistas e impedindo as fotos.

— Não vai demorar — Abby falou para Shawn. — Ela só quebrou o meu nariz.

— E a costela, não tá mais doendo? — Shawn perguntou.

— Ela quebrou a sua costela? — indaguei preocupada.

— Não — Abby respondeu. — Não quebrou… eu acho que não.

— Bom, se for demorar no hospital, nos avisem — Shawn repetiu.

— Aviso — respondi.

— O seu cheque já está no meu bolso — Shawn falou para Abby com certo brilho nos olhos. Eu podia ver que ele

estava orgulhoso.

— Vê se não vai sacar e fugir para outro país — Abby brincou.

— Bem que eu queria, mas é nominal e só você pode sacar.

— Nesse caso, vê se não perde.

— Sim, senhora.

A ambulância já estava à nossa espera e entramos as três na parte de trás. Os paramédicos já começaram a examinar Abby na mesma hora.

No fim das contas, Abby tinha razão e não demorou quase nada no hospital. Como ela havia suspeitado, seu nariz não precisou de cirurgia e o corte na testa ganhou apenas dois pontos adesivos.

O resto dos exames mostrou que ela não teve nenhum outro ferimento ou lesão mais grave e logo foi liberada.

***

Já passava das onze da noite quando voltamos para o hotel. Abby insistiu que não queria jantar, queria apenas ir para o quarto dormir. Achei melhor não insistir porque ela parecia mesmo muito cansada.

Ela não era a única que estava exausta, Lily também já estava dormindo no meu colo e, assim que chegamos no nosso andar no hotel, caminhamos lado a lado em silêncio pelo corredor.

— Eu só vou colocar a Lily para dormir e te acompanho até o seu quarto — sussurrei para não acordar a Lily, embora ela tivesse o sono mais pesado que já vi.

— Não precisa — Abby falou, mas notei que ela parou na porta mesmo assim.

Não falei mais nada, apenas entrei no meu quarto, porque eu sabia que ela iria me esperar.

Coloquei a Lily na cama sobre o cobertor mesmo, porque quando voltasse ainda iria trocar a roupa dela por um pijama.

Fechei a porta com cuidado e eu e Abby voltamos a caminhar até o quarto dela, que era o último do corredor.

— Como você tá se sentindo? — perguntei.

— O analgésico que eles me deram, já tá começando a fazer efeito.

Eu sabia que isso significava que ela ainda estava com bastante dor. Agora que havia passado algumas horas, dava para ver bem os hematomas no seu rosto e braços. E sei que se ela levantasse a blusa, poderia ver vários no seu abdômen e costelas também.

— Amanhã a gente pode pedir para levarem o café da manhã no seu quarto — sugeri. — O nosso voo é só de noite, então você pode descansar.

Abby assentiu com a cabeça, mas não falou mais nada. Quando chegamos ao seu quarto, senti certo desapontamento e desejei que o corredor fosse maior. Eu sabia que ela precisava descansar, mas não queria deixá-la, queria poder cuidar dela.

Ela fez uma careta de dor quando pegou o cartão da porta no seu bolso.

— A sua mão tá doendo?

Ela balbuciou um “uhum”, antes de colocar o cartão na fechadura da porta.

Eu peguei com cuidado a sua mão na minha para olhar de perto. Ela estava com os dedos avermelhados e pareciam inchados e os ossinhos estavam meio esfolados da fricção com a bandagem.

Levei as suas mãos até a boca e plantei um beijo sobre os dedos de cada uma delas.

Abby me olhava da mesma forma que me olhou no ringue mais cedo e, Deus, eu queria beijar ela ali mesmo!

Mas eu podia ver como ela estava exausta e com muita dor.

Então apenas abri a porta para ela.

— Obrigada — Abby falou.

Quando voltei para o quarto, vesti a Lily no seu pijama e fiz o mesmo antes de me jogar na cama.

Levei as duas mãos ao rosto tentando ignorar o que eu estava sentindo, mas a verdade era que eu estava encrencada.

Muito encrencada.

E não sabia o que fazer.

34. ABBY

No primeiro sábado após a minha luta, eu sentia uma ansiedade diferente enquanto dirigia para Baddeck.

Eva e eu havíamos trocado mensagens a semana toda. Quase todas era ela perguntando se eu estava bem, se meu nariz estava bem, se a minha costela estava bem, se a minha cabeça estava bem… você entendeu.

Mas eu também havia trocado várias mensagens e feito ligações com a Lily, o que era uma coisa nova. Ela havia pedido para eu convencer Eva a deixar ela dormir na casa de uma amiguinha e me contou praticamente todos os passos que deu naquela semana.

Como Shawn havia me dado a semana inteira de folga para eu me recuperar, falar com Eva e Lily era a minha melhor distração e esperava ansiosa por cada notificação no meu celular.

Isso me assustava e me alegrava em partes iguais.

Tinha medo de que tudo isso se acabasse. Que elas se cansassem de mim e que tudo voltasse a ser como era antes da Lily bater na minha porta. Mas não me atrevia a conversar com Eva sobre o assunto. Parecia mais seguro manter o *status quo*, mesmo sabendo que provavelmente era um erro fazer minha vida orbitar a das duas.

Cheguei em Baddeck pela manhã, porque elas insistiram que eu fosse para o almoço.

Eva havia preparado alguns sanduíches e uma quiche para comermos ao ar livre, às margens do lago.

O verão se aproximava e o clima estava perfeito para um piquenique e por um momento me senti em um sonho.

Mais uma vez, tive medo de perder o que tinha encontrado ali.

***

— A mamãe me deixou dormir na casa da Amber! — Lily me contou entusiasmada depois do nosso treino.

— Essa é a tal festa do pijama? — perguntei, me lembrando do que ela havia falado no telefone durante a semana.

— Sim, a Ash e a Bella também vão!

Àquela altura, eu já sabia tudo sobre Amber, Ash, Bella e Peter — até mais do que eu estava de fato interessada. Mas gostava de falar com a Lily e gostava da forma empolgada que ela me ligava para contar coisas cotidianas, como que a Amber tinha conseguido o papel de Hérmia na peça da escola, em que encenariam *Sonho de uma Noite de Verão*, enquanto ela seria a Titânia.

E gostava também da forma que ela ria da minha cara antes de me explicar coisas que eu deveria saber, por exemplo, que a peça era uma versão adaptada para a idade deles.

Como eu iria saber disso? A versão que eu tinha visto certamente não era apropriada para menores de 13 anos.

— Que demais, nanica — falei sobre a festa do pijama, trocando um high-five com ela.

Fiquei feliz por Lily, mas também por Eva, porque eu sabia que era um passo novo para ela. Por outro lado, fiquei triste por perceber que não havia razão para eu passar a noite, já que Lily não estaria em casa.

Depois do treino, Eva serviu o chá, como era de costume, e, dessa vez, havia assado cookies no lugar de bolo. Lily praticamente engoliu tudo em poucos segundos e saiu correndo para tomar banho e se arrumar para a festa do pijama, e eu ajudei Eva com a louça.

— A gente pode aproveitar que Lily vai dormir fora e ir até um Pub, o que você acha? — Eva me perguntou enquanto entregava um prato lavado para eu secar.

Fui pega de surpresa, porque tinha certeza de que teria que ir embora assim que Lily saísse, mas se Eva queria aproveitar sua noite livre comigo, quem era eu para negar o seu pedido?

— Claro — respondi. — Se eu puder ir de jeans e All Star.

— É só um Pub como qualquer outro, cheio de gente falando alto e fedendo a cerveja quente — ela disse, me tranquilizando. — Mas a comida é boa.

— Parece perfeito.

— Que bom que te agradou, porque é o único bar por aqui. — Eva soltou uma risadinha e fez uma pausa. — É bom fazer um programa de adulto para variar.

Sempre me perguntei se ela não saía. Nesses quase três meses, ela nunca comentou sobre sua vida social ou amorosa, mas parecia que eu estava prestes a começar a desvendar o mistério *Eva*.

Meu pensamento foi interrompido por uma interjeição, seguida de um xingamento de Eva. Olhei para nossos pés e percebi que o encanamento da pia estava vazando.

— Merda! — Eva exclamou mais uma vez. — Vou ter que chamar um encanador segunda-feira.

— Eu posso resolver se você quiser — falei, apoiando a mão na pia.

Por algum motivo, o meu comentário soou estranhamente como o início de um dos filmes pornô que os meninos contrabandeavam no orfanato e que todo mundo assistia escondido.

Chacoalhei a cabeça, ignorando esse pensamento e voltando à realidade: um problema de encanamento real.

— Não precisa, Abby, eu chamo um profissional.

— Você acha que eu não dou conta?

Ela soltou uma risadinha da minha cara de ofendida.

— Bom, se você quiser dar uma olhada, fique à vontade.

— Eu vou.

Eu estava acostumada a resolver sozinha os problemas no meu apartamento, e Deus sabe que não eram poucos. Um encanamento de uma casa grã-fina dessas não deveria ser grande coisa.

Antes que eu me desse conta, já estava com a cabeça enfiada dentro do armário da cozinha de Eva, deitada no chão, com água pingando na minha cara e uma chave inglesa em punho.

Pelo menos Eva tinha as ferramentas necessárias, o que era surpreendente, mas estranhamente sexy.

— Você pode me passar o veda-rosca? — pedi para ela, que prontamente atendeu. — Obrigada.

Como eu suspeitava, não era nada demais, apenas um cano mal acoplado.

— Quando eu falar, liga a torneira, está bem?

— Está bem — Eva disse e abriu a torneira.

— Não, não agora!!! — exclamei, tomando um banho. — DESLIGA!

— Ai, meu Deus! Eu entendi que era pra ligar — Eva falou. — Me desculpa.

Ela se abaixou para ver o meu estado. A água havia caído bem no meu rosto e respingado por todo o meu tronco.

Me levantei, toda molhada, com minha camiseta grudada no meu corpo.

— Eu disse “quando eu falar”.

— Me desculpa — ela repetiu, se aproximando com uma toalha de pratos. — Eu não ouvi essa parte.

Eva começou a me secar um pouco apreensiva.

— Tá tu… tudo bem — gaguejei com a presença dela tão próxima a mim.

— É melhor você tirar essa blusa molhada — ela mandou — Eu já vou colocar pra lavar.

De repente, Eva estava com as duas mãos na barra da minha blusa, tirando-a para mim, e senti meu corpo todo

enrijecendo.

Maldito Collin que me fez assistir à *Mangueira do Encanador* com ele no orfanato.

Certamente, o pensamento de Eva era bem mais inocente que o meu, então agilizei e eu mesma tirei minha camiseta, ficando só com o top esportivo que sempre usava quando treinava karatê com a Lily.

Sem perder tempo, Eva levou a toalha ao meu abdômen para me ajudar a secar.

Aquela mulher queria acabar comigo!

Antes que a situação começasse a ficar constrangedora demais para mim, levei minha mão ao seu pulso e a interrompi.

— Eva, relaxa — falei. — Pode deixar que eu seco.

Ela relaxou e eu puxei a toalha de suas mãos, que continuaram onde estavam. Seus olhos finalmente se moveram encontrando os meus, e eu me dei conta da total falta de distância entre nós duas. Engoli em seco, sem saber o que fazer. Eu sentia a sua respiração junto a minha e a ponta dos seus dedos ainda estavam na minha pele molhada.

Eva me encarava com um misto de confusão e algo mais que eu não tinha certeza. Ou não tinha coragem de ousar arriscar um palpite. Já eu só conseguia pensar naquela boca carnuda à centímetros da minha.

— Eu tô pronta! — Lily exclamou entrando na cozinha. — O que aconteceu?

Eva deu um pulo se afastando de mim.

— Ahem — Limpei a garganta. — Eu estava consertando o encanamento e a sua mãe achou engraçado me dar um banho.

— Foi um acidente.

— Isso é o que você diz.

Lily deu uma risada e senti o clima voltando ao normal, o que eu não sabia dizer se era algo bom ou não.

Terminei de consertar a pia antes de tomar um banho de verdade.

***

No início da noite, deixamos Lily na casa da Amber, não sem antes Eva passar uma lista extensa de recomendações. Depois seguimos para o *The Lighthouse*.

Até que era um bar bem simpático, que apesar do nome náutico era decorado com elementos celtas, como muitas coisas naquela região. E a música era ótima.

Escolhemos uma mesa redonda no canto e nos sentamos cada uma em um lado do estofado de couro que a contornava. Ninguém falava alto e nem o bar fedia a cerveja conforme Eva havia descrito, mas talvez fosse só porque era cedo e o bar ainda estava praticamente vazio.

Pedimos duas cervejas antes mesmo de o garçom entregar o cardápio, concordando que era a escolha mais adequada. Eva parecia bem mais relaxada ali no bar. Embora fosse engraçado ver uma mulher vestindo uma pantalona de linho, bebendo cerveja em uma caneca de 500ml.

Mas ali, com aquela caneca ligeiramente grande para a sua mão e um sorriso descontraído estampando seu rosto, Eva

estava diferente da mulher séria que havia conhecido semanas antes. Embora, verdade seja dita, não menos atraente.

— Então é aqui que você vem quando quer fazer um programa de adulto? — perguntei.

— Também — ela respondeu, dando um gole generoso na cerveja. — Como eu disse, não é como se tivesse muitas opções por aqui. Essa é a parte ruim de morar em uma cidade tão pequena, mas na minha opinião as partes boas recompensam. Você acha muito entediante?

— Na real, não. Eu pensei que iria achar esse lugar meio morto — confessei. — Mas eu adoro estar aqui, as pessoas parecem nunca estar com pressa. Sei lá, é tranquilo.

— É porque elas não estão mesmo — Eva riu, como se fosse um fato bastante óbvio. — E tem o lago! Eu não gostaria de viver longe da água.

— Verdade, você tem uma vista e tanto. Não é todo mundo que pode acordar de manhã e olhar para o farol.

— No verão, eu e a Lily adoramos ir até lá de caiaque ou stand up.

— Ela me contou — falei. — Disse também que o lago fica cheio de gente e que é muito divertido.

— No verão, é cheio de turistas, mas nada que nos incomode — Eva disse.

— E o que mais você costuma fazer pra se divertir?

— Eu e a Lily gostamos de ir ao parque nacional de Cape Breton. Sempre tem algum lugar novo para conhecer e explorar.

— Mas e o que *você* gosta de fazer? — perguntei de novo. — Porque eu sei que você adora estar com a Lily, mas o que você gosta de fazer sozinha ou com amigos?

Ela me encarou por algum tempo e deu mais um gole na cerveja.

— Eu vou soar muito patética se eu falar que não sei? — Dessa vez, o tom da sua voz era mais suave do que de costume, como se ela estivesse constrangida em falar isso.

— Não — respondi. — Até porque, pelo pouco que convivi com vocês, pude notar que não é um trabalho fácil ser mãe solteira, e aquela terroristazinha ocupa muito seu tempo.

Eva soltou uma risadinha e relaxou mais uma vez. A última coisa que eu queria era que ela se sentisse constrangida na minha presença.

— Ela ocupa mesmo — Eva falou. — Mas a culpa não é dela, eu que me acomodei a essa rotina...

— Sempre dá tempo de, você sabe, desacostumar e descobrir as coisas que você gosta.

— Pra ser sincera, acho que não sei nem por onde começar.

— Bom, você disse que costuma vir aqui nesse pub... — eu disse, deixando a frase suspensa.

— Não sei se isso conta como lazer.

— Eita!

— Não! Não foi isso que eu quis dizer — Eva soltou uma risada, mas pude ver suas bochechas corando.

Não consegui conter meu sorriso. Ela ficava ainda mais bonita corada.

— Hoje, com você, é lazer! — Ela se apressou em explicar. — Mas eu costumo vir aqui com alguns colegas advogados. Nem sempre é divertido, geralmente acabamos falando de trabalho.

— Sei! Primeiro você me dá um banho, agora manda essa na lata. Você tem alguma coisa pra me dizer?

Mais uma vez, a risada fez o nervosismo dela desaparecer.

— Me desculpa — ela disse com um sorriso.

— Se você quiser que eu vá embora, eu vou — falei só para fazer mais um draminha.

Não tenho orgulho em admitir que eu queria que ela falasse mais uma vez que gostava de estar ali comigo. Era mais forte que eu.

— Não, por favor — ela disse, colocando a mão sobre meu pulso. Essa parte era um bônus. — Como eu disse, esse é o primeiro momento adulto de lazer que eu tenho em bastante tempo.

— Se faz você se sentir melhor, eu também.

— Você tem cara de que sai todos os fins de semana, Abby. Não precisa mentir para fazer eu me sentir menos patética.

— Eu já disse que você não é patética — falei mais séria dessa vez. — E, sim, eu saio bastante, mas muitas das vezes é só por hábito mesmo, não que eu esteja de fato me divertindo.

— E você tá se divertindo hoje?

— Tô — respondi e senti os olhos dela nos meus.

Tinha algo de diferente no seu olhar naquele dia. Algo de sedutor. Ou talvez fosse minha mente me pregando uma peça, afinal, fazia quase três meses que não conseguia ir a um único encontro.

Não por falta de oportunidade, mas simplesmente porque nenhuma mulher parecia interessante o suficiente para me tirar de casa. Nenhuma mulher parecia com *ela*. E esse olhar piorava tudo.

Esse olhar fazia o meu cérebro conceber pensamentos que eu certamente não deveria estar tendo com a mãe da minha filha.

Para a minha sorte, ela desviou os olhos e tomou mais um gole de cerveja.

— Por que é tão difícil se divertir depois de adulto? — Eva perguntou. — Tudo parece tão mais simples na infância. Olha só como a Lily estava empolgada hoje com essa festa do pijama.

— Por falar nisso, que bom que você deixou ela dormir fora — comentei.

— Eu e ela conversamos bastante essa semana, e ela me contou que te pediu para falar comigo — Eva falou. — Então eu percebi que estava exagerando um pouco e privando Lily de experiências importantes.

Ela brincava com a alça da caneca de vidro de forma distraída.

— Eu te garanto que é bem melhor errar pelo excesso do que pela falta — comentei, lembrando da minha própria infância.

— Eu tinha medo... — ela disse, reticente. — Aliás, ainda tenho, mas Lily não tem culpa disso e não é justo com ela.

Apenas esperei. Imaginei que teria mais por vir nessa história, então tomei um gole da minha cerveja e me recostei.

Ela me encarou mais uma vez antes de respirar fundo e continuar:

— Quando eu era criança eu tinha uma amiga, Jill Morris. A gente costumava dormir uma na casa da outra com certa frequência e, embora o irmão dela, o Tim, sempre fizesse comentários sobre eu ser latina...

— Espera, Tim Morris? O prefeito, pai da Regina George do ensino fundamental?

— O próprio — Eva disse. — Ele sempre foi esse tipo valentão que ria e infernizava a vida das crianças latinas, asiáticas, negras, gordas... enfim, o pacote completo.

— Um perfeito babaca!

— Um perfeito babaca! — ela concordou. — Mas Jill era legal e éramos amigas, então não me importava de o irmão dela estar em casa quando eu dormia lá, mesmo ele sempre fazendo piadinhas sobre mim e os meus pais. Mas as coisas mudaram quando eu fiz 13 anos. Aquela foi a época que o meu corpo começou a mudar e a ganhar mais curvas. Tim já tinha 16 anos nessa época... — ela fez uma pausa.

Apoiei a minha mão sobre a dela, sentindo uma coisa ruim no peito, já imaginando para onde essa história iria seguir.

— Uma noite, Jill estava no banho e eu estava no quarto dela esperando pra gente assistir a um filme. Os seus pais

não estavam em casa, e o Tim entrou no quarto e trancou a porta… — ela hesitou.

— Você não precisa me contar o resto — eu disse, sentindo vontade de cometer um homicídio.

— Eu… eu me soltei dele e corri até a porta para abrir — ela explicou. Eu sentia a sua mão tremer sob a minha. — Só que ele me segurou de novo e… bom eu não sei direito como, mas em algum momento consegui dar uma cotovelada nele, então me soltei e abri a porta.

Eu não conseguia falar nada. Sentia vontade de encontrar esse homem e dar uma surra até ele ficar inconsciente, depois jogar o seu corpo no lago.

— Eu nunca mais dormi lá depois disso — ela completou. — Nem na casa de nenhuma outra amiga.

De repente, a superproteção dela com a Lily fez muito sentido.

— Eu sinto muito!

Ela deu de ombros, como se não fosse nada, mas sentia a sua mão tremendo ainda e via a força com que ela apertava o maxilar.

— Como elegeram esse filho da puta como prefeito? — perguntei.

— Ele é muito carismático, acredite — Eva disse com ressentimento.

Queria poder fazer alguma coisa. Dar um abraço, demonstrar apoio de alguma forma, mas não sabia se seria bem-vindo.

— Me desculpa te falar isso — ela falou, cortando o meu pensamento. — Sei que não é um assunto divertido para um encon… para um bar.

Ela parecia mais uma vez constrangida. Levei minha mão ao seu queixo, guiando o olhar dela para o meu.

— Você não precisa pedir desculpas por uma coisa dessas, Eva. Você pode me falar o que você quiser, eu sou sua amiga! Você pode confiar em mim.

A palavra *amiga* parecia amarga na minha boca, mas era a melhor que eu tinha naquele momento.

— Eu confio.

— Bom!

— Eu acho que são os olhos — ela disse.

— Hã?

— Os seus olhos são iguais aos da Lily, só que mais maduros. Acho que me causa uma sensação de familiaridade.

O comentário me pegou desprevenida e antes que eu pudesse responder, Eva continuou:

— Mas vamos mudar de assunto. — Ela se endireitou na cadeira. — Me fala de você.

Tive que me forçar a desviar os olhos dela, então tomei um gole de cerveja antes de perguntar:

— O que você quer saber?

— Sei lá, seus sonhos, seus planos para o futuro, essas coisas. Afinal, você acabou de ganhar um belo prêmio em

dinheiro.

Pareciam perguntas tão simples, mas eu não sabia a resposta de nenhuma. Eva me olhava com expectativa enquanto eu revirava a minha mente.

— Eu não sei — respondi com sinceridade. — Passei os últimos tempos tão preocupada com o presente que acho que me esqueci de pensar no futuro. Sabe, eu sou muito grata pelo que eu tenho, pode não parecer muito para alguém como você, mas pra mim é mais do que achei que conseguiria. Ter minha casa, meu carro e um emprego exigiram muita determinação.

— Toda vez que eu penso no que você passou na infância e com a gravidez, eu fico ainda mais impressionada com a pessoa que você é.

Ela disse com tanta naturalidade e sinceridade que eu não me orgulho em admitir que senti certa vontade de chorar.

— Hm, obrigada — eu disse e precisei tomar um gole de cerveja para desfazer o nó na minha garganta. Ela me lançou um sorriso encorajador. — Mas eu tenho sonhos, sabe? Por exemplo, no momento, eu penso em ter minha própria academia.

— Você é uma excelente instrutora, inclusive. A Lily ama as suas aulas.

— Eu também adoro dar aulas e tenho pensado mais nisso no último mês enquanto treinava para a luta — expliquei. — O que eu quero dizer é que certamente não pretendo continuar sendo sparring a minha vida inteira.

— Embora seja uma profissão bem sexy, tenho que admitir.

É o quê?

Eva disse que o que eu faço é sexy?

Ela estava flertando?

Mais uma vez, a ideia de beijá-la se apossou de mim como um espírito ou uma maldição.

Mas era Eva, a mãe de Lily. A mãe da minha filha que apareceu na minha porta depois de nove anos. E além de muito confuso, era uma relação que eu não poderia estragar.

De jeito nenhum!

35. EVA

— Obr... obrigada — Abby gaguejou um agradecimento.

Eu tinha a impressão de que ela estava com as bochechas rosadas, mas não conseguia afirmar por causa da pouca luz e dos hematomas que ainda coloriam o seu rosto.

Ela já estava praticamente recuperada. Já tinha tirado os pontos da testa e os adesivos no nariz. Mas ainda era possível ver os hematomas, já meio amarelados, na sua maçã do rosto e bochecha, assim como a cicatriz onde havia levado os pontos.

Tomei mais um gole da cerveja.

Eu não costumava tomar cerveja e sentia que já estava mais à vontade e que o álcool já estava fazendo efeito.

— De nada — respondi.

Abby tomou mais um gole da cerveja, parecendo meio tímida de repente. Então limpou a garganta antes de continuar:

— Mas eu não sei direito como fazer. Eu não quero ter uma academia para concorrer com o Shawn. Primeiro, porque não parece justo usar o dinheiro que ele me ajudou a conseguir para isso. Segundo que ele é o melhor da cidade.

— Você pode abrir em outra cidade — falei, casualmente.

— Eu nunca morei em outra cidade, eu praticamente só conheço Halifax.

— Você conhece Baddeck também…

Ela me olhou com certa surpresa e percebi que essa ideia nem havia cruzado a sua mente. Eu não queria soar intrusiva nem “induzi-la” a isso, mas a ideia me parecia tão… perfeita.

— Eu nunca pensei nisso — ela admitiu, mas tinha um tom diferente. De esperança, talvez?

— É algo que não tem aqui.

— Como não? O amiguinho da Lily, o Peter, não faz karatê?

— Ele faz em Sydney, não aqui. Por isso eu não queria que Lily fizesse com ele — expliquei. — Ela queria ir com o ônibus escolar da instituição, mas, você sabe, eu sou um pouco superprotetora às vezes e era muito longe se acontecesse alguma coisa.

— E você acha que teria público aqui?

Tive que controlar o sorriso que queria escapar. Mas ela estar ponderando a possibilidade me deixava mais feliz do que eu conseguiria explicar.

— Não sei exatamente qual seria o público — falei. — Lutadores profissionais?

— Não, não. Penso em uma academia para crianças e mulheres que querem praticar boxe, kickboxing e karatê como exercício apenas.

— O que mais tem nessa cidade é criança querendo ocupar o tempo e mulheres querendo ficar com a bunda firme.

— Esse é o meu público — ela disse, rindo e erguendo o copo de cerveja.

Brindei com ela, então tomei mais um gole. Quando vi que o copo havia acabado, pedi mais um para o garçom.

— Eu seria sua cliente — comentei.

— Não que você precise — ela respondeu.

— O quê?

— Ficar com a bunda mais firme.

Dessa vez, deixei o sorriso escapar. Gostava de saber que ela tinha reparado, mesmo que não fosse verdade.

— É sempre bom manter — falei.

— Eu adoraria ser a sua instrutora.

Ela tinha um tom de flerte.

Era a primeira vez que ela flertava comigo, pelo menos abertamente e sentia a temperatura do meu corpo subindo.

O garçom apareceu com mais uma rodada das nossas cervejas e logo bebi um gole. Sentia que o álcool estava me ajudando a ficar mais relaxada e não queria retroceder agora.

Fazia muito tempo que eu não tinha um encontro e não sabia mais como agir. Só queria que ela me beijasse logo.

***

Não nego que chegou a certa altura que eu simplesmente não conseguia mais prestar atenção em nada que ela falava. Só na forma que o seu cabelo caía sobre os ombros e como ela frequentemente jogava eles para um lado e para o

outro e como todas as vezes que ela fazia isso, os músculos do seu braço se flexionavam.

Só conseguia prestar atenção na forma que as covinhas das suas bochechas apareciam toda vez que ela falava e na forma que as marcas de expressão se formavam nos seus olhos quando ela sorria.

No jeito que ela apoiava o braço no encosto do sofá em que estávamos, invadindo ligeiramente o meu espaço pessoal. No jeito que ela se inclinava na minha direção toda vez que falava alguma coisa de um aluno da academia, como se eles pudessem estar ali e ouvir. No jeito que ela...

Acho que estava mesmo apaixonada.

E possivelmente bêbada.

36. ABBY

Eva estava bêbada. Não, não bêbada. Alegre!

Ela não enrolava a língua nem falava de forma desconexa, muito menos exalava o cheiro de álcool azedo que Clay costumava ter quando bebia mais de quatro cervejas.

Eva ainda continuava perfeitamente apresentável e mais elegante do que qualquer outra pessoa que eu conhecia, mas ela me olhava de um jeito mais intenso e não tinha receios de me tocar por qualquer motivo que fosse.

Eu estava acostumada a beber com os caras da academia então cinco, seis ou sete cervejas pouca diferença fazia para mim, mas o novo comportamento de Eva estava me deixando a ponto de um curto-circuito e mais embriagada que qualquer noitada já havia conseguido me deixar.

Mal conseguia desviar meus olhos daqueles lábios carnudos com o batom levemente desbotado depois de algumas cervejas e que eu simplesmente sabia que deveriam ser os lábios mais deliciosos que eu poderia provar. E, Deus, como aquela mulher era cheirosa! Eu conseguia sentir o perfume dela encobrindo o cheiro de cerveja quente no chão do pub mesmo à distância.

Fazia algum tempo que eu não saía com mulher nenhuma e as mãos de Eva ora no meu braço, ora no meu rosto e ora no meu abdômen, como aconteceu naquela tarde, estavam

me deixando maluca. Ainda assim, eu resistia com bravura a essa tortura sensual.

Achei mais prudente me oferecer para levar o carro de volta para a casa e Eva aceitou, mas o caminho foi regado a um silêncio pesado. No bar, a conversa fluía livremente, agora, Eva apenas me lançava olhares vez ou outra enquanto minha única preocupação era não me distrair com ela e bater o carro.

Nós precisávamos chegar logo e eu precisava tomar um banho gelado!

Em casa, subimos as escadas no mesmo silêncio estranho e, àquela altura, eu já estava ficando preocupada. Ainda assim não ousava falar nada, apenas a acompanhei até a porta do seu quarto.

— Obrigada pela noite — eu disse.

Ela me encarava com uma intensidade que fazia meu corpo gritar. Ou essa mulher estava me testando ou…

— Obrigada por me acompanhar — ela disse com a voz rouca e aqueles olhos castanhos fixos em mim.

Assenti com a cabeça, mas simplesmente não consegui me mover em direção ao meu quarto. De repente, seus olhos, que estavam grudados nos meus, se moveram para a minha boca e de novo para os meus olhos.

Aquele olhar foi o estopim de tudo.

Não tenho certeza de quem iniciou o que, mas nossas bocas se encontraram no meio do caminho… e meu Deus!

No momento em que senti os lábios dela nos meus, uma corrente elétrica passou por todo o meu corpo e senti como

se de repente cada célula minha estivesse hiper consciente do que estava acontecendo.

Eva parecia ter a mesma urgência que eu, e as nossas línguas se encontraram segundos depois dos nossos lábios.

Sabe quando você mergulha muito fundo e quando volta à superfície precisa puxar o ar com força porque está sem oxigênio? Beijar Eva era como subir a superfície depois de muito tempo debaixo da água.

Eu precisava de mais. Muito mais. E imediatamente.

Os lábios dela eram ainda mais macios e mais deliciosos do que eu havia sido capaz de imaginar e eu queria devorar aquela boca.

Puxei Eva para mais perto, fazendo os nossos corpos se tocarem, e ela soltou um gemido tão delicioso que senti as minhas pernas falharem.

Desgrudei da sua boca apenas para traçar beijos até o seu pescoço. Algo que tive vontade de fazer desde que a carreguei no colo e senti seu cheiro pela primeira vez.

Ela tinha a pele quente e macia e eu não sabia nem por onde começar. Rocei a minha boca pelo seu pescoço deixando um rastro de beijos, então subi em direção a sua orelha, beijando e mordendo o lóbulo. Ela soltou um ruído baixo, que não era muito mais que um suspiro, mas que se tornou meu objetivo ouvir de novo.

Envolvi Eva com os meus braços e ela pulou na minha cintura, enlaçando as pernas ao redor do meu quadril. Desci as minhas mãos para a sua bunda, para que eu pudesse segurá-la com mais firmeza.

Tudo nela era sexy, a boca, o olhar, o corpo. Deus, o corpo! Ela era definitivamente meu tipo de mulher: natural e com curvas.

Ela me beijava de volta com pressa e sentia suas coxas apertando meus quadris enquanto suas mãos afoitas se emaranhavam pelo meu cabelo e nuca.

Concentrei meus esforços em desatar o laço na parte de trás da blusa dela com uma das mãos enquanto beijava a sua boca com uma avidez que não sentia há tempos. Se é que senti alguma vez.

Desfiz o laço e comecei a desabotoar os botões que seguiam logo abaixo.

Que diabo de blusa mais elaborada!

Aquilo requeria bem mais paciência do que eu tinha naquela altura.

Ouvi uma risadinha de Eva.

— Isso é uma blusa ou um criptograma? — perguntei, meio sem ar.

— E eu aqui achando que você tinha experiência em despir uma mulher — ela falou antes de beijar o meu pescoço, de forma mais lenta dessa vez.

Aquela mulher iria me matar, eu podia sentir.

Concentrei toda a capacidade cerebral que ainda tinha para abrir o resto dos botões, que pelo menos eram só quatro, e quando finalmente consegui, ela me ajudou, tirando a peça e jogando no chão. Naquele momento, meus olhos foram imediatamente capturados pelo sutiã creme de renda que

ela usava. E pela forma sexy que a lingerie clara realçava a sua pele oliva.

— Nós vamos ficar aqui na porta a noite inteira? — Eva perguntou no meu ouvido, fazendo o meu corpo todo se arrepiar.

Esse era todo o incentivo que eu precisava para carregar ela para o quarto.

Assim que entramos, fechei a porta com o calcanhar e deixei Eva cair sobre o edredom antes de sentir ela me puxando pela camiseta para junto dela.

Nossas bocas voltaram a se encontrar com a mesma ansiedade de antes, querendo conhecer cada milímetro uma da outra.

Eva me segurava com força, como se houvesse alguma chance de eu fugir de perto dela. Uma das suas mãos estava no meu cabelo enquanto a outra estava na minha cintura, me puxando cada vez mais para perto.

O movimento do seu corpo sob o meu era deliciosamente tentador e insinuante e eu só queria poder sentir ainda mais dela. Acho que ela também, porque a sua mão subiu da minha cintura, levando a barra da minha camiseta junto. Nos afastamos apenas o suficiente para eu poder tirar, então voltou a me beijar enquanto abria o botão do meu jeans.

Eu já havia dormido com muitas mulheres e tido muitas experiências incríveis, mas nunca havia sentido tanto desejo como naquele momento. Como se nunca fosse o suficiente, como se eu fosse implodir se o corpo dela se afastasse do meu por um segundo que fosse. Eu não sabia direito o que estava sentindo, mas sabia que não queria que acabasse nunca.

37. EVA

Em poucos segundos, Abby estava apenas de calcinha boxe preta e sutiã. Ela usava um sutiã preto de alça em vez do top esportivo que eu já estava acostumada a ver, mas que a deixava igualmente sexy.

Apesar disso, ele tinha que sair.

Tudo tinha que sair.

Logo.

Eu precisava ver ela inteira. Sentir ela inteira.

Apesar de achar que o álcool tinha deixado meus reflexos meio lentos, não tive dificuldade em abrir o fecho do sutiã. Ela se ergueu, se ajoelhando com uma perna em cada lado do meu quadril para se livrar da peça, que caiu no chão, ao lado da cama, então se abaixou, abrindo minha calça de linho e a arrancando como se não pudesse esperar nem mais um segundo.

Acho que não podia mesmo.

Eu não podia.

Em um gesto rápido, ela virou os nossos corpos sobre a cama, invertendo as nossas posições, e voltou a me beijar.

Logo entendi que o seu objetivo com a nossa inversão de posição era poder abrir o meu sutiã também. Ela abaixou as

alças, deslizando os dedos pela pele do meu ombro e braço, fazendo eu me arrepiar inteira de desejo. Em seguida, abriu o fecho nas minhas costas e jogou a peça longe.

Fazia muito tempo que eu não ficava nua na frente de ninguém e não pude evitar me sentir apreensiva por um momento enquanto ela me observava.

Eu já tinha mais de trinta anos e meu corpo não era mais como costumava ser aos vinte, e ela era atleta e estava no auge da sua forma física.

A minha apreensão, no entanto, durou apenas o tempo de eu perceber o olhar faminto de Abby sobre mim e a forma como ela mordia o lábio inferior antes de se erguer mais uma vez, se sentando na cama e me acomodando sobre as suas coxas.

Ela não hesitou nem por um segundo antes de roçar os lábios no meu peito enquanto as mãos que estavam nas minhas costas me levavam para ainda mais perto dela. Logo os lábios deram lugar à língua, quente e úmida, experimentando a pele sensível e rígida. Soltei um gemido e uma corrente de desejo percorreu todo o meu corpo indo parar entre as minhas pernas.

— Como você é gostosa — Abby disse em um sussurro, então deslizou sua boca até o meu pescoço.

Eu sentia uma urgência desesperadora, como se o mundo fosse colapsar se ela não me tocasse naquele exato segundo.

— Abby… — murmurei no ouvido dela. — Por favor!

Ouvi ela soltar um gemido inebriante antes de uma das suas mãos deslizar das minhas costas até o meu abdômen e parar na barra da minha calcinha de renda.

A antecipação era como uma tortura e ela parecia gostar de me torturar. A sua outra mão subiu até o meu cabelo, e ela levou o meu rosto para próximo do dela, parando a centímetros da minha boca.

Eu sentia sua a respiração se mesclando a minha, mas ela se mantinha a uma distância enlouquecedoramente calculada. Eu estava ofegante e sentia uma fina camada de suor cobrindo a minha pele e tinha certeza de que poderia morrer se ela demorasse mais um segundo.

— Por favor — clamei de novo.

Dessa vez, Abby obedeceu e senti a sua boca se grudar na minha no mesmo momento que a sua mão completou o caminho. O gemido que escapou por entre o nosso beijo foi sincronizado; eu por a sentir pela primeira vez e ela por notar o quanto eu a queria.

O ritmo que começou frenético e desesperado foi ficando mais cadenciado à medida que o nosso beijo foi se intensificando e ficando mais sensual.

Eu não queria que acabasse, queria continuar sentindo-a pelo maior tempo possível, então a beijava mais devagar, aproveitando cada segundo de prazer.

Eu ditava o ritmo do beijo e Abby correspondia, me explorando com a mesma demora e desejo.

Em todos os cenários que eu havia imaginado estar com ela, era sempre faminto, explosivo e meio selvagem. Mas aquela cadência que havíamos encontrado era simplesmente a coisa mais deliciosa que eu já havia experimentado.

Eu queria me sentir daquele jeito para sempre.

Abby abandonou a minha boca apenas para voltar a beijar minha clavícula e descer até meu peito. No momento que senti a sua língua na minha pele, foi impossível de conter a onda se formando dentro de mim e, mesmo contra a minha vontade, eu senti o meu corpo começando a atingir o clímax.

Mesmo que eu quisesse continuar por mais tempo, mesmo que eu quisesse *sentir* ela por mais tempo, não podia evitar a explosão de prazer e espasmos que estava por vir.

Abby me segurou com ainda mais força e acelerou o ritmo. Eu senti o meu corpo todo se contraindo em uma deliciosa onda de êxtase. Em seguida, senti todos os músculos relaxando e o peso do meu corpo caindo sobre ela.

Por um segundo, nenhuma de nós duas falou nada. Eu podia ver que ela estava com as bochechas rosadas e os lábios vermelhos e inchados. As suas pupilas estavam tão dilatadas que mal era possível ver o castanho-mel dos seus olhos.

— Você é a mulher mais gostosa que eu já conheci… — Abby falou com um tom de voz mais grave que o normal.

— E você é perfeita — respondi, a beijando de novo.

Ela retribuiu o meu beijo de forma voraz.

Uma de suas mãos estava na minha nuca, mantendo meu rosto colado ao dela e a outra ainda estava dentro de mim. Ela a movimentava lentamente, de maneira quase imperceptível, não sabia nem se era uma ação consciente. Mas a minha pele hipersensível sentia cada minúsculo movimento.

Soltei um gemido, sentindo o meu corpo reacendendo ao toque dela, desejando sentir tudo de novo.

— Deus, você vai me matar hoje — Abby falou.

Mas, em vez de continuar como estávamos, ela inverteu de novo as nossas posições, fazendo eu me deitar na cama, então ficou sobre mim e desceu pelo meu corpo deixando um rastro de beijos e parando na altura da minha calcinha.

— Posso? — ela perguntou com um sorriso malicioso.

Tudo que consegui elaborar foi um “uhum” camuflado em meio a um gemido enquanto ela já se adiantava em arrancar o que tinha sobrado da minha roupa.

Abby também queria mais, eu podia sentir a sua urgência.

Fazia muito tempo que não me sentia assim por ninguém, fazia muito tempo que não me permitia confiar em ninguém. E ao mesmo tempo que eu não queria que ela parasse nunca, estava ansiosa para sentir seu gosto e retribuir todo o prazer que ela estava me proporcionando.

Eu não queria que aquela noite acabasse tão cedo e, se dependesse de mim, seria longa. Muito longa.

38. ABBY

O som da rebentação do Bras D’Or Lake parecia distante e ritmado como um metrônomo embalando meus sonhos. Fazia tempo que não sentia meu corpo leve e descansado daquela forma e se não fosse por aquele inseto chato pousando volta e meia no meu nariz, eu poderia dormir mais algumas horas.

Falando no inseto chato, mais uma vez ele rodeava as minhas narinas. Tentei espantar soprando-o para longe e quando não funcionou, me senti obrigada a esmagá-lo de uma vez por todas.

Assim que abri os olhos, no entanto, percebi que não era um inseto, era uma mecha de cabelo preto, que logo notei estar ligada a uma mulher.

Mas não uma mulher qualquer. A Eva!

O que em nome de deus...?

Eva se remexeu na cama, se virando para mim e eu dei um pulo, ficando de pé no mesmo instante. Assim que percebi que estava pelada, as memórias da noite passada voltaram todas de uma vez, como um choque elétrico.

Ai.Meu.Deus!

O que diabos eu fui fazer?

Eu transei com a mãe da minha filha?

Eu transei com Eva?

Como eu deixei isso acontecer? Como *Eva* deixou isso acontecer?

Isso devia ser culpa do Collin de alguma forma e da *Mangueira do Encanador*. E daquela torneira vazando. E das cervejas... Espera! As cervejas. Eva estava bêbada!

Bem bêbada se eu me lembro corretamente.

Merda!

Eu não podia acreditar que ainda por cima tinha me aproveitado de uma mulher bêbada!

Deus, como eu pude ser tão estúpida?

Comecei a procurar minha roupa, catando cada peça em um canto do quarto, enquanto vestia o que já havia encontrado.

Eu sabia desde o começo que daria um jeito de estragar tudo.

Eu sabia! Mas realmente não pensei que seria *assim*!

Lancei mais um olhar para Eva, que agora estava com as costas nuas e dormia pacificamente com a mão apoiada onde, havia poucos segundos, eu estava.

Deus, como ela era perfeita! Só a memória da minha mão deslizando pelas costas dela já me deixava louca para jogar tudo para o ar de novo e me deitar ao seu lado.

Meu coração se espremeu no meu peito quando ela se remexeu e murmurou alguma coisa, procurando algo com a mão.

Eu não conseguia acreditar que eu havia cedido e posto em risco a minha relação não só com Eva, mas também com a Lily. Que eu tinha maculado a relação mais pura e especial que já havia conquistado nessa droga de vida.

Eu sabia o que acontecia depois de uma noite de sexo casual.

Eu era especialista nisso.

A gente simplesmente não iria mais se ver ou manter qualquer tipo de amizade.

Mas eu não queria que acontecesse com Eva.

E não queria que refletisse na minha relação com Lily.

Tinha que ter um jeito de reverter isso antes que fosse tarde demais.

Eva se remexeu mais uma vez.

— Abby? — ela chamou de forma meio sonolenta.

Fiquei sem saber o que fazer. Eva estava com as costas destampadas e senti minha boca seca de repente e um pensamento intrusivo me mandando ir contra tudo que já havia decidido que era o certo a se fazer.

— Abby? — ela perguntou de novo.

Quando não respondi, ela abriu os olhos e encontrou os meus fixos nela.

Eu sabia que a culpa estava estampada na minha cara.

Como eu pude fazer isso? Como eu pude estragar a única coisa boa que aconteceu na minha vida em anos porque eu não consegui controlar meus hormônios?

— O... oi — gaguejei.

Eva pareceu notar minha incerteza e seus olhos se estreitaram, como se estivesse tentando entender o que eu estava pensando.

— Está tudo bem?

Achei melhor me adiantar e tentar consertar essa imprudência de uma vez:

— Antes de mais nada eu quero que você saiba que isso nunca mais vai acontecer. Eu juro!

— Você tá arrepen...

— Eu não queria que tivesse chegado a isso e... hum... me desculpa! Eu realmente espero que a gente possa manter a relação que estávamos tendo antes de... hm... você sabe, antes disso! — Gesticulei em direção a cama.

— Ah... — ela soltou em um suspiro.

Eu podia ver Eva confusa, talvez até mais do que eu, e sua expressão era uma incógnita absoluta para mim, mas ela me estudava com algo de sério no olhar.

Será que ela estava bêbada o suficiente para nem lembrar o que aconteceu? Ela parecia mesmo muito confusa naquele momento.

Deus, por que eu fui estragar isso? Eva e Lily foram o mais perto que eu tive de uma família na vida. E eu estraguei!

— Ahem — Eva limpou a garganta.

Ela parecia tímida, ou constrangida, ou simplesmente irritada comigo. Talvez fosse tudo ao mesmo tempo. Não sabia dizer.

— Se você acha melhor... — Ela deixou a frase em suspenso.

— Eu juro que não queria que nada mudasse — falei, quase como um pedido de desculpas.

— Eu... ahem... — A sua voz falhou. — Eu também.

— A gente pode fingir que não aconteceu nada — eu disse.

— Não aconteceu nada — ela repetiu com o seu tom sério de advogada.

— Ótimo!

— Uhum.

Eva desviou os olhos de mim.

Ela ainda estava nua, então achei melhor sair do quarto para dar privacidade a ela.

Eu sei que deveria ficar aliviada, mas naquele momento senti apenas tristeza.

39. EVA

Eu me sentia patética.

E estúpida.

E patética!

Eu havia praticamente me atirado em cima da Abby quando tudo que ela queria, provavelmente, era poder manter contato com a filha e uma relação harmoniosa e *amigável* comigo.

E eu estraguei tudo.

Já disse que eu era patética?

Respirei fundo antes de me levantar e recolher a minha roupa espalhada por todo o chão do quarto... e corredor.

Como se não fosse constrangedor o suficiente ela ter fugido da minha cama, quando desci para o café da manhã, Abby já estava lá.

Na mesma hora que me viu, se remexeu na banqueta que estava e resmungou um bom dia, como se a gente não tivesse literalmente dormido juntas.

Eu não conseguia nem olhar ela nos olhos sem querer que um buraco se abrisse sob os meus pés e me sugasse para dentro. Decidi servir o meu café, que ela já havia feito, e tomar na antessala de frente para o lago.

Ela continuou na bancada atrás de mim, dessa forma a gente não precisava ficar muito perto, nem conversar.

— Eu... é... eu — Abby gaguejou. — Eu tenho que ir cedo hoje, eu tenho que... que... que pintar o meu apartamento.

Se eu não estivesse sentindo meu coração se partir em um milhão de pedaços, teria até achado graça da desculpa tão esfarrapada que ela encontrou. Mas eu não conseguia rir.

Só conseguia me concentrar o suficiente para não chorar na frente dela.

— Tudo bem — falei.

Para ser sincera, eu queria que ela fosse logo embora, porque não sabia quanto tempo iria conseguir segurar as minhas lágrimas. Também não sabia quanto tempo aguentaria sem descontar a minha frustração nela.

O dia havia amanhecido chuvoso e mais frio que os anteriores e parecia refletir o meu humor e o clima da casa.

Como podia tudo ter mudado tão rapidamente?

Ontem tudo havia sido *perfeito*.

E hoje...

Será que eu tinha entendido tudo errado mesmo? Será que eu havia ao menos *tentado* entender direito ou havia simplesmente tirado as minhas próprias conclusões baseadas no que eu *queria*.

O resto do café da manhã foi silencioso e desconfortável e, em menos de vinte minutos, Abby já estava pronta para partir.

— Obrigada por… obrigada por… hmm… por me deixar ficar aqui essa noite — ela gaguejou mais uma vez.

“*Ficar aqui essa noite*”?

Deus, o que eu fui fazer?

— De nada — respondi.

Pude notar que ela ficou sem saber como agir, então ameaçou me dar um beijo no rosto de despedida, mas desistiu no meio do caminho.

Me senti aliviada, porque não sabia qual poderia ser a minha reação ao sentir os lábios dela na minha pele de novo, mas naquele momento, suspeitava que me faria chorar.

— Hmm… tchau — ela falou, colocando as mãos no bolso.

— Boa viagem — respondi.

Depois que ela partiu, me arrastei até o segundo andar, em direção ao meu quarto, e me enfiei de baixo do chuveiro.

Eu me sentia suja. Imunda.

Mas achava que a água não poderia limpar aquele tipo de sujeira.

Ainda assim, deixei a água escorrer pelo meu corpo até meus dedos ficarem enrugados e as lágrimas pararem de brotar.

Fazia anos que eu não me envolvia com ninguém. Fazia anos que não me apaixonava.

Por que tinha que ter sido justo pela mãe da minha filha?

Por que tinha que ser justo pela única mulher que eu não podia me apaixonar de jeito nenhum?

Mas eu não queria que a minha filha tivesse que pagar pelos meus erros, então sequei as lágrimas que ainda insistiam em rolar e decidi que eu poderia manter uma relação amigável com Abby. Afinal, ela parecia mais do que disposta a fingir que a noite anterior não havia existido.

Eu poderia fingir também e poderíamos voltar a... voltar não. Poderíamos *começar* a ter uma relação cordial. Já que a relação que tínhamos antes era muito mais do que cordial e foi isso que me deixou confusa desse jeito.

Decidida a riscar a noite passada da minha memória, tentei seguir o meu dia como todos os outros: sozinha e bem com isso.

Fui buscar Lily apenas no fim da tarde, então não foi difícil explicar por que Abby não estava mais em casa. Embora a minha filha parecesse estranhamente interessada no que havíamos feito naquele dia.

Como eu não queria ter que explicar ou justificar o porquê de a Abby ter ido embora cedo, apenas disse que passamos o dia vendo filmes.

Por algum motivo, Lily pareceu decepcionada com a minha resposta, e me perguntei se ela podia sentir que eu tinha feito besteira.

Tentei mudar de assunto perguntando como havia sido a festa do pijama, para a minha sorte, ela desembestou a contar animadamente tudo que havia feito e não parou até narrar cada segundo do seu fim de semana.

***

O resto da minha semana foi um inferno.

Eu e Frances tivemos audiências quase todos os dias e metade delas acabaram em baixaria entre as partes.

— Eva! — Frances exclamou assim que entrei no escritório quando voltei de uma audiência em Sydney.

Tive a impressão de que ela iria me contar algo, mas parou quando viu a minha cara.

— Está tudo bem? — ela perguntou.

— Tirando o Juiz Mitchell que já deveria ter se aposentado no século XVI, tudo — resmunguei, irritada.

Odiava aquele juiz. Um velho conservador que sempre dificultava o meu trabalho e fazia de tudo para proteger os homens nas audiências.

— Odeio aquele velho — Frances concordou. — Mas isso não importa agora. Eu tenho novidades!

Frances estava com a sua tradicional xícara de chá, sentada na recepção do nosso escritório, no sofá de couro.

Por alguma razão, ela gostava mais de trabalhar ali do que na sua sala e frequentemente a encontrava lendo documentos de algum caso.

— Por favor, que sejam boas.

— Excelentes! — ela falou. — Maxwell pegou vinte anos.

— É sério?

— Fuller acabou de me ligar para contar.

Levei a mão à boca, tentando assimilar tudo. Pelo menos uma notícia boa no meio dessa semana infernal.

— Deu tudo certo, Eva — Frances falou, notando a minha expressão.

Ela caminhou até mim e colocou uma mão sobre o meu ombro.

— Ele não pode mais recorrer — ela disse. — Não se preocupe. Acabou.

— Obrigada, Fran — falei, expressando um sorriso fraco.

— Você não parece tão feliz — ela disse. — Está tudo bem?

— Já falei, tirando esse caso... — Ergui os documentos que estava trabalhando.

— Eu estava perguntando na sua vida pessoal.

— Eu não tenho vida pessoal.

Ela me estudou, estreitando os olhos, então tomou mais um gole do seu chá.

— Você tá estranha a semana toda — ela falou. — E estava de muitíssimo bom humor nos últimos meses, por acaso você e a Rambo Loira andaram brigando?

— Pior — respondi, resignada.

Talvez eu devesse mesmo falar com alguém.

— O que pode ser pior?

— Nós dormimos juntas.

— Peladas?

Revirei os olhos para a pergunta.

— Só queria ter certeza de que entendi — Frances falou, erguendo os ombros. — Mas foi tão ruim assim? Achei que a Abby teria pegada.

Eu não sabia se tinha vontade de rir ou bater em Frances naquele momento.

— Foi ótimo... — admiti. — Mais que ótimo.

— Não tô entendendo o problema então.

— O problema é que Abby fugiu da minha cama pela manhã como se tivesse pulgas no meu lençol.

Frances franziu a testa e inclinou a cabeça.

— Isso não faz o menor sentido.

— É claro que não. Não tem pulgas no meu lençol, Frances. Foi uma analogia! — respondi irritada.

Frances soltou uma risada, antes de responder:

— Eu quero dizer que não faz sentido ela fugir na manhã seguinte.

Eu deveria ter desconfiado que era a isso que ela se referia, mas para ser sincera, meu cérebro não estava trabalhando com a sua capacidade total desde aquela maldita manhã.

— Então por que ela fugiu? — perguntei.

— Sinceramente, não sei, mas vocês deveriam conversar.

— Eu não quero conversar. Quero esquecer essa humilhação!

— Eva — ela disse em um tom suave, que eu não estava muito acostumada vindo dela. — Eu sinto muito que você

esteja se sentindo assim, mas tem alguma coisa que não fecha nessa história.

— Pra mim, parece tudo claríssimo: eu me apaixonei por ela e não fui correspondida.

— Então por que ela dormiu com você?

Ergui os ombros, porque não sabia a resposta.

— Olha, querida — Frances disse — eu acho que você deveria falar com ela. Aquela mulher se colocou na frente de um revólver carregado por você...

— Aquilo foi só ela sendo irresponsável, não romântica.

— Bom, ela parece meio impulsiva mesmo — Frances falou de forma pensativa.

— Por isso que ela dormiu comigo. Por impulso.

— Você vai ter que conversar com ela em algum momento — Frances repetiu pela octogésima vez.

— Você parece um disco furado.

— Ela vai continuar dando as aulas de karatê para a Lily?

— É claro, a minha filha não tem culpa de nada.

— Então em algum momento você vai ter que...

— Não! — falei, erguendo o dedo indicador para ela. — Não ouse completar essa frase.

Frances soltou um suspiro e bebeu mais um gole do seu chá.

— Eu vou trabalhar — falei, já me encaminhando para a minha sala.

40. ABBY

Eu dei um gancho de esquerda e emendei um cruzado de direita. Kate cambaleou para trás antes de erguer as mãos em rendição.

— Pega leve, Campeã — ela falou.

Levei um segundo para associar o que ela falava e lembrar que nós estávamos treinando.

— Foi mal — falei, sentindo a adrenalina no meu corpo.

— Lembra que *eu* que tô treinando e que você é a sparring — Kate disse enquanto balançava de um lado para o outro para manter o corpo aquecido. — Eu preciso tá inteira para a minha luta.

Por um momento, havia esquecido que estava trabalhando e deixei a minha raiva extravasar no ringue e na cara da Kate.

Bom, que tenha servido de pagamento por todas as vezes que ela quase me desmontou nos treinos.

— Foi mal, foi mal — falei, então indiquei com as luvas para que ela se aproximasse de novo. — Pode vir.

Ela abriu um sorriso meio sádico e partiu para cima de mim.

Na verdade, foi até bom treinar com ela, porque depois de cinco minutos, ela desistiu de tentar me impedir e soltou o

braço também.

Me concentrar nos socos dela era melhor do que pensar que havia estragado tudo com a Eva e Lily e, ao fim do treino da Kate, eu me sentia exausta, porém menos irritada.

— Sinclair, preciso falar com você — Shawn me chamou no fim do meu expediente.

Caminhei até a sala minúscula dele e me sentei no caixote que sempre estava lá.

— Eu preciso de um favor — ele falou.

— Manda.

— Preciso que você venha sábado na luta da Kate.

A cada seis meses, Shawn organizava eventos na academia para atrair mais pessoas e sempre encerrava com uma luta demonstrativa. Não valia nenhum título, mas sempre atraía muitas pessoas. Nesse sábado, seria uma luta da Kate com a campeã estadual do peso-médio.

— Mas eu achei que não ia precisar trabalhar nesse evento — falei, já pensando em Lily e na nossa aula de karatê.

— Eu sei, mas agora você é a campeã nacional, e as pessoas vão querer te ver.

Eu devia o meu título — e muitas outras coisas — ao Shawn. Não poderia deixar ele na mão quando ele me pediu uma coisa tão simples.

— Está bem.

— Eu sei que vai ser o último evento que vamos ter você, então quero te exibir um pouco antes de você pular fora — ele falou, mas tinha um tom gentil.

— Como você sabe?

Ele deu de ombros.

— Primeiro que você ganhou cinquenta conto. Segundo que a sua namorada mora a três horas daqui.

Ergui os olhos para ele, um pouco surpresa com a conclusão que ele tirou. Mas suponho que faria sentido ele pensar isso, sendo que elas me acompanharam na luta.

— Quando você pretende sair? — ele perguntou depois de uns segundos de silêncio.

— Eu não sei — respondi. — Logo.

— Você não precisa me dar aviso prévio se não quiser, Abby — ele falou. — Se você já tem planos para a grana, pode fazer o que você quiser.

— Talvez sábado pudesse ser o meu último dia.

Eu estava pensando seriamente sobre montar a minha própria academia, mesmo que agora a ideia de ser em Baddeck parecesse um pouco fora de questão.

Ainda assim, precisaria de tempo para montar um plano de negócios e precisaria estudar com calma. Se eu continuasse ali, não conseguiria me dedicar como queria.

— Então sábado será o seu último dia como funcionária.

Lancei um sorriso para ele, mas me sentia triste em deixar a academia ao mesmo tempo. Eu havia passado os últimos quatro anos trabalhando ali e eu devia muito àquele lugar e a ele.

— Eu quero te contar uma coisa — falei para Shawn.

Eu sentia as minhas mãos suando, mas eu queria compartilhar isso com ele.

— Vai ser a primeira vez — ele brincou, mas notei que me encarava de forma convidativa, não julgadora.

Respirei fundo antes de disparar:

— A Lily é minha filha.

De repente, a expressão gentil deu lugar à surpresa e Shawn arregalou os olhos.

— Você e Eva já tiveram um caso antes?

— Eu vou deixar você pensar no que você acabou de insinuar…

— Espera! — ele exclamou, se dando conta de um detalhe importantíssimo. — Até onde eu sei isso ainda não é possível entre duas mulheres.

— Infelizmente — falei. — Mas ela não é minha filha *com* a Eva… quer dizer, meio que é, mas não desse jeito.

— Não tô entendendo.

— Eu tive a Lily com quinze anos e a entreguei para adoção. Eva é a mãe adotiva dela — expliquei. — Eu passei anos sem saber do paradeiro dela. Mas há uns três meses ela me achou e bateu na porta do meu apartamento. Quando eu levei ela para casa, de alguma forma, ela convenceu eu e a Eva a deixar ela fazer karatê comigo.

— Ela te achou? A Lily?

— Sozinha.

— Essa menina é pior que você!

Soltei uma risada.

— Mas é isso, ela é minha filha, mas Eva não é nada minha.

— Mas você tá apaixonada por ela — ele falou, mas não tinha tom de pergunta.

— Tô! — admiti. — Mas eu estraguei tudo.

— Estragou? Como?

Cocei a cabeça, me sentindo desconfortável por um segundo.

— Eu... basta dizer que ela não está falando direito comigo desde domingo.

Ele me estudou por um momento, mas não forçou.

— Seja lá o que for, ela vai te perdoar.

Não tive coragem de dizer que ele estava errado. Principalmente porque eu queria muito acreditar no que ele dizia.

Então apenas ergui os ombros, como se não fosse nada demais e respondi:

— Eu já tô acostumada a fazer cagada na minha vida.

Eu acho que ele notou que a minha voz falhou, porque me olhou com certa pena.

— Se vale de alguma coisa, se eu tivesse uma filha, eu iria querer que ela fosse igual a você.

Porra, Shawn!

Ele estava a ponto de me fazer chorar.

— E se eu tivesse uma neta, iria querer que fosse igual a Lily.

Merda.

Senti uma lágrima escorrendo do meu olho esquerdo.

— Hm... val... — Parei. Enxuguei a lágrima e olhei para ele. — Se eu tivesse um pai, iria querer que fosse igual a você também.

Ele se levantou e me puxou para um abraço.

Eu nunca tinha tido um abraço paterno, mas imaginava que era exatamente igual aquele. Ele me apertava contra o peito enquanto dava tapinhas nas minhas costas.

— E se você quer a minha opinião — ele falou, me abraçando. — Eu acho que Eva também está apaixonada por você.

Me afastei dele o suficiente para olhar nos seus olhos.

— Você acha?

— Tenho certeza.

— Shawn, a Kate... — Clay falou, abrindo a porta da sala dele e vendo a cena. Eu sabia que estava com os olhos vermelhos, porque sentia eles ardendo. — Você tá bem, Abby?

— Tô sim — falei. — Eu vou deixar vocês conversarem. Valeu, Shawn.

— Tá de pé então o evento de sábado? — ele me perguntou.

— Conta comigo.

— Você tá bem mesmo? — Clay perguntou quando passei por ele na porta.

Apenas assenti com a cabeça.

Mas que diabos? Eu trabalhava em uma academia ou em uma clínica psicológica? O que aconteceu que estavam todos tão preocupados e prestativos de repente?

Fechei a porta, deixando os dois sozinhos e voltei para o meu trabalho.

Eu sabia que Shawn havia falado aquilo para me animar. Mas se fosse verdade, Eva não estaria tendo tanta facilidade em fingir que nada havia acontecido.

Ela não apenas parecia já ter esquecido aquela noite, como estava me tratando com uma ligeira indiferença.

Tudo estaria indo bem se eu não me lembrasse tão vividamente de como era ter ela junto a mim e daquela sensação maravilhosa e aconchegante no meu peito que eu sabia que só conseguiria reproduzir com ela e mais ninguém.

***

— Eu sei, nanica — disse para Lily em uma chamada de vídeo naquela noite.

— Mas, Abby, você prometeu que ia me mostrar aquele negócio de quebrar a madeira com a mão.

Soltei uma risadinha do tom dramático dela.

Havia um tempo já que eu estava falando que iria mostrar para ela a técnica de Tameshiwari e tinha prometido que seria na próxima aula.

— Isso foi antes do Shawn me avisar que eu teria que trabalhar.

— E você não pode faltar?

— E dizer o quê? “Ei, chefe, não posso trabalhar porque a minha filha quer treinar karatê!”

Eu paralisei na mesma hora que as palavras saíram da minha boca e vi Lily fazer o mesmo.

Merda!

Escapou sem querer.

— Quero dizer, ele... ele não vai me dar folga só porque eu tenho essas aulas, nanica.

Tentei consertar, mas Lily não estava mais pensando nisso, eu podia ver nos seus olhos que ainda estava presa na palavra *filha*.

— Por favor, não diz para a sua mãe que eu te chamei assim.

Ela assentiu com a cabeça, como se esse fosse um segredo nosso.

Mas ela era minha filha. Talvez eu não tivesse as responsabilidades parentais sobre ela e não tenha criado ela nesses nove anos. Mas ela *era* a minha filha e eu a amava.

— Eu não vou — ela me garantiu, o sorriso ainda escapando de seus lábios. — A minha amiga Ellie tem dois pais, por que eu não posso ter duas mães?

A pergunta era inocente e sincera e meu coração se encheu de amor por ela. Mesmo assim, não ousava deixar minha

mente vagar por essa ideia utópica, era perigoso demais e eu sabia como doía quando um sonho era esmagado.

— Com quem você tá falando, meu amor — Ouvi a voz de Eva ao longe no outro lado da linha e senti meu corpo gelando.

— A Abby tá falando que não pode me dar aula esse sábado.

— Hum… oi, Abby — Eva disse assim que seu rosto apareceu na tela. Ela parecia meio sem jeito. — Por quê?

— Tem uma competição aqui na academia e o Shawn ameaçou me fazer lavar os calções de luta à mão se eu não trabalhar.

Bem, não era verdade, mas eu precisava deixar o clima mais leve a qualquer custo.

Eva e Lily fizeram uma careta e eu soltei uma risada. A primeira do dia, eu acredito.

— Que pena — Eva disse.

— E domingo? — Lily perguntou.

— Domingo é o dia de descanso dela, meu amor — Eva disse. — Ela já vai trabalhar sábado de tarde, você não acha que ela também merece descansar um pouco?

Como podia ser possível que palavras carregadas de tanta consideração fossem capazes de partir meu coração?

Eu podia trabalhar vinte e quatro horas seguidas que ainda teria disposição para ir a Baddeck passar o domingo com elas.

— Está bem — Lily disse contrariada. — Mas no próximo você vem, né?

— Sim, senhora — respondi, batendo continência.

41. ABBY

Sábado chegou mais rápido do que geralmente chegava. Talvez porque dessa vez eu não estivesse tão ansiosa. Mas pelo menos o movimento frenético na academia e a adrenalina da competição conseguiram manter a minha cabeça longe de Baddeck a maior parte do tempo.

Isso, entretanto, não me impedia de olhar para o celular a cada segundo livre que eu tinha na esperança de encontrar uma mensagem da Lily ou da Eva.

Eu sabia que uma mensagem da Eva seria algo quase impossível, já que ela não havia me mandado nem uma mísera mensagem a semana inteira. Ainda assim eu tinha esperança.

A competição acabou perto das 17h.

No dia anterior, havia sido a minha despedida com eles, então sabia que hoje não precisaria socializar muito depois do expediente. Eu não me sentia particularmente alegre ou festiva, então só queria ir para casa mesmo. Mas não iria antes de me despedir do Shawn.

Bati duas vezes no batente da sua porta, que estava aberta.

Ele apenas me lançou um sorriso meio triste que eu espelhei. Era mesmo estranho estar indo embora para sempre.

Shawn não falou nada, só caminhou até mim e me deu um abraço forte.

— Se precisar de ajuda com alguma coisa nesse plano de negócios, me pergunta — ele disse.

— Valeu.

Não tinha nada que precisávamos falar. A gente sempre se entendeu assim, com poucas palavras.

Dei dois tapinhas no braço dele antes de anunciar:

— Eu vou indo.

— Te vejo na segunda — ele falou, como sempre falava.

— Eu vou voltar — respondi de forma sincera.

Ele esboçou um sorriso e assentiu com a cabeça, então saí.

***

Assim que cheguei em casa e me joguei no sofá, uma sensação de vazio tomou conta do meu peito mais uma vez. Eu precisava de uma distração, mas nem a TV nem meu celular estavam sendo eficazes.

Àquela altura já estava até torcendo para a sra. Saad vir cobrar meu aluguel, mesmo que dessa vez estivesse em dia.

Até faxina eu já tinha feito na sexta para tentar distrair minha cabeça *delas*. Mas nada adiantava.

Deixei a TV em algum reality show de sobrevivência e fui tomar banho. Assim que saí do chuveiro, escutei três batidas na porta.

Será que a sra. Saad sentiu minha aura triste e ficou com pena?

Quando abri a porta, meu coração deu uma cambalhota no peito e meus olhos se grudaram nos de Eva, que me encarava com um sorriso tímido.

Naquele momento, senti como se o tempo tivesse congelado dentro daqueles olhos castanhos.

— Surpresa! — a vozinha aguda da Lily chamou minha atenção e encontrei os olhos dela logo abaixo.

Não me orgulho de admitir que não tinha visto ela ainda.

— O que vocês estão fazendo aqui? — perguntei com um sorriso, estendendo a mão para Lily me cumprimentar com o aperto de mão elaborado que ela me fez aprender.

— Você não podia ir, aí resolvemos vir — Lily disse.

— Foi tudo ideia dela — Eva explicou.

Alternei meu olhar entre as duas figuras na minha frente em um misto de confusão e extrema felicidade.

— Você vai deixar a gente entrar? — Lily perguntou.

— Cla… claro! Entra!

Abri espaço para as duas e mentalmente agradeci a minha eu do passado por ter limpado a casa. Assim que Eva passou por mim, pude sentir o cheiro delicioso do perfume dela e meu coração acelerou no peito.

— Oi — ela disse, meio tímida. — Espero que a gente não esteja atrapalhando, mas Lily insistiu que deveria ser uma surpresa.

— Eu adorei a surpresa — respondi de forma sincera e recebi mais um sorriso gentil em troca.

Por que meu coração parecia que queria pular para fora do peito?

— Você limpou a sua casa — Lily constatou.

— Lilian! — Eva a repreendeu.

— Sabia que você iria notar — comentei, rindo.

Por alguns segundos, um silêncio incômodo pairou no ar.

— Vocês querem beber alguma coisa?

— Uma água, por favor — Eva pediu.

— Pode deixar — falei caminhando até a geladeira. — E você, nanica?

— Não tô com sede agora — ela respondeu. — Mas a gente pode pedir pizza?

— Pode — respondi. — Mas você tem certeza de que não quer provar a comida do Al?

— Eca! Não! Quer dizer, sim! Tenho certeza.

— Quem é o Al? — Eva perguntou enquanto eu entregava o copo de água.

— Um cara que vende comida vencida — Lily respondeu com uma careta.

— Não é vencida. É *quase* vencida.

Eva fez a mesma cara que Lily na primeira vez que falei isso para ela, e não pude conter uma risada.

— Acho que prefiro a pizza também — Eva opinou.

— Então tá — eu disse. — Conheço uma pizzaria ótima.

— Não é com pepperoni vencido, né? — Lily perguntou.

— Não.

— A gente podia continuar a nossa maratona de *Coisas Estranhas* — Lily sugeriu.

— Vocês ainda não terminaram? — perguntei.

— Claro que não, a gente tava esperando pra ver o resto com você — Lily falou, já se apossando do meu controle remoto e se acomodando na poltrona.

— Não tem a mesma graça sem você para reclamar das partes nojentas — Eva comentou com uma pitada de humor que fazia dias que não ouvia vindo dela.

Senti meu coração se derreter mais um pouco. Como Lily se jogou na poltrona, eu e Eva tivemos que dividir o sofá de dois lugares.

Ela se sentou com certa formalidade, e eu tentei dar todo espaço possível para ela, me espremendo no outro lado.

Lily já estava se sentindo em casa, zapeando pelo catálogo dos serviços de streaming que eu assinava.

— Você gosta mesmo desses programas de gente pelada, né? — ela perguntou e vi Eva dar um salto assustada no sofá, mudando o foco de atenção do celular para Lily então para a TV.

O corpo dela relaxou quando notou que era apenas várias edições diferentes de *Largados e Pelados* e não uma sessão

de filmes adultos. Não consegui conter a risada da cara dela.

Eva primeiro me olhou com reprovação, então caiu na gargalhada também.

— Mas é gente pelada no meio da selva, não tem como não gostar! — falei.

— Se você acha. — Lily deu de ombros.

— Qual o nome da pizzaria? — Eva me perguntou. — Quero ver o cardápio no site.

— Moretti’s — disse. — É uma cantina, mas eles fazem pizza também.

Enquanto Eva olhava o cardápio e Lily olhava o catálogo, eu olhava as duas. Eu deveria estar me sentindo deslocada ou desocupada, mas me sentia absolutamente bem, como se as duas sempre tivessem estado ali.

— Posso fazer o pedido? — Eva perguntou.

— Pode, claro — respondi.

— Pepperoni, Marguerita e Mussarela?

— Isso aí — eu e a Lily concordamos ao mesmo tempo.

— Vocês querem pedir sobremesa também? — Eva perguntou, sem tirar os olhos do celular.

— Com certeza! — Lily respondeu. — Sorvete de chocolate e menta, né, Abby?

— E uma torta de limão — completei repetindo nosso pedido de sempre em Baddeck. Eva riu porque a minha parte do

pedido era na verdade a sobremesa preferida dela, que eu nunca comia.

A pizza chegou em menos de vinte minutos e comemos na frente da TV como sempre fazíamos. E como sempre, o programa passava enquanto prestávamos mais atenção umas nas outras do que nas Coisas Estranhas.

Lily falava sobre mais uma das confusões no ensaio da peça da escola e Eva me atualizava nas fofocas da cidade, algo que eu tenho que admitir gostava muito. Principalmente as que envolviam o xerife Smith.

— E como foi a competição? — Eva me perguntou.

— Kate levou uma surra e saiu irritada. Mas eu preferia ter treinado com a Lily — respondi com sinceridade, e Lily abriu um sorriso satisfeito.

— E quando eu vou poder fazer meu exame de faixa?

— Exame de faixa? — Eva perguntou surpresa.

— Logo, logo, nanica. Você vai tirar de letra. — Fechei meu punho e me estiquei para trocar um soquinho com ela. — Prometi pra Lily que iria encontrar uma academia pra ela poder fazer o exame de faixa, tudo bem, Eva?

— Claro — ela respondeu. — Se ela está pronta, por que não?

— Legal! — Lily comemorou.

Era estranho e ao mesmo tempo familiar ter as duas na minha casa, algo que eu sentia que podia me acostumar bem rápido. Ou que talvez já até tivesse me acostumado.

Depois da pizza, ofereci para Lily se sentar no meu lugar no sofá, porque sabia que ela tinha algumas manias em

relação a assistir TV.

— Não, eu prefiro a poltrona — ela disse, dando de ombros.

— Você odeia ver TV de lado, nanica!

Uma das suas manias era que gostava de ver TV de frente, nunca no assento de lado ou na diagonal. Dizia ela que doía o pescoço, o que era mentira, porque com nove anos nada dói, mas eu e Eva sempre deixávamos ela se jogar no sofá grande de frente para a televisão e compartilhávamos um outro de lado na casa delas.

— Talvez eu queira mudar dessa vez — Lily falou sem nem tirar os olhos da TV.

— Tá, tá — resmunguei.

Lily abriu um sorriso satisfeito quando tive que me sentar mais uma vez ao lado da mãe dela.

Eva já estava um pouco mais à vontade, mas ainda parecia meio rígida. De novo, tentei deixar mais espaço para ela, mas era impossível nossos braços e pernas não se tocarem vez ou outra quando uma das duas se mexia.

Talvez eu devesse comprar um sofá mais espaçoso.

Além dos toques, o cheiro do cabelo dela também ajudava a trazer de volta as lembranças da noite que passamos juntas e tornava impossível focar em qualquer outra coisa que não fosse a presença dela ao meu lado.

Estávamos no final do terceiro episódio quando Lily pegou no sono na poltrona.

— Eu posso colocar ela pra dormir na minha cama — falei. — É mais confortável.

— Tem certeza? — Eva perguntou. — A gente já pode ir pro hotel que eu reservei…

— Ainda é cedo — cortei ela.

— Abby…

— Fica — pedi em um murmúrio. — Por favor!

Eva me observou por alguns segundos. Tinha algo acolhedor nos seus olhos, algo que me fazia querer mergulhar neles, mas ao mesmo tempo tinha tristeza também.

Por fim, ela fez que sim com a cabeça.

Levei Lily para a minha cama e a cobri com um edredom. Quando voltei, Eva estava de pé no meio da sala. Parecia perdida.

— Você tem alguma coisa para beber? — ela perguntou um pouco sem jeito. De repente, tinha uma tensão nova no ar.

Era a primeira vez que ficávamos sozinhas desde o café da manhã do dia seguinte ao *incidente*.

— Acho que tenho uma garrafa de vinho branco, serve?

— Serve — ela respondeu prontamente, sem nem perguntar qual era a uva ou a safra, duas coisas que eu sabia que ela levava muito a sério. Mas tive a impressão de que ela precisava de uma bebida, *qualquer bebida*, para que o clima não ficasse tão estranho.

E verdade seja dita, eu também precisava.

Abri o vinho, que era um Chardonnay, uma uva que ela gostava, e peguei uma cerveja para mim.

— Eu fiquei muito feliz com a visita de vocês — falei e, ao mesmo tempo que era sincero, soava um pouco estranho.

— A Lily só falava disso desde o dia que você ligou. — Eva tinha um sorriso meio melancólico. — Eu ofereci para trazer ela, para passar o fim de semana com você. Achei que talvez fosse legal para vocês duas terem um tempo sozinhas, mas ela insistiu que eu deveria vir também.

Isso soava muito como uma guarda compartilhada e eu sinceramente não fazia ideia do que pensar. Gostava da parte de Eva me permitir estar presente na vida da Lily, o que era imensamente generoso, mas odiava a parte de eu não estar presente na vida *dela*.

— Eu fiquei feliz que *você* veio.

Eva tentou esconder tomando um gole de vinho, mas eu vi um sorriso nos seus lábios e o rubor nas suas bochechas.

Nem tudo estava perdido.

— Confesso que estava morrendo de medo de não encontrar você em casa — ela falou. — Mas a Lily estava tão obstinada com a ideia de vir até aqui... enfim, espero que a gente não tenha estragado seus planos para o sábado à noite.

— Meu plano para esse sábado era ver algum programa de gente pelada e pedir comida do Al.

Dessa vez, Eva não tentou esconder a risada.

— Fico feliz de ter te salvado de uma possível intoxicação alimentar então.

— Eu te devo essa.

Elevei a minha longneck para ela brindar com a taça dela.

— Mas respondendo sua pergunta, eu não tinha plano nenhum para essa noite — eu disse com sinceridade. — Pra ser sincera, eu não podia pensar em um jeito melhor de passar o meu sábado.

Eu conseguia notar a postura dela relaxando aos poucos e o seu olhar ficando cada vez mais gentil. Fui sentindo meu coração bater de novo, como se ele estivesse em *stand by* todo esse tempo que ela estava se mantendo distante de mim.

Ela relaxou na banqueta da península que separava minha minúscula cozinha da sala, e eu me sentei ao lado dela, da mesma forma que costumávamos fazer na sua casa.

— Você mora aqui há muito tempo?

— Não muito, pouco mais de um ano.

— Até que é bem… simpático — ela disse.

— Você não precisa mentir para me agradar — falei, rindo da tentativa dela em tentar achar um adjetivo positivo.

Ela soltou uma risada de verdade dessa vez e, eu juro, foi o som mais lindo que eu já ouvi.

— Eu tô falando sério — ela disse depois de um tempo. — Tem a sua cara de alguma forma.

Eu não morava em uma pocilga. Até que era um bom apartamento e estava decentemente mobiliado, então acho que ela poderia estar falando a verdade. Mesmo que comparado a casa dela parecesse mesmo uma pocilga.

— Tô feliz que você está vendo em um estado melhor do que a Lily quando veio aqui na primeira vez — admiti.

— Eu não consigo nem imaginar a sua reação quando ela bateu na sua porta.

— Confesso que não foi a melhor — falei. — E é possível que eu tenha falado um ou outro palavrão que agora eu sei que você não gosta que ela escute.

— Dada a circunstância, acho que é compreensível.

— Naquele dia eu senti tanto medo — admiti pela primeira vez. — Eu sabia que minha vida nunca mais seria a mesma.

— Eu não sei nem se eu consigo imaginar.

Eva tinha uma expressão compreensiva e eu sentia que podia falar sobre isso com ela, mesmo sendo sobre a filha *dela*.

— Quando ela nasceu — comecei —, eu não quis pegar ela no colo. Eu sabia que seria pior — pausei. — Eu não queria dar ela, sabe? Mas eu não tinha muita escolha.

Pela primeira vez em uma semana, senti a mão da Eva repousando sobre a minha, em uma tentativa de demonstrar apoio.

Continuei:

— Uma das coordenadoras me convenceu de que era a coisa certa a fazer e eu não tinha nenhum argumento melhor que os dela além de que eu queria ficar com a minha filha.

Vi uma lágrima nos olhos da Eva e lutei contra a sensação pesada no meu peito. Eu nunca havia me permitido chorar por aquilo e não pretendia começar agora.

— Mas eu sei que foi a escolha certa — falei. — Você pôde dar a ela tudo que eu não poderia. Além disso, eu também

não estaria aqui nesse apartamento *simpático*, se tivesse que ter criado uma criança. Eu não tinha como e sabia que não tinha, mas não quer dizer que foi uma escolha fácil.

A mão de Eva acariciava a minha e tomei um gole de cerveja para tentar desfazer o nó que havia se formado na minha garganta.

Ela ainda tinha os olhos marejados.

— E eu passei a vida me lembrando disso — continuei. — Passei a vida relembrando de que eu não tinha escolha, e chegou um momento que parecia apenas um sonho, não uma memória. Mas aí no dia que ela apareceu aqui eu sabia que estava fodida... desculpa! Sabia que estava ferrada. Ouvir ela falar e reclamar da sujeira do meu apartamento — Eva soltou uma risadinha por entre o choro — tornou tudo tão real de repente. E quando eu cheguei na sua casa para deixar a Lily e dei de cara com você lá, pronta pra voar no meu pescoço, achei que nunca mais veria a luz do dia de novo.

— Que dramática! — ela disse, mas tinha um tom gentil. — Eu só estava assustada com a situação toda.

— Você é bem intimidadora quando tá assustada.

— Me desculpa pelo jeito que eu te tratei naquele dia e pelo que eu te falei.

— Eu já disse que já ouvi coisa pior de gente com muito menos motivo — repeti. — Mas eu falei sério aquele dia. Eu sei qual é o meu lugar na vida dela e eu não tenho o menor interesse de substituir você...

— Eu sei, Abby.

— Mas eu, hm, gostaria de continuar fazendo parte da vida dela, como a tia legal, sabe?

— Você *faz* parte da vida dela — Eva disse, com ênfase no verbo. — E é bem mais do que só como a “tia legal”.

Eu não sabia o que falar, era incrível ouvir aquilo da boca da Eva. Era quase como uma chance de recomeço.

Era uma chance de recomeço.

Tudo que consegui fazer foi agradecer com um sorriso aguado pelas lágrimas.

O olhar dela era a única resposta que eu precisava sobre a Lily. Mas uma parte de mim também queria perguntar sobre ela, se ela também fazia parte do pacote.

Não perguntei.

— Você é bem menos durona do que tenta parecer — ela disse depois de um tempo, em um tom bem mais leve.

— Não sou, não! — respondi de forma dramática. — Eu sou durona. Você tinha que ver hoje, eu segurando a Kate para ela não resolver a competição fora do ringue.

— Confesso que eu realmente gostaria de ter visto isso — ela disse, elevando uma sobrancelha.

— Quem sabe na próxima você e a Lily não possam assistir.

— Se eu não precisar ver você apanhando de novo...

— Eu apanhei, mas ganhei — falei, de forma orgulhosa.

— Mas quase me matou do coração.

Tinha um tom sincero na fala dela e foi a primeira vez que me dei conta de que ela tinha ficado preocupada comigo

aquele dia.

Meu coração se derreteu mais um pouco no peito.

— Me desculpa — respondi. — Você pode ver os outros lutadores apanhando dessa vez.

— Nesse caso pode ser que seja divertido — ela respondeu com um sorrisinho.

— Não sei se tão divertido como um caso de divórcio, mas sempre tem uns golpes legais.

— Eu acho que você assiste muita TV, Abby.

— Vai me dizer que você nunca teve que apartar uma briga entre uma cliente e o marido?

— Bom, na verdade já. Inclusive essa semana.

— Viu?

Eva sorriu e percebi que ela estava completamente à vontade naquele momento, então ofereci para nos sentarmos no sofá, que era bem mais confortável. Não *bem* mais, mas era melhor que a banqueta. Ela concordou e nos sentamos mais uma vez no meu minúsculo sofá de dois lugares.

Pela primeira vez desde que dormimos juntas, senti a conversa fluindo naturalmente entre nós. Eva me perguntou mais um pouco da minha infância, os lugares que trabalhei, onde estudei. Falamos sobre lazer e viagens. Quer dizer, *ela* falou de viagens, eu falei de viagens que *gostaria* de fazer.

E a cada segundo, eu ficava mais e mais relaxada e hipnotizada pelos seus olhos e a forma como ela inclinava a cabeça sempre que sorria.

— E você já se apaixonou? — perguntei antes que meu cérebro se desse conta do erro.

Agora era tarde demais para voltar atrás e a verdade é que sempre me perguntei isso.

Eva tinha apenas 33 anos e era absolutamente maravilhosa. Era no mínimo estranho ela nunca ter falado de um namorado ou namorada.

Ela se remexeu no sofá, mas ainda assim me respondeu:

— Já.

— Não acabou tão bem, eu imagino.

Não sabia por que estava insistindo, mas não conseguia evitar.

— Não — ela respondeu antes de dar um gole no vinho. — Mas eu era jovem e ingênua, eu acho.

— Uma combinação perigosa.

— Você estava apaixonada pelo pai da Lily? — ela perguntou, e soltei uma gargalhada antes de perceber que era uma pergunta sincera.

— Não, não — respondi, ainda rindo. — Eram só hormônios, privação de vida social e tédio.

— Outra combinação perigosa, imagino.

— E como! — concordei. — Tipo, eu gostava dele, ele era um dos meus melhores amigos na época e ele ficou do meu lado quando falei que queria manter a gravidez. Mas logo transferiram ele e nunca mais tivemos contato, ele apenas assinou o termo de adoção antes de ir. Ele foi um dos poucos caras que eu estive, porque logo percebi que não

era bem de caras que eu gostava. E você? Qual a sua história?

Ela se ajeitou melhor e tomou outro gole de vinho antes de continuar.

— Na faculdade eu conheci uma garota — ela falou. — Eu meio que já desconfiava que era lésbica, quer dizer, eu *sabia* que era, só que nunca tinha estado com nenhuma mulher antes. Mas então conheci ela, e a gente se deu muito bem logo de cara. Enfim, resumindo, uma coisa levou a outra e começamos a namorar e ficamos juntas quase seis anos antes de eu descobrir que ela estava me traindo com uma das minhas melhores amigas havia quase um ano.

— Eita!

— Pois é.

— E elas estão juntas ainda? — perguntei.

Eva se virou para mim, como que para contar alguma fofoca:

— Não, logo a outra meteu um par de chifres na minha ex e elas terminaram.

— Castigo divino — eu disse, elevando a longneck para um brinde. Eva sorriu e brindou comigo.

— Foi logo depois que terminamos que eu adotei a Lily.

— E não namorou mais ninguém depois disso? — perguntei em um quase sussurro.

De repente, me dei conta de como estávamos perto.

— Não...

— E você sente falta?

— Às vezes.

— É até difícil de acreditar que uma mulher como você tá solteira — falei no mesmo tom baixo.

— Como eu?

— Assim, praticamente perfeita.

As bochechas dela coraram, mas dessa vez ela não tentou esconder. Aproveitei o seu silêncio para fazer outra pergunta:

— E você se apaixonou de novo?

— Acho que sim — ela respondeu ainda em um sussurro.

Seus olhos estavam cravados nos meus e eu sentia a sua respiração junto à minha. Engoli em seco, sem saber direito o que pensar dessa resposta, mas concluí que só tinha um jeito de sanar essa dúvida.

Me aproximei lentamente. Meus olhos se fecharam para poder me concentrar ainda mais no cheiro delicioso que ela exalava, e nossos narizes se tocaram tão de leve que não tive certeza se aconteceu mesmo.

Meu cérebro foi consumido pela memória do nosso primeiro beijo e pela expectativa do próximo.

— Abby — ela pronunciou com certa sobriedade, colocando uma mão no meu peito e me impedindo de avançar mais. — Eu acho melhor não.

Com isso, ela se afastou de mim e se levantou do sofá. Senti como se tivesse sido nocauteada pela Crystal mais uma vez.

— *Ahem* — limpei a garganta. — Hum, é, clar... claro. Me desculpa!

— Está tudo bem — ela disse, sem conseguir olhar para mim. — Eu só acho melhor a gente não... não misturar as coisas.

— Concordo... sim, totalmente. — Eu balançava a cabeça com certo exagero, mas eu não sabia como agir. — Concordo!

— Falando nisso — Eva disse —, acho melhor a gente ir embora.

— Não, não, me desculpa ter passado do limite, de verdade. — Me levantei para impedir ela. — Você pode ficar aqui. A Lily já está dormindo mesmo, você pode dormir lá com ela.

— Abby...

— Por favor — implorei. — Não vai.

Eva pareceu ponderar por um segundo antes de soltar um suspiro cansado.

— E você?

— Durmo aqui! — falei e bati com a mão no encosto do sofá.

— Sem ofensa, mas esse é simplesmente o sofá mais desconfortável que eu já me sentei.

— Eu durmo aqui quase toda noite, se você quer saber — menti. — Pego no sono vendo TV.

Era mentira, mas eu estava desesperada e não queria que elas fossem embora.

Ela parecia triste naquele momento e eu me sentia horrível por saber que, de alguma forma, eu era a culpada.

— Está bem — disse por fim.

Eu não conseguia saber o que ela estava pensando, mas queria perguntar se eu estava ficando louca e era a única sentindo o que estava sentindo.

Eu queria puxar ela para um abraço e nunca mais soltar.

Mas não fiz.

Quando me dei conta, Eva havia buscado sua mala de mão e estava agora no meu quarto com a nossa filha enquanto eu estava na sala, no sofá mais desconfortável do mundo, sozinha.

***

Acordei na manhã seguinte com o pior torcicolo que já tive em anos.

— Sofá duro dos infernos.

Como todos os meus remédios estavam no armário do banheiro do meu quarto, fui obrigada a abrir a porta com cuidado, torcendo para não acordar as duas.

Meu plano era entrar, pé por pé, pegar o remédio e sair, mas na hora que vi a imagem das duas na minha cama, paralisei na porta.

Lily estava com todo o edredom sobre ela, em uma posição que parecia que tinha sido possuída por um demônio — no melhor sentido possível, é claro. Enquanto Eva estava de lado com uma mão sobre as costas de Lily de maneira protetora e a outra embaixo do travesseiro.

Ela estava com um pijama curto e as pernas estavam destampadas, e senti meu coração acelerar ligeiramente. Mas mais do que isso, senti uma sensação de paz vendo as duas ali!

Uma sensação de paz misturada com medo. Medo de estragar tudo de novo. Medo de perder isso que eu nem sabia direito o que era. Medo de decepcionar elas...

Lily se mexeu mais uma vez como se estivesse sendo exorcizada, e me apressei para pegar o analgésico que precisava.

42. EVA

Acordei com um chute da minha filha na minha barriga.

Isso acontecia a maioria das vezes que ela dormia comigo, porque ela tinha um sono pesado e muito agitado. Mas quando abri os olhos, percebi que não estava na minha cama. Não estava na minha casa.

Lily ainda dormia e aproveitei esse tempo para tentar pensar um pouco na situação em que havia me metido.

Eu não conseguia entender como eu havia conseguido armar a minha própria armadilha para acabar dormindo na cama da Abby essa noite. Sem ela.

Tanto o travesseiro quanto o cobertor tinham o cheiro dela e eu pensava que deveria ser masoquista para estar ali naquela situação.

Lily se remexeu mais um pouco então acordou. Pude notar nos seus olhinhos que também levou alguns segundos para se situar, mas quando lembrou abriu um sorriso.

— Bom dia, meu amor — falei. — Você dormiu bem?

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu tô sentindo cheiro de café — ela falou.

Percebi que ela estava certa, tinha mesmo um cheiro agradável de café fresco vindo da cozinha.

— Acho que Abby já está acordada também — falei.

Lily não perdeu tempo e pulou da cama para ir até a sala encontrar Abby para o café da manhã.

— Lily, você não escovou os dentes — falei, mas ela já tinha aberto a porta e sumido da minha visão.

Crianças.

Me levantei com calma, fui até o banheiro da suíte de Abby, lavei meu rosto e escovei os dentes antes de me trocar.

Por fim, comecei a arrumar a cama em que eu e Lily havíamos dormido.

— Deixa isso aí — Ouvi a voz de Abby atrás de mim. — Eu arrumo depois. O café tá pronto.

— Tem certeza?

— Sim — ela falou e caminhou até mim, então me puxou pelo pulso. — Vem.

Como Lily não parou de falar nem por um segundo, o café da manhã foi menos tenso que a noite anterior.

Depois do café, Lily perguntou se podíamos passear pela cidade e Abby sugeriu irmos ao Public Garden.

— Sempre tem coisas legais lá nos domingos — ela falou.

— Tem sorvete? — Lily perguntou.

— Tem.

— Podemos ir lá então, mamãe?

— Claro — respondi, embora não estivesse muito animada para mais esse passeio em família.

Aquele tipo de programa era exatamente o que eu não precisava: um vislumbre de como as coisas poderiam ser em um mundo ideal, mas não eram.

Era um dia lindo de primavera, sem uma única nuvem no céu e temperatura por volta dos vinte e cinco graus, o que significava que o Public Garden estava cheio de famílias aproveitando a manhã ensolarada.

No coreto principal, estava tendo uma apresentação de uma banda folk e algumas pessoas se sentavam nos bancos em frente para assistir.

Lily insistiu no tal sorvete, então fomos até o café em frente ao coreto que era também uma sorveteria. Enquanto ela escolhia o sorvete, Abby e eu aproveitamos para pegar um café para viagem.

A barista não devia ter mais do que 23 anos, tinha os braços tatuados, piercing no nariz e um estilo descolado e moderno, e como se não fosse suficiente, tinha um sorriso largo e perfeito direcionado para Abby durante todo o tempo em que ficamos na fila do pedido.

— Eu conheço você — ela falou para Abby assim que chegou a nossa vez. — Você é a campeã nacional de boxe.

A barista nem havia notado a minha presença ainda, ou se sim, havia decidido me ignorar.

Abby coçou a cabeça então colocou as mãos no bolso.

Ela havia saído em praticamente todos os jornais da província e certamente em muitos blogs e páginas de notícia online.

— Hmm... sou — Abby respondeu. — Eu vou querer um Mocca, por favor.

— Abby, não é isso? — a barista perguntou ainda sorrindo.

— Uhum.

— É pra já, Abby.

— Ei, eu também quero fazer meu pedido — falei irritada quando vi que ela já estava se virando para preparar o café da Abby.

Pela primeira vez aquela pirralha olhou para mim.

— Sim? — ela perguntou, entediada.

— Um expresso duplo, por favor.

— Nome?

— Eva.

Ela se virou sem responder nada e senti a minha irritação aumentar ainda mais.

— Quanta falta de educação — resmunguei.

— Tadinha, ela tem que trabalhar no domingo — Abby defendeu a moça, o que me fez ficar com ainda mais raiva.

— O dia não vai passar mais rápido se ela tratar as pessoas mal — falei.

Abby soltou uma risadinha que não ajudou em nada com o meu humor.

— Aqui, Abby — a barista entregou o café dela com um sorriso de orelha a orelha.

— Valeu — Abby agradeceu.

— Eva? — ela chamou como se eu não estivesse literalmente na sua frente e ela não tivesse perguntado meu nome havia três minutos.

Apenas peguei o meu copo sem falar nada e caminhei para fora daquele lugar. Lily estava nos esperando em uma das mesinhas externas do café, já comendo o seu sorvete.

Abby me seguiu e nos sentamos junto com Lily na mesa que ela havia escolhido.

— O que é isso — Lily perguntou, apontando para o copo da Abby.

Abby girou o copo para ver o que Lily estava indicando e esboçou um sorriso meio idiota.

— Acho que é o telefone da barista.

Me estiquei para ver. Tinha um número de telefone com um coração do lado, embaixo estava escrito:

me liga!

xoxo, Blake.

— Por que ela te deu o número de telefone? — Lily perguntou.

— Porque ela gostou de mim, eu acho — Abby respondeu.

— Porque ela é uma atirada, isso sim — falei.

— Deve ser só brincadeira — Abby justificou. — Ela deve fazer isso com todo mundo.

Peguei meu copo e girei ele todo e só encontrei o meu nome escrito com uma caligrafia quase ilegível.

— Não com todo mundo.

— É porque você seria muita areia para o caminhãozinho dela, Eva. Além do mais, você causa medo.

— Eu não causo medo!

— Causa sim — Abby falou.

Que ótimo! Aquele domingo estava sendo quase pior que o domingo anterior.

— Mas a gente ama você assim como você é — Abby falou com um sorriso. — Né, nanica?

— Uhum — Lily balbuciou com a boca cheia de sorvete de chocolate.

Senti as minhas bochechas esquentando e não consegui olhar para Abby.

— Eu posso dar comida pros patos? — Lily perguntou, terminando o sorvete.

Olhei na direção do lago para checar se era seguro.

O lago era cercado, não tinha muitas pessoas e ficava a apenas poucos metros de nós.

— Pode, mas não sai de lá sem nos avisar, está bem? — instruí.

Lily assentiu com a cabeça e saiu correndo na direção das pessoas que estavam entregando ração para as crianças jogarem no lago.

Abby e eu ficamos mais uma vez sozinhas e voltei a pensar na nossa conversa da noite anterior, quando Abby disse que gostaria de fazer parte da vida da Lily.

Eu me perguntava se ela tinha algum medo ou receio de que eu fosse impedi-la. Se ela achava que precisava me dar alguma coisa em troca do convívio dela com a nossa filha.

Eu não queria que ela pensasse isso, nem queria que ela me usasse como uma moeda de troca, como algo que ela teria que aguentar para conseguir o que queria. Mas ainda me perguntava se ela havia tentado me beijar por causa disso.

— Você não precisa se preocupar sobre aquilo que você falou ontem — eu disse enquanto observava Lily à distância.

— O que eu falei ontem?

— Você disse que queria poder fazer parte da vida da Lily — esclareci, me virando para ela. — Eu só queria dizer que você *faz* parte da vida dela. Quero dizer, você pode fazer parte da vida dela independentemente de como eu e você estivermos.

Ela franziu a testa e inclinou a cabeça.

— Obrigada?

— Não quero que você ache que eu vou impedir você de ver ela ou coisa assim por conta do que aconteceu ontem — expliquei. — Ou melhor, por conta do que não aconteceu.

Ela ainda parecia um pouco confusa, mas assentiu com a cabeça e forcei um sorriso para ela. Para garantir que estava tudo bem.

43. ABBY

Logo depois do almoço, elas voltaram para Baddeck e senti o vazio do domingo me atingindo.

Eu tentava entender em que pé estava a minha relação com Eva, mas não conseguia ter respostas claras. Ela que havia impedido o nosso beijo no dia anterior. Ela que disse que era melhor não misturar as coisas. Ela que me mantinha afastada. Então por que ela parecia triste? Por que ela parecia tão triste se eu estava fazendo tudo que ela queria?

Eu só queria ver ela feliz, mas não sabia como fazer isso.

Tentei me entreter como podia, mas nada ajudava. Nada funcionava. Por fim, abri um dos aplicativos de encontro e passei algumas horas nele.

Nada também.

Nenhuma mulher interessante. Nenhuma mulher que me chamasse atenção. Nenhuma mulher latina com olhos castanhos, boca deliciosa e que compartilhava uma filha comigo.

Quando olhei para o relógio, vi que já passava das oito da noite. Eu não fazia ideia do que tinha feito a tarde toda.

— Quer saber — falei, jogando meu celular sobre o sofá. — É melhor tentar o método tradicional.

Fui até meu quarto e troquei de roupa antes de sair pela porta da frente, obstinada a ocupar a minha cabeça com qualquer outra coisa.

Como era domingo, a rua estava relativamente calma, mas podia ver algumas pessoas bebendo e fumando nas mesas externas. O verão estava chegando e a maioria dos canadenses não gostava de desperdiçar uma noite quente.

Fui direto no meu bar preferido na Gottingen St., assim como a rua, o bar também tinha movimento moderado, mas a música estava agradável e a cerveja na temperatura certa.

Me sentei na bancada do bar mesmo, sem interesse de achar uma mesa ou pedir alguma coisa para comer. Só queria entender como algo que era tão perfeito podia ser tão complicado ao mesmo tempo.

— Pé na bunda ou chifre? — uma mulher me perguntou, então se sentou ao meu lado.

Me virei para ela e dei de cara com dois olhos castanhos esverdeados. Ela era bonita e estava disposta a preencher o silêncio.

— Nenhum dos dois — falei, mesmo sem ter certeza se não tinha sido mesmo um pé na bunda.

— Um gin tônica — ela disse para o garçom antes de me estender a mão. — Eu sou a Tala.

— Abby — respondi, apertando a sua mão.

— Eu acho que já te vi aqui — ela comentou.

— É possível, eu costumava vir mais. Mas desde... mas faz um tempo que não venho.

— Sorte a minha então — ela falou, passando o indicador de leve sobre a minha mão.

Um sorriso de lado se formou no meu rosto.

Era exatamente isso que eu precisava para tirar a Eva da minha cabeça. Um encontro com uma mulher sem nenhuma história comigo. Que não soubesse nada da minha vida e não tivesse nenhum interesse em saber.

Não lembro exatamente sobre o que conversamos, mas não demorou muito para eu convidá-la para ir ao meu apartamento.

44. ABBY

— E aqui está você agora ouvindo as minhas lamúrias — falo para Tala.

— E agora eu já sei quase tudo da sua vida — ela comenta, com um sorriso.

As duas caixas de pizzas estão abertas e vazias sobre a mesa de centro e já estamos na segunda garrafa de uísque.

— E o que você acha? — pergunto.

Tala solta um suspiro e toma um gole do uísque antes de falar:

— Como psicóloga, eu não posso dar minha opinião.

— Como psicóloga, você também não pode beber — digo. — E já estamos na segunda garrafa.

— *Touché* — ela responde, apontando o dedo para mim. — Nesse caso, minha opinião como amiga e não como profissional é de que essa mulher tá caidinha por você.

Tala está com as duas pernas cruzadas como um buda e segura o copo de uísque sobre o braço da poltrona. Mas apesar de não ter mais a pose de terapeuta, o seu tom ainda é assertivo e direto.

— Você não ouviu a parte que ela me deu um fora? — pergunto.

— Porque ela acha que você só quer ficar com ela para ficar perto da Lily, Abby.

— Espera, o quê?

— Sinceramente, achei que estivesse óbvio — Tala diz.

— Como óbvio?

— A Eva falou com todas as letras que você não precisava beijar ela para poder continuar fazendo parte da vida da Lily.

— Quando ela disse isso?

— Essa manhã, pelo que você narrou.

— Como?

— Ela disse que você pode fazer parte da vida da Lily independentemente de como você e ela estão.

— Isso não é falar com todas as letras, Tala!

— Bom, talvez ela tenha deixado nas entrelinhas, mas estava bastante óbvio que ela está apaixonada por você.

— Talvez para você que estudou sei lá quantos anos para entender a mente humana.

— Pra mim e pra filha de vocês — Tala fala no mesmo tom objetivo. — Que tem nove anos!

— E como você sabe o que a Lily pensa? Você é vidente, por acaso.

— Essa menina está claramente tentando juntar vocês, mulher!

— É? — pergunto.

— Deus! — Tala leva a mão à testa e sacode a cabeça. — É claro, sua tonta.

— Puta que pariu! — É tudo que consigo elaborar.

— Quando vocês dormiram juntas — Tala continua —, você surtou e saiu da cama dela como se tivesse levado um choque elétrico, Abby. Depois você diz que quer fazer parte da vida da sua filha e tenta beijá-la. O que você acha que ela vai pensar?

— Que eu estou apaixonada por ela, oras!

Tala solta um suspiro longo.

— Você precisa aprender a se comunicar mais com a Eva.

— Mais? A gente literalmente passa a noite conversando — falo. — Eu justamente acho que tenho que me comunicar menos e beijar mais.

— Verdade — ela diz, balançando a cabeça. — Mas o que eu quero dizer é que vocês conversam sobre tudo, menos sobre a relação de vocês.

Fico pensativa por um tempo, tentando puxar na memória todas as conversas que já tivemos para tentar refutar Tala, mas não encontro nenhuma conversa com a Eva sobre o status da nossa relação.

— Talvez você tenha razão… — digo, reticente.

— É claro que tenho razão. — Ela sorri. — Geralmente, eu cobro trezentos dólares para ter razão.

— Caramba!

— Mas hoje, como gostei de você, tô fazendo pela pizza e pelos drinks. — Ela balança o copo de uísque.

— Bom, obrigada — falo. — E o que você acha que eu devo fazer?

— Você tem que falar com a Eva.

— E se ela achar que eu só quero usar ela pra me aproximar da Lily?

— Aí você abre o seu coração e fala a verdade.

— Olha, até que você é das boas, viu — comento. — Vou te indicar pro Clay, ele tá precisando muito de terapia.

— Nesse caso, vou deixar o meu cartão.

45. EVA

Meu dia está sendo horrível.

É seis da tarde e até o momento o meu carro já foi levado para a oficina porque está vazando óleo. Frances me ligou avisando que está doente e não pode ir ao escritório. Fui obrigada a ir a uma audiência no lugar dela de *táxi*. Tive que aturar o Juiz Mitchell presidindo a audiência. Tive que ligar para a mãe da Amber perguntando se ela podia pegar a Lily, porque além de estar sem carro, estou atrasada.

E como se não bastasse, agora encontro o prefeito na loja de bebidas, quando o meu único objetivo é comprar uma garrafa de vinho para tentar salvar essa desgraça de dia.

— Eva! — Tim Morris exclama ao me ver. — Quanto tempo.

— Você acha?

Engraçado, para mim nunca parece tempo suficiente sem vê-lo.

— Que bom que te encontrei — ele diz. — Gostaria de convidar você e Lily para participar do leilão de caridade que estamos organizando para esse verão.

Leilão de caridade em que metade do dinheiro é revertido para a prefeitura não é exatamente um leilão de *caridade*.

— Lamento, mas não tenho nada para doar esse ano — falo.

— Andei falando com xerife e ele pensou que talvez aquela garota, como é mesmo o nome dela? Aquela que dá aulas para a Lily? — ele pergunta. Não respondo. — Ela poderia oferecer uma aula de karatê para leiloarmos.

Deus, como eu odeio esse homem!

— Quando eu a vir, eu pergunto — respondo simplesmente. — Agora se você me der licença, Tim, preciso ir porque Lily está me esperando.

Sinceramente, eu não precisava ter que olhar para a cara desse sujeito hoje.

Chego em casa junto com Lily e agradeço a mãe de Amber pelo favor, então eu e Lily caminhamos juntas até a entrada dos fundos da nossa casa, que é a entrada que normalmente usamos. Ela começa a me contar tudo que aconteceu no seu dia.

Pelo menos, a minha filha está de bom humor.

Enquanto ela me conta como foi legal sair com a Amber depois da aula, percebo o quanto eu a privei nos últimos anos de poder ter mais tempo com as amiguinhas por causa dos meus medos.

Sei que não sou uma mãe perfeita, mas tento aprender com os meus erros e espero proporcionar momentos felizes para ela. Afinal, o importante é a minha filha estar feliz, o resto sei que posso superar.

Eu só preciso de tempo.

— Mamãe, você sabia que a Torre Eiffel fica quinze centímetros mais alta no verão?

— É mesmo?

— Sim! — ela responde animada. — Porque o ferro se expande no calor.

— Que interessante.

— E você sabia que um dia em Netuno dura só dezesseis horas?

Lily continua a me contar várias curiosidades que aprendeu enquanto pendura a sua mochila no cabide da entrada e eu tiro o meu sapato.

— Meu amor, é melhor você ir tomar um banho antes do jantar — falo. — Vou pedir do Rebecca’s, o que você quer?

— Lasanha!

É só segunda-feira e normalmente não a deixo comer esse tipo de coisa durante a semana. Mas hoje sinto que eu também preciso de uma comida conforto para superar o dia horrível que tive.

— Está bem, então vai pro banho.

— É sério? — ela pergunta desconfiada.

— Só hoje — falo. — Não se acostuma.

— Eba!

Ela corre para o seu quarto e eu pego o telefone para fazer o pedido.

Quando desligo, deixo o meu corpo cair no sofá e levo a mão ao rosto. Eu sei que não posso me dar ao luxo de ficar desse jeito, mas não consigo evitar o aperto no meu coração e a saudade dela.

Ou melhor, a saudade do que eu tinha com ela. Porque ontem passamos a manhã toda juntas, mas era um clima estranho que fez eu sentir o oposto do que eu costumava sentir.

Antes eu sentia uma sensação gostosa e leve no peito, agora sinto apenas tristeza.

Estou tão distraída com esse pensamento que levo um susto quando a campainha toca.

Já é a nossa comida? Que rápido.

Me levanto para abrir a porta, mas não é a entrega da comida.

46. ABBY

Eu passei o dia todo esperando a hora certa de poder vir porque sabia que mais cedo Eva estaria trabalhando e Lily estaria na escola. E foi simplesmente o dia mais longo da minha vida toda.

Parecia que não passava nunca.

Mas agora que estou a caminho de Baddeck, sinto meu corpo todo tremer de ansiedade e antecipação.

Pondero se devo parar para vomitar no acostamento, mas o pensamento e a esperança de que talvez eu beije Eva daqui a pouco são o suficiente para eu fazer tudo que eu comi se manter dentro de mim.

Ela não vai querer beijar uma boca vomitada. Eu nem sei se ela vai querer beijar a minha boca se ela não estiver vomitada, então é melhor eu não diminuir ainda mais as minhas chances.

Essas três horas de viagem pareceram nove hoje, mas finalmente estaciono o carro na frente da casa igual fiz na noite em que trouxe Lily.

Dessa vez a porta não abre de repente, nem Eva sai correndo por ela. Sinto vontade de vomitar de novo antes de tocar a campainha.

Credo, que nervoso!

Quando a porta se abre e vejo Eva na minha frente, sinto que o mundo para de girar por alguns segundos.

— Oi! — digo.

— Ab… Abby? O que você está fazen…

Nem deixo Eva terminar a frase antes de colocar as duas mãos no seu rosto e colar meus lábios nos dela.

Eu passei o caminho todo falando para mim mesma para não meter os pés pelas mãos e ter certeza de que ela também sente algo por mim antes de beijá-la. Mas assim que a vejo, sei que essa é a única ação possível.

Eva é pega de surpresa, mas logo sinto o corpo dela relaxar; as suas mãos encontram a minha cintura antes de seus lábios retribuírem o beijo.

Aquela sensação quente e deliciosa volta a preencher meu peito e puxo o corpo dela para mais junto do meu. Sinto a sua língua poucos segundos depois e não perco tempo em voltar a explorar a sua boca.

Sinceramente, nem sei como consegui resistir a esse beijo por tanto tempo, porque não poder beijar ela é mais difícil do que subir no ringue com dez Crystals.

Apesar de eu querer mais, muito mais, ela se afasta e sei que, apesar do beijo, temos que conversar.

— O qu… o que é isso? — ela pergunta confusa e talvez assustada.

— Eu sou uma imbecil! — falo.

— Abby…

— Eu tô apaixonada por você, Eva — admito em voz alta pela primeira vez. — E aquela noite que passamos juntas foi, tipo, a melhor noite da minha vida e eu sei que eu fiz tudo errado depois, mas eu não queria estragar as coisas. Ironicamente, foi bem isso que fiz!

Ela me olha com um misto de surpresa e, ouso dizer, esperança.

— É melhor você entrar. — É tudo que ela diz.

— Cadê a Lily? — pergunto.

— Está no banho, mas você sabe que ela demora.

Eva me conduz até a sala, mas sinto meu corpo todo tremendo. Ela se senta e, embora me sinta muito impaciente, me sento também para ficar na altura dela.

Preciso resolver isso logo.

— Eu falei sério — digo, olhando-a nos olhos. — Eu tô apaixonada por você!

— Abby — ela diz com certa tristeza. — Você não está apaixonada! Você está projetando em mim uma ideia de família que você gostaria de ter.

Projetando? Nem a Tala que é terapeuta fala assim.

— Como é? — pergunto.

— Eu já disse que você pode fazer parte da vida da Lily o quanto vocês duas quiserem, eu não vou atrapalhar...

— Não seja ridícula — digo, e ela me encara com um olhar estranho.

Talvez não seja a melhor frase para se falar para a mulher que você ama, mas eu preciso que ela pare de besteira logo.

— É claro que eu amo a Lily e espero poder fazer parte da vida dela — digo. — Mas o que eu sinto por você não tem nada a ver com isso. Eu te amo! E eu te amo porque você é *você*, não porque você é mãe da Lily.

— Você é jovem, Abby, tem a vida toda pe…

Corto ela mais uma vez com outro beijo.

Que diabo de mulher mais teimosa!

Se ela não quer me ouvir, talvez eu possa explicar de outra forma.

Trago ela para junto de mim e a abraço com força enquanto a beijo, tentando demonstrar tudo que sinto. Dessa vez, não tem espaço para melancolia, apenas desejo e amor.

Eva cede e se entrega ao momento e é um beijo tão doce e gentil que quase sinto vontade de chorar. Ela meio que se aninha no meu corpo, se sentando tão próxima que já está quase no meu colo.

Eu não sei muita coisa sobre o meu futuro, mas sei que quero poder sentir isso pelo resto da minha vida.

Quando me afasto é só o suficiente para poder falar mais uma vez.

— Eu tô apaixonada por você — repito em um sussurro bem próxima a sua boca.

— Você tem certeza?

— Eu preciso te beijar de novo para você acreditar?

— Não — ela diz. — Quer dizer, sim!

Sorrio e percorro os centímetros que nos separam para beijá-la mais uma vez.

— Eu tenho certeza — digo entre beijos.

— Eu também estou apaixonada por você — ela fala em uma voz rouca. — Desde muito antes daquela noite.

A única coisa que consegue tirar o sorriso do meu rosto é a boca da Eva se grudando mais uma vez na minha. Uma das minhas mãos está no seu cabelo enquanto a outra está na sua cintura e tudo que penso é em não soltar ela nunca mais...

— EU SABIA! — a voz aguda da Lily na escada faz nós duas darmos um pulo.

— Lily!

— Nanica!

Eu e Eva falamos ao mesmo tempo.

— Eu sabia que vocês estavam namorando — ela diz e vem correndo na nossa direção, pulando no sofá. — Vocês estão, não estão?

Eva me lança um olhar apreensivo e cheio de expectativa e sei que só existe uma resposta correta:

— Estamos!

EPILOGO: LILY

A mamãe tá um pouco estressada.

— Ela já vai chegar e não tá nada pronto!

— O que exatamente não está pronto, Eva? — a tia Frances pergunta.

— Não sei, tudo! — a mamãe diz.

— Tem que tá perfeito! — eu concordo.

Na verdade, eu também tô nervosa.

— Está tudo perfeito, querida — a tia Frances fala pra mim.

— Ela vai adorar — o tio Shawn completa.

Hoje é aniversário da Abby e a gente decidiu fazer uma festa surpresa para ela, porque ela disse que nunca teve uma festa de aniversário.

Por isso tem que ser perfeita! Porque é a primeira festa que ela vai lembrar. E eu e a mamãe queremos que ela tenha boas lembranças.

Já faz mais de um ano que Abby e a mamãe estão namorando, mas, no ano passado, a Abby só falou que era aniversário dela no final do dia! Como a gente iria adivinhar que era aniversário dela se ela não contasse pra gente?

Aquele dia a mamãe ficou muito brava com a Abby, porque ela queria ter feito alguma coisa especial. Eu também queria. Queria pelo menos ter comprado um presente.

Mas aí a Abby disse que passar o aniversário com a gente já era especial o suficiente, o que fez a mamãe fazer aquela cara boba que ela sempre faz quando a Abby diz esse tipo de coisa, e a mamãe parou de ficar brava.

Mas esse ano, a gente decidiu que ela deveria ganhar uma festa. Por isso, chamamos todo mundo que gosta da Abby.

Como a gente tá no meio de julho e o clima tá quente, a mamãe achou legal fazer uma festa na beira do lago, porque a Abby adora o lago.

A mamãe convidou todo mundo que a gente conhece que é amigo da Abby. O tio Shawn e o tio Clay estão aqui. Está também aquela moça que é terapeuta e a namorada nova dela.

— Lily, essa é a Alex, minha namorada — a Tala, a moça que é terapeuta, me apresenta.

Ela é bem legal. Ela esteve aqui em casa umas semanas atrás pedindo conselhos amorosos para a mamãe e para a Abby. Pelo jeito funcionou.

— Prazer — falo para a Alex e me viro para a Tala. — A última vez que você esteve aqui, você disse que ela nunca ia te perdoar.

Ela solta uma risada e a namorada também.

— Pois é.

— Eu perdoei — Alex diz.

— Você acha que a Abby vai gostar? — pergunto nervosa sobre a festa.

— Ela vai amar — Tala responde com um sorriso.

— Eu nem conheço ela ainda — Alex diz. — Mas eu tenho certeza de que todo mundo amaria uma surpresa como essa.

Eu balanço a cabeça, ainda me sentindo meio ansiosa.

A tia Frances também está aqui, assim como o xerife Smith e o oficial Matthews.

Os dois já começaram a comer antes da Abby chegar e a mamãe deu uma bronca nos dois e agora eles estão quietos no canto, com medo dela, eu acho.

A Abby se mudou para a nossa casa no começo desse ano e tá sendo perfeito. *Perfeito*!

— Ela tá chegando — a mamãe grita depois de ler uma mensagem. — Se escondam.

Eu não pensei onde eu vou me esconder ainda e acho que nem a mamãe, porque ela olha pra mim e eu pra ela sem saber aonde ir. Por fim, ela me puxa para trás de um dos bordos no nosso quintal.

Todos os outros se escondem também e a gente espera a Abby. Pra ser sincera, ela demora um pouco e eu começo a ficar entediada.

Ela tá vindo da academia nova dela.

Teve um problema na luz ou na fiação, não sei, e ela teve que chamar um técnico, mas a mamãe ligou para todos os técnicos da cidade e ameaçou eles para que eles só pudessem resolver hoje, então a Abby teve que abrir para

eles. Foi assim que a gente fez para ela não estar em casa no sábado de tarde e a gente poder arrumar tudo.

Só que não sabia que ia demorar tanto! Mas quando eu acho que ela não vai mais vir, a gente escuta a voz dela vindo de dentro de casa.

— Amor? — Abby chama a mamãe. — Nanica? Cadê vocês?

A voz dela fica mais alta quando ela abre a porta da cozinha pra procurar a gente no deck e no jardim, e bem nessa hora a gente pula dos nossos esconderijos e grita:

— SURPRESA!

Abby tem uma cara de surpresa mesmo e acho que ela nem suspeitou dessa festa. A mamãe falou um monte que eu não poderia contar, como se eu tivesse quatro anos, mas admito que eu tava com medo de deixar escapar sem querer.

A mamãe caminha até ela e abraça ela pela cintura antes de dar um beijo.

— Feliz aniversário, amor!

— Isso é pra mim? — Abby pergunta.

— Tem mais alguém de aniversário hoje, Sinclair? — o tio Shawn pergunta e caminha até ela também para dar feliz aniversário.

— Não acredito que vocês fizeram uma festa surpresa pra mim.

A Abby abraça o tio Shawn que tira ela do chão. Ele deve ser bem forte, porque a Abby é alta.

Depois dele, Abby cumprimenta todo mundo e ganha um monte de presentes e a mamãe finalmente deixa o xerife e

o oficial Matthews comerem.

Eu corro até a Abby e pulo no colo dela.

Eu sei que eu não sou mais muito pequena, mas eu sempre pulo no colo dela, porque quando eu era pequena de verdade ela não podia me pegar no colo.

Ela nunca reclama e sempre me carrega de um lado pro outro.

— Você gostou? — pergunto para ela, meio nervosa.

— Eu amei, nanica — ela responde me abraçando bem forte e depois me dá um beijo na bochecha. — Eu aposto que a ideia de ser uma festa surpresa foi sua.

— Foi mesmo! E a mamãe disse que era uma ótima ideia.

— Eu amei — ela repete.

Fico feliz com ela falando isso, porque eu só quero que ela possa ter todas essas coisas que ela nunca teve antes.

Logo o tio Shawn aparece e pergunta para Abby como tá a academia e eu sei que ela vai passar um tempão falando disso, então pulo do colo dela para achar alguma coisa para comer.

A academia tá indo bem e já tem nove meses. Ela tem um monte de alunos e tem até fila de espera para alguns horários. Eu e a mamãe também somos alunas, a mamãe faz kickboxing e eu já sou faixa laranja de karatê. Até o Peter, que fazia karatê em Sydney, passou para a academia da Abby.

Fico feliz quando a Bella chega e a gente vai brincar na casa da árvore que a Abby construiu no verão passado. É uma

casa super legal com alçapão e tudo e ela me deixou ajudar a construir.

Tudo ficou mais legal depois que ela se mudou para a nossa casa.

A mamãe parece bem mais feliz do que era antes e também me deixa fazer mais coisas. Ela sempre passa um milhão de recomendações antes, mas ela me deixa dormir na casa das minhas amigas e até ir nos passeios da escola em que a gente tem que dormir fora.

A Abby é super legal e sempre faz um monte de coisas comigo, como, por exemplo, essa casa da árvore que ela construiu. Ela também sempre vai pro lago comigo pra gente brincar e me ensinou um monte de salto legal.

E eu acho que ela e a mamãe são um casal perfeito. Eu nunca vejo elas brigando e elas estão sempre juntas. A Abby faz praticamente tudo que a mamãe pede e a mamãe sempre pergunta para Abby o que ela acha antes de fazer qualquer coisa. E também faz tudo que a Abby pede.

Não podia ser melhor. A não ser que...

***

Todo mundo já foi embora e a gente tá na sala de frente para o lago. Eu tô na poltrona jogando no meu celular e a Abby e a mamãe estão no outro sofá. Sem fazer nada.

Abby tá encostada no braço do sofá e a mamãe tá sentada entre as pernas dela. A Abby está brincando com os dedos da mamãe, mas, na verdade, eu acho que ela tá medindo para comprar um anel, porque semana passada ela perguntou se eu sabia qual era o tamanho de anel que a mamãe usava.

Mas como eu ia saber isso? Eu nunca comprei anel para ela. Eu sou uma criança, não tenho dinheiro para essas coisas.

A Abby tem que soltar o dedo dela quando o telefone da mamãe toca.

— Eva — ela atende com a voz de advogada. — Natalie? Oi, como está?

A mamãe se desencosta da Abby para ficar com a postura mais profissional, como se a tal da Natalie fosse notar.

— Já? — a mamãe pergunta. — Quanto tempo deu? Dez meses? Puxa. E você acha que vale a pena pedir o divórcio já? — Ela pergunta e espera a resposta. — Uhum. É mesmo um bom negócio. — A mamãe assente com a cabeça. — Está bem, segunda falo com a Frances e podemos marcar uma reunião por vídeo nós três. Obrigada, Natalie, e até logo.

Assim que a mamãe desliga, ela fala:

— Eu deveria fazer um cartão fidelidade para ela. Já é o segundo divórcio em dezoito meses.

— Puxa vida — Abby diz. — Será que ela leva uma boa grana do marido?

— Essa é a especialidade dela — a mamãe fala em um tom estranho, mas a Abby ri.

— E deu tempo em dez meses? — A Abby pergunta.

— Bom, ela está grávida, então acho que sim.

— Ela parece uma ótima cliente.

A mamãe solta uma risada e volta a se encostar entre as pernas da Abby.

Falando em gravidez...

— Vocês sabiam que a Bella vai ter uma irmãzinha — falo, como quem não quer nada. — A mãe dela já tá de quatro meses, a Bella falou.

— Ela já tem mais irmãos? — Abby pergunta.

— Não, essa vai ser a primeira.

— Vai ser uma diferença de idade bem grande — a mamãe fala. — A Bella tá feliz? Geralmente as crianças nessa idade não gostam de irmãos.

— Ela tá feliz — digo. — Eu também estaria!

A mamãe e a Abby se viram pra mim meio assustadas e eu ergo o meu ombro. Estaria mesmo. Eu sempre quis um irmãozinho ou irmãzinha.

— Eu ia gostar de ter um irmão ou irmã — falo.

A Abby abre um sorriso e vira o rosto para a mamãe antes de falar:

— Não nego que eu ia gostar de ver você grávida!

A mamãe arregala os olhos e vira para Abby, mas como tá encostada nela, não consegue virar muito.

— Eu já tenho quase 35 anos — ela fala.

— E daí? — Abby pergunta.

— É meio tarde, você não acha?

— Claro que não.

— Eu também não acho — falo, mesmo sem fazer ideia se é tarde ou não. Mas eu ia mesmo gostar de ter um

irmãozinho.

— Viu, a nossa filha concorda comigo!

— Eu não vou falar que nunca pensei nisso... — a mamãe fala mas não completa a frase.

— Espera, você já pensou nisso? — Abby pergunta, parecendo empolgada.

Pelo jeito, ela também quer que eu tenha um irmão.

— Pensei — a mamãe responde e fica com as bochechas vermelhas. — Pensei em... deixa pra lá.

— Não, não — Abby fala. — Não deixa pra lá, não. O que você pensou, amor?

— Pensei que eu iria querer que fosse seu e que fosse irmão biológico da Lily.

— Você pensou em *eu* engravidar? — Abby pergunta com uma cara engraçada como se fosse um absurdo, mas ela já engravidou de mim, então não sei qual o problema.

— Não exatamente — a mamãe fala.

— Não tô entendendo — Abby responde.

— Pensei em gerar um filho seu — a mamãe diz. — Como uma barriga de aluguel, mas não de aluguel, porque, bem, seria nosso...

A mamãe gagueja um pouco.

Eu não sei o que isso significa, mas a cara da Abby é tão ridícula que imagino que deva ser uma coisa boa.

— Você... você quer um filho meu? — a Abby pergunta com aquela cara meio bocó.

Ela parece que tá a ponto de chorar, e acho que eu deveria deixar elas sozinhas, sei lá. Parece uma coisa meio íntima.

A mamãe se desencosta da Abby para se virar para ela.

— Uma filha sua já deu certo na primeira vez — a mamãe fala e aponta para mim.

Deu mesmo. Eu acho que eu sou uma ótima filha!

— Essa foi a coisa mais linda que alguém já me disse — Abby fala.

A mamãe se inclina para beijar a Abby e acho que é mesmo a hora de deixar elas sozinhas.

Eu amo as minhas mães, mas não quero ficar vendo elas se beijando o tempo todo.

Fim.

GOSTOU DESSA HISTÓRIA?

Se você gostou dessa história deixe sua avaliação na página da Amazon e nos ajude a alcançar mais pessoas.

Nos siga nas redes sociais: @gbbaldassari

gbbaldassari.com.br

Instagram

Twitter

TikTok

Newletter

Spotify

Conhece nossas outras histórias clicando aqui.

NOTA DAS AUTORAS

Essa história havia sido publicada originalmente em formato de conto no nosso projeto de assinatura mensal no Catarse, **Sociedade da Caixinha Sáfica**.

A SCS é um clube em que todos os meses publicamos um conto — e eventualmente noveletas e novelas — sáfico inédito com capa e ilustração exclusiva. A quinta meta do projeto previa transformar os dois contos mais votados em romances longos, e **Divã**, o conto que deu origem a essa história, foi o primeiro escolhido.

Queríamos aproveitar também para agradecer todas as pessoas que fizeram parte da SCS ao longo desse ano e dizer que, sem vocês, esse projeto não existiria. Foi um ano intenso, trabalhoso, mas muito especial e adoramos compartilhar com vocês. Obrigada!

Por fim, queríamos lembrar que mais um dos contos será transformado em romance e que a votação já está acontecendo. Se você quiser fazer parte dessa escolha, pode conhecer os contos que estão concorrendo aqui.

AS AUTORAS

G. B. Baldassari é o pseudônimo de Gisele e Bruna, um casal que descobriu por acaso que poderia escrever junto. Moram em Santa Catarina e dedicam a maior parte do tempo a fazer o que mais amam: escrever comédias românticas em que a mocinha quase sempre é atrapalhada e invariavelmente termina com outra mocinha.

Conheça nosso site: gbbaldassari.com.br

LEIA TAMBÉM:



Uma Pitada de Sorte

E se um livro te indicasse uma pessoa?

Amélia é uma jovem chef de cozinha que busca sucesso dentro da alta gastronomia. Depois de uma entrevista de emprego desastrosa, ela vê sua coleção de fracassos aumentando. As coisas não saíram nem um pouco como ela planejou quando se mudou para Buenos Aires para perseguir seu sonho, e agora ela está desiludida.

Assim como na carreira, as coisas também não vão bem no quesito amor, e ela sente que precisa, desesperadamente, de uma volta por cima. Decidida a dar uma chance ao destino, ela deixa um bilhete com seu endereço de e-mail dentro do seu livro preferido e o vende no sebo. Se tudo der certo, ele vai trazer a garota dos seus sonhos. Simples assim. Exceto que, para Amélia, nada acontece de forma simples ou sem muita confusão.

Uma Pitada de Sorte é uma comédia romântica que tem como pano de fundo o charme de um inverno em Buenos Aires e a nostalgia do ano de 2007. Uma história com

protagonismo feminino, amizades reais e uma mãozinha do destino.

LEIA TAMBÉM:



Só Por um Verão

As jovens irmãs Lancellotti acabaram de perder a mãe e estão prestes a descobrir que sua polpuda herança está condicionada a uma cláusula no mínimo estranha.

Para provar que são capazes de manter o legado da família, essas quatro irmãs muito diferentes e que raramente se entendem, são obrigadas a passar um verão trabalhando juntas em uma colônia de férias.

Acompanhe esta divertida e profunda jornada individual e familiar das protagonistas e seus processos de luto e autodescoberta. Além, é claro, de todas as confusões, intrigas e paixões que só um acampamento de verão ao redor do lago é capaz de proporcionar.

Só Por Um Verão é uma história sobre ser jovem e se apaixonar, sobre crescimento e mudança, mas principalmente uma história sobre o amor em todas as suas formas.

LEIA TAMBÉM:



De Repente, Namoradas

Spin-off de Só Por um Verão

Quando a implacável Helena Lancellotti se vê diante de uma acusação de homofobia que pode acabar com a sua marca, ela inventa um namoro de mentira com a primeira mulher que vem a sua mente: a jovem, desencanada e irritantemente sorridente Pati, a instrutora de tênis dos seus filhos.

Seduzida pelo sucesso instantâneo que a história gera ao cair por acidente na internet, Helena decide levar a farsa adiante e convence Pati a ser sua namorada por dois meses.

O problema é que uma mentira desse tamanho exige muito mais esforço do que ela imaginou, e não demora muito para as coisas fugirem do controle e tomarem rumos totalmente inesperados. Divertida e cheia de personagens cativantes, este Romance Sáfico é uma história sobre os caminhos imprevisíveis que o amor usa pra chegar até ao mais teimoso e descrente dos corações.

LEIA TAMBÉM:



De Repente, Casadas

O dia do casamento de Helena e Pati finalmente chegou, mas o que era para ser um dia perfeito, se torna um pesadelo para a Helena que tem que lidar com os mais absurdos contratempos para garantir que sua noiva, Pati, tenha o casamento que tanto sonhou.

De Repente, Casadas é um conto de De Repente, Namoradas e reúne novamente a família mais amada do Baldaverso e até alguns agregados. Se prepare para rir e chorar com esse casamento.

LEIA TAMBÉM:



A Princesa e o Cappuccino

“Todo mundo precisa de um dia off”

Nessa divertida comédia romântica Laura decide levar a sério os ensinamentos do “guru” Ferris Bueller e tirar um dia de folga.

Laura tem a sensação de que os últimos quatro anos de sua vida foram variações enfadonhas de um mesmo dia: casa, trabalho, faculdade, casa, trabalho... Todos os dias, sem nunca faltar, nem ao menos uma vez! Até que um dia, sente um incontrolável desejo de mentir que está doente e matar o trabalho.

Não havia nada ousado ou grandioso em seu plano, era apenas um dia de folga, mas isso muda assim que ela encontra uma total desconhecida em um café e a convence a largar tudo e aproveitar o dia com ela.

As aventuras e desventuras que acontecem a partir de então, alterarão não só o rumo desse dia, mas também o destino das duas.